

júlia de oliveira

COMO
folhas
SECAS

TALENTOS
DA LITERATURA
BRASILEIRA



júlia de oliveira

COMO
folhas
SECAS

TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



SÃO PAULO 2016

Como folhas secas
Copyright © 2016 by Júlia de Oliveira
Copyright © 2016 by Novo Século Editora Ltda.

AQUISIÇÕES

Cleber Vasconcelos

COORDENAÇÃO REVISÃO

SSegovia Editorial Paulo Franco
Silvia Segóvia

PREPARAÇÃO

Tamires Cianci

CAPA

Marina Avila

DIAGRAMAÇÃO DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Abreu's System Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oliveira, Júlia de

Como folhas secas / Júlia de Oliveira. - Barueri, SP : Novo Século Editora, 2016. - (Coleção talentos da literatura brasileira)

ISBN: 978-85-428-1160-5

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série

16-00888 CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3



NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Agradecimentos



Tive muitas oscilações de humor enquanto escrevia esta história e pensava em publicá-la. Houve vezes em que acreditei que estava ficando muito boa, que os leitores gostariam de lê-la e que eu realizaria meu sonho. Mas houve momentos em que pensei em desistir de tudo, que achei que ninguém jamais leria meu livro e que nenhuma editora o aprovaria. Mas agora aqui estamos nós, e devo isso a todos aqueles que me ajudaram e me deram apoio, nas fases boas e ruins da produção desta história.

Agradeço a Deus, razão do meu viver, meu tudo, aquele que eu amo. Sem o Senhor eu não seria nada, e nada disso seria possível. Foi quem me capacitou e abriu todas as portas para que eu pudesse estar aqui agora. Toda honra a Ele. “Esforçai-vos, e ele fortalecerá o vosso coração, vós todos que esperais no Senhor.” (Salmos 31:24).

Agradeço à Editora Novo Século, pela oportunidade que me deu de tornar esse sonho real.

A você, mãe, que, com sua sinceridade e senso crítico, nunca deixou de me dizer o que estava bom e o que podia ser melhorado; que leu o livro quando ainda era um esqueleto, quando ainda tinha muito a melhorar; que me incentivou a continuar escrevendo e a não desistir; que me disse aquilo que pensava visando ao meu bem. Sou muito grata por isso.

A você, meu pai, que me diz desde pequena para nunca desistir de meus sonhos e correr atrás para realizá-los. Você que sempre me levou à Igreja, onde aprendi que: “no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo porque Eu venci o mundo.”. Obrigada por isso!.

A todos os meus parentes, que sempre disseram que escrever era um dom que eu tinha; que me deram apoio e incentivo; que leram os pequenos textos que eu escrevia desde pequena e me disseram para seguir em frente.

A você, minha vó, Leila, que, bem antes deste livro ser escrito, já me dizia que um dia eu seria uma escritora; e a você, minha vó, Lilia, que teve a paciência de me escutar quando eu lia para você as histórias que escrevia no meu diário.

Aos meus amigos, Letícia, Vitória, Debora, Millene, Isabella, Nicolas e Silas, que me garantiram que seriam os primeiros a comprar meu livro; que me incentivaram enquanto eu escrevia a história; que me deram dicas e que estão sempre comigo, aturando-me, ajudando-me, divertindo-me. Adoro vocês!

Aos professores, que me acompanharam desde criança; àqueles que me ensinaram a ler e a escrever, que me apresentaram o maravilhoso mundo dos livros e que me mostraram o prazer da leitura; a você, Fernanda Isabel, que sempre elogiou as redações e histórias que eu criava na escola; a você, Marcos, meu professor de quadrinhos, que me disse para ter coragem de enviar o livro à editora; e a você, Tânia, que não cansava de dizer: “Essa menina é uma escritora!”. Agora estou aqui! Muito obrigada!.

E obrigada Maroon 5, Kelly Clarkson, Passenger, Vaults, Imagine Dragons, Coldplay e Ed Sheeran pelas suas músicas lindas, com melodias maravilhosas e letras apaixonantes. Agradeço pelas canções que me acompanharam enquanto escrevia esta história.

Dedicatória



Dedico este livro à minha mãe, que acredita em finais felizes e em amores verdadeiros;

Dedico a todos que enfrentam seus problemas e vencem barreiras de cabeça erguida, que vão atrás de seus sonhos, que lutam por aqueles que amam e que nunca perdem as esperanças, por mais que a vida seja cheia de dificuldades.

Prólogo



Em meio à minha vida perfeita, em que nunca nada me faltou, em que sempre tive todo amor e carinho de que precisava, ele surgiu como um complemento, como uma parte minha que estava perdida por aí e que finalmente se encaixava ao resto do conjunto. Sempre tive fé no amor, na sua capacidade de unir as pessoas, e ele foi meu primeiro grande amor – acredito que o único. Independentemente dos rumos que nossas vidas tenham tomado, das escolhas que tenhamos feito, dos erros e dos acertos, um pedaço de mim sempre vai estar com ele, e sempre o guardarei em minhas memórias e em meu coração.

Ana Carolina

Olhando para trás, sou obrigado a admitir que ela foi a única coisa boa que aconteceu na minha vida. Foi um refúgio em meio a tudo que ocorria a minha volta. Era minha fonte de alegria quando tudo estava dando errado e apontando para meu fracasso. A sensação de abandono, desprezo, medo e mágoa eram constantes; sempre foram, mas ao lado dela, sentia-me amado mais do que com aqueles que deviam me amar. E eu a amei da mesma maneira, com a mesma dedicação, até quando foi possível. Ela foi minha luz, mostrou-me que eu podia ser melhor, que tudo podia ser bom, e eu acreditei. Acreditei nela, acreditei em nós dois e acreditei que tudo ficaria bem.

Antônio

A menina do campo



Ana Carolina

A fazenda onde eu vivi até o fim de meus 15 anos fica numa pacata cidade do interior do Estado de São Paulo. Nossa amada e tranquila Santa Heloísa conta com apenas 200 famílias. Era uma cidade pacífica, o tipo de lugar onde você vai viver para ficar afastado das multidões e do barulho das metrópoles, cujos carros passam a mil por hora e há luzes por todos os lados, mesmo quando já é noite alta; para esticar as pernas preguiçosamente na rede que fica na varanda da frente de casa e balançar-se sossegadamente, e a única luz que preenche a noite vem das estrelas. Santa Heloísa era esse lugar ideal, mas quando os moradores queriam ir para as grandes cidades ou se passassem por ela para chegar a outro ponto, existia uma estrada que cortava os campos. Uma estrada meio esburacada e em grande parte de terra, que era levantada pelos automóveis que passavam.

A estrada não tinha apenas a função de ligar uma cidade à outra, mas também de separar as fazendas maiores, cujos terrenos ocupavam mais espaço, e que tinham mais animais e mais plantações, das fazendas menores, de menor extensão e com menos bichos e plantas. De um lado, erguiam-se as grandes e luxuosas mansões, onde as famílias se reuniam na mesa na hora do jantar para falar sobre seu dia. Do outro lado da estrada, ficavam as casas mais modestas, mas nem por isso menos bonitas. Sem contar as casas que eram alugadas para algumas pessoas passarem suas férias distantes do movimento e da loucura de onde vinham. As famílias que moravam nessas mansões eram bem tradicionais e tinham o hábito de reunir-se aos sábados ou domingos para confraternizações, nas quais era possível não apenas passar longas horas em conversas, conhecendo um pouco mais uns aos outros, mas também se divertir, já que a televisão era uma coisa cara na época, que dirá jogos eletrônicos como existem hoje em dia. Não, aquele era um tempo de crianças brincando descalças no gramado, correndo umas atrás das outras, enquanto as mães observavam da janela.

Como os moradores de Santa Heloísa tinham certa proximidade e tornou-se hábito reunir-se na casa de vizinhos, muitos formaram uma opinião sobre o lugar que julgavam o mais agradável dentre seus conhecidos. Mesmo não sendo a maior fazenda ou mais bonita, porém era a mais bem cuidada e onde todos se sentiam bem recebidos. Era um lugar do qual ninguém queria sair depois que

entrasse e onde as festividades costumavam durar horas a fio. Uma casa onde nunca se viam as plantas secarem; ao contrário, parecia que nos períodos de estiagem elas ficavam ainda mais verdejantes, enquanto as das outras casas ficavam murchas e morriam. Um lugar repleto de animais sempre saudáveis e de empregados muito respeitados.

Era a casa da família Santos, composta por três pessoas: o casal e uma garotinha. A casa era toda construída com madeira – mesmo que isso não pareça muito sensato –, mas era resistente, bem construída, e nada conseguia derrubá-la. Possuía dois andares e mais um espaçoso sótão. Também havia um porão que, mesmo sendo pouco usado, era bastante requisitado pelos vizinhos, sob o pretexto de guardar “por alguns dias” alguma coisa que estava sem lugar em suas próprias casas.

No primeiro andar, ficavam a sala de estar, a sala de jantar, a cozinha, um banheiro e um escritório. Na fachada da casa viam-se a varanda e a janela da sala; mais acima, uma ampla janela com persianas, correspondente ao quarto da frente, e, um pouco além, uma pequena janela pela qual entrava claridade no sótão. Ao abrir a porta da frente, avistava-se o hall, que ficava entre a sala de jantar e de estar, cujo lado esquerdo tinha colunas e piso de ébano que davam a sensação de se estar entrando numa casa da Idade Média. A grande lareira de mármore na parede esquerda e o tapete de veludo vinho no centro aumentavam ainda mais essa impressão, criando um lindo contraste com a cor creme das paredes.

Dos dois lados da lareira, havia duas grandes estantes de madeira de cerejeira, forradas de cima a baixo com vários livros. Numa delas, ficava uma televisão, o que era algo bastante impressionante naquela época. Na parede de frente, havia um quadro grande que retratava uma praia repleta de coqueiros. Ao lado do quadro, uma porta que conduzia ao banheiro. No lado direito, ficava um grande sofá de camurça cinza, em conjunto com duas poltronas, uma de cada lado, e uma mesa de centro de carvalho completava o cenário. Em cima da mesa, ficavam alguns porta-retratos com fotos da família e um vaso com rosas vermelhas, as preferidas da dona da residência. No teto, um grande lustre de cristais, que eram a paixão da menina – aquelas pedrinhas delicadas que pareciam gotas brilhantes caindo com a luz. A janela da sala era fechada por uma comprida cortina branca, bordada na barra com linhas prateadas, como uma delicada renda.

A sala de jantar separava-se da de estar pela escada. Olhando para a frente, via-se uma escada que levava ao andar de cima e, do lado direito, localizava-se a sala de jantar, com uma grande mesa de madeira coberta por uma linda toalha azul-clara. Havia lugares para dez pessoas e, no centro da mesa, um vaso de

vidro transparente com bocal alto, no qual havia dúzias de rosas vermelhas. Na parede direita, havia uma grande janela dando visão para o terreno ao lado, fechada por pesadas cortinas marrons cujas barras eram bordadas num tom de cinza igual ao da camurça que estofava o sofá. Ao fundo, havia a porta de madeira que levava à ampla cozinha, com forno elétrico, o que também era considerado um luxo. Na parede do fundo, havia uma janela que mostrava toda a extensão da parte de trás do terreno, com as plantas crescendo e as árvores frutíferas carregadas. Panos de prato bordados à mão e jogos de porcelana pintados por talentosas amigas ou vizinhas ficavam guardados em armários suspensos nas paredes de delicados azulejos brancos com detalhes em azul, lembrando o estilo português. Uma porta levava para os fundos do terreno.

O banheiro era espaçoso, com cuba em porcelana e um grande espelho com iluminações laterais. No chão, perto da escada, podia-se perceber uma porta no piso de madeira. Ao levantar essa porta, via-se uma escada de doze degraus e, ao descê-la, era preciso tatear um pouco ao lado da escada para procurar o interruptor. Por ali era possível ver quão extenso era o porão, onde muita quinquilharia juntara-se com o tempo: bicicletas, pneus de carros, sofás surrados, armários com portas desalinhadas, caixas de roupas que já não mais serviam ou pertenciam a várias gerações anteriores; no geral, coisas que os donos não tinham onde guardar e pediam ao casal vizinho para colocá-las em seu porão. Eram cerca de cinquenta objetos ou móveis, dos mais variados, pertencentes a umas vinte famílias diferentes.

A escada de frente para o hall era formada por dois lances de escadas, com uma curva para a esquerda, e, ao subi-la, chegava-se ao segundo andar da casa. Lá havia um corredor largo, cujas paredes mantinham os mesmos tons de creme da sala de estar. No corredor, havia quatro portas: uma em frente ao último degrau, atrás da qual ficava o ateliê; uma ao lado esquerdo desta, a do banheiro; uma aos fundos, correspondente ao quarto de casal; e uma na parte da frente da casa. O ateliê era o lugar onde a dona da casa fazia suas artes: pintava quadros, trabalhava com porcelanas e miniaturas, argila e outros. As paredes eram creme também, mas a tinta mal era vista por causa dos diversos quadros que cobriam as paredes. Uma mesa de madeira encontrava-se no canto e várias prateleiras ficavam em cima dela, guardando materiais de artesanato e um ou outro porta-retratos da família. Já o banheiro era tão espaçoso quanto o do andar de baixo e tinha como acréscimo uma banheira e um chuveiro elétrico que tinha o “poder” de fornecer água quente durante todo o ano (o que era considerado um luxo sem tamanho). Um tapete bordado estendia-se sobre o piso azulejado que seguia o mesmo padrão do da cozinha.

Os quartos eram grandes e bem arejados. O dos fundos era onde dormia o

casal. Ao entrar, via-se a grande cama de ferro fundido, com uma quantidade um pouco exagerada de travesseiros e almofadas. A cabeceira era feita de um estofado cinza que ia do chão até o teto. Essa parede era forrada por um papel de parede texturizado, de um verde-escuro semelhante ao das folhagens das árvores e que dava um ar aconchegante ao ambiente. De cada lado da cama, havia pequenas cômodas também feitas em ébano, sobre as quais ficavam abajures altos que lançavam uma luz amarelada, fraca, em todo o quarto, dando um aspecto sonolento ainda mais confortável. Uma grande janela nos fundos, que fornecia uma bela visão das árvores no terreno, era coberta por grossas cortinas marrons com pequenas folhas bordadas na barra.

No chão, um tapete de veludo preto provocava cócegas nos pés quando se andava sobre ele sem usar meias e ajudava a esquentar o piso frio. Um grande armário projetava-se na parede direita, do chão ao teto, contendo as roupas e outros pertences do casal. Também havia uma escrivaninha e uma cadeira acolchoada extremamente confortável, cujo assento era da mesma cor da cabeceira da cama. A escrivaninha era o local de trabalho do homem quando ele não estava em outra cidade fazendo negócios. Em cima dela, suspensa, ficava uma estante em forma de seis nichos, três em cima e três embaixo, com livros e produtos de beleza da mulher, que amava ler romances e que não abria mão dos cuidados com a aparência.

O quarto da frente era o santuário da filha do casal. As paredes eram de um lindo lilás, uma delas era coberta com papel de parede cinza brilhante, com traços delicados que formavam desenhos abstratos. Uma cama de solteiro com tantos travesseiros e almofadas quanto a dos pais ficava nessa mesma parede. Um armário grande e escuro ocupava todo o espaço entre a porta e a parede direita. O tapete de veludo marrom cobria todo o piso. Graças à grande janela fechada por cortinas brancas, o quarto se mantinha aquecido o dia todo. Na parede esquerda, erguia-se uma estante cheia de livros infantis e, ao seu lado, uma delicada penteadeira com um espelho central e dois laterais, em cuja superfície ficavam perfumes e arranjos de cabelo. Bonecas e outros brinquedos estavam por toda a parte, e havia um abajur em cima de um criado-mudo ao lado da cama.

Deixe-me apresentar os moradores: um jovem e querido casal, cujo amor e companhia costumavam servir de espelho para outras famílias, e uma garota, nascida em 1959, que um dia herdaria tudo o que seus pais conquistaram. Ela tinha cabelos loiros cujos cachos caíam sobre seus magros ombros. Seus olhos tinham um tom indecifrável, entre o mel e o azul. A menina costumava ser gentil, doce, e sempre muito obediente. Ela gostava de passar a maior parte do tempo brincando em seu quarto, ou lendo livros na sala, ou deitada no sofá com

as pernas esticadas, ou ajudando a mãe em seus artesanatos. Prazer, eu sou a Ana Carolina e essa adorável menina era eu.



Minha infância naquele lugar foi a mais agradável que eu podia ter. Passava os longos dias de verão brincando no imenso quintal, correndo entre as grandes árvores, muitas vezes imaginando que estava numa floresta encantada ou vivendo uma dessas aventuras dos filmes. De um lado do terreno, ficava o cercado dos animais; do outro, um canteiro de flores; e, ao fundo, as plantações, as árvores carregadas de frutas, que admito ter pegado várias sem o consentimento do meu pai, e algumas plantas rasteiras. Um caminho de terra começava na porta dos fundos da cozinha e se dividia em várias ramificações que passavam pelos “setores” de plantas. Esse caminho fazia uma curva à direita e outra à esquerda, levando para os dois lados do terreno.

À esquerda, tínhamos um grande espaço de gramado, quase todo tomado por uma grande cerca que fazia a volta em torno de um modesto celeiro pintado de vermelho, com portas de madeira de cerejeira. Nele havia baias, montes de feno e coisas assim. Naquele cercado, ficavam nossos poucos animais: duas galinhas barulhentas, que faziam ruídos estridentes a todo o momento, mas que me divertiam muito quando era criança; uma vaca malhada, que meu pai comprou de um dos vizinhos; um galo, que não falhava em suas funções, que era procriar e acordar-nos todos os dias com seu canto padronizado, além de quatro miniporcos e um lindo cavalo marrom com a crina e os pelos brilhantes.

À direita do terreno, mais ao fundo, havia uma casa menor, onde dormiam nossos quatro empregados. Eram dois homens e duas mulheres, além do filho de 2 anos de um dos casais. A casa era térrea, feita de cimento, e a porta de madeira, que geralmente emperrava, escondia os pequenos e bem cuidados quatro cômodos. Todos tinham nosso respeito e apoio para o que fosse preciso. Meu pai nunca lhes negava ajuda. Eles nunca foram maltratados e nunca ficaram sem salário (nem mesmo quando um deles adoeceu e não pôde trabalhar por um mês). Além de empregados, eram bons amigos de meus pais.

Esse era o terreno da minha família, onde eu vivia minhas pequenas aventuras imaginárias. Bem ao fundo, beirando a propriedade vizinha, crescia uma árvore frondosa que estava ali havia anos, impondo suas raízes em todas as direções e fornecendo uma sombra acolhedora nos dias quentes. Mais ao fundo ainda, estava o fim do terreno: um barranco um pouco mais alto do que deveria ser e de onde você poderia ter uma belíssima vista do pôr do sol, deitando com a cabeça confortavelmente nas camadas de folhas que caíam da árvore. Às vezes,

sentávamos, papai, mamãe e eu, recostados no tronco da árvore ou em toalhas que mamãe colocava sobre a grama. Conversávamos e comíamos os lanches que ela preparava.

Além de ótima cozinheira, mamãe era uma verdadeira artista. Quando não estava brincando no pomar, eu estava lá em cima, sentada numa poltroninha que levava ao ateliê, colocada ao lado de seu balcão, vendo-a misturar as cores das cartelas e, com algumas pinceladas, dar vida a lindas imagens que revelavam todo o talento que mamãe tinha. Ou ela vendia esses quadros ou os doava para leilões e vendas, cujas arrecadações eram enviadas para fundos de caridade. Minha mãe passava horas lá, sentada na frente do balcão com potes de tinta abertos ao seu redor; às vezes, os desenhos simplesmente fluíam, mas, outras vezes, ela ficava parada por um bom tempo buscando inspiração. Uma vez, quando eu brincava alegremente entre as árvores do quintal, olhei para a janela do quarto dos meus pais e lá estava minha mãe, observando-me e sorrindo. Dois dias depois, ela me mostrou o novo quadro: era eu, como uma fada, flutuando entre as árvores com minha varinha de condão.

Meu pai passava os dias cuidando das plantações ou dos animais, mas quase sempre estava na cidade grande, o que não era algo de que eu gostava particularmente. Voltava tarde para casa e, mesmo assim, nunca perdia o sagrado momento do jantar, no qual todos se sentavam ao redor da mesa, ocupando apenas três dos dez lugares, e comiam dos frutos do seu trabalho, literalmente. Se os vizinhos tinham discussões uns com os outros, mesmo que bobas ou algo mais sério, costumavam procurar meu pai, pois seu temperamento controlado e sua paciência para resolver problemas eram bastante conhecidos.

Eu ficava, às vezes, sentada na mesa da sala de jantar, olhando ora para o desenho que estava fazendo, ora para meu pai sentado numa das poltronas, envolvido em sérias conversas a respeito de roubos de animais, objetos que não foram devolvidos ou coisas do gênero. Ele era como um “juiz”, por mais que não tivesse nenhuma formação em Direito, mas tinha um dom de fazer com que as pessoas entrassem em nossa casa e saíssem conversando amigavelmente, sem nem pensar nos problemas que as levaram até lá. Ninguém nunca me explicou qual era a profissão de papai.

“Você deve tratar os animais com respeito, pois eles não são objetos, são seres vivos! Não pode maltratá-los e depois esperar que eles façam o que você quer. Eles não são menos importantes do que você”, dizia meu pai, quando eu ia com ele cuidar dos porquinhos ou da vaca. Eu gostava dos bichos e, quando não estava em casa, estava escovando Dusk, o cavalo lusitano. Meu pai nunca usou o termo “tratar com carinho”, e sim com respeito, e era de fato como ele agia com os animais. Havia um fazendeiro ali por perto que era conhecido por suas

bebedeiras e por chicotear seus cavalos quando estava transtornado. Aquilo deixava meu pai furioso e não foram poucas as vezes em que ele discutiu com o homem ao encontrá-lo no meio do caminho. Meu pai era assim, defendia aquilo em que acreditava mesmo quando alguém o contestava. Ah, e ele era cheio de frases filosóficas.

De todos os empregados, havia uma mulher que eu não conseguia enxergar apenas como faxineira, e sim como uma segunda mãe. Marli era a empregada de maior confiança da minha mãe, tanto que algumas vezes confiava a ela a própria filha, deixando-me sob seus cuidados quando tinha que acompanhar meu pai até as cidades vizinhas. Marli limpava a casa e, quando necessário, era babá, por mais que eu detestasse esse termo, e sua companhia era bastante reconfortante para uma garotinha que passava solitária suas tardes, brincando sozinha no quarto. Marli me deixava fazer coisas que geralmente eu não faria se minha mãe estivesse por perto. Acendíamos a lareira e, ao lado dela, colocávamos cobertores e as várias almofadas e travesseiros da minha cama. Ela fazia chocolate quente de um jeito que só ela sabia fazer e me deixava comer todos os doces que quisesse, não sem antes, claro, avisar-me que, se eu tivesse uma dor de barriga, a culpa acabaria caindo sobre ela.

E como eu morria de medo de prejudicar Marli, comia apenas alguns doces. Ao anoitecer, enfiava-me no meio de todos aqueles cobertores e a ouvia contar histórias. Como toda boa menina, eu deveria gostar de contos de fadas e de princesas, que era o tipo de coisa que minha mãe lia para mim às vezes, mas Marli sabia do que eu realmente gostava: de livros de aventuras. Ela ia à biblioteca, escolhia um dos “livros proibidos” e o lia para mim. Nem sei contar quantas vezes lemos *Batalha dos Mares* ou *Morros e Abismos*, contudo sei que decorava todas as falas e, de vez em quando, nós encenávamos as melhores partes. Quase sempre eu era Marissa, a rainha dos mares, que afligia o pobre capitão Davis, representado por Marli. Colocávamos lençóis azuis no chão para fazer de conta que eram as ondas e eu emergia do meio dos tecidos. Marli ficava numa poltrona que servia de navio. A espada do capitão era um rolo de macarrão.

Marli era jovem, tinha só 26 anos, apesar de seu comportamento de menina quando brincava comigo fazê-la parecer bem mais nova. Quando víamos o carro preto de meu pai se aproximar, recolhíamos tudo que tínhamos espalhado pela sala e eu corria para meu quarto. Jogava-me na cama e fingia estar dormindo, com o cobertor puxado sobre minha cabeça. Eu gostava do tempo que passava com Marli. Partiu-me o coração quando eu tinha 14 anos e ela teve de ir embora porque sua mãe estava adoentada e precisava da filha em casa. Foi doloroso o dia em que Marli pegou suas coisas e partiu num táxi, deixando-me na varanda

com meus pais, enquanto eu acenava triste. Eu gostava de Marli, pois, na maioria das vezes, ela me dava a atenção que meus pais não conseguiam me dar. Não que eles não fossem bons pais; de modo algum, eram pais excelentes, mas tinham muitas coisas para fazer que não comportavam uma criança indo de lá para cá.

Meu pai e minha mãe eram um casal paradoxal: completamente opostos em termos de personalidade, mas se encaixavam como as peças de um quebra-cabeça, um completando perfeitamente o outro. Ruan, meu pai, era um homem forte e de temperamento marcante. Não era um sujeito ranzinza e, na maior parte do tempo, costumava ser engraçado. No entanto, se topasse com uma situação em que sua dignidade ou sua honra fossem postos à prova, tratava de mostrar que era um homem de verdade e que não se abalaria por causa de conversas de invejosos. Tirava satisfações com quem o provocasse, mas nunca sendo mal-educado. Era um homem muito respeitado por seus conhecidos por seu senso de justiça e vontade de ajudar. Também era contraditório como um homem podia ser tão sério, mas, ao mesmo tempo, tão carinhoso com sua mulher e filha. Ele era alto e seus cabelos lisos e finos eram cor de mel, iguais a seus olhos. Quando beijava mamãe, ela reclamava da barba rala fazendo cócegas em suas bochechas.

Lauren, minha mãe, era completamente diferente do marido. Sim, também tinha o mesmo senso de colaboração, ajudando aqueles que precisavam – e como ele não suportava injustiças –, mas não tinha a presença forte de papai. Era delicada e, por vezes, tímida, mas quando ganhava intimidade com os conhecidos se tornava mais aberta, conversando e rindo o tempo todo. Sempre muito amorosa e próxima, conversava bastante comigo e inventava programas em família para que nós três sempre estivéssemos juntos. Além de notável por seu talento para a arte, mamãe também era conhecida por sua beleza memorável: inebriantes olhos azul-escuros, cabelos loiros-acastanhados, sobrancelhas bem desenhadas e o porte magro e esbelto. Muito se perguntavam o porquê de uma bela mulher como ela ter aceitado se casar com Ruan, um simples fazendeiro. Bom, eles se amavam e resolveram se casar mesmo a contragosto de muitos parentes, e juntos conquistaram tudo o que tinham agora, inclusive a casa em que morávamos e nossa família.



Sendo a cidade pequena que era Santa Heloísa, toda e qualquer informação nunca demorava a chegar a todas as casas e logo todo mundo na região já ficava sabendo. Os fofoqueiros de plantão pareciam estar sempre à espreita aguardando novidades para compartilhar. Essas senhoras sempre se ocupavam em cozinhar

para seus maridos, que chegavam tarde do trabalho, e de levar deliciosas sobremesas umas às outras, com a intenção oculta de conversar por horas e descobrir alguma coisa sobre alguém. Considerando isso, todos ficaram sabendo instantaneamente, no fim de agosto, que a família Guerra estava se mudando para a casa que ficava em frente à minha, do outro lado da estrada. Foi motivo de delírio e de várias especulações por diversos dias. Isso porque já fazia muitos anos que o imóvel estava vazio; na verdade, acho que desde que nasci ninguém morava naquele sobrado. Eu e minhas amigas costumávamos dizer que a residência era mal-assombrada por fantasmas que agarrariam qualquer um que ousasse abrir a porta.

Os moleques da vizinhança tacavam pedrinhas nas janelas e juravam que havia espíritos tacando as pedras de volta. Não que realmente acreditássemos nisso, mas algumas famílias eram mais espirituosas e religiosas e acreditavam em espíritos e coisas do gênero, proibindo, assim, suas filhas e filhos de irem até a casa. Confesso que, uma vez, eu e duas amigas (sim, eu tinha amigas na vizinhança) corremos até lá, cada uma de nós com uma pedrinha na mão, e as atiramos na casa. A primeira atingiu a porta, a segunda, uma viga da varanda, e justo a minha acertou a janela da sala e estilhaçou o vidro. Logo em seguida saímos correndo, temendo levar broncas de nossos pais.

Era um costume nosso fazer uma festa de boas-vindas sempre que uma família nova chegava à região. Queríamos receber do melhor modo possível os novos vizinhos. O sobrenome de todas as trinta famílias que costumavam participar eram escritos e então era feito um sorteio que definia quem cederia um espaço de seu terreno para realizar a comemoração. O anfitrião ficava responsável por tudo, mas ninguém nunca chegava de mãos abanando: todos sempre levavam um prato de comida ou alguma bebida. Meu pai achava muito melhor o excesso do que a falta, então levava mais comida que qualquer pessoa por medo que alguém ficasse sem ter o que comer.

Nós éramos os mais esperados, não por causa da nossa presença ser assim tão importante, mas justamente por causa da comida. Eu ficava um pouco incomodada com isso; gostaria muito mais se esperassem por mim por me acharem legal e apreciarem minha companhia. A notícia de que a família Guerra se mudaria chegou a nós por telefone, recebida por mamãe, que estava sentada no sofá com os pés repousados na mesa de centro (algo que meu pai odiava) assistindo televisão. Eu estava na poltrona ao seu lado, penteando uma boneca, e ouvi toda a conversa que ela teve com Núbia, nossa vizinha, que era mãe de quatro filhos, todos eles homens. Mamãe ria de empolgação:

— Olá, Núbia, alguma novidade? — perguntou não porque realmente queria uma novidade, mas apenas por educação. Seus olhos se iluminaram quando

Núbia provavelmente respondeu que sim. — Ora jura, e o que seria? — Mamãe ficou um bom tempo calada só ouvindo e balançando a cabeça, sorridente. Então de repente se levantou e foi até a janela da sala, tirando as cortinas da frente e olhando para o outro lado da estrada. Levantei-me da poltrona com a boneca de pano em meus braços e me coloquei ao lado de mamãe. — Que bom! Será um prazer recebê-los. Sim, claro, tem razão, eu já estava mesmo pensando em avisar algum órgão público sobre o estado de abandono e... Oh, claro, sem problemas, sim nos falamos mais tarde, querida. Mande um beijo para todos aí. Fique bem, até. — Ela desligou o telefone e era toda sorrisos para mim.

— Querida! Teremos vizinhos novos em breve. Segundo Núbia, eles se mudarão na semana que vem, mas torço para que demore um pouco mais, pois temos que preparar algo bem especial. Faz tanto tempo que não chega ninguém novo aqui... Eles vão morar aí na casa da frente, essa que vocês crianças teimam em dizer que é assombrada — falou meneando a cabeça e dando um risinho de escárnio.

— Mas ela é, mamãe — afirmei, fazendo que sim com a cabeça. — Disseram que tinha um fantasma lá.

— Bobagem. Eu não sou tão velha assim, mas lembro-me muito bem dos últimos moradores dela — continuou. Olhei para minha mãe com os olhinhos castanhos arregalados. — O que foi? Era um casal que tinha só uma filha, mais ou menos da minha idade. Mal conversávamos, já que ela ficava mais tempo em casa do que na rua.

— Que bom, mamãe — falei abraçando-a e fitando a janela quebrada na casa à frente. Será que os novos moradores teriam raiva quando a vissem assim? Eu esperava que não.

Fazia muito calor no dia em que eles chegaram, uma semana mais tarde. As ondulações do calor podiam ser vistas no ar e estava tão seco que tínhamos que beber água constantemente para nossa garganta não rachar. Tomei um banho bem gelado e refrescante, lavando meus compridos cabelos, lutando para tirar os nós e brincando com as bolhas de espuma na banheira. Mamãe era um poço de felicidade infinita, correndo pela casa como uma criança, enquanto procurava as coisas que pretendia dar e levar na recepção. Naquela ocasião, a família sorteada foi a Vermont, Núbia e seu marido Oséias, pais dos quatro filhos dos quais já falei antes. O mais velho era um rapaz de 20 anos, seguido por um de 10 anos (que, mesmo tendo minha idade e sempre demonstrando sua afeição por mim, não era alguém que eu chamava de amigo), um menininho de 6 anos e outro de 2, o bebezinho gorducho que eu morria de vontade de levar para minha casa.

Sentada na banheira, afundando na espuma, eu fiquei pensando em como gostaria de ter um irmão. No ano anterior, minha mãe explicara para mim, ou ao

menos ela tentou, que não podia mais ter bebês. Eu não entendia por que eu não tinha raiva dela por isso, mas era uma casa grande e, às vezes, eu gostaria de ter alguém com quem dividir todo aquele espaço. Papai teve de bater três vezes na porta do banheiro até eu me convencer a sair da banheira e me enrolar na toalha macia em cuja barra meu nome fora bordado.

Corri até meu quarto, deixando pegadas molhadas no piso de madeira, fechei apressadamente a porta e também as cortinas brancas e sentei-me na cama. Sequei-me, e com a toalha enrolada na cabeça, vesti a roupa que minha mãe escolhera para mim: sapatos boneca pretos, uma meia-calça branca, saia azul e blusa de gola alta branca, que coloquei por dentro da saia, com mangas bufantes. Vesti-me e calcei os sapatos. Em seguida, fui até minha penteadeira. Tirei a toalha e olhei para o amontoado de cabelos loiros em minha cabeça. Peguei a escova e, olhando meu reflexo no espelho, escovei pacientemente até tirar todos os nós e sentir a maciez dos cachos caindo sobre meus ombros.

Borrifei meu perfume e saí do quarto me sentindo uma princesa. Encontrei meus pais na sala, esperando por mim, ambos sorrindo, e minha mãe me chamou de “pequena madame” quando passei por ela, deixando-me orgulhosa pelo modo como me arrumei. Pegamos o presente de boas-vindas e fomos, seguidos por dois empregados com os alimentos, primeiro à casa dos Vermont para deixar lá o que compráramos para comer. Núbia não cansou em dizer o quanto eu parecia uma bonequinha e percebi que José, seu filho que tinha a mesma idade que eu, ficou repentinamente tímido ao me ver.

Enquanto eles terminavam os preparativos, meus pais e eu íamos até a casa dos recém-chegados para dar as boas-vindas. Sim, a festa estava a cargo de outra família, mas como eles morariam na casa que ficava em frente à nossa, achamos que era nada mais justo do que nós mesmos irmos receber os novos vizinhos. Eu estava particularmente ansiosa. Ninguém sabia ao certo quem ou quantos eram os novos moradores; apenas que era um casal vindo de São Paulo que se mudava por questões familiares. É engraçado, falando agora, mas a euforia de todos quando o carro surgiu na ponta da estrada parecia com a agitação que alguém famoso gera quando passa num lugar aonde você costuma ir. O carro era grande e branco, criando um grande contraste com a casa aos pedaços, onde os aguardávamos. Quando o automóvel passou por nós, esforcei-me para tentar ver quem estava lá dentro. Pelo que pude observar, havia um casal nos bancos da frente e um garoto no banco de trás, rodeado de volumosas malas. Desejei que ele tivesse a minha idade.

O carro fez a curva e parou em diagonal na frente da casa, e não na lateral como era de se esperar. Olhei para minha mãe, ainda com aquele sorriso de empolgação no rosto, e para meu pai, nem tão empolgado assim, mas com uma

expressão agradável e o contorno de sorriso nos lábios. A porta do motorista se abriu de maneira brusca e com mais agressividade ainda se fechou, depois que o homem grande e moreno desceu, falando alguma coisa de modo rude para quem ainda estava dentro do carro. Ele se virou para nós e me assustei ao ver nele aquela expressão detestável de quem diz que não queria estar ali.

A porta do passageiro se abriu e de lá saiu uma mulher alta, magra, cujos olhos não dava para ver, pois ela usava óculos escuros. Seu vestido amarelo brilhava como o sol, em conjunto com os saltos vermelhos. Seus cabelos caídos sobre as costas davam um ar jovial à senhora Guerra. Na parte de trás do carro, via-se um esforço sendo feito para abrir a porta; quando ela se abriu, caíram no mínimo quatro bolsas de viagem no chão. Colocando-as de volta no carro depois de descer, estava um menino magro, de cabelos castanhos como os da mãe e olhos escuros como os do pai. Usava uma calça azul suspensa por um cinto, sapatos pretos e camisa branca. Os dois se recostaram no carro e a mulher foi até o marido e o filho.

— É um prazer conhecê-los, senhor e senhora Guerra. E você também, menininho — disse meu pai, sorrindo afavelmente para o garoto à nossa frente, que estava com os ombros encolhidos e evitando olhar em nossos olhos. Intrigada, comecei a encará-lo, não por falta de educação, mas apenas para tentar entender aquele garoto.

— É ótimo ter novos vizinhos. Esperamos que gostem de viver aqui e podem contar conosco para o que for preciso. Moramos logo ali à frente, se precisarem, é só chamar — disse papai, terminando a frase ensaiada com um sorriso. Essa era a recepção formal, que todos costumavam fazer aos novos moradores, e cabia a minha mãe cuidar da parte pessoal:

— Estamos muito felizes por receber vocês aqui. Soubemos que vocês vêm de São Paulo, não é mesmo, rapazinho? — falou minha mãe, enquanto se curvava um pouco para ficar na altura dos olhos do garoto, que olhou para ela com timidez e balançou a cabeça em confirmação. Seus cabelos castanhos caíam sobre os olhos que eu tentava a todo custo ver. Mamãe se endireitou e viu que a mulher morena e sorridente vinha em sua direção de braços abertos. Mesmo surpresa, ela abraçou a desconhecida, talvez não tão desconhecida assim, e cumprimentou-a.

— Ah, querida, sinto muito se a constrangi... — desculpou-se a mulher, separando-se do abraço. — Acho que é pretensão minha imaginar que você se lembraria de mim, imagine... Faz tantos anos que não venho aqui — declarou ela, tirando pela primeira vez os óculos escuros e revelando olhos azuis radiantes, que fitavam a casa atrás de si de forma saudosa. — Bem, eu e você fomos vizinhas, veja só. Como não se lembrar da pequena Lauren? Eu sempre

via você e as outras meninas brincando aqui na estrada e bem... — Ela sorriu, claramente sem graça. — Bem, eu me lembro de você e das outras garotas, que já devem ser mulheres adultas agora, mas... Não acho que você se lembra de mim... — falou a mulher com um sorriso amarelo. Pensei no que mamãe dissera sobre a mulher uma semana antes: “mal conversávamos, já que ela ficava mais tempo em casa do que na rua”. Sim, mamãe se lembrava dela, apesar de não terem intimidade alguma.

— Não precisa se desculpar de forma alguma. — Mamãe sorriu e meneou a cabeça ao mesmo tempo em que fazia um gesto com as mãos como quem diz para esquecer o caso, tentando de toda forma acabar com o momento constrangedor. — Eu me lembro sim da menininha de cabelos castanhos sentada no sofá da sala brincando de bonecas. — Diante desse comentário, a mulher abriu um lindo sorriso de gratidão. — Mas receio não lembrar o seu nome, querida... — asseverou mamãe, inclinando a cabeça para a frente; era a deixa para que os nomes fossem ditos.

— Ah claro, prazer, sou Natália — afirmou a mulher, enquanto estendia a mão para mamãe, que a apertou e balançou no ar. — Fico feliz por saber que se lembra — falou ela, sorrindo ainda mais. — Eu estava bastante ansiosa para voltar, sabe? Afinal, essa foi a casa da minha infância... Além disso, queria sair um pouco daquela pressão toda que temos nas cidades movimentadas. Então, quando papai morreu, achei melhor eu mesma vir para cá em vez de vender a casa para qualquer estranho...

Mamãe meneou a cabeça concordando.

— Claro, é perfeitamente razoável. Na verdade, a maioria das casas aqui é herdada de parentes. Estão atravessando gerações. Realmente seria triste ver uma casa bela como a de vocês nas mãos de pessoas que talvez não a merecessem. — Com isso todos se viraram em direção a casa deteriorada, com marcas por toda a fachada e a janela da sala terrivelmente quebrada. Baixei a cabeça, sem graça, sentindo-me mal por ter feito aquilo. Dizer que era uma “bela” casa parecia inadequado. Como que para fugir do assunto, ainda mais agora que o homem, marido de Natália, encarava com certa raiva a janela em pedaços, papai comentou:

— Exceto nossa casa, não é mesmo? — Papai estendeu a mão. — Olá, sou Ruan dos Santos, é um prazer conhecê-los. Bem... — disse, retomando o assunto “nossa casa”. — Ela não é a mesma de anos atrás. Nós tivemos que derrubar a que estava aí antes, porque não seria seguro morar nela. Estava aos pedaços, o telhado ruindo e o piso quebrado. Provavelmente cairia sobre nossa cabeça enquanto dormíamos. Então, antes de nossa menina nascer, nós a reconstruímos do jeito que queríamos. Quando minha mulher e eu, bem, partirmos, tudo vai ser

herança desta menininha aqui — contou meu pai, bagunçando meu cabelo. Fiquei sem jeito, porque odiava quando ele me tratava como criança usando adjetivos como “menininha”, “garotinha”, “princesinha”. Natália riu de meu embaraço e veio me cumprimentar.

— Oi, bonequinha! — E lá vamos nós com os benditos diminutivos. — Qual seu nome, querida? Ah, ela é tão lindinha, parece uma princesa. — E apertou minha bochecha, algo que me deixou irritadíssima, mas a boa educação precisava estar em primeiro lugar, então apenas sorri e me esquivei. Por um instante, eu não disse nada e apenas olhei para Natália. Em seguida, olhei por cima de seu ombro e reparei que o garoto nos observava. Quando seu olhar encontrou o meu, ele desviou. Logo tratei de me apresentar.

— Ana Carolina, senhora. Prazer em conhecê-la — afirmei oferecendo a mão a ela.

Mesmo tendo visto o modo como cumprimentou minha mãe, esperava que ela apenas apertasse minha mão; em vez disso, puxou-me para um abraço. Olhei novamente para o garoto e lá estava ele fitando-nos. Sustentamos o olhar outra vez e ele continuou a me encarar. Naquele momento, eu simplesmente soube que seríamos amigos. Era algo que não conseguia explicar, mas parecia que estávamos destinados a nos dar bem. Acho que ele pensou a mesma coisa, porque continuou olhando para mim e deu um sorrisinho quase imperceptível. Enquanto isso, Natália estava desvencilhando do meu abraço e, ao perceber que eu e seu filho sorriamos um para o outro, ela o chamou com um gesto de cabeça. Mesmo relutante, ele foi até ela com a cabeça baixa e as bochechas ruborizadas.

— Este é nosso filho, Antônio. Ora, deixe de bobeira, meu querido, venha aqui. — O menino estava um pouco atrás dela, não exatamente ao seu lado, e, arrastando os pés no chão poeirento, ele se pôs ao lado da mãe, à minha frente. — Acho que ele tem a sua idade. Quantos anos você tem? Uns 10? — Fiz que sim com a cabeça, ela tinha acertado minha idade. — Cumprimente a Ana, Antônio. Posso chamá-la de Ana, querida? — concordei.

E a mania dela de me chamar constantemente de querida estava começando a me incomodar, mas apenas assenti de novo. Ana era melhor que “Aninha”, como me chamavam desde que nasci. O garoto estendeu a mão para mim e soltou um quase inaudível “olá”. Apertei sua mão e respondi com um “oi” ainda mais baixo. Antônio era um pouco mais alto que eu, bem magro, e com mãos finas e dedos compridos e macios. Apertamos as mãos por poucos segundos; ele tirou a sua da minha rapidamente e, dirigindo-se à Natália, disse:

— Eu tenho 11 anos, não 10, mamãe... — falou timidamente Antônio, corrigindo sua mãe e olhando para baixo. Eu estava intrigada com aquele garoto. Ele ficou brincando com a barra da camisa e o tempo todo olhando para o chão,

tentando me evitar. Foi papai quem voltou a falar, como sempre esbanjando educação e poupando a todos nós de momentos constrangedores:

— Bem, acho que vocês serão bons amigos, rapazinho. — Papai bagunçou os cabelos dele, o que fez Antônio sorrir com o canto dos lábios. Em seguida, dirigiu-se ao homem que ainda estava recostado no carro, os braços fortes cruzados na frente do peito, e o rosto transmitindo a desagradável mensagem de que ele não estava nem um pouco a fim de papo. Ignorando deliberadamente o claro aviso transmitido pela sua postura corporal, papai foi até ele e mamãe o seguiu. — Há uma festa de boas-vindas aguardando vocês. É uma tradição por aqui, entendem? Se quiserem nos acompanhar, senhora e senhor... — Era o momento em que nosso querido novo vizinho deveria dizer seu nome.

— Fernando Guerra — disse o homem com a voz rouca em baixo tom, entrando pela primeira vez na conversa. Ele apertou a mão de meu pai e beijou o rosto de minha mãe, mas foi meio grosseiro. Não era alegre como Natália e desde o começo fiquei intrigada com aquela figura. Não fui com a cara dele, e, quando não vou com a cara de alguém, não tem quem me faça mudar de ideia. Papai me chamou e me disse para dar “oi”. Fui até o tal Fernando Guerra e apertei sua mão sem sorrir e sem dizer “oi”, pois nunca gostei de ser falsa – e como não gostava dele, pretendia deixar isso bem claro desde aquele momento. Essa coisa de eu deixar que meus sentimentos transparecessem podia ser um problema, mas meus pais sempre elogiaram minha sinceridade. Desde que não ultrapassasse os limites da boa educação, é claro. — Oi, menina — falou Fernando, sorrindo para mim, contudo era um sorriso nada amistoso. Fiquei com medo, isso sim. Soltei sua mão e fui me agarrar à cintura de papai.

— Muito bem, vamos? Estão esperando por nós. Se quiserem, podemos vir aqui depois e ajudá-los com as malas se for preciso... — disse minha mãe, olhando para o carro, cujos bancos internos quase não podiam ser vistos devido à grande quantidade de bagagem amontoada ali. Fernando fechou o carro e, em seguida, foi andando ao lado do meu pai, que tentava conversar com ele numa boa (o que parecia uma tarefa impossível, pois não vejo forma de conversar numa boa com alguém que parece estar constantemente com vontade de dar um murro em sua cara). Enquanto eles iam mais à frente, minha mãe e Natália falavam sem parar sobre família e a vida no campo, relembrando nomes de amigas de infância e de garotos bonitos que andavam de bicicleta pela estrada acenando e mandando beijinhos para as meninas. Natália ficou feliz ao saber que a maioria dessas pessoas ainda morava na cidade.

Mais atrás ainda estava eu, que andava sempre olhando para a frente até sentir uma presença ao meu lado. Primeiro vi a sombra que ondulava no chão ao meu lado; depois, aos poucos, ergui a cabeça e, ao olhar para a direita, avistei a forma

de Antônio, andando a um metro de distância de mim, com a cabeça voltada para a frente. A luz do sol batia em seus cabelos escuros e deixava as mechas castanhas mais claras, mais parecidas com as de meu pai. Mesmo tendo os olhos incrivelmente escuros, Antônio se esforçava para enxergar em meio à claridade, assim como eu com meus olhos claros. Ele levantava exageradamente os pés para pisar na grama alta, às vezes perdendo o equilíbrio e cambaleando. Isso me fez rir e ele acabou um pouco perturbado, aparentemente lembrando-se de que eu estava ali. Virou-se para mim e, em vez de ficar vermelho de vergonha, como pensei que ficaria, ele riu comigo e chegou mais perto. Voltei a olhar para a frente e diminuí o ritmo.

— Oi, Ana Carolina — disse ele em voz baixa. Eu ainda sorria bobamente. Não sou o que se considera uma menina tímida, mas digamos que ficava meio calada quando estava com desconhecidos. Isso até o momento em que me tornava íntima, pois depois disso ficava tão grudenta que me chamavam de chata. Em todo caso, fiquei meio sem saber o que fazer quando Antônio me disse “oi” e me chamou pelo nome. Olhei para ele, e retribuí:

— Oi, Antônio. — Sorri acenando com a mão direita. Peguei um pedacinho de grama alta, arrancando-a do chão e enrolando-a nos dedos. Depois a picotei e espalhei no ar. Tudo isso nos silenciosos segundos que se seguiram. Assustei-me um pouco quando, do nada, ele falou com mais empolgação do que vinha demonstrando até agora:

— Sabe de uma coisa? Eu acho que Ana Carolina é um nome muito comprido. Se eu tiver que gritar seu nome, pode ser que você se confunda com outra Ana Carolina. Acho que vou te chamar de, humm... Carol? Posso te chamar só de Carol?

— Ah, pode sim. Sabe, também acho que Ana Carolina é grande demais, então... — Dei de ombros e resolvi entrar na brincadeira: — E, sabe, acho Antônio nome de gente velha, ou melhor... — Parei com medo de tê-lo ofendido, no entanto Antônio começou a rir e percebi que ele não tinha se magoado com meu comentário impensado. — É que se outro Antônio vier morar aqui vou ter que te chamar de Antônio Guerra, e é muita coisa para se falar. Tem que ser algo diferente. Tem alguma ideia? — falei, aberta a sugestões. Ele pensou um pouco, segurando o queixo com a mão direita, como se alisasse uma barba, e eu ri outra vez. Em seguida, olhando para baixo e sorrindo, um pouco envergonhado, talvez, ele disse:

— Que tal Toni? Eu gosto de Toni. Ninguém nunca me chama assim, só minha mãe, se quiser... — Dei de ombros e olhou para a frente outra vez. Lá estavam nossas mães rindo e apontando de vez em quando para um lugar ou outro, lembrando-se de alguma coisa que havia ali anos atrás. Pareciam duas

garotinhas eufóricas que acabam de voltar do primeiro dia de aula. Ocorreu-me então que depois eu devia falar com Antônio sobre a escola em que ele estudaria agora, provavelmente junto comigo; falaríamos disso mais tarde. Olhei para ele e concordei:

— Sim, pode ser. Toni, humm, é, vou te chamar assim então.

E essa foi a primeira conversa que tive com Antônio. Fiquei feliz por ele tomar a iniciativa de falar comigo, já que nunca fui muito boa de fazer amizades. Não que eu fosse uma garota antipática; tinha várias garotas com quem costumava brincar, mas não me agradava muito a ideia de ter que chegar até as pessoas e arranjar assunto para conversas que, às vezes, morriam depois de duas palavras. Toni veio para mais e mais perto de mim até andarmos quase esbarrando um no outro. Conforme caminhávamos, o barulho de música ia ficando mais alto, e isso era um sinal de que estávamos perto da festa.

Chegamos à propriedade dos Vermont na hora programada e fomos recebidos por muitas pessoas. Fernando parecia incomodado com a aglomeração de seres humanos no ambiente e, em meu íntimo, fiquei feliz em saber que ele não estava gostando daquilo. Fernando não tinha sido mal-educado, mas eu não conseguia gostar daquele homem. Papai bradou em alto e bom som que aquela era a família Guerra, a mais nova família de nossa vizinhança. Foi o “sinal” de que precisavam para que gente de todo canto fosse cumprimentar os novos moradores. Eu fiquei o tempo todo ao lado de Antônio, que recebeu apenas um ou outro aperto de mão de alguém da nossa idade, e várias senhoras, que o chamavam de “fofura”, foram apertar suas bochechas. Eram tantas pessoas que fiquei meio desorientada e até perdemos os pais de Antônio de vista. Acho que ele estava sem graça com todos aqueles estranhos, porque em um dado momento ele bateu até encontrar meus dedos e segurou minha mão. Olhei para nossas mãos dadas e olhei para Antônio, que devia estar procurando por Natália. Quando avistou a mãe, foi até ela me levando junto, puxando-me pela mão direita, sem soltar. Quando ficamos perto de sua mãe e de meus pais, ele soltou a minha mão.

A casa dos Vermont ficava do meu lado da estrada, portanto era um pouco parecida com a minha. Não a parte interna, é claro, porque o revestimento em massa corrida era algo exclusivo que meus pais conseguiram reconstruindo a casa, mas o exterior, com as tábuas horizontais e as janelas na frente, que sempre me deram a sensação de estar em outro país. Na parte lateral esquerda do terreno, havia quatro árvores altas com grossos troncos, engenhosamente plantadas ali há mais de cem anos, e cujos galhos se entrelaçavam formando uma espécie de telhado de plantas. As folhas proporcionavam sombra sobre aquela parte do gramado, o que tornava o lugar perfeito para colocar uma grande mesa

cheia de comida e realizar as festas; ou então pendurar uma rede e deitar-se sentindo a brisa. Quando eles colocavam a rede, o filho de Núbia me chamava para nos balançarmos juntos. Em vez da rede, agora havia a mesa ali, com muitos doces e salgados, dos quais uma generosa parte fora levada por meu pai.

Natália parecia uma garota num parque de diversões, mas a diversão ali era abraçar e cumprimentar velhas amigas que tinha deixado na cidade aos 12 anos. Descobri, por meio de algumas conversas que ouvi, que ela era bastante “popular” em sua época, apesar de não sair muito de casa. Tinha algumas amigas, sim, é verdade, mas muitas das mulheres pareciam odiá-la e olhavam-na de modo enviesado, cochichando quando ela passava e sorrindo falsamente quando ela ia dizer “oi”. Isso me incomodou muito e tive vontade de mandar que parassem de ser falsas, contudo apenas fiquei quieta. Ouvi quando Núbia disse: “Ah, sim, Natália parecia uma santa, sempre lá cuidando de seus pais, mas a história sobre ela e Filipe era mais que conhecida”. Esse nome me parecia familiar, de forma que me esforcei para ouvir melhor. “Sim, ele mesmo, Filipe Fonseca, o jovem mais bonito da vizinhança. Dizem tê-la visto beijando o rapaz nos fundos de sua casa, bem debaixo do nariz dos pais dele”. Fiquei horrorizada com esse boato tão pouco elogioso sobre a nova amiga de minha mãe. Tratei de sair dali antes que me vissem e brigassem comigo.

Minha mãe e Natália estavam sentadas perto da mesa de doces e descobriram algo em comum durante sua longuíssima conversa: o apreço pela arte. Natália ficou maravilhada quando soube que minha mãe pintava quadros e disse que qualquer hora gostaria de ver alguns. Minha mãe resolveu que eles poderiam jantar na nossa casa naquela noite e ela poderia ver os quadros no ateliê. Fiquei quieta, mas adorei a ideia, pois isso significava que Toni poderia ir lá também. Meu pai e Fernando conversavam sobre plantações ou carros, e todas essas coisas chatas sobre negócios que não interessavam às mulheres. Tinha música tocando e crianças brincando por ali. Eu ainda estava meio incomodada com o que ouvi sobre aquela mulher tão gentil e simpática, mas com certeza seria mais prudente não comentar nada. Ouvi uma voz de menina me chamando mais ao longe.

Era Viviane, filha dos Medeiros, que moravam na propriedade ao lado da minha, chamando-me para brincar com ela. Viviane era dois anos mais velha que eu e a conheci em meu aniversário de 5 anos, quando meus pais deram uma festa com a temática de princesas e ela apareceu vestida de Rapunzel, o que me fez odiá-la e achá-la linda naquela roupa de época, com tranças artificiais se arrastando no chão. Às vezes brincávamos uma na casa da outra com nossas bonecas, ou a mãe dela, Sabrina Medeiros, fazia doces e nos deixava provar cada um deles igual aos jurados de um programa de televisão que eu costumava

assistir. Antônio se aproximava e eu o puxei pelo braço. Resolvi apresentar Toni à Viviane e a mais algumas crianças. Mesmo sem graça e com as bochechas vermelhas, Toni se deu bem com todos os meus amigos, e, por mais que eu insistisse, ele não saía de perto de mim. Aquilo não chegava a me incomodar; era até legal ver que ele queria ficar perto. Acho que ele me via como um ponto de referência no meio de tanta gente nova. Fomos para os fundos do terreno e brincamos até cansar; nisso consegui me afastar dele por um momento e fui até a mesa pegar algo para beber. Pude ouvir a conversa entre minha mãe e Natália perto dali:

— Meu Deus, Natália... Que coisa horrível... — falou mamãe, com o queixo caído. Natália parecia muito perturbada por estar falando sobre o que quer que estivesse sendo discutido e, mesmo de longe, pude ver uma lágrima escorrendo em sua bochecha rosada. Mamãe respirou bem fundo e continuou: — Eu nem sei o que dizer, digo, meu Deus! Você realmente acredita nisso ou...? — perguntou minha mãe, sugerindo alguma coisa.

— Ah, não, isso não seria possível. De modo algum. — Natália balançou a cabeça de modo enfático. — Ele sempre teve um ciúme... Patológico, sabe? Mas pelo amor de Deus não sugira uma coisa dessas! Seria completamente impensável.

— Mas isso que você acabou de me contar também é algo impensável. Eu nunca imaginaria algo assim se não me contasse. Ainda mais vindo de uma criança — afirmou mamãe, com aquele tom que usava ao deixar de lado a parte sentimental e falar de acordo com o que era lógico. Ela sempre fazia isso em discussões ou problemas a serem resolvidos.

— Pois é, mas é isso — rebateu Natália, suspirando e aceitando os fatos, sejam lá quais fossem. — E essa história acaba fazendo com que ele sofra muito quando se trata de pessoas novas. Na escola onde estudava, ele se afastava das pessoas, excluía-se das brincadeiras... — Natália então assumiu aquele ar materno e protetor: — É tão horrível ver seu filho chorando e não poder fazer nada... Você como mãe sabe que desejamos que nossos filhos façam bons amigos. Então pensei que vir para cá também seria bom para ele. Deixar tudo isso para trás, limpar a mente e... Seguir em frente — falou Natália, de forma esperançosa.

— Ah, pode acreditar que ele vai se dar muito bem com as crianças daqui. A maioria se conhece desde bebê e não excluem ninguém. Claro que há as “crianças-problema”, mas elas existem em todo lugar, não é? — A isso Natália respondeu dando de ombros e contorcendo os lábios. — Fique tranquila, vou conversar com a Ana e pedir a ela que faça amizade com seu filho — garantiu mamãe com um sorriso e então colocou a mão no ombro de Natália, que sorriu

feliz.

— Você não tem ideia de como me alivia ouvir isso. Sabe, ele é aquele tipo de pessoa que escolhe a dedo quem vai estar ao seu lado. Acho que ele escolheu sua filha, então pode ser que não precise falar com ela...

— Isso é ótimo! Ana sempre foi boa em fazer amizades. — Será que ela estava mesmo falando de mim? — Sempre que precisar pode deixá-lo lá em casa para brincar ou se forem sair. Podem contar conosco para qualquer coisa. Só... — falou minha mãe baixando a voz e chegando mais perto, de maneira que tive que dar dois passinhos para poder ouvir. — Só tome cuidado, está bem? As pessoas são boas aqui, mas não recomendo confiar seu filho a qualquer um.

Natália olhou para mamãe de forma intrigada, franzindo o cenho, como se achasse um pouco estranho aquele comentário. Eu também arqueei uma sobrancelha tentando entender sobre o que mamãe estava falando. Esforcei-me e consegui me lembrar de algo que tinha escutado, uma conversa séria que papai e mamãe tiveram há mais ou menos quatro meses. Eu estava no armário de mamãe, com uma lanterna e um livro nas mãos, quando ouvi os passos dos dois entrando no quarto, os pés de papai batendo furiosamente no piso. Ele estava realmente bravo e mamãe tinha na voz aquela entonação de preocupação. Eles conversaram sobre alguém, que eu não conhecia, um estranho que convidou uma criança para ir a sua casa e, bem... Não ouvi o que falaram depois. Ao que parece aconteceu longe de minha casa, na divisa com a cidade vizinha, mas, de qualquer forma, todos ficaram preocupados. Natália por fim mudou de assunto, para outro tão desconfortável quanto:

— Claro, pode deixar. Quem realmente me preocupa é o Fernando. Ele... — Ela respirou fundo. — Eu não consigo entender. Ele tem uma boa vida, mas parece sempre infeliz. Não que seja um pai muito ruim, mas nunca tentou se aproximar do Antônio. Eles não fazem coisas de pai e filho. Ele sempre está fora de casa e... Ah, quer saber? Na verdade, ele não queria se mudar para cá e fez o maior escândalo no carro enquanto viajávamos hoje mais cedo. Queria continuar na cidade porque a vida dele era ali. A empresa, os contatos, os parentes, só viemos para cá por minha causa.

— Não fique preocupada, querida. Dê tempo a ele. Não tem como não gostar deste lugar. — Minha mãe sorriu com compaixão. — Mas agora, onde estão ele e o Ruan? Esses homens falam de nós, mas não param de falar quando se juntam. — Natália riu.

Terminei a bebida que estava tomando e voltei para o quintal, ainda pensando naquilo sobre o que minha mãe tinha falado e na exclamação que fez quando cheguei: “Se você não me dissesse, não imaginaria”. Imaginar o quê? Peguei um pão de queijo de última hora e corri até o terreno nos fundos. Chegando lá,

procurei Toni e não o encontrei, então perguntei por ele para todo mundo, mas ninguém sabia onde ele estava. Viviane disse que ele estava brincando com eles e sumiu de repente. Estava ficando preocupada e corri procurando por todo canto, e nada de Antônio. Onde ele poderia estar se nem conhecia o lugar? Chamei o nome dele e andei por toda a propriedade. Comecei a ficar com medo e a pensar naquela maldita conversa dos meus pais; fiquei pensando em como contaria aos pais dele que o filho desapareceu assim sem mais nem menos. Já estava quase desistindo quando o encontrei perto dos campos vizinhos, sentado na grama, de frente para o sol poente, e meus olhos marejaram. Estava com os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça recostada na mão esquerda, e com a direita arrancava grama do chão e jogava as folhinhas verdes no ar. Tive vontade de xingá-lo e gritar com ele pelo susto que tinha me dado, mas apenas me aproximei sem fazer barulho e sentei-me ao seu lado.

— Onde você estava? — perguntei arrancando a grama do chão e picotando-a nervosamente com dedos trêmulos. “Droga”, pensei, “ele vai ver só, se me assustar assim outra vez”. Minha vontade era dizer “que porcaria te passou pela cabeça quando saiu assim de onde estávamos?”. Controlei minha vontade de gritar e perguntei, gentilmente: — Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— Ah, foi mal, Carol — falou com as bochechas vermelhas, levantando a cabeça e evitando olhar-me nos olhos. Senti-me mal por tê-lo feito ficar sem graça e cheguei mais perto dele. — Eu não... não gosto de festa. Não gosto de ficar com muita gente e muito barulho, aí eu vim para cá. Desculpe — pediu ele baixinho

— Não, tudo bem. Sei como é. — Lembrei-me dos fundos do meu terreno, onde ficava a minha árvore, e da visão do pôr do sol que se tinha dali. — Vem — chamei-o e o segurei pelo braço para puxá-lo para cima. — Tem um lugar que eu quero que você veja. — Segurei sua mão e corri até a minha casa, sem maiores explicações. Passamos pelo caminho de árvores e fui até o fim da propriedade. Soltei sua mão, corri até a árvore e me sentei na ponta do morro. Ele veio e sentou comigo, então ficamos ali sentados, em silêncio, vendo o sol descer atrás das montanhas em nossa diagonal e pensei comigo mesma que queria que aquilo se repetisse muitas outras vezes; a companhia dele era totalmente agradável.

— Isso aqui é muito lindo! — disse tocando de leve meu braço. Sorri e Antônio retribuiu, voltando o olhar outra vez para a grande estrela se escondendo à nossa frente. Ele era tão gentil e educado. O que é que teria acontecido com ele?



O jantar estava pronto exatamente às oito da noite, que foi quando tocou nossa campainha. Eu já estava mais calma em relação aos novos vizinhos agora que os tínhamos conhecido na festa de boas-vindas. Eu e Antônio voltamos aos Vermont quando o sol finalmente se pôs, às seis da tarde, e, em seguida, cada um seguiu para sua respectiva casa com seus pais. Mamãe estava tão empolgada quanto de manhã. Eu a ouvi treinando seu repertório sobre os estilos dos quadros que pintou e que provavelmente recitaria à Natália. Papai estava tentando passar uma boa impressão como sempre, e eu esperava sentada no sofá, com meu vestido azul florido, um lacinho no mesmo tom em meus cabelos e sapatos brancos em estilo bonequinha. Mamãe pediu aos empregados que fizessem um jantar excepcional, por mais que eu duvidasse que comer fosse a real intenção daquele jantar. O que mais me importava era que Antônio, ou melhor, que meu novo amigo Toni estava indo para minha casa e eu queria que ele me achasse legal. Pode parecer bobeira, ainda mais porque eu tinha outras amizades, mas eu queria que ele gostasse de mim, queria que fosse meu amigo.

E, de alguma forma, eu sentia que devia fazer isso, depois de ouvir a triste conversa de nossas mães detrás da mesa, durante a festa. Por mais que não soubesse o que era a tal coisa tão terrível que havia acontecido, imaginava que ele devia ficar triste com isso, ainda mais se isso o impedia de conhecer outras pessoas e de se tornar amigo delas. Eu *tinha* de ser amiga dele. Durante as duas horas que tive para me preparar para a chegada da família Guerra, fiquei no meu quarto sentada na cama, olhando pela janela. Meu abajur estava ligado e, apesar de isso me deixar sonolenta, eu estava totalmente desperta. Observei a movimentação atrás da janela quebrada e percebi que uma luz amarelada fora acesa na sala, enquanto do lado de fora a noite começava a cair. Peguei um de meus inúmeros brinquedos, arrastei um puff branco que costumava ficar embaixo da minha cama para o meio do quarto e, em seguida, joguei-me nele e tentei me distrair com a boneca. Mas eu não parava de pensar em Toni e em como queria que ele chegasse logo. Desci para a sala correndo e sentei no sofá, esperando.

Papai foi abrir a porta e lá estava Natália, sorridente, num vestido preto casual, com a cintura marcada por um cinto fino vermelho, cravejado de brilhaços, e sapatos creme, os cabelos escuros emoldurando seu rosto bonito. O filho estava parado ao lado da mãe, agarrando com a mão esquerda a saia de seu vestido. Outra vez vestia camisa social, uma verde-clara bem bonita, com uma estampa de coqueiros, calça preta e sapato social, o que achei um pouco exagerado para um simples jantar. Fernando, ao lado esquerdo da esposa, com uma cara amarrada, passava sua infeliz mensagem: “Eu não queria estar nesta cidade, não queria estar nesta casa, não queria vir a este jantar!”. Mesmo assim tudo o que

fez foi cumprimentar meus pais e entrar.

Jantei em completo silêncio, tentando resistir à vontade de encher Toni de perguntas, e me restringi a apenas mastigar aquela deliciosa carne de panela e purê de batatas. Fiquei o tempo todo observando o menino à minha frente, o modo como ele pegava os talheres e usava do jeito certo a faca, o modo como evitava levantar a cabeça do prato e o fato de só beber água uma vez, no fim da refeição. Todos estavam satisfeitos quando chegaram as suculentas taças de sorvete com calda de chocolate. Assim que as vimos, tanto eu quanto Toni suspiramos de animação, o que me fez dar uma risadinha. Peguei minha taça e sentei no tapete da sala, apoiada no sofá, para me deliciar, e me surpreendi quando Toni pegou sua taça e sentou-se ao meu lado no chão. Tomamos o sorvete e nosso amigo silêncio resolveu sentar-se ao nosso lado. Os adultos foram até o sofá e começaram as falações: papai e Fernando numa conversa de meias palavras sobre marcas de carro e sobre o desejo de papai de comprar um novo; mamãe dizendo a Natália o texto que decorara mais cedo sobre suas telas e pinturas. As duas se levantaram para ir ao segundo andar ver os quadros e aproveitei a oportunidade para subir também.

— Quer ver meu sótão? — perguntei meio tímida, de repente. Os olhos de Toni brilharam e ele se levantou do chão num salto, fazendo um sinal com a mão para que eu fosse na frente. Rindo, corri até as escadas e esperei que minha mãe entrasse no ateliê com a nova amiga para então puxar a cordinha que abria o alçapão e baixava uma escadinha dobrável, que nos levaria ao sótão. Lembrando que eu estava de vestido, pedi que ele subisse na frente, e fui logo após ele. Puxei a alça da porta, a escada se dobrou e fechou. — Ué, cadê a luz? Eu esqueci onde acende! — Tateei desesperadamente as paredes procurando pelo interruptor e estava quase tendo um treco por não me lembrar de onde ficava o bendito interruptor, quando de repente a luz se acendeu. Pisquei com força e vi que Toni estava parado à minha frente, rindo do meu desespero. Por mais que quisesse, eu não conseguia ficar com raiva.

Ele foi para meu lado e comecei a mostrar as coisas que guardávamos ali. Muitas das caixas cheias de objetos eram de meus avós, os pais da minha mãe. Mesmo que tenhamos, ou melhor, que meus pais tenham demolido a casa, não quer dizer que as coisas dos meus avós tenham sido deixadas assim de lado. Muito fora encaixotado e organizado em pilhas que ocupavam quase todo o sótão, que ia desde os fundos até a frente da casa e ficava em cima do meu quarto. Tinha uma lâmpada no centro do teto baixo e um tapete com uma área livre no centro, com as caixas ao seu redor. O conteúdo delas ia desde roupas que pareciam de séculos atrás até telescópios e bússolas, coisas que meu avô levava quando ia acampar. Eu nunca tive muito contato com meus avós por parte

de mãe, pois os dois morreram quando eu era bem pequena, contudo ter as coisas deles em meu sótão me fazia sentir um pouco mais próxima. Peguei uma caixa, levei-a para o tapete e tirei de lá uma luneta que minha mãe dissera ter ganhado do pai quando tinha mais ou menos a minha idade. Então segurei o braço de Toni e, com o telescópio, fui à janela.

— Eu tinha um sótão parecido com o seu e um telescópio também — disse Toni, pegando das mãos o que eu segurava. — Meu pai me deu um quando eu tinha 5 anos, de presente no Natal. É que lá na cidade nem dá para ver as estrelas direito, com o monte de helicópteros e as luzes da rua acesas o tempo todo... Sabe aqueles postes com luzinhas laranja e brancas? — Eu sabia o que era, mas não havia muitos deles na cidade. Logo no começo da estrada, quando você entrava em Santa Heloísa, havia alguns desses postes de iluminação sinalizando a entrada na cidade. No campo, as noites eram escuras; a única luz vinha da lua e das estrelas que forravam cada centímetro do céu. As pessoas dormiam cedo, porque as crianças estudavam quase todas de manhã, então a partir das dez da noite era comum que tudo estivesse um breu, uma escuridão assustadora. Antônio continuou:

— Eu sei o nome daquela constelação — disse rindo, porque com certeza eu não conhecia muitos nomes de constelações. — Olha ali, está vendo aquelas? — indagou ele, colocando-me na frente do telescópio. Olhei por aquela frestinha e enxerguei estrelas comuns, que para mim não formavam nada em especial. — Ursa maior. Aprendi isso ano passado na escola.

Nós então nos revezamos para ver as estrelas, enquanto ele ia falando os nomes que sabia, e a minha impressão era de que Antônio tinha muito mais que um ano de diferença de mim. Toni era muito inteligente. Como era possível um garoto tão bacana ser tão recluso?

Ficamos quase uma hora ali vendo as estrelas, revezando-nos em olhar pelo objeto metálico, fitando os pontinhos luminosos em evidência no céu noturno. Quando me cansei, fui pegar outras caixas e começamos a revirar as roupas empoeiradas ali dentro. Levei algumas para o centro do sótão, e fomos colocando as peças esticadas no tapete. Peguei um vestido que me parecia do século XIX, levei-o à janela, sacudi para tirar o pó e então o vesti por cima da minha roupa. Andei de forma pomposa até o tapete e, quando me viu, o garoto sentado sobre o tapete rolou no chão de tanto rir. Olhei-me num espelho manchado que estava mais atrás e comecei a rir também: as mangas bufantes e os babados davam a impressão de que eu estava me afogando no tecido e eu parecia enorme com camadas e mais camadas de pano. Sentei-me ao seu lado, depois de tirar o vestido e guardar todas as roupas de volta na caixa. Olhei para Toni e ele estava meio vermelho. Fiquei desesperada quando ele começou a

tossir e ficou ofegante como um louco. Fiz com que se sentasse perto da janela para tomar um ar.

— O que foi isso? Você está bem?

— Asma — falou ele bem baixinho, enquanto continuava a puxar o ar e soltar bem devagar. Ficou um tempão fazendo isso até normalizar a respiração. Quando finalmente se sentiu bem outra vez, sentou-se no chão, encostado na parede. Então me sentei ao seu lado, olhando para o teto.

— Sabe, você é muito legal, Carol — disse sorrindo e, pela primeira vez, olhando diretamente nos meus olhos, sem tentar me evitar. Por mais bobo que possa parecer, minhas bochechas coraram e fiquei sem graça. Toni olhou para o teto também e começou a brincar com a borda de sua camisa de coqueiros. Ainda um pouco enrubescida, tirei o laço de meus cabelos e fiquei passando-o por meus dedos de forma desajeitada, então sorri e continuei a conversa:

— Você também é muito legal, Toni. Hoje foi um dia muito divertido. — Depois que disse isso, ouvi alguém dando duas batidinhas na entrada do sótão e soube que era meu pai. Eu tinha mania de me esconder na parte de cima da casa quando era bem pequena ou quando estava com raiva dos meus pais por coisas à toa, e ele vinha me chamar ou pedir desculpas dando sempre duas batidas na porta. Gritei de forma respeitosa para que ele entrasse. Papai entrou e pediu que nós dois descêssemos porque Toni tinha de ir embora.

— O que aconteceu aqui? Passou um furacão? — perguntou papai, vendo as caixas reviradas. Eu e Toni nos entreolhamos com cumplicidade e começamos a rir.

Eu desci na frente e Toni foi logo em seguida. Mamãe e Natália ainda estavam no ateliê conversando sobre as melhores técnicas de pintura, sobre tinta a óleo, acrílica e os pincéis com pelos mais macios. Pareceram muito descontentes em ter que se despedir e pediram mais cinco minutos. Com uma falsa expressão de reprovação, papai disse que tinham apenas mais cinco minutos e depois, rindo, beijou a boca de mamãe. Então eu, ele e Toni descemos as escadas até a sala, onde nosso querido convidado estava sentado na poltrona com sua típica cara de impaciência. Papai sentou-se no sofá e me sentei ao seu lado, enquanto Toni colocou-se ao lado do pai, de pé, recostado na lateral da poltrona cinza. Não queria que ele fosse embora, então o convidei a voltar:

— Ei, venha aqui qualquer dia e a gente pode olhar pelo telescópio de novo, ou alguma coisa assim... — sugeri a Toni meio sem graça. Papai notou meu embaraço e começou a rir baixinho, mas reforçou o convite a Fernando, por mais que eu não tivesse a mínima vontade de ver aquele sujeito de novo. Ele passou o jantar inteiro quieto e, quando falava alguma coisa, era uma reclamação.

— É, né, quem sabe a gente não vem de novo, hein, menino? — comentou

segurando o braço de Toni de um jeito um pouco mais grosseiro do que eu achava normal. Não era uma forma carinhosa de segurar alguém. Minha vontade foi de fazer Toni ir até o sofá e sentar-se entre mim e meu pai. Ele, aliás, também reparou e olhou para mim com o canto do olho, para ter certeza de que eu estava pensando a mesma coisa. — Cadê a minha mulher? Meu Deus, quando essas duas se juntam falam mais que qualquer um aqui! — Não sei se ele pretendia fazer uma piada ou algo do gênero, mas meu pai ficou mordido com o comentário.

Papai me deixou na sala com os dois e foi chamar minha mãe e Natália. Praguejei por papai me deixar na sala sozinha com os dois e, com minha visão periférica, vi que ambos continuavam do mesmo jeito: Fernando sentado e Toni ao seu lado. Virei o rosto para eles, de forma educada, por mais que dentro de mim sentisse uma forte necessidade de sair correndo daquela sala e agarrar a saia de minha mãe. Fernando sorriu com o que parece ter sido uma tentativa frustrada de simpatia, o que me deixou ainda mais nervosa. Meu olhar encontrou o de Toni, que sorriu para mim com o canto dos lábios. Apontou para o pai ao seu lado com os olhos e depois fez uma careta de raiva. Isso me fez rir e, antes que Fernando pudesse perguntar a razão de minhas risadinhas, mamãe e Natália desceram as escadas, ainda conversando e rindo. Despedimo-nos das visitas na sala de estar e, quando apertei a mão de Toni, demorei-me no gesto. Olhei para ele e sorri, ao que ele retribuiu com um amplo sorriso, e eu quis que ele pudesse ficar. Papai os acompanhou até a porta e me deixei cair pesadamente no sofá. Marli, que tinha ajudado a servir o jantar e, em seguida, cuidado da louça, trouxe-me um copo de leite quente com chocolate. Depois disso fui dormir.

O garoto da cidade



Antônio

Sair da cidade foi um grande erro e, ao mesmo tempo, foi a melhor coisa que fizemos. Meus pais e eu acabamos indo parar numa cidadezinha do interior da noite para o dia, ficando responsáveis pela fazenda que era dos meus avós, depois que meu vô morreu de pneumonia. Minha avó morrera anos antes, após cair da escada e romper a bacia. Na verdade, eu nem imaginava como seria viver numa outra cidade, onde eu não conhecia absolutamente ninguém e onde não tinha amigo algum. Não que em São Paulo, na escola onde estudava, eu tivesse muitos amigos, porque, na verdade, não tinha quase ninguém que realmente fosse importante e cuja companhia fosse indispensável para mim. Desde que nasci, morei no meio do barulho das buzinas, das máquinas, dos aromas típicos de uma cidade metropolitana. No centro de São Paulo, a vida era agitada, tanto para meus pais quanto para mim, que era apenas uma criança. Mesmo assim, por mais que não fosse um lugar maravilhoso, era o meu lar. Nós morávamos numa casa de dois andares, que tinha um sótão que era meu lugar de aventuras. Passei a maior parte da minha infância ali dentro, já que não tinha com quem brincar, imaginando que era um super-herói ou um vilão que tentava destruir fortalezas. Era o meu refúgio.

Apesar de adorar o sótão, eu não passava muito tempo em casa; aliás, ninguém passava. Estudava em período integral em um colégio particular, no qual ficava das seis da manhã às sete da noite. Quem me buscava era minha avó paterna, que ficava comigo em casa, dava-me banho e fazia minha janta, enquanto esperávamos meus pais chegarem. Minha mãe era um anjo em pessoa. Fico triste por dizer “era”, mas essa é a verdade. Ela nunca mais foi a mesma. Era uma advogada muito bem-sucedida que conseguia ajudar todos seus clientes sem prejudicar nenhum dos lados. Realmente amava o que fazia e se dedicava de corpo e alma a ajudar as pessoas, não importava qual fosse o caso delas. Uma vez ela bateu de frente com um grande empresário acusado de desviar o dinheiro da empresa para fins pessoais. Ele ameaçou a mamãe, que não estremeceu e conseguiu mandar o cara para cadeia. Nos fins de semana, ela me levava em centros de caridade, como orfanatos e abrigos ou a centros de adoção de animais de rua. “Existem pessoas que não têm nada, mas ao mesmo tempo elas têm tudo.

Reconheça as coisas boas que você tem e dê valor a elas. Não deixe para reconhecer quão importante elas são para você só depois de perdê-las”, era o que ela dizia, em seus momentos filosóficos.

Enquanto minha mãe era a bondade em pessoa, meu pai era a crueldade encarnada. Ele era meu pai, mas sempre senti que não. Entretanto, eu não podia culpá-lo. Talvez devesse. Essa era uma questão muito confusa dentro de mim, mas acredito que, apesar de tudo o que aconteceu, nada justifica sua indiferença em relação a mim, procurando não passar muito tempo comigo, não me segurar no colo, não trocar minhas fraldas, ou seja, não ser presente. Ele era subgerente numa empresa de automóveis muito bem-sucedida, aliás. Ele gostava do que fazia porque os carros eram uma das únicas coisas que o interessavam. Isso e minha mãe, por quem sempre foi perdidamente apaixonado.

Não entendo como ele pôde mudar tanto em tão pouco tempo. Por ter uma boa vida com suas vendas, ele ficou furioso quando minha mãe deu a ideia de nos mudarmos para o campo. Por telefone contaram a ela que a casa estava abandonada havia anos e surgiu a proposta de mudança. “Viver no meio do mato e de bichos? Perdeu a cabeça, mulher?”, meu pai berrou para ela. Quem perdeu a cabeça na verdade foi ele: dois meses antes da mudança, recebeu a maravilhosa notícia de que a concessionária já não precisava mais de seus úteis serviços depois de sua incrível demonstração de pura educação. Demitido por discutir com um cliente que queria devolver o veículo por uma falha nos cintos de segurança. Indignado com o que para ele era uma reclamação sem importância, meu pai foi hostil com o comprador. Ele agrediu verbalmente o coitado e, um dia depois, foi posto dali para fora.

Quando perdeu o emprego, ele se tornou a pessoa mais rancorosa e mal-humorada que já conheci. Começou a ficar mais tempo em casa e a beber. Beber era sem dúvida o maior dos problemas, porque não eram um gole ou dois, e sim latas seguidas de garrafas, e depois taças e tudo mais que se possa imaginar. Chegava em casa irritado e se jogava no sofá para passar longas noites largado em frente à televisão sem fazer nada. Se antes ele não falava comigo, agora então eu podia esquecer a palavra comunicação. Refugiava-me na minha mãe, que também se transformou num bode expiatório dos problemas do meu pai, ou então na minha vó, que passava todos os dias ali. Eu era só um garoto de 11 anos que assistia ao desmoronamento gradual do casamento dos próprios pais. Mas uma pontinha de esperança me atingiu quando soube que iríamos para outra cidade. A esperança de conhecer pessoas novas, de ver coisas novas, de viver experiências diferentes, de ser outra pessoa. E lá no fundo, desejava ardentemente que meu pai se tornasse um homem carinhoso com sua esposa e desejoso por estar com seu filho. Vender nossa casa foi a parte mais fácil, porque

não havia quem não quisesse um lindo sobrado no centro, perto das melhores lojas e restaurantes. Então, depois de assinar todos os papéis, fizemos nossas malas e entramos no carro.

— Ainda acho uma má ideia, aliás, uma *péssima* ideia — declarou meu pai, sentado no banco da frente, quando paramos num pedágio no meio da estrada. Nem sei como ele ouviu quando eu disse bem baixo “Quem se importa com o que você acha?”, mas ele parou o carro de repente, com os outros veículos buzinando ao nosso redor, e começou a berrar: — Seu moleque ingrato! Estamos indo para essa droga de casa no meio do nada por sua causa e acha que tenho que aturar falta de educação? Diga isso de novo e quebro seus dentes!

Fiquei o restante do caminho quieto, mudo. Encostei a cabeça em uma das milhares de malas que estavam me acompanhando no banco traseiro, além das que lotavam o porta-malas, e tentei dormir. Não consegui, é claro, porque à medida que nos aproximávamos da nova casa, a estrada de terra ia ficando mais sinuosa, a ponto de quase furarmos o pneu numa pedrinha no meio do caminho. Vimos a placa que indicava a cidade a 300 metros e seguimos, sempre em silêncio. Minha mãe tentou ligar o rádio, mas meu pai mandou desligar. Música irritava. Ruído irritava. Tudo irritava. Fechei os olhos e no instante seguinte percebi que havíamos chegado. Minha mãe estava radiante, apesar de todas as briguinhas que eles tiveram até chegarmos ali, radiante como só ficaria outra vez cinco anos depois. Íamos passando pelas casas de madeira, uma maior que a outra, uma mais bonita que a anterior. Então percebemos que um carro estava nos seguindo e meu pai acelerou. Depois nos explicaram que aquilo era o costume deles para receber os novos moradores, mas eu simplesmente não conseguia descer do carro. Fosse o medo das pessoas novas ou do lugar novo ou de qualquer outra coisa. “Sai logo, garoto”, falou meu pai, e eu obedeci.

Um jovem casal estava ali esperando por nós. Um homem de cabelos castanhos e uma mulher de cabelos loiros, alta e magra. Quem me chamou a atenção, na verdade, foi a garotinha de longos cabelos loiros e lindos olhos castanhos parada ao lado do casal. “Deve ter uns 10 ou 11”, foi o que pensei, mas sabia que ela devia ter minha idade. Era simplesmente linda. Quando olhou para mim, senti minhas bochechas queimarem e tive que baixar os olhos. O casal se apresentou como Ruan e Lauren, e minha mãe retribuiu os cumprimentos de forma espontânea, enquanto meu pai se limitou a apertar suas mãos, não se dando ao trabalho de sorrir. Havia uma festa esperando para nos receber, mas eu não suportava festas, assim como não suportava estar no meio de multidões. Elas me sufocavam. Mesmo assim sorri educadamente e me apresentei àquela garota tão bonita que também estava tímida diante de mim. Ana Carolina, um nome tão lindo quanto ela, e que também começava com a letra “a” de Antônio.

— Quer saber? Ana Carolina é muito comprido. Se eu tiver que gritar seu nome pode ser que você confunda com outra Ana Carolina. Posso te chamar só de Carol? — perguntei tentando parecer natural, mas minha voz estava tremendo e me odiei por isso. Ela riu e disse que Antônio era muito formal, então sugeri que me chamasse de “Toni”. “Que apelido idiota, ela deve achar que sou idiota”, foi o que pensei mais tarde, mas Carol parecia ter gostado de “Toni”.

Naquele mesmo dia, Carol me mostrou um lugar em sua propriedade onde ficava uma árvore enorme, que não dava frutos nem flores, mas lindas folhas verde-escuras, maiores do que as comuns. Carol e toda a vizinhança nos receberam melhor do que eu imaginava que seríamos recebidos e fiquei bastante feliz por isso, já que meu maior temor era pura e simplesmente ficar sozinho. Mas eu sabia que, enquanto eu tivesse Ana Carolina, que era apenas um ano mais nova que eu, eu não ficaria sozinho. Isso até ela saber... Pode parecer loucura, já que eu era só um garoto, mas eu estava a fim dela. Digo, eu estava realmente interessado naquela menina que acabara de conhecer, mesmo sendo tão novo. Fiquei muito feliz por minha mãe ter insistido na ideia de nos mudarmos, porque agora eu tinha alguém importante, alguém que de fato prestava atenção em mim e parecia se importar comigo. Então decidi que eu ia protegê-la como estivesse ao meu alcance, que ficaria do seu lado, que a ajudaria sempre, que nunca a deixaria na mão e, principalmente, que nunca sairia dali.



— Não é uma graça? Lauren é muito gentil, e a filha dela é uma belezinha, não é, querido? — perguntou minha mãe, enquanto colocava na parede do próprio quarto um quadro que a mãe de Carol deu a ela como um presente extra de boas-vindas. Minha mãe tinha essa mania de me fazer perguntas constrangedoras e que, na maioria das vezes, eu evitava responder, por mais que ela tivesse razão. Carol era realmente linda, mesmo tendo apenas 10 anos. Ela parecia uma boneca de cristal, daquelas que as meninas colocam para enfeitar seus quartos. Eu estava sentado na cama dos meus pais. Meu pai tinha saído logo cedo para ver se arranjava algo para fazer fora de casa. A companhia dele não estava sendo nada agradável ultimamente. Fazia uma semana que tínhamos nos mudado e ele estava sendo grosso com nós dois e com os vizinhos também. Os Vermont moravam no lado da estrada da Carol, e naquela tarde nos chamaram para tomar um café com eles e mais alguns vizinhos, com a intenção de nos “enturmar”. Para minha mãe isso não era problema, no entanto meu pai arranjou uma desculpa qualquer e foi para cidade grande, deixando eu e minha mãe irmos sozinhos. Mamãe colocou o quadro na parede satisfeita e descemos para ir à casa

dos vizinhos. Eu adoraria ficar quieto em meu quarto, lendo livros ou gibis, mas insistiram para que eu fosse também.

— Boa tarde! Natália, seu marido não pôde vir? — perguntou Núbia, a dona da casa, que vivia ali com seu marido e os muitos filhos. Minha mãe deu um sorriso torto e disse que ele teve de viajar por causa da família. Fiquei surpreso com o fato de ela estar mentindo para encobrir a má educação de meu pai. Entramos e fomos recebidos na grande sala de estar, em cujo centro havia uma mesinha repleta de bolos, pães, tortas, e bules de chá e café, além de pequenas xícaras e pratinhos. Sentei no sofá e peguei uma fatia de bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Comi quieto, enquanto minha mãe ia conversar com as vizinhas que a enchiam de perguntas sobre nossa vida em São Paulo e sobre como as coisas funcionavam lá. Havia crianças correndo e brincando lá fora, o que percebi por causa dos gritinhos de meninas. Eu estava pensando seriamente em pedir para minha mãe me levar para casa quando alguém tapou meus olhos. Levei um susto e reconheci na hora aquela vozinha que ria e dizia “Adivinha quem é...”. Nem precisei adivinhar, eu sabia que era Carol. Rindo, ela veio sentar num banquinho na minha frente, enquanto pegava uma fatia de torta de morango que lambuzou todo seu rosto.

— Não achei que você fosse vir. Seus pais estão aqui?

— Viemos só minha mãe e eu.

— Meus pais estão lá fora com os outros adultos e tem um pessoal brincando. Quer ir lá?

Fiz que não com a cabeça.

— Ótimo, eu também não quero, estou cansada e essa torta está muito boa! — Então Carol esticou o braço e pegou uma fatia de torta de limão.

Então entrou na sala uma daquelas amigas de Carol e um dos filhos de Núbia. Ele sentou-se num banco do lado dela, encostou de leve no braço de Carol e perguntou se ela não queria ir lá fora. Com uma cara confusa, ela olhou para o próprio braço e para o garoto. A tal amiga dela veio dizendo que eles iam colocar música para tocar lá fora. Nisso os olhos de Carol brilharam e o garoto segurou sua mão para ajudá-la a levantar-se. Fiquei muito incomodado com essa intromissão dos dois desconhecidos, mas Carol estava rindo e insistindo para que eu fosse com ela lá fora. Acabei aceitando e fomos. Fiquei sentado numa cadeira, enquanto Carol dançava com as amigas e ria com elas, ao som de música com ritmo engraçado. Os pais dela me viram e foram me cumprimentar, perguntando onde estavam meus pais. Tomei cuidado para não estragar a versão que minha mãe contou e disse que só ela estava ali e meu pai foi ver a família. A noite veio chegando devagar e, quando voltei para casa, senti falta da garota sorridente com quem passei a tarde.

Amigos e inimigos



Ana Carolina

Era um típico dia de chuva de setembro, mas aquela realmente não era uma chuva qualquer, ainda mais porque eu morria de medo de trovões. Fazia uma semana que os novos vizinhos haviam chegado. Ainda era de manhã, meu pai já tinha ido trabalhar e minha mãe estava na cidade vizinha, Araraquara, fazendo compras. Ela tinha me deixado em casa com Marli. Enfiei-me debaixo do cobertor morrendo de medo de sair dali e me aninhei no aconchego de minha cama. “Tem que fazer alguma coisa, menina, não pode passar o dia inteiro aí deitada e chorando por causa dos trovões”, disse Marli, fazendo-me ficar inconformada, pois, do jeito que ela falava, eu parecia uma menininha covarde. Então pulei da cama e coloquei um grosso casaco de pelos em cima da calça e da blusa fininha. Desci as escadas pulando de dois em dois degraus, algo que mamãe odiava, já que achava que eu podia cair e me machucar, e me joguei no sofá, ficando ali deitada ouvindo a chuva bater no telhado.

— Pronto, já saí da cama, está satisfeita? — perguntei à Marli, de forma desafiadora.

Fiquei observando a mulher baixa e magra, não muito mais alta que eu, apesar de bem mais velha. Seus cabelos eram meio ruivos, meio castanhos, absolutamente lindos, caindo em ondas por seus ombros, pendendo do rabo de cavalo em sua cabeça. Era bastante branca, o que fazia seu nariz ficar vermelho no frio, como estava naquela hora. Sua beleza, porém, não coincidia com a condição financeira: a família passava muita necessidade, o que a impeliu a procurar emprego. Sempre me perguntei por que ela ainda não tinha se casado, já que muitos homens, inclusive nossos outros empregados, sempre estavam com os olhos sobre ela, mais precisamente sobre sua...

— Quer ler *Batalha dos Mares* pela bilionésima vez? — Quis saber Marli, mas recusei a oferta, já que tínhamos lido aquele livro umas trinta vezes nos últimos cinco meses. Eu queria alguma coisa diferente e, então, com um lampejo de memória, pulei do sofá e fui até a porta.

— Aonde a senhorita pensa que vai nessa chuvarada? — questionou ela, colocando-se na minha frente, entre mim e a porta. Eu ia ver Antônio, pois queria que ele fosse a minha casa para brincarmos juntos. Com raiva por ter que

dizer isso em voz alta, senti as bochechas arderem rapidamente e Marli sorriu, deixando-me passar.

— Que bom que quer ficar amiga daquele menino, ele não parece ter muitos mesmo... Só leve um guarda-chuva, viu? Ai de mim se seus pais voltarem para casa e você estiver doente! Mandam-me embora. — Foi um comentário ridículo já que todos sabiam que Marli jamais sairia da nossa casa. “Estava aqui antes mesmo de a casa ser construída”, era a brincadeira que minha mãe costumava fazer.

Atravessei a estrada e fui até a propriedade da frente, feliz porque agora eu tinha alguém com quem podia conversar e que não tinha que atravessar a cidade toda para isso. Ele estava a poucos metros de distância de mim. Peguei meu guarda-chuva e um pacote de bolachas recheadas antes de sair, e fui, chorando é claro, porque a cada tropejada eu dava um pulo de susto. Mesmo assim sobrevivi à travessia sem maiores problemas e corri até a parte coberta na frente da porta e bati. Esperei por bons cinco minutos e bati umas duas ou três vezes até que alguém finalmente viesse me atender. Quem abriu a porta foi uma sorridente Natália, por mais que eu tivesse achado o sorriso meio forçado.

— Ana, querida, bem-vinda. Entre, por favor. Como vão seus pais? — perguntou-me, dando passagem para que eu entrasse em sua casa. Mesmo hesitante, passei da porta e fiquei por ali mesmo, parada perto do sofá.

— Vão bem — respondi, sorrindo para ela. — O Antônio está? — Isso fez com que Natália sorrisse e fechasse a porta, algo de que eu não gostei nem um pouco.

— Sim, querida, está na cozinha. Venha, eu te levo lá. — Segui-a pelo corredor que revelava vários produtos de limpeza, além de vassouras e rodos espalhados por todos os lados, indicando a faxina que estava sendo feita ali. Era uma casa muito bonita, com dois andares, e todos os cômodos eram espaçosos e arrumados, ou na medida do possível, porque ainda havia muitas caixas esparramadas, com coisas esperando para serem guardadas. — Ah, não repare na bagunça, sim? Ainda estamos colocando as coisas em ordem, mas pelo visto vai demorar um pouco. Toni, filho, a Ana Carolina está aqui — anunciou ela, e o garoto, que pegava um pacote de bolachas igual ao meu no armário, virou-se para nós sobressaltado. Ao me ver, acalmou-se e foi até nós:

— Oi, Carol — falou sorrindo e me oferecendo a mão para me cumprimentar. Rimos quando percebemos que ambos segurávamos pacotes de bolacha de morango com embalagens idênticas.

— Oi, Toni — respondi apertando sua mão e trocamos os pacotes, ficando eu com o dele e ele com o meu. Seu cabelo escuro tapava seu olho direito e perguntei a mim mesma como a franja não o incomodava. Se fosse eu, já teria

cortado havia muito tempo.

— Legal você vir. Então, ahh... Quer ver o meu quarto? — sugeriu ele e eu respondi com um “sim” mais esganiçado do que realmente pretendia. Ele riu comigo, e não de mim, e então fomos até as escadas que nos levavam ao segundo andar. Na verdade, sua casa era parecida com a minha quanto aos quartos. O dele não ficava na frente, e sim nos fundos, enquanto o de seus pais tinha uma janela voltada para a estrada. Tinha um cômodo entre os dois quartos, assim como em minha casa; então ao que parecia as casas eram construídas com certo padrão. Eu estava prestes a perguntar o que havia ali, mas nem precisei porque ele pegou a maçaneta e sorrindo disse:

— Olha isso — Então abriu a porta de uma sala escura, mas, quando ele acendeu a luz revelou uma biblioteca maravilhosa, que me deixou inteiramente encantada. — São todos da minha mãe e alguns meus. Quer ver? — acenei que sim com a cabeça brevemente e entrei sem nem dizer nada. Andei ao lado das estantes, passando a mão pelas lombadas dos livros, com suas texturas tão convidativas.

— Também tenho livros em casa — comentei num tom que pareceu mesquinho demais. — Mas isso aqui é incrível, você tem tantos, tão legais! — Peguei um exemplar em uma prateleira aleatória e quase tombei para trás quando vi que se tratava de *Herdeiro do Mar*, a continuação inédita de *Batalha dos Mares* que só chegaria à nossa cidade no ano seguinte. — Ah, meu Deus! Não brinca! Você tem *Herdeiro do Mar*, a continuação do meu livro favorito! — Olhei para ele com descrença, de queixo caído. — É sem dúvida o melhor de todos os livros que você tem aqui. — Quase não acreditei quando ele sorriu sem graça e disse:

— Bom, ele é seu se você quiser. Pode levar. — Antônio devia estar me sacaneando. Olhei para ele estreitando os olhos e franzindo o cenho, e ele começou a rir e disse que de fato eu podia levá-lo, já que ele tinha lido muitas vezes.

Não me contive e, apesar de depois ficar me achando uma idiota por isso, acabei abraçando Antônio.

— Desculpa, sério, desculpa — falei completamente constrangida após me dar conta de como fui ridícula. Ele riu e sem dizer nada me levou até seu quarto, que era maior que a biblioteca e onde havia lindos pôsteres colados pelas paredes, os quais retratavam navios antigos, caravelas, barcas, navios de guerra e do exército. Fiquei maravilhada e tive vontade de arrancar todos e levar embora para colar em minhas paredes.

— Eu adoro navios, sabe? Minha mãe me levou algumas vezes em exposições sobre navios antigos, mas eu era muito pequeno, então nem me lembro direito.

— Toni sentou-se na cama e fez sinal para que eu me sentasse do seu lado, batendo de leve no colchão. Então eu tive a infeliz ideia de perguntar:

— Seu pai também foi com vocês nessa tal exposição?

Antônio virou a cara e se levantou da cama, indo em direção a umas caixas cheias de roupas. Então foi tirando peça por peça e colocando-as em ordem dentro do armário, claramente querendo fugir desse assunto. Baixei a cabeça, sentada na cama, sentindo-me uma boba. Levantei, fui até onde Toni estava, peguei uma camiseta azul na caixa, dobrei-a e coloquei no armário. Ele largou a calça que segurava e respondeu:

— Não, ele não foi e, na verdade, não costuma sair muito com a gente, muito menos comigo — falou, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, mas não entendi coisa alguma. Como assim muito menos com ele? Eu ainda ia descobrir, ia sim.

— Quer ir para minha casa? — questionei, tentando sair daquele clima de tensão que havia se instalado e que me deixava desconfortável. Coloquei outra camiseta no armário. Antônio largou as roupas e levantou a cabeça, sorrindo, então continuei com a proposta: — Posso pedir para Marli ler *Herdeiro do Mar* com a gente, ela é tipo a minha babá.

Senti-me bastante infantil diante do termo “babá”. Toni colocou a caixa de volta no lugar e foi até mim. Peguei o livro que ainda estava na cama e começamos a descer as escadas sem que ele precisasse me dizer que sim.

Ele estava nos últimos degraus, e eu, no meio da escada, no momento em que ouvi a porta da frente sendo aberta e pude ver quando Fernando entrou em casa, jogando a chave do carro no sofá e dizendo um “oi” bem seco para sua mulher. Em seguida, ele se dirigiu à escada e começou a subi-la. Instantaneamente, Antônio se espremeu no corrimão para dar passagem a seu pai, que passou por ele sem sequer cumprimentá-lo. Eu estava mais acima e dessa forma Toni desceu na minha frente e não viu a hora em que seu pai passou por mim e me encarou como se eu tivesse dito algo muito ofensivo a ele mesmo sem eu ter dito nada. Ficou um segundo me encarando, depois passou por mim e foi até o quarto, batendo a porta com força ao fechá-la. “Não liga, ele é meio quietão mesmo”, foi o que Toni me disse quando chegamos à porta da frente e já estávamos do lado de fora. Fomos para minha casa e Marli ficou empolgada quando viu o livro que eu tinha levado.

— Finalmente vamos descobrir o que acontece! Que bom que você tinha esse livro, garoto. Eu não aguentava mais ler sempre a mesmíssima coisa, já até decorei a história, sabe...

Pegamos colchões reserva no sótão e levamos para a sala, descendo as escadas escorregando com eles. Meus pais não deixariam isso acontecer de jeito nenhum,

mas Marli permitia tudo, então sentamos cada um num colchão e escorregamos pelos degraus até chegar ao hall em frente à porta, gargalhando. Fizemos um verdadeiro acampamento no meio da sala, arrastando o sofá e a mesinha de centro, e colocamos um lençol em cada uma das poltronas cinza, fazendo um telhadinho em cima dos colchões, e várias almofadas, travesseiros e cobertores ali. Então me atirei no meio de tudo aquilo; Antônio deitou ao meu lado, enquanto que Marli sentou-se na nossa frente e leu para nós *Herdeiro do Mar*. Ficar ali deitada com meu novo amigo ao meu lado, ouvindo o barulhinho da chuva, escutando minha história preferida, era a minha ideia de uma tarde perfeita.

— Então ele se aproximou do porto e viu aquele que seria seu novo navio, a herança de sua família, aquele que seu pai havia usado para lutar bravamente contra os que queriam destruir seu reino. O bem mais precioso confiado a ele, e seria usado para terminar o que seu pai começou. — Marli leu de forma dramática, baixando a voz na última frase, como se contasse um segredo.

Enquanto ouvíamos, acabamos com os dois pacotes de bolachas e nem percebemos quando meus pais pararam o carro na frente de casa e abriram a porta, encontrando-nos ali. Sorriram e sentaram-se conosco no meio dos lençóis e cobertores, então me ajeitei no colo do meu pai. Nessa hora, Antônio se levantou e disse que precisava ir embora, mas antes chegou perto de mim e cochichou em meu ouvido “Quero mais tardes assim, Carol”. E seu desejo seria cumprido, pois minhas lembranças dos próximos cinco anos são de longas tardes em sua companhia.



— Gosta de animais? — perguntei a Antônio num sábado a tarde, quando estávamos sentados ao pé de uma árvore em meu quintal.

Tínhamos acabado de comer um lanche que Marli preparara para nós, pães recheados e suco de uva (a nossa uva era plantada em nosso quintal, numa parreira que crescia na parede). Eu suava, já que o calor do verão que começava a aflorar naquele mês de dezembro atingia-nos impiedosamente. O sol me forçava a espremer os olhos para enxergar alguma coisa. Minha camiseta azul estava grudada nas costas, e a bermuda jeans esquentava minhas coxas. Toni fez que sim com a cabeça. Ele usava uma camiseta amarela e bermuda jeans como eu, mas nem suava.

— Eu tinha um cachorro lá no meu sobrado em São Paulo... — comentou olhando para a grama. — Era um pastor-alemão e eu o adorava. Cachorros dessa raça são usados pela polícia ou como cães de guarda. Mas ele era diferente, eu

acho; deixava eu fazer carinho nele. Morreu de velhice faz uns dois anos, estava com minha mãe desde que ela tinha 20 anos. — Comecei a rir e ele me olhou intrigado. — Que foi?

— Não tenho nenhum cachorro aqui, nem gato, nem esses animais pequeninhos que ficam dentro de casa, mas tenho porquinhos, o que acha?

Toni começou a rir. Levantei-me da grama e me espreguicei. Ele fez o mesmo e me seguiu até a parte leste do terreno, onde ficava o grande cercado com meus “animaizinhos de estimação”. Abri a portinhola e entramos no cercado. A vaca estava no barracão; as galinhas cacarejavam por ali, enquanto eram perseguidas pelo galo; o cavalo estava sendo escovado mais além; e os porquinhos estavam rolando pelo chão de um jeito fofo que me fazia dizer “awn”.

— Está bem. Não são cachorros nem gatos, mas são muito bonitinhos — disse Toni, pegando um dos porquinhos machos em suas mãos. Ele grunhiu e se agitou, tentando sair dos braços dele. Era o mais novo “morador” do cercado, o quinto miniporco, trazido de presente de um tio meu. Sua pele rosada era mesclada por nuances marrons, que lhe renderam o nome de Mancha. — Chamar um porco de Mancha é muito a sua cara... — afirmou Toni, enquanto segurava um sorriso.

— Por que você acha isso? — indaguei encarando-o.

— Porque é diferente. Você nunca faz as coisas que nem todo mundo; sempre faz de um jeito diferente. Qualquer um chamaria de malhado ou coisa parecida, não de mancha. — Sorri sem graça diante de sua resposta e peguei o porquinho de suas mãos. Cocei a barriguinha macia dele e depois o coloquei no chão.

Fui até o lugar onde Elias, um dos empregados que cuidava dos animais, escovava pacientemente o pelo do cavalo até que este adquirisse um aspecto brilhante e ficasse macio como seda. Elias estava tendo uma pequena dificuldade em sua tarefa hoje, pois Dusk não ficava quieto. Aproximei-me com cuidado e toquei-o com delicadeza. Passei a mão pela lombada dele e alisei sua crina suavemente, com isso o cavalo resfolegava e ia se amansando com meu toque. Acarínhei suas orelhas e, ao ficar de frente para ele, olhei em seus olhos e sussurrei “Ei, garotão, calminha, menino”, enquanto acariciava seu focinho. Dusk ficou quieto num instante. Elias agradeceu a ajuda, e Toni me observava de um jeito esquisito.

— O que foi? — perguntei.

— Como conseguiu fazer isso? — interrogou ele.

— Ah, isso de acalmar o cavalo? Boa pergunta. Acho que foi de tanto ver o papai fazer a mesma coisa. Ele encontra um ponto sensível que, quando toca, faz o cavalo se acalmar na mesma hora. Eu só... Trato com carinho. Ele gosta disso; todos os bichos gostam — sorri acanhada.

Fomos para dentro do barracão onde estava a vaca. Peguei uma vasilha da água já vazia e a enchi numa torneira na parede direita.

— Ana, você está aí? — chamou uma voz do lado de fora. Fechei a torneira e arrastei a vasilha para perto da vaca, que esgotou a água inteira quase num gole. Toni continuou do lado de dentro do barracão, vendo-a saciar a sede, enquanto eu secava as mãos na camiseta e ia lá fora ver quem me chamava. Forcei os olhos e vi que era Viviane, que estava parada do lado de fora da cerca, ajoelhada fazendo carinho em um dos porquinhos. Ela usava um de seus vestidos leves e curtos. — Ah, aí está você. — Viviane sorriu e levantou-se.

— Sim, aqui estou eu. — Sorri de volta. Apoiei-me na madeira da cerca, com a mamãe porca tocando o focinho em meu calcanhar, o que me fez rir. — Quer vir aqui dentro? Dusk está quietinho hoje.

— Não, valeu. — Ela olhou de esguelha para o cavalo deitado em montes de feno no chão, enquanto Elias escovava sua crina. — Quer ir comigo e as meninas na casa da Mayara? Ela ganhou um kit de maquiagem daqueles grandes! O pai dela trouxe de São Paulo e ela disse que todas podemos pegar emprestado quando quisermos.

Fiquei olhando para Viviane, que era alta, magra e bonita. Não havia necessidade alguma de que ela usasse maquiagem.

— Ahn... — Eu não estava com um pingô de vontade de andar quase um quilômetro para pintar minha cara. — Nem vai dar. Eu e o Toni estamos cuidando dos animais aqui e acho que vai...

— Que coisa, Ana! — exclamou exasperada, interrompendo-me, enquanto eu me explicava. — Você não faz mais nada sem esse garoto estar no seu pé. E, se vai em algum lugar, ele está sempre junto como se fosse um encosto. Esse menino é estranho e grudento. Fala para ele ir embora e vem comigo! — pediu Viviane, juntando as mãos na frente do rosto de forma patética. Seu tom de voz mudou da súplica para a provocação. — Ou você prefere ficar aí com esse esquisitão em vez de se divertir com suas amigas de sempre?

— É, eu prefiro sim ficar com o esquisitão — falei com raiva. Viviane não tinha direito algum de falar assim sobre Antônio sem ao menos conhecê-lo. Ela fez uma expressão forçada de incredulidade e continuei:

— Você nunca nem conversou com ele e acha que pode falar essas coisas? Vai lá na casa da Mayara agir como uma boboca com ela e as meninas. — Eu estava muito zangada. Viviane abriu a boca para falar alguma coisa, mas não disse nada, deu-me as costas e foi embora. Ainda nervosa, voltei para o barracão e Toni estava lá, sentado no chão, quieto.

— Acha-me mesmo um esquisito? — Quis saber ele cinco minutos depois, com a mágoa nítida em sua voz. Droga, ele ouviu minha conversa, achei que não

dava para escutar de onde ele estava. — Se quiser que eu vá embora... Ou que eu pare de vir aqui para que você possa sair com suas amigas, tudo bem, eu paro. Não quero te atrapalhar. Era só me dizer que eu estava te incomodando e eu...

Tapei sua boca com minha mão para fazê-lo parar de falar.

— Não, eu não acho nada disso de você. Viviane é uma tonta que se acha mais velha do que realmente é. Não é uma boa amiga. Não vai fazer falta nenhuma — argumentei, dando de ombros. — Mas você, sim, você me faria falta, porque, ao contrário dela, você é legal. — Minhas bochechas arderam quando terminei de falar.

— Você me acha mesmo legal? — indagou ele timidamente, sem olhar para mim.

Eu sorri.

— Acho sim. — Uma das galinhas veio em nossa direção, cacarejando de forma repetida e irritante. — Ela, sim, ela é esquisita — rebati, apontando para a galinha perto de nós, e rimos.

Sáímos do celeiro e do cercado. Fiquei parada na frente de casa, acenando para Toni enquanto ele ia embora, para sua casa. Foi recebido na porta por Natália, que acenou para mim do outro lado da estrada. Fui para a cama naquela noite tendo certeza de que o que eu disse era a pura verdade: ele sim era alguém que faria falta.



Eu acabara de completar 11 anos, estávamos em março. Há sete meses os Guerra tinham se mudado para Santa Heloísa. Toni ainda faria 12, alguns meses mais tarde, e a nossa amizade ia crescendo assim como a preocupação e o cuidado dele por mim. Antônio não era só meu amigo; ele também era meu fiel escudeiro, o meu cavaleiro de armadura que salvava a donzela em perigo. Ao mesmo tempo eu adorava aquilo, pois me sentia segura, mas também odiava ser tratada como uma menininha frágil e indefesa. Nem preciso dizer que Natália ficou absolutamente feliz ao ver que passávamos muito tempo, se não todo tempo juntos, e eu já nem brincava mais com Viviane e as outras garotas. Ficava em casa brincando na sala, ou criávamos aventuras no quintal, entre as árvores, ou líamos em sua biblioteca durante horas, até cansar.

Isso rendeu vários comentários maldosos das meninas com quem eu costumava andar. Elas diziam coisas impróprias sobre o que eu e ele devíamos fazer quando estávamos sozinhos. Eu ficava morrendo de ódio e de indignação, e revidava essas baboseiras com frases malcriadas. Mas Toni parecia nem se importar, balançava a cabeça em negação e revirava os olhos, ignorando aquelas

bobocas. Elas deviam era ter inveja, porque eu tinha um verdadeiro amigo, e não um babão atrás de mim. Ao contrário de Viviane, que passei a odiar, não precisei mostrar nada indevido para que Toni começasse a andar comigo.

Além dela, tinha Marcos. Três meses antes, na véspera de Ano-Novo, havia se mudado para Santa Heloísa um garoto dois anos mais velho que nós dois e que logo nos primeiros dias em que se mudou já encontrou seus fiéis seguidores na vizinhança: arruaceiros mirins que não tinham um líder que coordenasse suas badernas. Esse líder nato era Marcos e era uma praga. Não, ele era o rei de todas as outras pragas; a praga *mor*. Nunca entendi o motivo, mas parecia que ele sentia uma necessidade insaciável de perturbar a vida alheia. Bem, acho que duas crianças, alvo de piadas de mau gosto e com poucos amigos na sala de aula, são vidas perfeitas para serem perturbadas por tipos como Marcos, o calhorda. Ele morava umas cinco casas depois da minha, do meu lado da estrada, e me impressionava que os pais dele não ficassem sabendo das idiotices que o filho costumava fazer.

Bem, do outro lado da estrada, a uns vinte minutos de caminhada, havia uma propriedade bem grande em cujo quintal, em vez de animais e plantas, havia um playground e que, em vez de uma casa, era uma escola. O imóvel era bastante grande, maior que a minha casa, tinha quatro andares, portanto pode-se dizer que era o mais parecido com um prédio que tínhamos ali. Em cada andar havia umas quatro salas. Eu estava no sexto ano e estudava no segundo andar. Para chegar até lá era uma boa caminhada, mas as aulas lúdicas e divertidas recompensavam o trajeto longo. A maioria dos pais trabalhava em cidades vizinhas ou não tinha como levar seus filhos, então uma perua passava para pegar as crianças. Mamãe achava que eu devia ir a pé e respirar fundo, porque isso era o mais próximo de exercício físico que eu fazia na época. Eu, particularmente, odiava ter que andar até lá, mas pelo menos Toni sempre ia comigo. Mesmo sendo um ano mais velho, acharam melhor colocá-lo na minha sala; isso porque ele estava com dificuldade em algumas matérias. E também ao que parece nossa escola estava um pouco mais atrasada que a dele, mas Toni não se recordava muito bem se já havia estudado o que estávamos estudando naquele momento.

Além disso, ele não era exatamente popular. Sim, ele tinha alguns amigos, mas andava apenas comigo, e, com isso em mente, Natália insistiu em arranjar um modo para que ficássemos na mesma sala. Nossa professora era Janaína, uma mulher morena e baixinha que vivia sorrindo e fazendo brincadeiras. Ela ficava um pouco perturbada com o fato de Toni quase nunca rir e passar a maior parte do tempo quieto em seu canto. E foi sobre isso que falamos numa manhã, enquanto íamos para a escola:

— Ela deve achar que eu tenho algum problema... — presumiu, dando de

ombros. No geral, Antônio não se importava muito com a opinião alheia, levando em conta que a maioria das pessoas não achava que ele era muito normal. Pedi para que Toni parasse de falar daquele jeito, porque não havia nada de errado com ele. — Não sou que nem você. Não vou fazer amizade com metade da escola e as pessoas não vão guardar lugar para mim na fila; nem dez pessoas devem saber meu nome — disse, enquanto ele ajeitava minha mochila nas costas.

Por mais que eu insistisse que não precisava, Toni fazia questão de levar tanto a minha mochila quanto a dele. Eu reclamava, mas, obviamente, aceitava a ajuda. Ele continuou:

— Só o que sei é que temos prova semana que vem e, se não for problema, podemos estudar na sua casa e fazermos de novo a lição de matemática para... — Antônio não chegou a terminar a frase porque nessa hora alguma coisa o atingiu pelas costas e ele caiu com tudo no chão, para a frente. Dei um grito, não enxergando direito por causa da luz do sol em meus olhos, e me abaixei para ajudá-lo a se levantar.

— Humm, minha mochila está toda estourada, acho que essa serve, não é?

Meu sangue ferveu quando reconheci a voz do infeliz do Marcos acima de nós. Levantei meu olhar e lá estava ele, de pé, com seus amigos idiotas ao seu redor, enquanto segurava a mochila de Toni e jogava todo o material no chão. Quando olhou em meus olhos, mandou um beijo na minha direção e eu, com raiva, mandei ele ir embora e falei para nos deixar em paz. Ele riu e ainda debochou:

— O que foi, querida, não quer que eu leve a dele? Ah, não por isso, eu levo a sua! Sem problemas...

Ele pegou minha mochila, contudo eu me levantei e dei um belo soco em sua barriga. Fuzilando-me com o olhar, Marcos deixou-a cair e agarrou meu pulso. Meus olhos se arregalaram e pensei que ele fosse me bater, mas, em vez disso, ele me encarou e disse que isso ia ter volta, depois foi embora. Outra vez me abaixei e Toni estava pegando suas coisas do chão. Quando olhei para ele, pude reparar que seus olhos estavam marejados.

— A sua agenda... Está meio suja, mas está inteira, toma. — Entreguei a Toni. Sem dizer uma palavra, ele pegou cada item do seu material e colocou de volta as canetas no estojo, os cadernos na mochila e a fechou. Ficamos os dois sentados no chão em silêncio, ele com a cabeça baixa e eu olhando para ele, pedindo aos céus para que ele não começasse a chorar. Tudo o que ele fez foi pegar sua mochila, levantar e pegar a minha logo depois.

Saiu andando e fiquei parada por alguns segundos, só pensando em como ele conseguia ser assim; como depois de ser humilhado ele conseguia só levantar e

ainda se importar em me ajudar com minhas coisas. Ele já estava mais a frente e corri atrás dele. Continuamos andando e chegamos à escola um pouco mais tarde do que deveríamos. Nem tivemos chance de explicar à professora que o atraso se deu devido a um imprevisto de 13 anos que se achava o máximo por derrubar as pessoas por aí. Ela não reclamou nem nos advertiu; só nos mandou sentar. Eu já estava indo para o meu lugar logo na frente quando vi que Toni estava indo lá para o fundo da sala. Ele sentou na última cadeira, encostado na parede, e colocou minha mochila em cima da cadeira ao lado de sua mesa. Fui até lá, sentei-me ao seu lado e pude observar que ele não fez nenhuma atividade a aula inteira; só ficou rabiscando o caderno, desenhando coisas sem sentido algum para mim. Depois de um tempo, apoiou-se sobre a mesa e cochilou. Tive que cutucá-lo para que acordasse na hora do intervalo.

O lanche era feito lá nos fundos do terreno, onde havia o tal playground e umas mesas grandes espalhadas. Tinha uma mangueira bastante alta, sob a qual ficava uma dessas mesas e onde ninguém costumava sentar, por medo de que uma das mangas da árvore caísse sobre sua cabeça. Os lanches eram gratuitos e ficavam dispostos sobre uma mesa maior que as outras. A regra era: pegue a comida e corra para achar uma mesa livre. Não precisei correr porque, depois de pegar dois sanduíches, um para mim e um para Toni, olhei em volta e vi que ele estava sentado debaixo da árvore que todos temiam, sozinho. Meu coração ficou apertado quando vi a cena. Eu odiava esse jeito antissocial dele, mas adorava sua companhia. Fui até lá, sentei-me em sua frente e entreguei o lanche a ele, que sorriu para mim pela primeira vez no dia e pegou o sanduíche. Observei o uniforme que ele vestia; igual ao meu, exceto pelo fato de que eu usava short saia, e ele, bermuda. Era uma blusa cinza de gola verde e mangas curtas com barra verde, e a bermuda igualmente verde. Na camisa, o bordado com o símbolo do colégio: um trevo verde de quatro folhas.

Comecei a comer, mas então chegou a queridíssima Viviane, que já não falava comigo havia algum tempo. Ela me chamou para sentar com ela e nossas outras amigas em comum. Não entendi muito bem o porquê desse convite assim do nada, porém peguei minha mochila e fui para a mesa mais longe de Toni, perto de onde estavam os lanches e sucos. “E por que exatamente me chamou para sentar aqui?”, perguntei enraivecida, sentada ao lado dela. Em vez de me responder, ela disse apenas que eu deveria agradecer. Não entendi porcaria nenhuma, só segui com o olhar a direção em que ela apontou com a cabeça. Meu coração disparou e desejei ardentemente a morte de algumas pessoas, porque a cena era a seguinte: Toni sentado tranquilo sob a árvore e Marcos, do outro lado do pátio, jogando futebol. Na hora em que eu olhei, ele estava cochichando com alguns amigos e, momentos depois, deu um chute superforte na bola, que saiu

voando e acertou com tudo a mesa debaixo da árvore, derrubando tudo o que havia sobre ela, em cima do garoto que estava sentado ali.

— Marcos, seu doente! — comecei a gritar. Cheia de raiva e, sem pensar em mais nada, larguei a mala e, ignorando Viviane, que gritava atrás de mim, fui até o meio do campo onde estavam Marcos e os meninos. Com a palma das mãos formigando, dei um tapa maravilhoso na cara dele. Incrédulo, Marcos olhava para mim e tocava sua bochecha. Eu estava tão furiosa que nem pensei em ir ver se Toni precisava de ajuda; estava concentrada demais em insultar e mandar para o inferno aquele infeliz.

Em vez de segurar de novo meus pulsos, ele fez algo que me deixou ainda mais furiosa: segurou minha cintura, disse “cale a boca, menina” e deu um beijo na minha boca. Cheia de nojo e vergonha, saí correndo em direção aonde estava Toni, e o encontrei sentado no chão, atrás da mesa tombada de lado. Estava a ponto de perguntar se ele estava bem quando chegaram dois garotos e, num gesto rápido, despejaram um balde de água sobre a cabeça dele. Seus olhos vidraram e ele abriu a boca sem dizer nada, mas parecia estar em pânico. Xinguei aqueles dois, peguei o balde e arremessei-o contra eles. A água respingou em mim e o chão estava ensopado, mas não me importei com isso. Ajoelhei-me e estiquei o braço para tocá-lo:

— Toni, você...

Ele repeliu meu toque.

Para minha amargura, Antônio estava chorando. Mas não um choro claro e repleto de soluços, bastante típico de mim; ele não fazia som nenhum, só deixava as lágrimas rolares. Toquei seu braço, mas ele se retraiu outra vez, fungou umas duas vezes e, enxugando as bochechas e os olhos, colocou a mesa no lugar e se levantou. Pegou o material e limpou o uniforme na medida do possível; em seguida, atravessou o terreno e entrou no prediozinho pela porta dos fundos para falar com a diretora. Segui-o até a sala da diretoria e confirmei a história. Inconformada, a diretora mandou chamar Marcos e deu um belo esculacho naquele arrogante. Dali em diante esse tipo de perturbação já não foi tão frequente na escola. Mas essa cisma que Marcos tinha com nós dois nos perseguia por todo lado. Ele não perdia uma oportunidade sequer de bater em Toni ou de tentar me beijar. Como eu odiava Marcos.



Toni completara 12 anos. Uma semana depois, numa tarde quente do fim de outubro, estávamos os dois no meu quintal, como sempre, catando pedras e tacando no morro, que era nosso modo de passar o tempo quando não havia nada

para fazer. Eu particularmente gostava dessas tardes em que ficávamos apenas jogando pedras sem falar nada, porque nos entendíamos sem palavras. Naquela manhã, quando estávamos na escola, eu e ele entramos na sala juntos, ele carregando meus cadernos e eu levava sua pasta, bem mais leve que a pilha de cadernos que eu tinha. Ao ver que levávamos o material um do outro, as pessoas da sala se mobilizaram em fazer aquele terrível som de zombaria e provocação: “Hummm”, diziam e olhavam para nós de forma maldosa, fazendo-me corar e deixando Toni envergonhado. Mandeí todos irem cuidar da própria vida e me sentei em meu lugar. Toni sentou-se ao meu lado e disse que eu não devia ligar para eles, que eram todos ridículos. Essa questão de estudarmos na mesma sala viria a ser um problema mais tarde; o que importa é que eu estava atirando pedrinhas com toda minha raiva acumulada por causa da manhã, lançando-as bem longe, lá no fundo da vala. Naquela tarde específica, nós dois, eu e Toni, os alvos eminentes, estávamos em paz quando Marcos e seus amigos patéticos começaram com as provocações que vinham se tornando costumeiras:

— E como vão você e sua amiguinha Carol?

Ah, como eu odiava o fato de ele me chamar de Carol! Por que não de Ana como todo mundo fazia? Virei meu rosto, ignorando-o.

— Ei, linda... Carol! Dá para falar comigo, menina? — Sua voz irritante começou calma e amorosa, mas, no fim, ele acabou gritando como sempre fazia. Continuei olhando para a frente, não me deixando intimidar. Mas então Marcos veio na minha direção, resolutivo, com o punho cerrado e uma expressão maliciosa no rosto. — Você é muito bonita, sabia? Pena que é uma chata. — Ele segurou meu braço e me virou de frente para ele.

E foi aí que a coisa ficou feia, porque Antônio entrou em cena, e com certeza eu não vou me esquecer de quando ele agarrou o braço de Marcos e o puxou para trás. Marcos estava prestes a me beijar e fiquei totalmente perturbada, debatendo-me, quando Toni o agarrou e o afastou de mim. Antônio jogou Marcos no chão e deu um soco em seu rosto com uma força que parecia não ser dele. Fiquei horrorizada, olhando para meu amigo parado em cima daquele imbecil, com o rosto vermelho e o suor pingando em sua testa. Que diabos estava acontecendo com aqueles dois?

— Cretino, eu vou te arrebentar! — ameaçou Marcos. No entanto, Toni pareceu estar pouco se importando com as palavras permeadas de ódio que foram direcionadas a ele. Deu de ombros, o que fez com que Marcos sentisse mais raiva ainda. Trincando os dentes ele gritou: — Você vai ver só!

Entrei em pânico quando outros meninos seguraram Toni pelos braços com força e o tiraram de cima de Marcos. Não antes que Toni desse mais dois socos no garoto, além de um belo chute.

— Parem, seus idiotas! Deixem-no em paz! — gritei, sabendo da inutilidade de meus berros, porque Marcos se ergueu do chão e foi na direção dele. Droga! Fui atrás dele, determinada a proteger meu amigo.

— Sai daqui, Carol, não vale a pena! — afirmou Toni, aceitando a surra que estava prestes a levar. Ah, mas eu não sairia dali de jeito nenhum. Ele tinha feito aquilo por mim e eu não iria deixá-lo!

Mas não houve nada que eu pudesse fazer porque assim que ele terminou sua frase, Marcos acertou-lhe um belo soco na boca. Vi o cuspe saindo com umas gotinhas de sangue e fiquei apavorada. Dei um safanão na cabeça de Marcos, que me empurrou para trás e continuou a bater em Antônio. Eu gritava, desesperada por ajuda, e até cheguei a pensar em chamar o pai de Toni, o que era uma grande imbecilidade, já que ele não agia de forma muito diferente com o filho. Por um momento olhei para Toni e percebi que ele não tinha expressão alguma em seu rosto. Como alguém que me conhecia havia apenas um ano, ou um pouco mais que isso, podia se submeter a tal tratamento por minha culpa e não se importar? Eu me odiei naquele momento de impotência.

— Qual seu problema? Você é maluco?! — gritei para Toni depois que eles foram embora e um garoto arquejante caiu de joelhos no chão. Quando olhou em meus olhos, parecia confuso e com dor. Confuso porque ele fizera aquilo para me defender e eu estava gritando com ele. E com dor, sim, muita dor com certeza. Mas foi naquele dia que descobri uma coisa que deixou meu coração apertado e nunca mais abandonou meus pensamentos: a tal coisa terrível que tinha acontecido e que mamãe ficara tão chocada em descobrir.

Ajoelhei a seu lado e peguei seu braço. Levantei a manga longa de sua camisa para ver qual foi o resultado dos socos que ele levou. Uma mancha roxa estava logo abaixo do ombro e aquilo precisaria de gelo, mas o que mais me chamou a atenção foi uma manchinha meio amarelada logo abaixo, seguida por outra perto do pulso, que deviam estar lá há duas ou três semanas.

— Que é isso no seu braço? — questionei e depois ergui a manga do outro braço, o esquerdo, em que também havia marcas. Olhei bem para seu rosto e vi um cortezinho na bochecha. Fiquei assustada e arregalando os olhos repeti: — Toni, quem bateu em você? — Ele simplesmente baixou a cabeça e fingiu que não ouviu minha pergunta. Continuamos os dois ali parados, ele de pé fitando o chão em minha frente e eu tentando descobrir o que estava acontecendo.

— Toni, por favor, me fala quem bateu em você! Fala para mim... eu prometo que não vou contar. — Ele continuava me ignorando. — Antônio, fala *agora*. Quem foi?

Fiquei muda esperando uma resposta. Meus olhos estavam marejados e eu tinha vontade de sacudi-lo até ele falar. Mas nem precisei porque, depois de me

olhar brevemente, ele se deixou cair no chão e começou a chorar. Fiquei parada de pé, em choque; com ele caído a meus pés, chorando abertamente, os ombros até mesmo sacudindo. Que porcaria eu fui fazer?

— Está bem, muito bem, calminha... — falei me ajoelhando com cuidado e envolvendo-o em meus braços, tentando não fazê-lo chorar mais. Antônio ficou ali, deixando que eu o abraçasse, mas sem retribuir o gesto. Gemeu de dor quando eu acidentalmente esbarrei num ponto dolorido em sua barriga, num dos vários lugares onde ele foi socado pelo boçal do Marcos. — Está tudo bem, entendeu? Não chore, Toni, está tudo bem, não precisa chorar. Quer me contar o que aconteceu? Se não quiser...

— Não — retorquiu ele com a voz rouca, fungando e enxugando os olhos e o nariz na manga da blusa comprida. — Eu... eu conto. — Os cabelos caíam no rosto e grudavam na testa suada; seus olhos estavam vermelhos e ele se desvencilhou de meu abraço. Sentei-me de frente para ele e esperei paciente e ansiosamente que ele começasse e terminasse logo com o que parecia ser uma longa história. Estava com medo do que vinha pela frente, mas parecia ser alguma coisa importante. Ele ergueu o rosto e respirou fundo. Fechou os olhos com força e começou a narrativa:

— Mamãe teve dois filhos. Eu fui o primeiro, o menino que meu pai tanto queria. — Sorriu com escárnio. — Ele... — Sua voz embargou — Ah, a mamãe disse que ele ficou tão feliz quando eu nasci. Depois disso, quando eu tinha dois anos, ela teve outro filho... ela... me deu um irmãozinho. E eu... eu adorava ter um irmão. — Ele soltou um soluço. — Eu jamais faria nada de ruim com ele, não é? — Fiz que sim com a cabeça, mantendo meu rosto sem expressão. Estava pasma.

— Um dia, bem, um dia nós estávamos na beira da piscina na casa dos meus avós brincando. Eu não lembro muito bem, tinha só quatro anos, mas... Eu lembro que meu pai estava sentado numa cadeira perto de nós, bebendo cerveja. Mamãe gritava o tempo todo para ele ficar de olho e... — Outro soluço. — Eu não sei, não sei direito o que aconteceu, mas eu só vi meu irmão na água, ele... — Mais um soluço. — Ele... Caiu. Ele caiu e eu gritei, eu gritei e eu tentei... Eu tentei puxar meu irmãozinho de dentro da água e tentei, mas eu não conseguia, ele era pesado e eu era fraco.

Antônio respirou fundo.

— Meu pai começou a gritar, sabe, ele gritava e chamava minha mãe... Ele disse para ela que eu joguei meu irmão na piscina, mas eu não lembro! — disse Toni, olhando para mim com um cansaço visível em seus olhos. Meu coração se esmigalhou ao ouvir isso. — Posso mesmo ter jogado ele, pelo menos é o que papai disse para minha mãe e para todo mundo, ele... pensa que não ouvi quando

ele falou que eu fiz isso por ciúmes, mas eu ouvi. — Antônio começou a chorar sem reprimir a angústia que estava sentindo. Eu o abracei outra vez e agora ele retribuiu, agarrando-se a mim como se, de repente, eu pudesse escorregar para o fundo de uma piscina...

— Você sabe que eu jamais faria isso, não sabe? Por favor, Carol, você acredita em mim quando digo que não fiz isso, não é? — Fiz que sim veementemente com a cabeça. — Minha mãe... Ah, coitada. Ela chorou, chorou tanto. Quando fui abraçá-la, meu pai me empurrou e disse que eu não tinha direito de fazer isso com ela, mas nem sei o que fiz e se fiz mesmo! — Ele olhou para baixo. — Quando me viu segurando meu irmão, mamãe correu para pegá-lo e acho que ela esbarrou em mim e eu caí na água. Mas me deixaram na piscina, gritando desesperado, enquanto mamãe chorava, e eu não entendia o que estava acontecendo e a... água entrava na minha boca, não dava para respirar. Alguém me tirou da piscina, mas não foi meu pai. Todo mundo foi ver o que estava acontecendo e acreditaram no que meu pai contou. Mas eu não me lembro. Não lembro direito, então às vezes eu acho que é verdade. Só que eu sei que nunca faria nada assim, eu nem sei o que pensar... — Ele balançou a cabeça e seu desamparo rasgava minha alma. Acaricieei seu braço e sussurrei que nada daquilo era culpa dele. Passamos um bom tempo em silêncio, até ele se acalmar o suficiente para continuar.

— Eu sinto muito por isso, Toni, você nem faz ideia de quanto... — falei, ainda acariciando seu braço. — Então acho que quem bateu, ou melhor, bate em você é seu...

Ele suspirou em resposta; sim, era isso mesmo. Era óbvio. Antônio nem precisava dizer nada, mas murmurou:

— São as pessoas mais próximas de nós que nos machucam mais. — Dito isso, ele se levantou, enxugou o rosto e fungou algumas vezes. Depois seguiu rumo à própria casa. Eu não falei nada enquanto andávamos, mas continuava ao lado dele. A campainha foi tocada e a porta se entreabriu. Olhos acusadores nos fitaram pelo vão da porta, e Fernando abriu-a para que o filho entrasse, como uma ovelha entrando no matadouro.

Toni entrou em casa, deixando-me ali com nada mais que aquela frase no lugar de uma resposta. Fiquei mais cinco minutos parada na porta fechada e uma única frase berrada dentro da casa me ajudou a conectar tudo: “Menino idiota, de novo com aquela mimada? Mandeí ficar em casa, não foi? Sua peste!”. Meu Deus do céu. Todos aqueles machucados, claro. Todas as broncas, o jeito grosseiro, o modo como Antônio se agarrava à mãe e ela nem ligava. O jeito como ele a abraçava sem que ela retribuísse, o modo aparentemente amoroso como o pai falava com ele, mas sempre parecendo encenação. O jeito

perturbador como o pai segurava seu braço, como o xingava descaradamente. Claro! Meu Deus do céu... Corri para casa à beira de um colapso, tentando entender, digerir tudo isso. Eram memórias quebradas, um coração ferido e sentimentos confusos, tudo ligado num emaranhado de mentiras, segredos e culpa. Mas uma certeza terrível e atormentadora se apossou de mim: não foi Toni quem fez isso. Ele jamais faria algo assim, e isso para mim era tão certo e palpável quanto o cobertor que me envolvia em minha cama. Mas se não fora ele, então quem...?

Antônio

Essa tortura com meu pai vem desde meus cinco anos, mas de maneira velada. Quando eu completei 11 anos, ele começou a me bater. Claro, eu não me lembro direito daquilo que aconteceu na piscina, mas as imagens e os gritos ficarão para sempre em minha memória. Minha mãe quase surtou quando meu pai me bateu pela primeira vez, porque ela era terminantemente contra a correção física, no entanto eu sabia, e ela também, que lá no fundo ela queria que ele fizesse aquilo, porque realmente acreditou no meu pai quando ele disse que eu afoguei meu irmão por ciúme. Negando esse sentimento obscuro, minha mãe começou a gritar e espernear dizendo que ele era um monstro e que não sabia como ele era capaz de fazer algo assim, mas eu mesmo não fiz nada. Simplesmente não consegui porque, de certa forma, eu acreditava nele. Acreditava que merecia aquilo. Foi o mesmo motivo pelo qual aceitei que os garotos me batessem na frente de Carol no morro, porque eu merecia aquilo, pelo meu irmão, pelo que fiz com ele. Pelo que me lembrava, ele simplesmente caiu, mas depois de ouvir tanto que eu o joguei, comecei a acreditar nisso.

Na primeira vez em que meu pai me surrou, eu estava em casa assistindo televisão. Aliás, nossa casa era uma das únicas que tinha uma TV, porque trouxemos do nosso sobrado na cidade. Enfim, eu estava assistindo televisão quando meu pai chegou de Deus sabe onde. Ele estava trabalhando naquela época, havia arranjado um emprego na cidade vizinha com o pai de Carol, mas naquele dia ele obviamente não vinha do trabalho. Posso afirmar isso porque era visível que não estava sóbrio.

— O que é que você está olhando, mulher? — perguntou para minha mãe, que, na verdade, olhou com o maior desprezo do mundo para ele quando passou da porta. — Isso é culpa sua, sabia? Tudo isso. Se não tivesse me feito sair da minha casa e vir para esse buraco, com certeza as coisas não seriam assim.

Era ridículo o modo como ele culpava constantemente minha mãe por todo o fracasso da vida dele. Tudo o que dava errado era culpa da minha mãe de acordo com aquela cabeça doentia. Meu pai jogou a chave do carro no sofá e começou a

gritar, do nada, sem maiores explicações. Quando mamãe tentou argumentar, ele deu um soco tão forte na porta que o lugar atingido na madeira quebrou em lascas.

— Sua cretina! Fica se fazendo de vítima e é isso que você ensina para esse moleque, que o pai está sempre errado, que você está sempre certa. Cretina!

Fiquei louco quando ele xingou minha mãe e tive a estúpida ideia de defendê-la, mas mal tive tempo de me dar conta do meu erro.

— Não fale assim com minha mãe, seu bêbado!

Eu devia ter saído correndo, contudo só consegui ficar parado. Meu pai virou o rosto e me olhou como se eu tivesse esfaqueado suas costas. Então, numa fração de segundo, eu me vi caído no chão com uma dor terrível percorrendo meu rosto, a partir da bochecha direita. Eu não queria, mas foi inevitável: comecei a chorar em silêncio, no chão da sala. Ele nunca tinha me batido.

— O que você pensa que está fazendo, seu monstro? — foi o grito da minha mãe, mas eu já não estava mais ouvindo, porque tinha me levantado do chão, ainda meio em transe por causa do choque, saí correndo e passei pela porta da frente. Atravessei a estrada e continuei a correr, sem saber exatamente para onde estava indo. Meu arrependimento amargo me fez desejar ter ficado quieto, e como aquilo se tornaria mais corriqueiro do que eu podia imaginar, eu teria outras oportunidades para ficar em silêncio. Silêncio seria a palavra de ordem. Sofra em silêncio, chore em silêncio, apanhe em silêncio. E não faça absolutamente nada, não conteste, nem revide, nem fale nada. Abaixar a cabeça e aceitar, é tudo o que resta.

Exceto pelo dia em que o ameacei, dizendo que ele nunca mais iria nos ver e que eu chamaria a polícia. Quando me dei conta, estava sentado embaixo da árvore do quintal da Carol, chorando. E nem percebi quando ela chegou atrás de mim e sentou-se ao meu lado, como sempre costumava fazer, e me perguntou baixinho por que eu estava chorando. Não respondi, porque não conseguia dizer nada. Eu sabia que a partir daquele dia nada seria igual e desejei que tudo continuasse sendo como antes: eu no meu canto e meu pai no dele. Preferia mil vezes quando ele não notava a minha presença do que agora, porque infelizmente ele começaria a me notar muito mais quando estivesse a fim de bater em alguma coisa ou de despejar uma série de palavras indelicadas na cara de alguém.

— O que foi, Toni? O que aconteceu? Você está chorando... — repetiu Carol, e tratei de esconder meu rosto para que ela não visse a marca de mão que pulsava na minha cara. Comecei a usar camisas compridas também para esconder meus braços e deixei o cabelo crescer para cobrir o rosto. Quando falei por fim foi um fútil comentário sobre o tempo e ela bufou decepcionada por

perceber que eu estava mudando de assunto. Achei que seria melhor assim, que seria melhor guardar esse segredo, porque, na cabeça de Ana, um pai e uma mãe eram as pessoas que te protegiam e liam histórias para você; não eram pessoas que se temia. Continuaria mentindo para Carol até o último minuto. Por isso sugeri que tacássemos pedrinhas em silêncio, só sentindo o vento bater em nosso rosto.

Durante alguns meses sustentei minha mentira, porém só até Marcos chegar à cidade. Um moleque um pouco mais velho que eu, mas desagradável e que se achava muito superior. Eu aposto que ele não sabia nem soletrar o próprio nome. Nunca vi aquele cara estudando na escola, mas fazendo muitas outras coisas. Sempre estava lá, andando pela estrada com seus seguidores que iam atrás dele aonde quer que fosse. Não fui com a cara dele pelo simples fato de ser arrogante, e menos ainda porque, quando ele pôs os olhos na Carol, não tirou mais. E mais ainda porque ela era minha Carol, minha amiga e minha companheira, e eu não ia deixar aquele paspalho colocar as mãos nela. Foi por isso que, quando nós estávamos no morro jogando pedras e ele chegou perto e segurou o braço dela, eu não pensei duas vezes antes de pegá-lo pelo braço e jogá-lo no chão. Dei um soco bem dado no meio da cara de Marcos, mas não fiz muito mais que isso porque me seguraram e foi a minha hora de apanhar.

O que mais me doeu foi ver a cara de desespero de Carol. Ela parecia não acreditar que eu tinha feito aquilo, o que confesso, foi uma burrice, já que eu era um e eles eram seis. Por isso quando Carol se cansou de socar as costas de Marcos e eu finalmente caí no chão, ela veio correndo até mim e abaixou ao meu lado, chamando-me de maluco e berrando comigo. Mas aí ela segurou meu braço e começou a levantar a manga da minha blusa, o que me deixou em pânico, porque eu não queria de jeito nenhum que ela visse as marcas, mas não havia o que fazer, não podia só mandá-la me soltar. Ela levantou a manga até meu ombro e virei a cabeça para não ver sua reação, que não foi das melhores. Ana arregalou os olhos e perguntou: “Quem bateu em você?”. Ela perguntou isso umas cinco vezes, mas não respondi nenhuma delas. Depois de Carol insistir muito, acabei contando. Sobre meu irmão. Então antes de ir para casa eu sussurrei a ela: “São as pessoas mais próximas de nós que nos machucam mais”. E ela entendeu, eu sei que entendeu, pude ver em seus olhos.

Festas e frustrações



Ana Carolina

Fevereiro chegou outra vez. No meu aniversário de 12 anos, meus pais organizaram uma festa, algo que não foi tão surpreendente porque, em geral, meus pais eram muito festeiros. Estávamos no verão, portanto o dia começou já bastante quente, com o sol castigando-nos, mas proporcionando um clima adequado para montar uma piscina de 40 mil litros que tínhamos guardada em nosso porão. Eu adorava a piscina, pois foi nela que meus pais me ensinaram a nadar. Quando mamãe e papai começaram a levar a estrutura para a lateral oeste do terreno, ao lado do canteiro de flores, eu fiquei histérica e ansiosa por poder me refrescar nela. Mas olhei para o outro lado da estrada e uma coisa me ocorreu: um dos meus convidados provavelmente surtaria se visse a piscina, e não num bom sentido. Droga. Aquilo que ele me contara no ano anterior ainda estava fresco em minha mente, e sempre estaria. Não contei aos meus pais porque achava que, se Toni havia confiado isso a mim, pelo visto não gostaria que eu compartilhasse com metade do mundo. Papai estava montando a estrutura, e o calor o fazia suar; eu usava um vestidinho amarelo curto e leve, além de chinelos e um boné, pois o sol forte sempre me causava dores de cabeça. Ajoelhei ao lado de meu pai e perguntei, tentando ser convincente:

— Pai, você acha que é uma boa ideia montar a piscina? Quer dizer, tem nossos primos pequenos e acho que eles não sabem nadar e pode ser que eles não queiram entrar na piscina, ou então alguém pode jogar muita água para fora, sabe eu acho que pode... — Contudo parei de falar freneticamente quando percebi que meu pai tinha parado a montagem e estava olhando para mim com o cenho franzido.

— Mas que história é essa agora, Ana? Você adora a piscina e todos os seus primos sabem nadar. Ora, se alguém não quiser se molhar, então que fique lá dentro. O que deu em você? — Baixei a cabeça, tentando evitar responder. Realmente meus argumentos eram furados e, se eu não tomasse cuidado, podia acabar dando com a língua nos dentes. — Ana, o que foi?

— Esquece, não é... Nada de importante, foi mal, pode continuar. Você, você aceita um suco ou alguma coisa? Eu trago para você. — Não esperei meu pai responder e entrei correndo pela porta dos fundos na cozinha.

Abri a geladeira e revirei as jarras e garrafas procurando alguma coisa suficientemente gelada e de que meu pai gostasse. Por mais que tivéssemos muitas árvores frutíferas no quintal, papai gostava apenas de suco de laranja. Achei uma jarra quase no fim, coloquei no copo e peguei cubos de gelo no congelador. Estava quase saindo da cozinha quando dei de cara com minha mãe me chamando para experimentar a roupa que eu usaria mais tarde. Deixei o copo de suco no balcão da pia; papai teria de ir buscá-lo.

Subi a escada com mamãe e fomos para o meu quarto, onde Marli esperava com alguma coisa nas mãos. Era um biquíni rosa-shocking que eu colocaria para nadar. Desanimada, peguei um roupão e fui para o banheiro, onde me joguei numa banheira cheia de espuma. Depois me enxaguei e voltei para o quarto para me trocar. Vesti uma blusa amarela e uma saia azul de bolinhas, sequei os cabelos, sentei-me diante da penteadeira e Marli começou a penteá-los para mim. Com uma escova grossa e passando cremes em meus cabelos, ela escovou pacientemente cada mecha até desembaraçar cada uma delas.

— Marli, você... — Eu tinha que falar com alguém, então que fosse com ela, que era a pessoa com quem tinha mais intimidade em minha casa. Brinquei com uma mecha mais curta do cabelo, enrolando-a entre os dedos. — Se você soubesse que sua amiga tem um problema, e você estivesse prestes a fazer uma coisa que iria magoá-la ou faria mal a ela, o que você faria?

— Mas que pergunta, menina! — exclamou ela, largando meus cabelos e me fitando seriamente pelo espelho da penteadeira. — É claro que eu não faria algo que a magoaria. Mas de quem estamos falando e o que é que você está prestes a fazer?

Como ela sabia que eu estava falando de mim? Baixei os olhos e evitei responder. Lancei outra pergunta no ar:

— E se você soubesse de uma coisa, um segredo... Uma coisa que seria melhor que ninguém ficasse sabendo, mas que, sei lá, se você contasse, quem sabe alguém poderia ajudar essa sua amiga... Você contaria para alguém? — Ergui o olhar e vi que Marli estava com a expressão séria, ainda me fitando pelo espelho. Virei-me para ficar de frente para ela, que largara a escova na mesa e se agachou à minha frente, na altura dos meus olhos.

— Aconteceu alguma coisa, Ana? Porque, se aconteceu, você pode me contar. Já faz quatro meses que você está agindo de forma estranha e seus pais estão começando a ficar preocupados. Pode me falar. O que foi? — Sua voz era terna e eu realmente estava disposta a contar o segredo a Marli, confiando que ela não espalharia isso.

— Bem, é que... — comecei a dizer, mas não cheguei a terminar, porque mamãe entrou no quarto escancarando a porta e me chamou para cumprimentar

meus tios que tinham acabado de chegar. Ela nem percebeu a troca de olhares de cumplicidade entre mim e Marli, que me olhava como se dissesse que deveríamos conversar mais tarde. As asas de fada que mamãe fez para mim e o vestido multicolorido seriam colocados mais tarde, na hora do parabéns. Por baixo da blusa e da saia jeans, eu estava com um biquíni.

Desci a escada e me deparei com uma grande quantidade de tios e tias me esperando de braços abertos e sorridentes. Minha mãe chamou os parentes distantes e todos compareceram. Distantes deve não ser a palavra certa. Na verdade, todos os nossos parentes, não importa de qual grau fossem, moravam em cidades próximas a nossa, senão na mesma, então “distantes” se refere ao grau de parentesco, e não de fato a distância que eles moravam de nós. Compareceram minha avó, meus tios, meu avô, tias, primos, primas, enfim, todos. Começaram a chegar por volta das quatro da tarde, comentando como eu havia crescido e como estava mais bonita; trouxeram presentes em embrulhos coloridos que eu tentava adivinhar o que seriam antes de tirá-los das caixas. Minhas primas me imploraram para que fosse com elas até a piscina mais tarde, mas eu tomara uma decisão, pensando no que Marli havia me dito: eu sabia que Toni não iria entrar na água e ficaria constrangido vendo todos se divertindo menos ele; então meu plano era não entrar na piscina. Ficaria morrendo de vontade, é verdade, mas eu não queria magoá-lo.

Os empregados começaram a servir a comida e comi bolinhas de queijo e sanduíches de carne louca, preparados excepcionalmente por Isis, uma das empregadas, que era uma cozinheira talentosíssima. Era casada com Gabriel, que sempre ajudava meu pai quando ele viajava para Araraquara a trabalho. Gabriel e Isis eram os pais do menininho de dois anos sobre quem já comentei. Bom, os presentes continuavam sendo entregues, e eu ia colocando-os em pilhas no canto da sala de estar, até que me chamou a atenção, dentre os outros, uma embalagem roxa e verde com uma borboleta desenhada em canetinha na ponta esquerda superior. Junto estava uma carta com letra cursiva dizendo:

Carol, acho que vou me atrasar para o seu aniversário. Parabéns pelo seu dia. Estou feliz por você. Feliz aniversário!

Antônio

— Mãe, quando deixaram isso aqui? — perguntei cutucando-a até ela me ouvir, já que estava muito entretida conversando com uma prima. Ela virou-se para mim e, ao ver o embrulho em minhas mãos, respondeu:

— Ah, querida, o Antônio esteve aqui mais cedo, quando você estava no banho, e deixou esse pacote na mesa de jantar. Disse que provavelmente ia demorar para chegar, mas deve vir daqui a pouco. Vai brincar lá fora, nade um pouco que ele logo vai aparecer. — E me dispensou com um sorriso e retomou

sua conversa sobre o mais novo membro da família que estava a caminho.

Abri o embrulho e lá dentro havia um livro de capa em relevo e emborrachada, o estilo que eu adorava. Antônio sabia o tanto que eu amava ler e isso me fez sorrir. Era um livro de aventuras, que contava a história de um menino e uma menina que foram atrás de um baú que guardava as joias de seus pais, mas havia sido pego por criminosos, que roubaram as joias e as mantinham em outro país. Era um livro sensacional com umas boas trezentas e sessenta páginas que eu tinha certeza de que devoraria em menos de uma semana. Mas o que tornava o presente ainda mais especial é que fora Toni quem me dera. Ele tinha cuidado de fazer um lindo embrulho, escolhera um livro que achou que me agradaria, e ainda tinha escrito um bilhete. As pessoas conhecidas da vizinhança e meus parentes andavam pela casa, entregando-me presentes e dando os parabéns, mas a única coisa que eu queria, a única pessoa que eu desejava que estivesse ali não pôde comparecer. Por causa de problemas que tinha de resolver. Olhei para o relógio e já eram quase seis horas. Os salgados estavam sendo servidos há duas horas e a noite começava a cair.

Então fiz algo de que me arrependeria horas mais tarde, mas que na hora pensei ser uma ideia brilhante. Com o livro ainda nas mãos, os chinelos brancos nos pés, a roupa ainda seca como continuaria a noite toda, eu saí de casa sorrateiramente, embrenhando-me no meio de um monte de pessoas, e passei pela porta dos fundos. Dei a volta pelo caminho de árvores e virei na direção do cercado de animais. Em seguida, atravessei a estrada e sem fazer barulho entrei pela portinha de madeira da propriedade da família de Antônio. Toquei a campainha. Maldito erro, pois quem atendeu foi o gentilíssimo Fernando, com cara de quem tinha acabado de ser arrancado do sono, e me olhou de cima a baixo e perguntou grosseiramente:

— O que você quer, garota?

Meu sangue fervia de raiva quando ele me chamava de “garota”, como se estivesse tentando me insultar, apesar de eu ser a melhor amiga de seu filho.

Mesmo sendo o ser abominável que era, Fernando não costumava me chamar assim. Mas não era ele, pensei depois; ele estava alterado e era visível. Devia estar bebendo, e não dormindo como eu achei. Tentei falar, perguntar onde estava Antônio, mas fiquei muda. E igualmente calada fiquei quando ele arrancou o livro da minha mão e perguntou:

— E que droga é essa? É nisso que aquele moleque gastou meu dinheiro?

Entre em pânico quando ele abriu o livro na primeira página e deliberadamente a arrancou. Dei um grito mandando que parasse. Ele riu e simplesmente jogou o livro no chão.

— Seu... Ridículo! O que te faz pensar que pode fazer isso? — gritei. Meus

olhos estavam semicerrados e meus dentes rangiam. Eu estava tremendo de raiva e ele se curvou na minha frente, olhando em meus olhos de forma ameaçadora.

— O que disse, menina? Do que me chamou? — Fernando segurou meu braço apertando com força e eu mandei que me largasse. Ele me soltou e deu uma risadinha cínica como se eu fosse uma grande idiota. Fulminante e sem me importar com o que viria depois, esbravejei:

— Não ouviu? Eu te chamei de ridículo. Vai fazer o quê? Vai me jogar numa piscina? — perguntei erguendo uma sobrancelha, olhando no fundo de seus olhos sombrios.

Ele pareceu surpreso com meu comentário e abriu a boca para falar alguma coisa, com as sobrancelhas arqueando-se numa expressão de ódio. Ele estava prestes a falar quando ouvi alguém me chamando na porta de casa. Olhamos e era Marli, acenando freneticamente para mim, que corri até ela depois de pegar o livro no chão, deixando-o lá parado.

— O que te passou pela cabeça, sua louca? — Quis saber Marli, segurando meu braço e me levando para dentro de casa. Ela me arrastou até a lateral da escada, machucando um pouco meu braço. — Seus pais me perguntam por você, aí eu vou te procurar e onde é que você está? Batendo boca com aquele lunático! Não quero mais que faça isso, ouviu? Não fale mais com aquele sujeito.

Olhei envergonhada para Marli e assenti.

Logo em seguida corri para meu quarto, ignorando as pessoas que me chamavam. Joguei-me na cama e respirei fundo. Estava assustada e com medo, arrependida pelo que dissera. “Vai me jogar na piscina?” Dez minutos depois, talvez, ouvi a campainha tocar. Não fui ver quem era porque estava sem vontade, mas alguma coisa me disse quem deveria ser. O livro estava sobre a penteadeira e eu colara a página rasgada com fita adesiva no lugar de onde nunca devia ter saído. Alisei a página com cuidado e limpei a terra que sujara a capa nova do meu livro. Ouvi os passos subindo as escadas e, pensando que era meu pai me pedindo para descer, fui até a porta e a abri, frustrada, já com um discurso cansado nos lábios. Mas não era meu pai. Era Antônio. Quando o vi, fiquei tão aliviada que o abracei.

— Sabe, geralmente as pessoas recebem os seus convidados. O que você está fazendo aqui? — Toni me abraçou bem forte e disse que estava feliz por mim e falou mil vezes “feliz aniversário”. Em seguida, sentou-se na minha cama e deu uma olhada no quarto.

Então seus olhos pousaram sobre o livro em cima da minha penteadeira. Antônio viu a fita adesiva grudada na primeira página e me encarou com tristeza. É óbvio que ele sabia que tinha sido seu pai e, em seguida, baixou a cabeça frustrado. Eu tinha feito besteira, sabia disso, e me senti muito culpada. Peguei o

puff, coloquei-o na frente de Antônio e sentei-me. Segurei suas mãos e falei:

— Desculpe-me, eu fui a sua casa. Eu sei que não devia ter ido, então, por favor, perdoe-me. Acho que eu... Acho que eu disse algumas coisas que não devia ter dito, mas está tudo bem, não é? — Não estava mesmo, porque Antônio me olhou como se eu o tivesse magoado muito. — Ah, vai, Toni, não foi nada demais, só uma página e eu já coleí. Não foi nada demais, dá para ler normalmente, eu...

— Merda, Carol! Não tem nada a ver com o livro!

Fiquei assustada e frustrada, pois o hábito de falar palavrões vinha se incorporando a cada dia mais nele, que se levantou bruscamente e começou a andar pelo quarto bufando. Continuei sentada de costas para ele, com a cabeça baixa.

— Eu disse que ia demorar, mas que vinha, então por que você não esperou? Era só para ficar aqui e me esperar, mas aí você resolve ir lá! E se te acontecesse alguma coisa? — Antônio parecia realmente bravo, os olhos vermelhos, passando a mão pelos cabelos e estalando os nós dos dedos das mãos trêmulas.

— Como é? — Fiquei horrorizada. Ele acabava de supor que seu pai poderia fazer mal a mim. Às vezes parecia um pouco de exagero o modo como ele falava do pai: um ser monstruoso e cruel, mas, dessa vez, eu tinha de concordar. Lembrei-me do olhar de ódio que Fernando lançou em mim e estremeci, baixando o olhar. Toni foi até onde eu estava:

— Desculpa — pediu e foi me abraçando. — Desculpe-me, fui grosseiro, foi mal, mas não faça mais isso, está bem? Não vá mais até lá sem que eu esteja junto ou pelo menos não diga... O que foi mesmo que você disse para ele? — indagou, soltando-me e me olhando de forma inquisidora.

Em baixa voz contei o que disse e Toni ficou parado, de queixo caído, encarando-me. Pensei que ele fosse gritar ou falar mais algum palavrão, mas, em vez disso, suspirou e sentou na cama outra vez.

— Acha que foi ele?

Ergui a cabeça e olhei em seus olhos. Acenei afirmativamente e disse:

— Sim, eu acho.

Antônio não falou nada, apenas concordou com um meneio de cabeça. Ele me ofereceu a mão quando fui me levantar e íamos descer para a sala, como se tudo estivesse bem. Mas não, quando ele dizia que estava tudo bem é porque não estava nada bem. Nunca estava, e as coisas só tendiam a piorar para sua família.

— Ah, só mais uma coisa: a piscina lá embaixo... Não é obrigatório entrar nela, não é? — perguntou receoso.

Eu ri e disse que não, que se ele não fosse entrar, eu também não iria.

— Mas é seu aniversário, não é justo. Se quiser nadar, pode ir numa boa que

eu não ligo. — Toni estava começando a desatar a falar. Tive de apagar a luz do quarto e levá-lo para a escada para que ficasse quieto.

Nós descemos a escada e eu fui comer docinhos e tomar refrigerante ao lado da pessoa com quem realmente me importava. Fiquei admirada, muito mesmo, em perceber como Antônio era um bom ator. Excelente, na verdade, porque conseguia driblar todas as perguntas indesejadas e todos os olhares que lançavam nas marcas em seus braços ou no rosto com conversa mole e que envolvia os ouvintes. Por pior que ele estivesse se sentindo, pois eu sei que ele estava mal, estampava um sorriso na cara e ria da maneira mais convincente possível.

— Vamos subir, querida — cochichou mamãe em meu ouvido às oito da noite. Subi as escadas dois degraus por vez e ela ficou louca com isso. Fui para meu quarto e mamãe me ajudou a colocar o vestido e a prender as asas de fada nas costas. O cabelo continuou como estava, mas ela pegou um gloss seu e me deixou passar nos lábios. Mamãe estava toda sorridente, dizendo-me que eu estava maravilhosamente linda. Apesar de ainda estar um pouco chateada pelo que aconteceu mais cedo, Marli, parada na porta do quarto, sorriu para mim e concordou com minha mãe. Ela desceu as escadas na frente e disse para todos que a aniversariante estava chegando. Todos riram e assoviaram quando apareci na sala, meu vestido ondulando em camadas de tecido colorido, enquanto eu avançava pelos degraus. Olhei para o pé da escada e encontrei quem eu queria sentado numa cadeira com um copo de refrigerante nas mãos. Ele sorriu ao me ver e eu sorri de volta. Fui para a mesa de jantar, na qual estava o bolo de dois andares. As pessoas entoavam os parabéns para mim, mas meus ouvidos estavam desligados. Eu só sorria como boba e olhava para ele, e então eu me dei conta de que sim, ele era mais que um amigo para mim. Sim, eu gostava dele, gostava *mesmo*.

Antônio

O aniversário da Carol foi incrível. Sempre era, porque seus pais não mediam esforços para fazer uma festa que agradasse a filha. Já o meu aniversário de 13 anos, em outubro daquele mesmo ano, foi realmente *inesquecível*, contudo num mal sentido. Eu estava determinado a passar aquele dia com Carol, longe de casa e de todo mundo, porém minha mãe teve a infeliz ideia de me fazer uma festa, o que, claro, desagradou meu pai mais que de costume. “Gastar grana para fazer uma festa para esse menino mal-educado e suas vizinhas idiotas? Gastar a minha grana para encher a barriga de um monte de gente faminta que gasta o dinheiro com porcaria? Nem pense nisso, sua louca!”. Já fazia dois anos que ele se comportava daquele jeito e nós estávamos relativamente acostumados. Quanto a mim, não havia muita diferença, a não ser pelo fato de que as agressões se

tornaram frequentes. Mas minha mãe estava irreconhecível. Toda a empolgação e a alegria que ela sempre tinha foram substituídas pelo medo do marido. Eu falei diversas vezes para ela chamar a polícia e acabar logo com aquilo, entretanto ela insistia que não, que o papai merecia uma segunda chance. Segunda, terceira, quarta, quinta... E quando ele disse que não queria festa, mamãe baixou a cabeça e o assunto morreu.

— Eu sei que semana que vem é seu aniversário e pode acreditar que nós vamos fazer alguma coisa especial! — garantiu Carol naquele dia mais tarde, quando estávamos lá no morro e, para minha surpresa, ela abraçou meu braço. Carol estava agindo diferente desde o aniversário dela, mas eu não conseguia imaginar o motivo. Eu sabia que ela queria me dar uma festa, o que seria uma tragédia, já que meu pai não tinha deixado fazer uma festa e odiaria que fizessem alguma. “Caridade”, ele diria. “Fazem isso por caridade, como se fôssemos pobres coitados que não têm dinheiro para fazer uma festa. Imbecis.”

— Bom, se você não quiser festa, nós podemos pelo menos fazer algo diferente. Passear, sei lá.

— Não seria uma má ideia, mas se você quiser me dar uma festa, pode dar.

Eu sabia que estava colocando uma corda no meu pescoço com aquelas palavras, mas não estava nem aí, porque era o meu aniversário, e a raiva incontida do meu pai não podia tirar tudo o que era importante para mim. E Carol era mais importante que a frustração sem motivos aparentes dele. E achei que valeria a pena só pelo brilho nos olhos castanhos daquela menina incrível que era minha melhor amiga. Ela me abraçou jurando que ia fazer a melhor festa do mundo para mim, que eu não ia me arrepender, o que não era verdade, e que seria inesquecível. E seria mesmo, mas não pelos motivos habituais. Ela me arrastou para sua casa e, sentados à mesa com Marli, fizemos uma lista de todas as coisas que eu queria no meu aniversário, que seria realizado na casa deles. “Mãe, por favor,” foi o que eu disse para ela de noite. “Não conte para o papai. Você sabe o que ele vai dizer quando souber, e ele *vai* saber.” Ela jurou que ficaria quieta e que compareceria.

Ana Carolina não me deixou ver nada nem ajudar com a decoração. Tudo o que pude fazer foi uma lista das coisas de que gostava para ela escolher um tema e decorar a casa. Passei a semana seguinte inteira proibido de ir até lá e seus pais eram seus cúmplices. No dia do meu aniversário, acordei sem a menor vontade de sair da cama e passei uma hora deitado lá, olhando os pôsteres na parede. Então levantei e fui até a cozinha onde, para minha surpresa, minha mãe me esperava com um bolo de chocolate recheado para que nós dois cantássemos parabéns. Meu sorriso murchou quando vi que meu pai também estava lá, mas, ao me ver, ele levantou, deu um “tapa carinhoso” nas minhas costas e disse um

quase inaudível parabéns. Comi o bolo apenas com minha mãe, e passamos o restante do dia em silêncio, nervosos, sem falar com meu pai.

— O que deu nos dois? Que droga vocês fizeram ou pretendem fazer? — perguntou ele quando percebeu nosso comportamento estranho, mas não respondemos e fui para meu quarto me arrumar, sem falar nada. Carol havia me dito para ir com uma roupa normal, uma que eu usaria em uma festa. Arrumei-me, desci as escadas e atravessei a estrada em direção à minha festa.

Quando cheguei, estranhei o fato de não ouvir nada nem pessoas andando de um lado para o outro; nem música. Mas qual não foi minha surpresa quando abri a porta da frente, acendi a luz da sala e descobri umas cinquenta pessoas amontoadas na sala, gritando “parabéns!” num verdadeiro coro.

— Meu Deus, Carol! — falei meio sem jeito. A sala estava completamente decorada e o tema era bastante óbvio: mar. Mais precisamente *Herdeiros do Mar*. Havia pôsteres de navios em todos os lados, os copos tinham adesivos de barcos, e ela pôs um papel azul na frente dos abajures da sala, dando a impressão de estarmos em baixo d’água. Carol estava radiante, rindo com a minha expressão abobalhada. Veio me abraçar e ficou nisso por um bom tempo, depois sussurrou no meu ouvido:

— Feliz aniversário, Toni. Obrigada por me deixar te dar uma festa — falou sorrindo com seu rostinho de boneca de porcelana.

— Obrigado digo eu, Carol! É o melhor aniversário que eu já tive.

E era mesmo porque, na minha antiga casa, meus aniversários consistiam num bolo com minha mãe, meu pai e minha avó, sem nenhum tipo de decoração, a não ser por algumas bexigas de gás hélio presas numa cadeira.

— Pessoal! — gritou Carol, enquanto se desvencilhava de mim. Em seguida, ela subiu em uma cadeira, o que dava a ela um jeito de menininha, e bateu num copo de vidro. — Pessoal, esta festa é para comemarmos o aniversário de alguém muito especial e que pode até estar conosco há poucos anos, mas eu tenho a impressão... — Ela olhou para mim. — Tenho a impressão de que já o conheço há muito tempo. Parabéns, Antônio! — E todos aplaudiram e gritaram. Eu sabia que nem metade daquelas pessoas estava lá por mim, e sim pela linda menina que estava em cima da cadeira.

E a música começou a tocar, num volume seguro, e com isso quero dizer um volume que não pudesse ser ouvido do outro lado da estrada. As pessoas dançavam e me davam tapinhas nas costas me parabenizando. Eu estava quase enlouquecendo no meio de tanta gente e levei um susto quando Carol segurou minha mão. Seu sorriso me acalmou e, quando ela me puxou para fora da sala, fiquei feliz em ir com ela até seu quarto repleto de livros e bonecas em prateleiras. Sentou-se em sua cama e o vento que entrou pela janela batendo em

seus cabelos trouxe seu perfume na minha direção. Eu tinha só 13 anos, mas estava começando a descobrir o que era gostar de alguém. *Gostar* mesmo. Sentei-me ao seu lado e ela saltou para o chão para pegar alguma coisa embaixo da cama, escondida pelo cobertor. Eu sorri quando Carol tirou de lá um embrulho grande, provavelmente meu presente. Ela sorriu e disse: “É simples, mas acho que você vai gostar. E não, não aceito devoluções e não faço trocas! Feliz aniversário!”. Em cima do embrulho retangular tinha um cartãozinho no qual estava escrito: “Quero passar muitos mais aniversários do seu lado, parabéns pelo seu dia. São as pessoas mais próximas de nós que nos surpreendem mais”. Não sabia se eu ria ou se ficava zangado por ela usar as minhas palavras, mas me limitei a rasgar o embrulho e cair para trás quando descobri o que era. Uma miniatura profissional do navio *Pathfinders*, o navio que aparecia em nosso livro preferido e era usado nas aventuras da história.

— Carol, onde você conseguiu isso?! — perguntei sem acreditar no que estava à minha frente. — Simples?! Nossa se isso é o que você chama de simples, então o que é exagerado para você? — Acho que ela entendeu errado minha frase porque seu sorriso sumiu. — Não, não é que eu não gostei. É que é, simplesmente, incrível! É demais Carol! Você disse simples e eu nunca pensei que seria isso. Nem sei o que dizer... — Eu admirava descrente minha linda miniatura e nem percebi que ela estava de pé na minha frente sorrindo para mim. — Que foi? — Carol negou com a cabeça, o sorriso nos lábios e disse para descermos. Fui atrás dela levando meu presente e dançamos juntos.

Era quase meia-noite e minha mãe ainda não tinha chegado. Eu estava começando a ficar desanimado quando ouvi a campainha tocar, o que era estranho porque dissemos para ninguém tocar a campainha, e sim apenas entrar. Corri para a porta com Carol ao meu lado e abri-a, torcendo para ser a mamãe. E era ela mesma, mas não estava sorrindo e tinha uma expressão sombria no rosto. Ela se abaixou, deu-me um abraço e percebi que estava quase chorando quando sussurrou no meu ouvido: “Sinto muito, meu amor, não pude impedir, ele insistiu”. A princípio não entendi o que ela quis dizer, mas quando ela entrou e deixou a porta livre, eu entendi. Vi quem estava parado lá fora me olhando como se estivesse a ponto de me matar. E, por uma fração de segundo, eu pensei em como o rosto do meu pai tinha mudado em três anos. Em seguida, comecei a tentar controlar a tremedeira que tomou conta de mim. Ficamos alguns segundos parados, um encarando o outro, ele me olhando como se eu o tivesse ofendido da pior maneira possível e eu tentando não deixá-lo ver o medo em meus olhos; até que a mãe de Carol surgiu do nosso lado:

— Pois não, senhor? — ele olhou para ela com indiferença e voltou a olhar para mim. Deu dois passos e com o dedo em riste, quase grudado no meu rosto,

disse:

— Aproveita bem essa droga de festa, mas quando você voltar para casa... Vai ver qual é o presente que vou te dar — disse colocando a mão sobre o cinto que sustentava suas calças. Aquele couro frio e a haste metálica da ponta que eu conhecia tão bem. Baixei o olhar e ele acenou com a cabeça, sabendo que entendi o recado. Então foi embora.

Graças a Deus ele não quis entrar nem ficar na casa deles, porque isso sim teria sido terrível. Fechei a porta e vi minha mãe chorando no sofá, ou melhor, chorando por dentro. Eu via isso pelos modos como seu corpo tremia. Passei horas ignorando seus vários pedidos de desculpas. Na hora dos parabéns, eu queria desaparecer, porque isso significava que, quando todos comessem o bolo, eu teria que voltar para casa, e isso era tudo o que eu não queria. Mas não tive outra escolha. Os últimos convidados finalmente foram embora e Carol veio me abraçar. Em meu ouvido, ela pediu para que eu ficasse bem. Seus pais, que pareciam completamente ignorantes sobre o que estava prestes a acontecer, vieram despedir-se de mim. Eu não podia entender como a mãe dela, vendo o modo como meu pai falou comigo, podia não suspeitar de nada. Sem dizer nada, atravessei a estrada e entrei em casa.

Maldito presente que ele me deu. O barulho do cinto batendo em meu corpo em todos os lugares disponíveis se misturava aos berros e ao choro estridente de minha mãe, que implorava para que ele parasse. Tudo doía quando fui dormir e me encolhi na cama sem me cobrir para não roçar nas feridas. Eu não sabia se odiava Carol por ter me dado a festa, se odiava meu pai por fazer aquilo comigo ou se odiava a mim mesmo, por não revidar ou impedi-lo. Mas o que eu poderia fazer... Eu merecia isso. Merecia pelo que fizera com meu irmão; nenhuma punição nunca seria tão dolorosa quanto perdê-lo. Eu merecia isso... Não merecia?

Boas-festas



Antônio

Novembro. Estávamos quase chegando ao fim de mais um ano, mais 365 dias preso em nossa casa no interior, com uma mãe instável, um pai alcoólatra e uma única pessoa que era um bom motivo para sair da cama todos os dias: uma garota loira de olhos penetrantes, sorriso contagiante e sempre pronta para dizer palavras doces. Eu estava então com 13 anos e Carol, com 12. Ela era essa garota especial. Estávamos chegando também ao fim de mais um ano letivo, o que também pode entrar para minha lista de torturas pessoais. Ao menos eu havia conseguido um jeito de estudar na mesma sala de Carol, o que era bom. Bom porque eu tinha sempre a companhia dela, então a sensação de estar sozinho no meio de um monte de gente estranha não era tão forte assim. Há anos vendo os mesmos rostos todos os dias, durante toda a semana, fora na rua, já que eram todos vizinhos. Agora nossa professora tinha resolvido que seria uma ótima ideia nos vermos também nas férias. Está certo que viagens em geral são coisas boas, mas viajar com pessoas que te odeiam para um lugar desconhecido não é minha ideia para um passeio agradável.

— Você vai, né? Por favor, eu não estou a fim de ficar sozinha com você sabe quem... — falou Carol baixinho em tom de súplica, sentada na carteira ao meu lado direito, no fundo da sala de aula. A coordenadora estava lá na frente de pé, explicando pacientemente qual o propósito do passeio (ou seja: nenhum). Ninguém prestava atenção nela, estavam muito ocupados cochichando: as meninas comentando sobre as dezenas de roupas, sapatos e batons que iriam levar em suas malas; os garotos se entreolhando em ar conspiratório, obviamente com intenções relacionadas às garotas. Carol iria com certeza, independentemente de mim, e eu estava decidido a não ir, mas o jeito como ela me pedia me fez balançar na decisão.

— Bem, vou distribuir para vocês as cartilhas com fotos e mais informações sobre a chácara para a qual vocês irão. Lembrem-se: é preciso que os pais assinem a autorização até a semana que vem, e autorizações entregues depois da data não serão aceitas. Quem o fizer vai perder o passeio. Vocês, meninos: nada de levar tinta para jogar nas meninas, nem farinha, nem ovos, nem nada do gênero. Vocês, meninas: se fazem questão de levar maquiagem, revistas ou

qualquer coisa assim, cuidem bem das coisas de vocês. Qualquer coisa perdida vai ficar lá e não voltaremos para buscar. Ana Carolina, distribua as cartilhas para mim, sim?

— Claro — respondeu Carol, levantando de seu lugar e indo até Karen, a coordenadora. Pegou o maço de papéis das mãos da mulher e, antes de distribuí-los pelas fileiras, parou por um instante olhando para alguma coisa na cartilha. Olhou de soslaio para mim, de modo que ninguém percebeu, e depois começou a entregar, passando de fileira em fileira. Não entendi porque ela parecia tão apreensiva, até que ela chegou à minha carteira e antes de me entregar o panfleto sussurrou: — Esquece, nós não vamos nesse passeio.

O papelzinho flutuou por instantes e depois repousou sobre minha carteira, em cima dos cadernos que ali estavam. Peguei a cartilha na mão e bati o olho na imagem ao pé da primeira página, com certeza a mesma para a qual Carol olhou. Eram três imagens: a primeira era de uma ampla instalação, provavelmente a sala principal da chácara, com mesas de jogos e tudo mais; a segunda era de um quarto com dez beliches e um armário mais ao canto; e a terceira era de uma enorme piscina aquecida (como dizia no rodapé), a qual meu olhar se manteve fixo. Carol voltara a se sentar ao meu lado e colocou o próprio panfleto dentro do fichário, sem nem olhar para ele, e fitou a lousa à sua frente. Ela estava decidida a não ir. Isso não era justo, pois eu sabia o quanto ela esperou por esse passeio de fim de ano, o quanto ela gostava de nadar e também tinha consciência de que seus pais achariam estranhíssimo ela resolver não ir. Talvez eu devesse fazer o que ela tinha feito em seu aniversário; talvez devesse fazer algo por ela. Se ela queria ir, então nós iríamos, com ou sem piscina.

— Vai levar este vestido? Pode ser que precise dele, sabe? Uma roupa mais fresca, já que vai estar calor — comentei na tarde naquele mesmo dia. Estávamos em seu quarto, terminando uma das últimas lições de casa de matemática, quando me levantei do chão e fui até seu armário. Peguei um cabide com um vestido azul-claro que ela adorava e fiz essa pergunta. Carol ergueu os olhos para mim como se eu fosse um maluco. Pegou o vestido de minhas mãos e colocou-o de volta no lugar.

— Eu já falei que não vamos.

— Sim eu sei, mas, Carol, você não precisa fazer isso. É só água, só... — Um arrepio me percorreu. — Não é como se fosse acontecer alguma coisa. Você quer ir, eu sei, então nós vamos.

— Vão aonde? — perguntou a mãe de Carol, parada na porta do quarto, com os braços cruzados. Carol olhou para mim furiosa e depois respondeu:

— Lugar nenhum, mamãe. É só um passeio besta que a Karen planejou. É um lugar chato, não tem nada de interessante para fazer lá, não vale a pena perder

nosso tempo com isso, então...

— Deixe-me ver — disse simplesmente dona Lauren, apontando para a cartilha em cima da penteadeira de Carol. Ela jogara lá quando chegamos; pretendia rasgá-la e jogar fora, mas esqueceu lá em cima. Relutante, entregou o papel à mãe, que olhou todas as páginas com um sorriso nos lábios, satisfeita. — Está enlouquecendo, menina? Como pode dizer que isso é um lugar chato? Veja só, tem quadra de esportes, piscina, jogos, quartos grandes, trilhas! Parece um bom lugar. Por que não quer ir? Posso saber?

— Achei que você e o papai não fossem deixar — mentiu Carol, desviando o olhar da mãe e fitando a porta do armário. — E também algumas pessoas chamadas Marcos e Viviane vão estar lá e eu não sou obrigada a suportá-los fora da escola.

A mãe dela nem estava ouvindo: pegou uma caneta entre as coisas da filha espalhadas pelo chão e assinou a autorização. Entregou-a para Carol, que não pôde fazer nada a não ser pegar o papel e enfiá-lo na mala.

— São os pais que têm que assinar? — perguntou Lauren agora olhando para mim. — Ou pode ser qualquer adulto responsável?

Eu sabia que meu querido pai jamais assinaria e minha mãe ia achar uma má ideia ou inventar qualquer desculpa para não me deixar ir. Peguei a autorização em minha mala e entreguei para que ela assinasse. Carol me fuzilou com os olhos, mas eu sabia que sua raiva era apenas superficial, pois lá no fundo ela estava feliz por ir. Peguei o papel assinado por Lauren e, depois que ela saiu do quarto, Carol desabafou:

— Admito, eu quero muitíssimo ir, mas você tem certeza? Quer dizer, não te incomoda, sei lá... — Sua voz estava mansa, como era usual. Saber que pelo menos uma pessoa se preocupava com meu bem-estar era reconfortante. Ela brincava com a caneta que a mãe usara, girando-a entre os dedos, como sempre fazia quando estava nervosa. Fui até ela e peguei a caneta de suas mãos, girando-a entre meus próprios dedos:

— Não, não me incomoda.



Meus olhos lutavam para permanecer abertos, enquanto minha cabeça colidia insistentemente contra o vidro imundo do ônibus escolar. O banco acolchoado estava parcialmente rasgado e não era nem um pouco confortável. A perspectiva de acordar às cinco da manhã para entrar num ônibus com pessoas falando alto e fazendo barulho à minha volta não era atraente, mas lá ia eu, sentado ao lado de Carol num dos bancos da frente, torcendo para que chegássemos logo à bendita

chácara. “Seu moleque imbecil”, foi a reação de meu pai quando soube que Lauren tinha se responsabilizado por mim. “Eu preferiria eu mesmo assinar essa porcaria do que deixar aquela mulherzinha irritante se intrometer. Quem ela pensa que é? A boa samaritana? Devia se preocupar em educar aquela menina petulante e mimada, e não ficar tomando conta dos filhos dos outros. Você é muito bem-criado aqui, não acha?”. Meu erro foi não responder a essa pergunta aparentemente retórica, o que me rendeu um safanão. Mamãe concordou que foi burrice da minha parte pedir à Lauren, que ela mesma podia ter assinado para mim. Ao mesmo tempo em que ela me queria em casa para não ter que ficar sozinha com meu pai, ficou feliz porque eu estaria livre daquele infeliz por pelo menos três dias.

Chegamos ao nosso destino depois de duas horas e meia de viagem. Estávamos em outra cidade, Majoritano, longe de nossa casa e de qualquer referência de localização. A chácara era enorme e parecia um local construído há pouco tempo. Sorri, pois aquela podia ser, afinal (falei para mim mesmo), uma experiência agradável. Contudo falei cedo demais, pois estava quase descendo do ônibus, meus pés no primeiro degrau de três que me levariam ao chão, quando fui empurrado com tudo e caí na terra poeirenta. Infelizmente não era apenas minha sala que tinha ido ao passeio, eram o sexto, o sétimo, o oitavo e o nono ano. Eu e Carol estávamos no sétimo e nosso “amigo” Marcos, no nono ano, portanto tinha a vantagem de ser mais velho.

Agora ele estava no pé da escada, rindo, enquanto eu me levantava do chão. “Qual é o seu problema?”, eu queria perguntar, mas nem precisei porque Carol berrou isso em alto e bom som. Foi acotovelando as pessoas enquanto passava tentando chegar até mim. Meus cotovelos ardiam por causa do impacto com o chão, mas não devem ter ardido mais do que o rosto de Marcos quando ela estapeou sua bochecha. Sem reação, ele abriu passagem para ela, que veio me ajudar. Levantei com lágrimas à espreita: meus joelhos também estavam ralados e pelo visto sangrariam. A coordenadora repreendeu aquele infeliz e fomos todos para a sede.

Por motivos óbvios, os meninos e as meninas ficariam em quartos separados. Cada um jogou sua mala sobre a cama com a qual ficaria e o que sobrou para mim foi a cama de baixo de uma beliche mais ao canto, perto da janela lateral. A fachada do lugar dava a impressão de ser novo, mas o cheiro de mofo dentro do quarto revelava que os colchões deviam estar lá havia séculos e que o lugar não era usado há um bom tempo. Minha falta de ar começava a atacar e furioso percebi que me esquecera de levar o remédio. Todos foram para o salão principal onde uma mesa de café da manhã estava disposta: pães, bolos, tortas, frutas, salgados e doces, leite com achocolatado, café e sucos; tudo muito parecido com

os cafés da manhã na casa de Carol. Por falar nela, estava sentada numa mesa conversando com Mia, uma das poucas garotas que continuaram falando com ela, mesmo depois do patético falatório que Viviane começou a pregar, inventando mentiras para que ninguém mais andasse com Ana. As duas conversavam e riam, por isso achei melhor não incomodá-las, mas o olhar de Carol cruzou com o meu e ela acenou para mim, convidando-me a sentar com elas. Fui até lá, ainda sem graça, e para minha surpresa Mia não saiu correndo.

— Oi, Antônio — cumprimentou ela.

Mia era morena, olhos verdes vívidos, lábios rosados – muito bonita para uma simples garota de 12 anos – e, principalmente, nunca falava comigo. Sorri para ela e percebi que o sorriso de Carol sumiu de seus lábios.

— Ah, ela está com ciúmes! — disse Mia rindo.

— Deixe de ser boba, menina — rebateu Carol com as bochechas vermelhas. — Toni, você reparou no cheiro de coisa guardada que as coisas têm aqui? Isso não pode te fazer mal? — Dei de ombros pouco me importando com isso. Sim, ela estava com ciúmes e eu queria brincar um pouco com isso.

— Mia, não é? Seus olhos são muito lindos — falei para a garota sentada à minha frente, piscando um olho. Entendendo que eu estava apenas provocando minha amiga, Mia sorriu e disse que os meus também eram muito bonitos. Carol estava com a boca aberta, naquela sua expressão de inconformismo. Por baixo da mesa, deu um pisão em meu pé e comecei a rir. — É brincadeira sua, boba. Ninguém tem olhos tão bonitos quanto os seus e você sabe disso. — Ana corou outra vez.

— Carol, você viu a piscina olímpica que eles têm aqui? É parecida com aquela em que fizemos natação no primeiro ano, mas mil vezes maior! — afirmou Mia com empolgação. Carol me lançou um olhar tão rápido, quase imperceptível, mas que consegui captar. Com uma desculpa esfarrapada, ela disse que preferia as trilhas, que eram mais interessantes, que esquecera a roupa de banho ao fazer as malas – e qualquer coisa que pudesse livrá-la de entrar na água. Senti-me mal por ela estar fazendo isso por algo que nem lhe dizia respeito.

O restante do dia se resumiu a perambular pelas trilhas e a jogar vôlei numa das quadras, com Mia completando nosso incrível time de três pessoas, e comigo evitando cuidadosamente me aproximar da temível piscina de 800 mil litros, o que não foi tão difícil assim. Quando perguntaram por que eu não queria ir, simplesmente disse que era alérgico ao cloro. A noite caiu e todos se reuniram no salão principal, onde as luzes estavam apagadas e velas iluminavam o lugar. Os monitores da chácara começaram a se revezar para contar histórias de terror. Eu nunca tive medo de filmes ou livros de terror nem nada assim, mas a garota ao

meu lado, que agarrava a manga da minha blusa, era uma medrosa de primeira. Abracei-a como se fosse protegê-la do assassino da tesoura, protagonista da história que uma mulher franzina contava sentada num banco mais à frente. Olhei para Marcos, que me encarava com raiva faiscando de seus olhos. Voltei a prestar atenção na história e depois de mais uns cinco contos, todos foram dormir.

Antes de ir para os quartos, fui à cozinha beber água. Não havia ninguém naquela parte da casa. Todos estavam ou em suas camas ou nos banheiros, e as monitoras também estavam no dormitório de professores; portanto, era só eu numa cozinha vazia e escura. Peguei um copo de água e bebia encostado na pia quando ouvi alguém falando:

— Aproveitando o passeio? — Engasguei com a água e a cuspi, nem tanto pelo susto, mas por saber quem estava falando. Virei-me e vi Marcos parado na porta, os braços cruzados, o rosto oculto pela escuridão do corredor. — Está gostando? Já foi na piscina?

Resolvi não aceitar as provocações dele. Coloquei o copo na pia e, erguendo a cabeça, fui em direção à porta. Ele pode ter achado que eu estava tranquilo, mas tremia de nervosismo. Quando cheguei à porta, Marcos barrou a passagem e, quando tentei passar por ele, segurou meu braço com força:

— Não vai responder? — Dei um tranco no braço para me soltar, mas ele continuou me segurando — Você acha que é quem, hein, menino? É um grande otário, isso é o que você é. Vai ver só, Antônio, você vai se arrepender — disse isso e me soltou. Corri para o quarto, joguei-me na cama e me encolhi sobre o cobertor, ainda tremendo. Odiava-me por ter tanto medo dele.

Uma noite antes da viagem, quando dormia em meu quarto lá em casa, pude ouvir mesmo com a porta do quarto fechada, a discussão que se desenrolava no quarto da frente, os gritos, os palavrões, ora falados por meu pai, ora por minha mãe. Enfieei a cabeça embaixo do travesseiro e, mesmo assim, a briga era plenamente audível. Nessa noite, não havia brigas; apenas um incômodo. Eu deveria aproveitar aquela noite para dormir tranquilamente, mas isso foi bastante complicado. Revirei-me na cama durante um bom tempo e o sono teimava em não vir. Meus pulmões estavam decididos a não funcionar direito, meu nariz congestionado piorava a situação e a tarefa “respirar” parecia uma missão impossível. Tive de deixar de lado os cobertores, por mais frio que sentisse, para não me sufocar de uma vez. Meus pés gelaram e um arrepio de frio percorreu meu corpo, piorando a situação. Virei-me de um lado para o outro, na tentativa de arranjar uma posição confortável naquele colchão duro.

Por fim peguei no sono, porém sem sonhos, apenas imerso em meu subconsciente. Dormia a muito custo quando senti uma movimentação ao meu

redor. Com os olhos semicerrados tentei distinguir de onde vinham os sons que se tornavam mais altos conforme se aproximavam. Meu coração disparou quando senti mãos agarrarem meus braços e minhas pernas. Fiquei completamente desperto e comecei a me sacudir, tentando me soltar de quem me segurava. Mas era impossível, eram mais fortes do que eu, um menino magrelo de 13 anos. Então eles deviam ser de uma sala mais velha. A sensação de impotência, de não poder me livrar de meus raptos, era atordoante. Eu tentava me soltar a todo custo, mas estava escuro e eu não conseguia ver nada, quão menos quem eram e para onde estavam me levando; sim, estavam me tirando do quarto. Passaram pelo salão, ainda me carregando e correram para o lado de fora. A luz da lua proporcionou alguma visibilidade e pude distinguir formas masculinas bem mais altas do que eu, andando apressadamente em direção a alguma coisa. Mas onde?

Um pensamento aterrorizante atravessou minha mente perturbada e comecei a me debater com mais força, movido pela adrenalina. Consegui soltar minhas pernas, mas, antes que livrasse meus braços, agarraram-me novamente. Quando vi o reflexo da lua na superfície espelhada que a água parada formava por toda a extensão da piscina, meu coração parecia a ponto de explodir pelos ares e deixei-me tomar pelo pânico. Debati-me violentamente, mas era impossível me soltar. Eles pararam de andar e senti quando deram um impulso para trás. Flutuei no ar por alguns segundos quando me soltaram e depois... o impacto. A água cobriu todo meu corpo quando cai bruscamente. Cercava-me por todos os lados e eu não conseguia abrir meus olhos. Maldito seja o cloro.

Batia os braços e as pernas; completamente tomado pelo terror. Minhas lágrimas de agonia se misturavam à água, enquanto eu tentava ir à superfície, mas parecia que eu era puxado para baixo. Minha mente começou a voar em imagens da minha memória, trazidas pelo meu subconsciente. Podia ouvir os gritos de horror da minha mãe, a água entrando em meus pulmões, matando-me lentamente, assim como meus próprios gritos de socorro ecoando pelo ar. Quando dei por mim, percebi que meus pedidos de socorro não eram lembranças; eram reais. Eu alcançara a superfície e gritava desesperado, enquanto a água invadia minha boca. Meu fôlego aos poucos foi se esgotando, de modo torturante, enquanto a água invadia meu corpo. Meus pés não alcançavam o chão e minhas forças se esgotavam. Então parei. Deixei que as pequenas ondas formadas por meus movimentos violentos embalassem-me e me levassem para o fundo. A última coisa que vi antes de ficar inconsciente foi a lua, turva e desfocada, suspensa lá no céu, acima de tudo isso, acima de mim.

Não sei quem me tirou da água. Só o que sei é que acordei num lugar desconhecido e que, conforme retomava meus sentidos, identifiquei como sendo

a enfermaria da chácara: uma sala toda branca, bem arejada, com armários nas paredes e frascos de medicamentos em prateleiras. Antes de abrir os olhos, porém, ouvi um som ao meu lado, um ruído estridente. Era alguém chorando. Minha mente me mostrou a imagem de mamãe sentada na cadeira, desconsolada, chorando com o corpinho de meu irmão em seus braços, morto. Mas não era ela, era outra mulher. Uma menina. Abri os olhos e Carol estava sentada num banquinho do lado da maca em que eu estava, chorando como uma criança, aos soluços, o rosto escondido entre as mãos.

— Maldita hora — dizia entre espasmos de soluços. — Maldita hora em que viemos para cá! Ah, meu Deus, eu disse para não vir, que não era boa ideia! Droga! Que droga!

Murmurei alguma coisa parecida com um “oi”, mas falar estava difícil demais. Carol ergueu a cabeça, assustada, olhando para mim. Segurei meu rosto e me pedi para que eu falasse com ela. Tentei mais duas vezes e consegui sussurrar “oi” em seu ouvido. Aliviada, ela começou a chorar e chamou alguém lá fora. Lauren entrou correndo e suspirou aliviada. Eu esqueci que ela tinha se responsabilizado por mim. Uma enfermeira entrou e verificou meu pulso e tudo que podia ter sido danificado em mim pela água. Lauren estava no telefone, e senti um gelo na espinha quando me ocorreu que ela devia estar falando com meus pais.

Fomos embora três horas mais tarde, Lauren dirigindo o carro da família, nossa bagagem no porta-malas, Carol abraçada a mim com a cabeça recostada em meu ombro no banco de trás. Brinquei com uma mecha de seus cabelos entre meus dedos, olhei pela janela, vendo a chácara ficar para trás, conforme o carro seguia pela estrada, de volta à Santa Heloísa.

— Eu sinto muito pelo incômodo, senhora Lauren, e por te fazer voltar para casa mais cedo, Carol. Eu sinto muito por atrapalhar e... — Comecei me desculpando.

— O quê?! — Lauren exclamou do banco do motorista, olhando para mim pelo espelho retrovisor. — Nem pense em se desculpar por ter sido covardemente jogado na água e quase ter se afogado. Quem deve desculpas, e não a mim, mas a você, são aqueles moleques sem educação. Tomei a liberdade de ligar para seus pais e avisar sobre o ocorrido. Eles ficaram muito preocupados — disse ela. Duvidei muito que meus pais realmente tivessem se preocupado.

Pelo que soube, foi Marcos, obviamente, quem mandou os quatro me jogarem na água. A coordenadora que foi na viagem colocou todos os alunos do nono ano contra a parede no salão principal da chácara e deixou-os lá o dia inteiro, até alguém se pronunciar e assumir a culpa. Eram quatro garotos, todos com 14 anos, que disseram que estavam apenas brincando, que era uma piada. A

coordenadora quase os expulsou quando disseram que essa brutalidade tinha sido uma piada. Marcos foi acusado como o mandante da “ação”. Ela lhe passou o maior sermão de sua vida e foi expulso do colégio. Só ele mesmo para receber expulsão em plenas férias. Lembrei-me de algo que ainda não tinha sido esclarecido e, acordando a menina que dormia em meu ombro, perguntei:

— Quem me tirou da água?

— Ah. Todo mundo acordou quando te ouviu gritar. Começamos a correr por todo o terreno, tentando descobrir de onde vinham os gritos, que eu sabia que eram seus. Eu gritei pedindo para que você continuasse a gritar, mas acho que você não ouviu. Aí tudo ficou em silêncio, você parou... E nisso uma garota que estava procurando perto das piscinas viu você lá, afundando... — fungou ela. — Bem, eu não consegui fazer nada, fiquei paralisada, mas tinha uma menina que sabia nadar também, melhor que eu, aliás. Ela mergulhou sem pensar duas vezes e puxou você para cima. Ajudaram a te tirar de lá e te levaram para o quarto. E aí você acordou — contou Carol, beijando minha bochecha e encostando a cabeça outra vez em meu ombro. — Que bom que acordou, Toni, que bom...

— Sim, muito bom — falei, pouco convencido disso, mas abraçando-a também. Porém ela ainda não havia respondido minha pergunta. — Mas quem foi, afinal?

— Viviane.



Minha mãe estava parada na porta de casa esperando por nós. Quando o carro parou na frente de minha casa, ela correu em minha direção com os braços abertos. Seus olhos estavam inchados de chorar e abraçou-me com tamanha força que pensei que seria sufocado. Minha mãe acariciou meus cabelos e disse que me amava muito e que não suportaria me perder. Sim, é claro, acho que ver um filho morrer numa piscina já está bom o suficiente; dois seria demais. Olhei por cima do ombro dela e vi que a porta da sala estava aberta e, lá dentro, havia um homem me encarando, e não consegui compreender seu olhar. Ao mesmo tempo em que parecia estar com raiva, como sempre estava, parecia haver algo mais ali, alguma coisa como descontentamento, algo que não consegui entender na hora. Ele balançou a cabeça em negação, sem dizer nada, e subiu as escadas. Minha mãe ainda me abraçava, afagando meus cabelos, quando num lampejo de esclarecimento eu finalmente entendi a expressão no rosto de meu pai: ele estava com raiva por eu ter voltado para casa. Por ter voltado vivo. Ele estava com raiva por eu não ter morrido. De novo.

Ana Carolina

Mais um ano chegou e passou. Eu completara 13 anos, e Toni, 14. Estávamos em dezembro, o ano findando e com ele mais coisas ficavam para trás. Por exemplo, o incidente do ano anterior, naquele maldito passeio com a escola, no qual quase perdi a pessoa mais valiosa do mundo para uma piscina. Era época do Natal, sem dúvida a favorita de todo mundo ali na cidade. Isso porque todo o ano a vizinhança sorteava alguém que receberia as costumeiras famílias em sua casa, proporcionando aos felizardos uma farta ceia na véspera. No dia do Natal em si, o anfitrião da noite anterior escolhia alguém para fazer um almoço. O anfitrião era responsável por fazer uma linda decoração, montar uma bela árvore e, claro, fazer a comida mais deliciosa possível para receber bem todos seus convidados, além de todos os parentes que provavelmente viriam também. Naquele ano, o papel sorteado levava o sobrenome “dos Santos”, ou seja, nós, o que foi motivo de regozijo entre os vizinhos, já que meus pais sempre zelavam por preparar tudo de forma perfeita. Minha mãe era uma cozinheira de mão cheia e meu pai não media esforços nem dinheiro quando o assunto era uma boa recepção, então todos estavam esperando por uma comemoração marcante, com direito a uma ceia farta e uma decoração fabulosa.

— Ah, eu estou tão feliz! — disse mamãe. — Amo essa época natalina desde que sou pequena. Sabia, Ana, que eu, seus avós e seus tios sentávamos no chão da sala e comíamos doces e contávamos histórias durante toda a noite? Era um dos únicos dias no ano em que eu tinha permissão para dormir depois da meia-noite. Aliás, se quiser, você pode ficar responsável pela decoração este ano. Pegue dinheiro com seu pai e vá com Marli até alguma cidade aqui perto.

Adorei ter a liberdade de escolher a decoração. No dia seguinte, logo às sete da manhã, pedimos a Gabriel, que não estava ajudando papai naquela ocasião, para nos levar à Araraquara. Não hesitei em convidar Antônio para ir junto comigo, e ele aceitou de bom grado, sabendo que Marli não se incomodaria com sua companhia. O carro me esperava na frente de casa; atravessei a estrada e toquei a campainha. Graças a Deus foi ele mesmo quem atendeu:

— Oi, vamos? — Ele trancou a porta de casa e jogou a chave por baixo da porta. Vi que trazia um pacote de bolachas. Entramos no carro e nos sentamos no banco de trás. Marli foi na frente com Gabriel. Ele me ofereceu uma bolacha, que aceitei, e começou a contar sobre os Natais em São Paulo.

— Os Natais lá na cidade eram uma verdadeira chatice — falou Antônio. — Os únicos que iam às comemorações eram o irmão do meu pai com a mulher chata dele, meus primos insuportáveis, a mãe da minha mãe, que já morreu infelizmente, e uma amiga da família que ficava apertando minhas bochechas.

— Eu ri desse último comentário. — É muito melhor aqui, sabe? Mas é claro que lá era muito bonito, a cidade. — O pacote de bolachas acabou. — Eram luzes coloridas por todos os lados, os prédios públicos com as fachadas enfeitadas, a Avenida Paulista, muito conhecida, ficava toda iluminada, e os prédios tinham pisca-piscas nas sacadas. Era muito bonito. A cidade continuava decorada até o Ano-Novo.

— Eu acho que podíamos fazer alguma coisa diferente este ano — sugeri. — Sempre é a mesma coisa: as pessoas chegam, recebem comida e bebidas, sentam no sofá ou na grama e ficam conversando sobre como estão indo as plantações, o gado, a escola dos filhos que, aliás, é a mesma, e contam piadas sem graça. Depois todo mundo se empanturra até não poder mais e fica cantando músicas chatas que já sei de trás para frente. Então vão embora. Eu proponho uma mudança, algo diferente... Alguma sugestão?

— Que tal um amigo secreto? Fazíamos isso sempre! Na escola, no trabalho, em casa — contou Toni. — Você coloca o nome das famílias que participam num saquinho e vai sorteando na vizinhança. O que acha?

— Perfeito! — falei. Quando chegamos à cidade, corremos para a loja e lá compramos muitas, mas muitas coisas mesmo. Laços, bolinhas, ramos, flores, presentinhos, pisca-piscas e tudo o que tinha direito uma árvore de Natal ou que possa ser pendurado e preso pela casa. Na volta, a “operação decoração” teve início.

A ideia dele teve aprovação total, ainda mais pelos meus pais, que estavam igualmente cansados com todas aquelas tradições chatas.

— Ana e Antônio vão fazer o sorteio com os vizinhos — comentou minha mãe. — Afinal, a ideia foi de vocês e é apenas um presente por família.

Na verdade, a ideia tinha sido de Antônio, mas ele fez questão de dizer que eu também participei. Mais tarde, naquele dia, eu e Toni fomos para o meu quarto escrever os nomes em papeizinhos. Colocamos o sobrenome de cada família em uma caixinha dourada, enfeitada com um laço vermelho, e saímos. Fomos andando pela estrada, atravessando cada hora para um lado e batendo nas portas. As pessoas adoraram a novidade e me parabenizavam, dizendo que era genial e que gostariam muito de participar. Toni explicava quais eram as regras: tinham de escolher alguém de sua família para representá-los e entregar o presente antes da ceia, apenas um presente por família e só podia pegar um papel. Quando chegamos à casa dele, porém, Toni tomou a frente e bateu na porta. Cruzei os dedos atrás das costas implorando para que Natália atendesse, e foi ela mesma quem abriu a porta.

— Olá, Ana, oi, filho — disse gentilmente.

Antônio explicou para a mãe o que queríamos fazer e ela adorou. Na verdade,

parecia empolgada demais, pois acho que seus dias em casa deviam ser tão perturbadores, que qualquer coisa que fugisse da rotina estava bom para ela.

— Ótimo. Filho, é você quem vai nos representar, obviamente. Ana, querida, quer entrar e comer um lanche?

Antes de aceitar, olhei para meu amigo pedindo um olhar de aprovação. Ele meneou a cabeça em concordância. Entramos e saboreei um bolo delicioso que Natália tinha feito. Vinte minutos mais tarde, ouvimos o barulho do carro e a cor sumiu do rosto da mulher.

— Bem, bem, acho que já está tarde, não? Foi bom vê-la, Carol. Até mais! — despediu-se Toni, enquanto ia me empurrando para fora de sua casa pela porta dos fundos.

Esperei que o carro estacionasse e que um Fernando bastante irritado descesse da porta do motorista e entrasse em casa, para então contornar a propriedade e atravessar a estrada correndo. Escancarei minha porta e entrei em casa afobada. Minha mãe não parava quieta e carregava laços e bolas para todos os lados. Resolvi que ajudá-la com a árvore de Natal me faria bem, e juntas colocamos todos os enfeites em nossa árvore frondosa, que se tratava de um lindo pinheiro de verdade, que estava em nossa propriedade havia anos, desde a época dos meus avós. Era cultivado num vaso que passava o ano todo do lado de fora da casa e só nessa época era levado para a sala. À noite, fui para a cama e peguei meu papelzinho desejando arduamente que tivesse tirado quem eu mais queria. Minha decepção não podia ter sido maior: aquele maldito papel levava o nome “Fonseca”. Claro que eu representaria minha família e, provavelmente, a bendita família seria representada por Marcos, o que era a pior coisa que podia acontecer, já que eu e Toni o odiávamos.

No dia seguinte, o calendário pendurado na parte de dentro de uma das portas de meu armário marcava o dia vinte e quatro de dezembro, véspera de Natal. Desci correndo para tomar café da manhã, muito bem distribuído pela mesa da sala de jantar, com pães doces, garrafas de suco e caixas de leite, além de frutas que mamãe acabara de pegar no pomar. Marli apareceu da cozinha e pegou um papel da bolsa, entregou-o a mim e disse que era um bilhete deixado por baixo da porta, com meu nome no verso:

Carol, eu vou me atrasar um pouco, mas acho que você já esperava por isso. Vou chegar a tempo do amigo secreto. Prometo. Feliz Natal.

Eu fiquei louca quando li o maldito bilhete. Em seguida, voltei para meu quarto, furiosa, e lá passei o restante do dia. Mamãe tinha comprado para mim um vestido preto de alças finas com a cintura marcada com uma faixa e brilhinhos dourados, formando desenhos pela saia solta. Vesti-o depois de um

longo banho de banheira e uma boa olhada no espelho, que revelou que eu já não era mais tão criança: meu corpo tinha curvas e pequenas protuberâncias se faziam aparecer em meu busto. O clima estava agradável e às seis da tarde ainda fazia calor. As pessoas entravam aos montes em nossa casa, o que foi ao mesmo tempo bom e ruim. Bom porque minha mãe sempre disse que “é melhor prevenir do que remediar”, então comprou uma quantidade bem maior de comida. Ruim porque a maioria das pessoas resolveu levar um primo ou uma tia, ou uma avó e um sobrinho que estavam casualmente de passagem pela região e quiseram passar a véspera de Natal com a família. Sendo assim, nossa casa estava simplesmente lotada de gente e não cabia mais ninguém ali. Mas seria preciso esmagar todo mundo porque três pessoas ainda não tinham aparecido, e eu não aceitaria começar o amigo secreto sem a presença delas. Tudo bem, duas pessoas, porque a terceira não era do tipo cuja companhia se deseja. Eu odiava isso: Toni sempre chegava mais tarde nos dias mais importantes para mim, mas eu não podia negar que ele conseguia chegar exatamente nos momentos em que eu mais precisava dele. Fiquei esperando-o.

— Querida, vamos começar o amigo secreto, por favor. Acho que os Armando querem começar com as músicas e não vou suportar aquelas canções outra vez! — implorou minha mãe para mim às oito da noite. Mas eu disse que não e pedi que enrolasse mais um pouco; então fui para o quintal. Sentei embaixo da grande árvore e fiquei brincando com as pedrinhas soltas no chão. Queria que ele fosse normal, que pudesse estar ali sempre, sem problemas para resolver. Depois de alguns minutos, voltei para dentro de casa e não tive alternativa que não fosse anunciar o começo da troca de presentes. Todos ficaram contentes e quem começou fui eu.

— Nós tiramos uma família muito... Adorável. Eles moram aqui há apenas dois anos, mas já conquistaram nosso afeto e admiração. — Nunca pensei que podia ser tão falsa; vai ver era a convivência com Toni que me fez assim. — É um casal com um filho, quem adivinha quem é? Sim, eles mesmos, e é com muita alegria que digo que tiramos a família Fonseca! — falei forçando o maior sorriso do mundo. Ele não permaneceu no meu rosto por muito tempo, porque quando Marcos levantou do sofá e foi pegar o presente, foi odioso como sempre. Ele tinha 15 anos e já era bem mais alto que eu. Quando pegou o presente, ele me abraçou, e disse no meu ouvido:

— Se seu sorriso fosse sincero, você teria ficado ainda mais bonita. — Em seguida, deu-me um selinho, e foi tão rápido que ninguém nem percebeu, mas senti meu estômago embrulhar e quase corri para o banheiro, apesar de não ter nada para colocar para fora. Depois, voltei para a cadeira em que me sentara antes e o amigo secreto continuou. Marcos tirou a família Oliveira, que tirou

outra e outra e assim por diante. E as horas iam passando e nada do Toni aparecer.

A família de Pedro Marino tirou a de Antônio, e, quando disseram “Guerra”, todos se viraram procurando pelas três pessoas com esse sobrenome. Vários convidados olharam para mim como quem pergunta “E aí? Cadê eles?”. Bom, eu também não sabia. Sendo assim, pularam os Guerra e escolheram uma família aleatória e a brincadeira continuou. Nós já estávamos quase no fim e eu estava muito desanimada, sentada perto da árvore de natal brincando com o cabelo e olhando para as luzinhas piscantes. Meus tios e primos que vieram de Jundiá comemorar com a gente tentavam me fazer brincar com eles, o que me deixou muito mais irritada. Chateada, dirigi-me à escada. Depois de subir três degraus, eu parei de repente, agarrando o corrimão, pois ouvi uma voz conhecida na sala:

— Eu gostaria de ser o próximo, por favor. Bem, a família que nós tiramos é muito importante para *todos* nós. Quando chegamos aqui na cidade, eles foram os primeiros a nos receber e não há muito o que dizer além de que eles são admiráveis e têm nos ajudado muito. Tenho muito apreço pela sua família, mas, principalmente, pela sua filha.

Eu desci os três degraus de costas e olhei para sala, onde estava Toni com um embrulho nas mãos olhando para mim. Todos se viraram na minha direção, o que me deixou constrangida, mas corri para o meio da sala e o abracei.

— Feliz Natal, Carol! Cheguei atrasado, mas pelo menos cheguei, não é?

Tudo o que fiz foi sorrir.

— Bom, pessoal, agora que terminamos nosso amigo secreto, acho que podemos começar a ceia — sugeriu meu pai, contando com urras de aprovação em resposta, e uma multidão que o seguiu até o lado de fora, onde uma mesa enorme e cheia de comida havia sido montada. Fiquei na sala mais uns minutos esperando que todos saíssem e sentei no sofá com Toni para abrir o presente pela minha família. Fiquei assustada ao perceber que Fernando tinha a mesma habilidade do filho: mascarar aquilo que estava realmente sentindo com um sorriso e palavras doces. Bem diferente de como ele agiu no aniversário do filho no ano anterior, quando apenas nós dois vimos seu rosto lá fora: doentio, mortal. Ele foi gentil, ou o que mais parece gentil vindo dele, com todos os presentes e cumprimentou a todos. Mas ninguém se enganava, porque sua fama de bêbado se espalhou como uma doença na cidade.

— Eu escolhi, ok? Se vocês não gostarem, podemos trocar sem problema — avisou Toni quando eu tirei do embrulho duas lindas xícaras pretas com pires pretos em detalhes cinza. “Adorei”, disse eu. Ele sorriu e me estendeu a mão para irmos para fora, onde a ceia nos esperava.

Lá fora, a música tocava alto, vinda de um violão que meu tio trouxe. Os

irmãos da minha mãe eram adoráveis; quando eu era pequena, levavam-me constantemente para a cidade grande, onde eu passava o mês de férias inteiro andando pelas ruas movimentadas e pelas lojas apinhadas de gente. Até que minha tia ficou doente, e a partir daí eles pararam de me levar. Mas lá estavam eles com toda nossa família e a vizinhança comendo o delicioso banquete preparado pela minha mãe, enquanto eu escutava e comia sentada ao lado de quem deixava meu Natal mais feliz. Acabada a comemoração, que só terminou de fato lá pelas três da madrugada, todos foram para suas casas. Eu deitei em minha cama satisfeita, pensando nas xícaras pretas e nas lindas palavras dele: “Tenho muito apreço pela sua família, mas, *principalmente*, pela sua filha.”

Conto de fadas



Ana Carolina

Era julho e estávamos de férias. Fui chamar Toni para sair. Fazia sol, mas ele estava ali apenas para iluminar o dia, pois o frio era intenso. Eu fizera 14 anos a poucos meses e Toni ia fazer 15, portanto ainda tínhamos a mesma idade. Minha mãe insistiu para que eu não fosse incomodá-lo e ficasse em casa, mas eu estava decidida a vê-lo. Era um daqueles dias em que eu precisava falar com ele, precisava dele por perto. Não queria mais ninguém, só ele. Por um momento, em minha caminhada decidida até sua casa, hesitei. Hesitei porque vai ver era melhor deixá-lo em casa mesmo, já que as coisas andavam estranhas ultimamente. Ele já não saía mais de casa com tanta frequência e não nos víamos mais todos os dias. Marli sempre achou estranho o modo como todos da família de Antônio agiam; e por falar nela, fazia dois meses que tinha ido embora, quando a mãe ficou muito doente e precisou de sua ajuda. Foi de partir o coração a despedida que fizemos para ela, já que, depois de tantos anos conosco, ela merecia mais do que um simples adeus.

Ela teve uma festinha de despedida, ganhou um abraço apertado, além de uma blusa de lã que mamãe comprou para ela. Mas perdê-la foi um golpe para mim, pois era minha segunda mãe indo embora para cuidar da própria mãe, que precisava mais de Marli que eu naquele momento. Mesmo que meus pais a respeitassem, não é como se suas opiniões contassem em alguma coisa ou influenciassem as decisões deles. Mas para mim eram importantes e Marli sempre me apoiou na ideia de que Fernando não parecia ser uma boa pessoa. Às vezes, quando estava com meus pais na sala, dava para ouvir gritos de mulher vindos da casa da frente. Quando isso acontecia, eu olhava para meus pais. Geralmente eles fingiam que não tinham ouvido nada, mas uma vez meu pai balançou lentamente a cabeça, pesaroso, e disse:

— Tenho medo de como isso possa acabar...

Minha mãe o abraçou e concordou com um gesto de cabeça.

Lá estava eu indo falar com Toni sob o pretexto de passearmos, mas tudo o que eu queria era apenas olhar para ele, ficar do seu lado, pois ele me transmitia uma segurança que era difícil de sentir. Atravessei a estrada e parei na frente da porta de madeira. Ergui o braço para bater na porta, mas parei. Alguém estava

gritando. Outra pessoa estava chorando. E uma pessoa estava fazendo ameaças.

— Pelo amor de Deus, pare!

— Parar com o que, exatamente? Se você me respeitasse, eu não teria que agir assim!

— Não faça isso, você sabe que está errado!

— Errado?! A única que está errada aqui é você, mulher imprestável! Você que fica jogando esse menino contra mim, estragando a educação que eu tentei dar a ele!

— Educação? Que educação? Quer que ele te respeite? A única coisa que vai conseguir dele vai ser medo! Ele tem medo de você, ele não te respeita!

— Nada que uma boa surra não resolva!

Outro grito.

— Sai de perto dele! Nem pense em tocar nele!

Alguém descendo as escadas batendo os pés com força nos degraus. Um sermão recheado de palavrões. Alguma coisa caindo no chão e se espatifando. Meu coração acelerado e a boca seca, e eu morrendo de vontade de virar a maçaneta e entrar.

A porta se abriu de repente e levei um susto. Afastei-me com um pulo para trás. Demoraram uns cinco segundos para que ela se fechasse novamente, mas foi tempo suficiente para que eu visse três coisas: Antônio segurando a maçaneta da porta, com a bochecha direita inchada e muito vermelha. A mãe dele na escada se segurando no corrimão e chorando; e o pai dele com um cinto na mão e um olhar de fúria. Por um milésimo de segundo, cruzei meu olhar com o dele e pude ver toda a loucura contida ali. A porta se abriu de novo pouco depois e Toni saiu por ela. Quando me olhou, vi toda a frustração e desânimo que ele sentia. Baixou a cabeça, respirou fundo e foi andando. Fui do seu lado. Ele atravessou a estrada, comigo indo logo atrás, e foi seguindo pelo terreno da minha casa. Passamos pelo canteiro e fomos até o morro. Enquanto andava, eu me esforçava ao máximo para não olhar para o rosto dele, mas era impossível não notar. Havia um baita machucado na sua bochecha direita.

— Pode perguntar. Não precisa fingir que não reparou. Pode perguntar o que é isso na minha cara. O que é essa... Coisa. Inchada, vermelha, horrível... — Antônio olhou para o céu, então fechou os olhos e respirou fundo. Estava a ponto de chorar, mas parecia estar tentando se controlar na minha frente.

Baixei os olhos, constrangida, porque queria muito perguntar, mas o que eu tinha ouvido já era o suficiente para presumir o que tinha acontecido. Como ele conseguia aturar aquilo tudo sem surtar? Por que não revidava ou tentava se defender? Ele olhou para cima e voltou a andar, bem devagar. Foi até a ponta do morro perto da árvore e cheguei mais perto dele. Toni se abaixou e ficou

mexendo em alguma coisa no chão. Abaixei-me do seu lado e vi que ele estava pegando folhas secas no chão.

— Que está fazendo? — perguntei. Ele não me respondeu e continuou pegando as folhas, em silêncio.

Ele juntou um bom punhado e se levantou. Foi até a beira do morro, quase o suficiente para que ele caísse. Não era um morro tão alto assim, mas com o passar dos anos, com as chuvas e tudo o mais, foi ficando mais fundo e perigoso. A ideia dele sendo levado morro abaixo e se estatelando no fundo da vala fez minha cabeça revirar de medo. Ele olhou para mim como quem diz para se aproximar ainda mais e, mesmo contra minha vontade, fui até a beira, desejando agarrar seu braço e afastá-lo dali. Ele estendeu a mão para a frente e foi esmigalhando as folhinhas. O vento começou a bater e Antônio abriu a mão. E lá se foram as folhas, levadas pelas rajadas contínuas, para bem longe, rodopiando pelo ar e flutuando. Enquanto esparramava as folhas pelo ar, Toni disse:

— Está vendo estas folhas secas? Quando o vento vem, ele simplesmente as leva embora. Leva para bem longe, onde as coisas não são como aqui. Elas vão para lugares que nós não conhecemos. Elas simplesmente vão embora... — Antônio parou de falar, baixou a cabeça e depois olhou para o sol que se punha. — Às vezes eu só queria ser como as folhas secas. Queria ser levado pelo vento. Queria ir embora para um lugar onde ninguém me conhecesse, onde ninguém me fizesse mal... — Baixou novamente os olhos e se sentou.

Recostou-se no tronco da árvore, enterrou a cabeça entre as mãos e chorou. Ele ficou ali chorando baixinho por um bom tempo e eu apenas fiquei sentada de frente para ele.

— Acontece que você não é uma folha seca. Você é uma pessoa! E não pode ir embora porque tem gente aqui que te ama e que se importa com você e... — Minha voz foi morrendo quando percebi que me entreguei naquelas palavras, por mais óbvios que meus sentimentos já fossem.

Antônio parou de chorar, fungou umas duas vezes e me encarou. Olhou para mim como se eu tivesse dito alguma coisa que ao mesmo tempo o ofendeu e o fez acordar. Não sei o que pode ter passado pela cabeça dele, o que sei é que olhou nos meus olhos e disse:

— Tem razão. Não sou uma folha seca. E, mesmo que fosse, não poderia ir embora. Mas me explica uma coisa: quem aqui exatamente me ama e se importa comigo, Carol?

Desviei meu olhar e fitei o vazio do terreno à minha frente para evitar que Toni visse o quanto meu rosto ficou vermelho. Senti as bochechas arderem sob seu olhar e não respondi, no entanto tenho certeza de que ele sabia a resposta. Tenho certeza de que ele sabia como era importante para mim. Ele sabia, sim, ele

sabia que eu não queria que ele fosse embora. Sabia que, mesmo que fôssemos crianças, mesmo que mais ninguém se importasse, eu me importava. E não queria que ele se fosse. Não queria que ele me deixasse, por mais que soubesse o que ele passava e por mais que parecesse um pensamento egoísta, não queria que ele me deixasse. Ele deu uma risadinha e disse num tom que a princípio pensei ser cinismo:

— Não vou embora. Por você. Se você não estivesse aqui, Carol, eu iria. Eu fugiria. Mas também me importo com você e, por isso, vou ficar aqui. Eu me importo com você e também amo você, Carol.

Em seguida, ele fez algo que me surpreendeu e me fez subir às nuvens. Na verdade, eu vinha esperando por isso, contudo morria de vergonha de admitir. Às vezes, quando estávamos juntos, eu ansiava, mas tinha de me controlar. Não pude resistir quando Toni inclinou-se para a frente e tocou meu rosto com sua mão macia. Ele acariciava minha bochecha com o polegar e olhava para mim, sorrindo, ao que eu retribuía. Seu rosto foi se aproximando devagar do meu e fui me aproximando do dele, como se fôssemos imãs cuja atração é inevitável. Ele respirava ruidosamente e, quando nossos rostos estavam quase colados, ele parou por um momento e ficou olhando nos meus olhos. Aqueles olhos escuros me hipnotizavam. Passamos alguns segundos assim, apenas nos observando mutuamente. Pude ver as marcas das lágrimas nas maçãs do rosto dele e imaginei que também devia haver algumas no meu rosto. Até que finalmente ele encostou seus lábios suaves nos meus.

Ele me beijava e, por mais que eu estivesse delirando com aquilo, estava nervosa e não sabia ao certo o que fazer. Estava suando, ao passo que ele parecia extremamente confiante do que estava fazendo. Ele era tão delicado e me beijava de um jeito tão apaixonado... Fui me desarmando aos poucos e meus lábios começaram a dançar com os seus, numa sincronia perfeita, lenta e amorosa. Suas mãos me envolveram, uma na minha nuca, trazendo minha boca sempre para mais perto da dele; outra em minha cintura, unindo meu corpo ao dele. Enlacei meus braços em seu pescoço e depois segurei seu rosto. Enquanto nossas bocas se uniam nessa harmonia, eu acariciava seu rosto sentindo sua pele macia que fora maculada por marcas e cicatrizes. Demoraram uns bons minutos para que nos afastássemos, provavelmente ele estava começando a sentir falta de ar, enquanto eu já tinha perdido o meu faz tempo. Ele me soltou e começamos a respirar daquela maneira ruidosa, recuperando o fôlego.

Toquei meus lábios com a ponta dos dedos e pude sentir como eles ainda estavam quentes e ainda mais sedentos pelo garoto à minha frente. Antônio olhou em meus olhos e vi que devia estar pensando o mesmo, então me ocorreu que talvez, e muito provavelmente, ele também nunca tinha beijado ninguém.

Sorri para Toni, que entendeu meu recado: voltou a me envolver e a me beijar. Aquilo era tão bom; queria ficar para sempre naquele momento. Ele deslizava os dedos por meus cabelos e se inclinava de leve sobre mim. Minhas mãos estavam contra seu peito, que já não era o mesmo de quando tínhamos 10 anos. Finalmente paramos, um pouco longe um do outro, para evitar que a cena se repetisse mais milhares de vezes, que era exatamente o que ambos queríamos. Puxou-me para junto dele e me abraçou dizendo:

— Eu sou apaixonado por você, Ana Carolina. Sou apaixonado por você desde que te vi, desde quando cheguei nesta cidade. Desde o momento em que apertamos as mãos...

Estávamos abraçados meio de lado e ele segurou minha mão direita, enlaçando meus dedos nos dele.

— Também sou apaixonada por você — ouvi-me dizendo. — E não quero que você vá embora nunca. Eu te proíbo de me deixar sozinha aqui, ouviu bem? — Antônio riu. — Não vá embora, por favor.

Entrei em casa toda suspirante com um sorriso no rosto. Minha mãe logo percebeu que eu não estava normal. Esbarrava nas coisas, tinha um olhar distante, como se minha mente estivesse em outro lugar. E de fato estava. Estava naquele pôr do sol, encostada numa árvore com lágrimas nos olhos, abraçada a Toni. Minha mente estava naquele beijo que eu tanto tinha desejado e que amei receber. Ele foi seguido por outros, que também vieram com um misto de surpresa e aquela sensação de quem já esperava por isso ardentemente.



Um desses outros beijos aconteceu numa noite quente, em que o céu estava totalmente limpo. O calor era tanto que não consegui ficar dentro de casa. Estava suada, então coloquei um vestido de alças. Eram umas dez horas e eu estava totalmente dispersa. Há quatro dias que ele não saía de casa e eu queria vê-lo. Fui até a casa de Toni, contornando o terreno até a parte de trás da casa, e atirei uma pedrinha na janela de cima, correspondente ao seu quarto. A janela se abriu e ele apareceu lá em cima. A janela se fechou de novo. Pouco tempo depois, a porta da frente se abriu e lá estava ele, todo sorridente, com uma calça jeans e uma blusa branca.

— Estava ansiosa para te ver! — falei e ele me deu um beijo na testa. — Não vi você nesses últimos quatro dias. Por que não saiu? — perguntei, por mais que já soubesse que ele não ia me contar e, na verdade, já imaginasse muito bem qual era o motivo. Ou *quem* era o motivo.

— Eu tive alguns... Problemas. Mas não importa, porque agora estamos aqui,

certo? — Antônio me estendeu sua mão e segurei-a, então fui andando do seu lado. Fomos até um descampado próximo de casa. Toquei seu braço com a mão livre. Que diferença dos braços magrelos de três anos antes. Relei em alguma coisa áspera, que o fez se retrair. Puxei seu braço para a luz e tinha uma ferida ali, o que me deixou indignada, pois a frequência em que encontrava machucados em seus braços era assustadora.

— E isso aqui, o que exatamente aconteceu com seu braço, vai me falar? — indaguei, mesmo sabendo que ele ia mentir.

— Isso? Ah, é só um machucadinho à toa. Devo ter esbarrado em alguma coisa. Não é nada demais.

Fomos andando e, ao chegar ao lugar escolhido, nos deitamos na grama, um ao lado do outro. Eu sabia quem fizera aquilo e Antônio sabia que eu sabia, ainda mais porque ele mesmo tinha me contado quando éramos menores; mas, ainda assim, ele nunca me contava o que acontecia. Ele usou de uma metáfora para explicar e eu entendi perfeitamente, só que agora, anos depois, Toni agia como se aquele dia no morro nunca tivesse acontecido e mentia deliberadamente para mim. Eu devia me concentrar no céu estrelado à minha volta, na grama macia sob mim e no rapaz encantador ao meu lado. Distraidamente, fitei os pontos luminosos na vasta escuridão. A lua estava cheia, alva e robusta, no meio daquele lindo quadro, que minha mãe podia muito bem ter pintado ela mesma, com cuidado e destreza. Gravei aquela imagem noturna em minha mente e ouvi a voz ao meu lado:

— Isso é uma das coisas de que mais gosto aqui, sabe? Na cidade, as únicas luzes que víamos de noite eram as dos postes. Pontos brilhantes no céu eram helicópteros ou coisa do gênero. Aqui é tão perfeito... O que acha de vivermos aqui quando adultos? Digo, juntos.

— Tipo, juntos numa mesma casa? Como uma família? — Antônio assentiu. — Está me dizendo que pretende se casar comigo no futuro?

Ele começou a rir porque a resposta era muito evidente.

— Vamos dizer que sim. O que acha? — Toni assumiu um tom dramático e teatral. — Casarias comigo, oh doce e bela Ana Carolina dos Santos?

— Sim! — Virei de lado, descansando a cabeça em seu peito. — Sim, eu me caso com você, oh galante e adorado Antônio Guerra — respondi, entrando na brincadeira. Depois, falei sério: — Eu me caso com você.

— Quero ter uma família com você — confessou Antônio, enquanto acariciava meus cabelos. — Quero que a gente more na mesma casa e que eu trabalhe e quando chegar em casa encontre meus filhos e minha mulher esperando por mim de braços abertos. Quero dormir abraçado com você. Quero um futuro do seu lado. Quero ficar velho com você. Eu amo você, Carol, amo

você de verdade.

Apoiei-me em seu peito e, ao ficar de lado, pude ver sua face refletindo à luz da noite. Comecei a estudar seu rosto e suas feições, gravando a imagem de meu provável futuro marido em minha memória e em meu coração. Olhei para seu rosto e vi aquelas marcas, aquelas cicatrizes, algumas de anos atrás e outras tão recentes. Doía saber que esse menino incrível sofria tanto, que aturava tanta coisa em silêncio e que, mais cedo ou mais tarde, ele ia acabar se afogando de fato em tudo aquilo que guardava dentro do peito. E agora fico impressionada com a inocência com a qual disse as palavras “Sim, eu me caso com você”. Algo tão natural naquele momento, e que, muitos anos depois, seria difícil sair de meus lábios outra vez.



Como a maioria das garotas da época, eu esperava ansiosamente pelo dia em que completaria 15 anos. O ano passara e fevereiro chegou novamente, e com ele as expectativas para algo esplêndido. Conhecendo meus pais como eu conhecia, já esperava por uma linda comemoração com festa, vestidos e tudo mais. E eles conseguiram me encantar. Um dia antes de meu aniversário, eu estava andando com Toni e tentando ver se ele se lembrava da data importante que se seguiria àquele dia. Ficava mandando indiretas bobas e, para minha surpresa e desgosto, ele não se tocava. Fiquei chateada de verdade por ele não se lembrar do meu aniversário. No fim da tarde, ele segurou meu rosto entre as mãos, beijou minha testa com pressa e voltou para casa, como se estivesse atrasado para alguma coisa. Na verdade, todos estavam agindo de forma esquisita. Intrigada, fui até meus pais e perguntei que raios estava acontecendo. Eles me ignoraram e disseram que tudo estava completamente normal. Fiquei em meu quarto lendo e me questionando. Eu sempre pensei em fazer um diário, mas achava uma bobeira. Resolvi que começaria no dia seguinte, quando um novo ano começasse para mim.

Estava dormindo um sono profundo recheado de lindos sonhos quando senti alguém me sacudindo e me chamando para que acordasse. Abri os olhos com preguiça e dificuldade para acostumá-los com a luz do sol que entrava pela janela. Que era isso? Bocejei e me espreguicei, sentando na cama. Olhei em volta e lá estavam papai e mamãe sorridentes, abraçando-me e dizendo “Parabéns minha princesa!”. Eu ri e agradei os dois. Que comportamento diferente da noite anterior. Mamãe saiu por alguns minutos e voltou com um pacote enorme nas mãos. Não fazia ideia do que poderia ser. Ela sorria e dizia “Vamos, querida, abra!”. Rasguei o pacote com vontade e dei um gritinho,

saltando da cama, quando tirei de lá um vestido maravilhoso.

Era um vestido azul-escuro com mangas curtas cuja barra era bordada com flores prateadas. Uma faixa prata abaixo do busto formava um laço em minhas costas e a saia volumosa também tinha a barra bordada com flores. A gola alta bordada por flores adornava meu pescoço como um colar. Eu fiquei encantada. Papai trouxe um bolinho com uma vela para mim e cantamos parabéns. Desci as escadas cheia de empolgação e me deparei com o que viria a ser uma decoração, que provavelmente estaria completa até o fim do dia. Uma musiquinha linda tocava baixinho no pequeno rádio em cima da mesa de centro na sala, e o céu azul tornava aquela manhã perfeita.

— Princesa, hoje você vai ganhar sua tão sonhada festa de 15 anos! — anunciou minha mãe empolgada.

Tomei um café da manhã cuidadosamente preparado. Eu estava feliz demais, a não ser por um motivo: uma pessoinha que eu queria muito que estivesse ali não tinha aparecido até agora.

Passei toda a tarde ajudando meus pais a terminar a decoração e também recebendo os parabéns. Vários parentes me ligaram com aquelas mensagens padrão de “Parabéns, felicidades, muitos anos de vida, realize seus sonhos” e coisas do tipo, que mesmo depois de ouvir inúmeras vezes ainda assim eram sempre especiais quando ditas. O que mais me tocou foi quando vovó me ligou dizendo que sentia muitas saudades, mas que não poderia comparecer naquela noite. Depois de um almoço de rainha que mais parecia um banquete, no qual pude escolher tudo o que queria comer, mamãe me pediu para ir à vizinha buscar algumas taças que seriam usadas para os brindes. Coloquei uma roupa leve, que combinava com o modo como me sentia, e fui até a casa dos Vermont. A senhora Vermont me abraçou com tanta força que pensei que fosse quebrar minhas costas. Todos os seus filhos me parabenizaram de modo tão carinhoso que me fizeram sentir querida.

— Ana, parabéns pelo seu dia! — disse o filho dela que tinha a minha idade.

Além das taças, deram-me uma vasilha cheia de biscoitos de chocolate que foram feitos especialmente para mim. Enquanto voltava para casa, passei pela frente da propriedade de Antônio e quase bati em sua porta, mas desisti ao ver o carro estacionado no quintal. Fernando estava lá e eu com certeza não precisava de sua grosseria para acabar com meu dia. Voltei para casa e escolhi com mamãe as músicas que seriam tocadas. No fim da tarde, ouvi alguém tocar a campainha e meu coração disparou de esperança. Quando abri a porta, porém, não havia ninguém. Olhei em volta e achei um bilhete no chão. Nem precisava ler para saber de quem era e o que devia estar escrito. Claro que reconheci a letra cursiva impecável:

Carol, parabéns! Você está agora com 15 anos e ainda mais linda do que quando nos conhecemos. Eu amo você, acho que já deve estar cansada de saber, mas vamos lá outra vez: eu amo você. E desejo do fundo do coração que conquiste tudo o que sonha em sua vida, que alcance seus objetivos e que tenha uma linda família, de preferência comigo. Esta noite você vai estar uma princesa, mas espero que seja sempre minha rainha. Felicidades.
Seu amigo e futuro marido

Meu coração foi a mil, a cabeça com milhões de pensamentos e um sorriso enorme tomou conta do meu rosto; pensei que seria a mensagem-padrão de que iria se atrasar ou coisa parecida. Minha imaginação me levou ao futuro, quando nós estaríamos casados e, sim, eu seria a rainha dele pelo resto da minha vida. Quando ele dizia “seu futuro marido”, fazia-me sentir que sempre teria alguém do meu lado no mundo. E eu queria com todas as minhas forças que esse alguém fosse ele. Entrei em casa toda suspirante e minha mãe logo veio com suas brincadeiras perguntando por que estava sorrindo feito uma boba. Ela já sabia tudo sobre nosso relacionamento, e o aprovava sem reservas, tirando, é claro, o fato de meu “sogro” ser um ser desalmado e intratável, que a propósito me odiava...

A casa estava pronta para a festa e o resultado foi o seguinte: na porta de entrada em nossa casa havia uma guirlanda de flores em vários tons de cor-de-rosa, de onde pendia uma plaquinha onde se lia “Ana Carolina” e outra com “15 anos”. Na sala, o sofá e a mesa de centro foram tirados de lá. A tal mesa foi posta bem no canto, e em cima dela, estavam as bebidas e um arranjo de flores. Forrando o umbral das portas e janelas mais flores cor-de-rosa. No meio da sala, tinha um daqueles globos espelhados preso ao lado do lustre, e dois grandes holofotes projetavam luzes vermelhas e verdes no globo, que as refletia pela sala. Por toda a escada um tapete vermelho estendia-se pelos degraus. Na mesa de jantar mais flores cor-de-rosa e um bolo falso com quatro andares que mamãe tinha feito em seu ateliê. Era isso que ela estava escondendo de mim havia semanas. Em cima do bolo uma bonequinha parecida comigo, usando meu vestido azul.

Lá fora, no espaço livre ao lado do canteiro, também tinha uma mesa com flores e todos os comes e bebes. Docinhos de vários tipos, salgados e os refrigerantes. O pequeno rádio foi posto mais ao canto, tocando músicas que estavam bombando. Subi para meu quarto e encontrei em minha cama um vestido vermelho longo de frente única. Simples e bonito. Tomei um banho e, quando eram quase oito da noite, coloquei o vestido e os tamancos pretos. Mamãe fez meu cabelo e depois minha maquiagem, o que geralmente teria sido

tarifa de Marli. A saudade que eu sentia dela apertou naquele momento. Coloquei brincos prateados e olhei-me no espelho da penteadeira: eu estava muito bonita. Meus cabelos rebeldes davam-me um ar de mais velha. Desci para a sala e vi que muita gente já havia chegado nesses quarenta minutos em que fiquei lá em cima me arrumando. Pessoas me cumprimentavam e elogiavam, mas determinado elogio me fez sair do sério:

— Uau, como ela está linda...

Droga. Quase dei um salto para trás quando reconheci aquela voz e as mãos que seguravam meu braço. Virei-me e era Marcos com aquele sorriso sarcástico preenchendo seus lábios. Cumprimentou-me beijando o cantinho de minha boca de propósito, e me contive para não tirar meu salto e golpeá-lo na cabeça com a parte pontuda.

— Engraçado, eu não me lembro de ter convidado você... — falei, enquanto me afastava dele. Quem deveria estar ali não estava, mas Marcos parecia uma erva daninha que ficava brotando em todos os lugares à minha volta.

— E não convidou. Mas acontece que fica muito chato se só meus pais viessem, e eu não, concorda? Seria falta de educação da princesinha se ela deixasse um mero plebeu como eu de fora da sua festa... — Ele tocou meu queixo e me deu um beijo rápido. Senti uma ânsia terrível e saí correndo para a cozinha. Cuspi na pia e odiei Marcos com todas as minhas forças. Maldito!

Apesar desse incidente, aproveitei a noite inteira. Comi algumas bolinhas de queijo e me delicieei nos coquetéis sem álcool. O aparelho de som tocava uma música lenta e envolvente, que levou alguns casais extrovertidos a dançarem juntos no meio da sala. Fiquei andando pela casa, até que vi uma figura parada na sala, recostada numa das colunas de madeira, com um copo de refrigerante nas mãos, sentada no chão, os saltos altos fora dos pés, largados ao seu lado. Os cabelos de Viviane cobriam parcialmente seu rosto, e ela parecia amargurada. Lembrei-me daquela noite terrível, quando ela pulou na piscina para salvar Toni, só de camisola de algodão, sem se importar com o frio da água. E quando ela trouxe Toni à tona e começou a pressionar seu peito para expelir a água, eu a agradei por isso, as palavras arranhando minha garganta, no dia seguinte àquele. Depois disso, voltamos a nos falar, mas a amizade que tínhamos antes estava longe de ser recuperada por inteiro. Sentei-me ao seu lado no chão.

— O que ele vê em você, afinal? — perguntou Viviane, de repente, assustando-me. Sem entender o sentido daquela pergunta, fiz uma expressão de confusão e, impaciente, ela apontou com a cabeça para Marcos, parado com dois amigos na frente da mesa de jantar. — Tantas meninas da idade dele, disponíveis, desejando ele, esperando por ele, mas o palerma só tem olhos para a garota mais nova.

Ela não estava tentando me ofender, apenas tentando entender o que se passava na cabeça de Marcos.

— Também não sei, Viviane. — Dei de ombros, atribuindo um grau ínfimo de importância àquele assunto. Ela olhou para mim e sorriu, um sorriso amarelado e, talvez, nem tão sincero, mas era o melhor que ela conseguia em muitos meses. Sorri de volta para ela e me levantei, ajudando-a a fazer o mesmo, e depois ela calçou os sapatos.

Então papai subiu numa cadeira no meio de todos batendo com cuidado em uma das taças. Aquilo era uma marca registrada nossa. Não importava a ocasião, estaríamos sempre fazendo brindes, ao que quer que fosse. E aquele era dedicado a mim.

— Meus queridos vizinhos, amigos e parentes... Todos sabem por que estamos aqui hoje: minha menina está oficialmente se tornando uma moça! Quero lembrá-la, querida, de que papai e mamãe vão estar sempre aqui com você e queremos que você seja a pessoa mais feliz deste mundo. Um brinde à nossa Ana!

Todos gritavam “uhul!” e me davam tapinhas nas costas e batiam suas taças brindando à minha vida.

Eu sorria e agradecia; aquilo me fazia sentir amada. A todo momento, aliás, era grandiosa a sensação de estar cercada por pessoas que queriam meu bem. Mamãe me tirou daquela bagunça discretamente às dez e meia e me levou para meu quarto outra vez. Ajudou-me a tirar o vestido vermelho e a colocar o azul. Ela deu o laço e me ajudou a subir nos saltos prata. Ouvi que a música lá embaixo estava mudando e soube que seria a hora em que a debutante dança as valsas. Suspirei frustrada, enquanto mamãe retocava minha maquiagem. Meu príncipe ainda não dera sinal de vida, mas lá no fundo, eu já esperava por isso. Fui andando até a escada e ouvi meu pai gritando na sala, avisando que eu estava prestes a descer. A “Valsa das Flores” ressoava pelo ambiente e um holofote branco e grandalhão foi aceso na direção da curva na escada. Mamãe sorriu e, quando cheguei na curva, ficando de frente para as pessoas na sala, dei um sorriso radiante ao ver quem me esperava na ponta da escada, sorrindo como eu.

Toni estava lá, ao lado do meu pai, vestindo um terno preto e gravata azul. Deus do céu, ele estava absolutamente lindo: os dentes brancos reluzindo em seu sorriso acolhedor, o cabelo escuro escovado para trás, a postura de um adulto. Fui descendo as escadas devagarinho para curtir ao máximo aquele momento. Meus olhos ainda estavam grudados nos olhos castanhos, profundos e penetrantes de Antônio, perscrutando-me. Cheguei ao último degrau e ele estendeu a mão para mim. Eu estava desnorreada e envolta naquele transe delicioso ao cruzarmos o olhar. Agarrei sua mão e ele me conduziu para o centro

da sala, puxando-me para junto de si, segurando minha cintura com uma das mãos e minha mão direita com a outra.

Meu queixo em seu ombro, sua respiração perfeitamente audível em meu ouvido; pesada, cheia de desejo e paixão. As batidas de seu coração e as do meu ressoando unidas em meu peito. Ele me guiava consigo através dos minutos em que transcorreu a valsa e, conforme dançávamos, éramos cercados por outros casais, que também entravam nesse momento encantador. E ficamos ali, girando e rodopiando, unidos, voando naqueles acordes, até a música acabar e outra começar. Eu não queria largá-lo de modo algum, e parecia que sua vontade em fazê-lo era ainda menor.

— Achou que eu não vinha? — sussurrou Toni, com carinho em meu ouvido. Sua voz entrou pelo meu ouvido e preencheu cada parte do meu corpo, provocando-me um arrepio. Mordi o lábio inferior ao responder:

— Eu estava com medo de que não viesse — admiti, agarrando-me ao seu terno, aspirando o cheiro indecifrável de seu perfume. Parecia que tudo o que é bom estava contido no frasco que ele usava. Tentei gravar seu cheiro em minha mente, assim como a sensação de segurar seu braço forte.

— Carol... — falou em meu ouvido. — Eu nunca vou deixar de ir até onde você está, pode ter certeza disso. — Ele parou de dançar e ergueu meu rosto para que nossos olhares se encontrassem e retomássemos aquela sensação de estar sobre tudo e todos, num plano em que só existia nós dois e a música tocando ao nosso redor. Ele aproximou o rosto do meu como se já não aguentasse mais se conter e beijou meus lábios com vontade. Retribuí, segurando seu rosto entre minhas mãos, e Antônio envolveu minha cintura, fazendo todos os convidados delirarem e gritarem com vivas, aplausos e incentivos. Papai fez uma cara de incredulidade e mamãe riu abertamente, esperando tanto quanto eu por aquele momento.

Chegou a valsa com meu pai, que foi mais tranquila e curta; em seguida, ele me devolveu aos braços do garoto ansioso que esperava com um sorriso no rosto. Continuamos a dançar, e as luzes ficaram cada vez mais fracas. Ele dizia coisas delicadas para mim e meu coração batia forte, cada vez mais, como se fosse saltar de dentro de mim. Uma paz tão grande me envolvia naqueles instantes; como eu me sentia bem ao seu lado. Sabia que muitas fotos seriam colocadas em álbuns, mas a lembrança daquele momento não se restringiria a papéis impressos. Estariam marcadas em meu coração. Afastou-me de si por um segundo e segurou minha mão. Levou-me para o quintal e eu sorri emocionada ao ver as velas colocadas no chão em forma de coração, num espaço vazio entre as árvores que ali cresciam. Ele se ajoelhou em minha frente de um jeito muito fofo e disse:

— Vamos oficializar isso de uma vez, certo?

Ah, meu Deus! Comecei a rir quando ele pegou um anel prateado e colocou no meu dedo anelar da mão direita. Levantou-se e me abraçou, girando-me no ar. Quem visse aquela cena pensaria que saímos de um daqueles filmes da Disney, com princesas e finais felizes ou algo parecido.

— Seja minha garota, Carol.

Antônio segurou meu rosto com as mãos e ignorei a aspereza na palma de suas mãos, decorrente de uma porção de machucados. Nada podia nos atingir enquanto estivéssemos naquele coração composto por velas. Fechei os olhos quando ele me beijou, os lábios úmidos a espera dos meus. Ficamos abraçados no quintal, meus braços envolvendo sua cintura e os dele em volta de meus ombros. A música tocava na sala, enquanto o vento tratava de apagar uma vela de cada vez. Eu pedi aos céus, com todo o meu coração, que aquela noite durasse para sempre.

— Eu serei. Prometo.

E a última vela se pagou.

Feliz Ano-Novo



Antônio

Eu não sabia exatamente quais seriam minhas expectativas para aquele fim de ano. A única certeza era a empolgação que se instalou em todas as casas da cidade. Como minha namorada, sim, minha namorada, Ana Carolina me contou anos antes, os moradores geralmente se reuniam num terreno mais ao fundo da cidade, do meu lado da estrada, em que ninguém morava havia muitos anos. As coisas entre mim e Carol pareciam uma daquelas histórias melosas que as garotas costumam ler. Aquelas em que um príncipe e uma princesa passeavam pelo bosque calmamente como se nada de ruim pudesse acontecer. Mas nessa história havia um lobo mau no bosque, e ele morava no mesmo castelo em que o príncipe, tornando a relação entre o príncipe e a princesa algo mentiroso. O príncipe escondia muitas coisas dela. *Eu* escondia muitas coisas dela. Mas aquela noite de Ano-Novo superaria todas essas mentiras e me faria esquecer por um momento meus problemas. Carol foi à minha casa numa tarde de dezembro, quando estávamos ali apenas minha mãe e eu.

Meu pai estava em outra cidade, visitando sua mãe como fazia todo fim de ano, e não porque de fato sentia saudade dela, mas porque todos os seus irmãos faziam isso e era preciso representar o papel de bom filho. Hipócrita. Carol e eu estávamos sentados no sofá e minha mãe cozinhava um de seus maravilhosos bolos de chocolate. Ela girava no dedo aquele anel de prata que nem sei como consegui comprar. Sim, na verdade sei: minha mãe me deu o dinheiro. Eu insisti dizendo que não, que eu podia trabalhar e conseguir pagar eu mesmo, mas minha mãe disse que já havia anos que guardava um dinheiro para ela, que meu pai não fosse gastar em bebidas, e que queria que eu gastasse com a “menina maravilhosa que é a Ana”. Fui à cidade no dia anterior ao seu aniversário e, no momento de maior nervosismo da minha vida, coloquei o anel em seu dedo.

— Querida, como vão as coisas? — perguntou minha mãe à Carol, enquanto entrava na sala trazendo nas mãos dois pratos com fatias de bolo, dos quais escorria recheio. Os lindos olhos de Carol até cresceram diante daquela fatia tentadora. Educada como sempre, ela respondeu que tudo corria bem e que estava ansiosa para o fim do ano. Não perguntou à minha mãe se estava tudo bem com ela, e não por falta de respeito, mas porque, obviamente, ou ela ia

mentir ou dar uma resposta bem desagradável. — Bom vou subir. Fiquem aí vocês dois... fazendo alguma coisa. — Deu uma risadinha maliciosa e subiu para o quarto.

— Sua mãe me adora! — riu Carol quando ouviu a porta do quarto lá em cima sendo fechada. — Admita, eu sou uma ótima nora... — E sorriu enquanto me tentava com um pedaço de bolo que ela mesma acabou comendo.

— Sim, e uma ótima namorada também. — Beijei seu rosto. — E como é esse negócio do Ano-Novo? — perguntei, porque sabia que ela ficaria falando sobre isso por horas se eu deixasse, o que evitaria que ficássemos em silêncio. Isso porque, invariavelmente, se ficávamos muito tempo quietos, ela começava a me abraçar, e a tocar meu braço e meu rosto, e nisso ficava olhando para minhas cicatrizes e fazia aquela cara de “vamos, conte para mim, o que ele faz com você?”, que era atormentadora.

Eu queria demais contar para Carol, mas sabia que ela era frágil e queria protegê-la. Ela já sabia que, bem, eu apanhava, e também o motivo por trás de tudo isso, mas não sabia *como* ele me feria, e eu pretendia que continuasse não sabendo. Então ela começou a tagarelar, dizendo que cada um tinha que levar um prato, e os pais dela costumavam levar o champanhe. Ri comigo mesmo, pois até já imaginava o que o seu Fernando ia dizer: “Quê? Além de aturar essa gente toda, eu ainda tenho que pagar para virar de ano?”. Já sabia que os pais dela fariam algo maravilhoso e que todos iriam aplaudi-los e blá-blá-blá. Essa era a Carol: meu oposto. Uma vivia em festa o tempo todo e o outro era vazio. Pode parecer exagero, mas, resumindo: éramos basicamente isso.

Fiquei olhando para ela: tão linda, tão especial, tão... Desejável. Acho que ela também sentiu, naquele dia no aniversário de 15 anos dela, o que eu senti. Foi muito além do que geralmente nos envolvia quando nos beijávamos, foi uma força maior, um desejo maior. Carol estava muito diferente, quero dizer, mais desenvolvida fisicamente e absolutamente atraente. Eu a quis com todas as minhas forças naquela noite, e algo me disse que ela queria o mesmo. Seu corpo junto ao meu fez meu coração acelerar, o calor de sua pele em minhas mãos quando eu tocava seus ombros me faziam querer tocá-la... De uma forma diferente. Ela estava sentada em meu sofá agora, lambuzando-se com recheio do bolo, seus lábios rosados cobertos de chocolate. Senti-me latente de desejo de beijá-la, mas com certeza não faria isso, do jeito que pretendia, na minha sala de estar.

Limitei-me a acariciar seu rosto e vê-la sorrir para mim. Comemos o bolo e, como minha mãe já esperava, passamos várias horas no sofá, sua pele macia sobre mim, sentada sobre meus joelhos e virada de frente para mim ou aninhada ao meu lado com as pernas esticadas sobre o descanso de braço; seus lábios

beijando os meus, minhas vontades ganhando mais vida e força dentro de mim, algo de que eu precisava tanto quanto de ar para respirar. Já era quase noite quando ouvimos o carro chegando pela estrada, a buzina soando alta quando ele a martelou, provavelmente irritado com alguma coisa. Ela saiu pela porta dos fundos como tantas outras vezes; deu a volta pelo outro lado, esperou que ele entrasse e então foi para sua casa.

— Vão passar a virada de ano com essa gente, e não comigo? — reclamava meu pai com a voz arrastada no fim da noite, dois dias antes do réveillon. Ele estava completamente bêbado e abraçou minha mãe por trás, enquanto ela lavava louça. Eu estava sentado na mesa da cozinha lendo um jornal do dia anterior e fiquei irritado com o comportamento dele. Segurou a cintura de minha mãe e disse: — E se a gente virasse a noite junto? — E a beijou.

Senti nojo ao ver aquilo, o que pode parecer estranho, pois afeto entre os pais é algo normal. O que deu nojo é que ele só estava fazendo aquilo porque estava alterado, pois, caso contrário, estaria batendo nela ou coisa do tipo, não a abraçando. Além do que “virar a noite” na cabeça dele estava longe de ter seu sentido comum.

— Vamos passar a virada com o resto da vizinhança, não com você — falei com raiva.

Meu pai me fuzilou com o olhar e com o punho cerrado na frente do meu rosto, num movimento que nem percebi, fez ameaças dizendo que, se ele quisesse, nós nunca mais sairíamos de casa. Que, se tivesse vontade, podia muito bem trancar nós dois naquele lugar e nos deixar ali mofando. Depois de várias outras porcarias que saíram por sua boca imunda, ele travou uma luta para subir os degraus da escada. Discretamente, mamãe me chamou e disse baixinho que não ia comigo, mas que faria um bolo para que eu levasse. Fiquei agradecido a ela, mas também triste, pois sabia que ela adoraria ir junto. Em vez disso, teria de ficar presa com aquele desgraçado.



— Oi, Toni... — ronronou Carol em meu ouvido quando eu a abracei no dia seguinte, véspera de Ano-Novo. Eram seis da tarde e todos os nossos conhecidos já estavam ali. Eram dezenas de pessoas vestidas de branco carregando travessas de doces e salgados até uma mesa de madeira colocada no fundo do terreno. Balões prateados faziam contraste com a casa vazia, que dava a impressão de ser mal-assombrada. Crianças corriam esbarrando em todo mundo e já tinha música tocando, vinda daquele velho rádio do qual Lauren e Ruan relutavam em se desfazer. Coloquei uma calça jeans qualquer e uma blusa social branca que

achei no fundo do armário, amarrotada; era o mais próximo de positividade que conseguiria transmitir.

Mamãe ficou em casa vendo televisão e esperando que meu pai voltasse de sabe-se lá onde. Peguei o bolo de morango que ela tinha feito com capricho, todo coberto de chantilly e raspinhas de morango e cerejas, mas do qual não comeria nenhum pedaço. Levei também uma latinha de refrigerante, já que o luxo de uma garrafa de dois litros não seria possível. A mãe da Carol e outras vizinhas montaram uma decoração incrível, como sempre, o que não as tornava previsíveis. Carol estava deslumbrante. Seus cabelos louros estavam presos num rabo de cavalo alto. Usava um vestido branco curto de silhueta marcada, na altura dos joelhos, e tamancos altos prateados. Ela parecia um anjo que ia iluminar meu Ano-Novo. Cumprimentei algumas pessoas e fui com ela até um banquinho de madeira mais ao fundo, onde só a luz da lua nos alcançava.

— Sabe o que eu quero para o meu Ano-Novo? — perguntei a ela, enquanto admirava seu sorriso vívido. Como ela era linda. Seu rosto em perfeita proporção com todo o resto. Cinco anos fizeram uma bela diferença para tudo aquilo que ela havia se tornado. — Quero mais um ano com você, um ano em que a gente fique sempre junto e em que coisas boas aconteçam.

Na verdade, não era isso que eu queria de verdade, eu planejava dizer outra coisa, mas tinha medo da reação dela. Ela poderia muito bem dizer que não...

— Vem cá — chamou ela, segurando minha mão e me levando de volta para o meio das pessoas. Era aquela coisa de desejar um bom ano e que tudo de bom acontecesse e coisas assim por todos os lados. Ela foi atrás da mesa de carvalho e pegou uma caixinha prateada de lá e entregou para mim. — Não é nosso aniversário nem nada, mas, ah, eu não preciso de motivos para querer te dar um presente, não é? — falou dando de ombros.

Tão linda... Abro a caixinha do tamanho de um livro e vejo um porta-retratos de vidro, o que pode parecer comum, mas a foto de nós dois dançando em seu aniversário de 15 anos tornava aquele um presente especial. Beije-a com suavidade, os lábios quentes sob os meus, e meu anseio fervilhou dentro de mim. Tinha certeza de que não aguentaria nem mais um dia sem possuí-la.

— É coisa simples, mas eu gosto tanto desta foto. Achei que você ia gostar também...

Eu ia responder, contudo nossas vozes foram sobrepujadas pela música que tocava bem alto. Olhei em seus olhos e, sorrindo, levei-a para dançar.

Ana Carolina

Fomos até onde estava todo mundo. O som ecoava pelo ar, propagando-se por todos os lados. Sobre a pele das pessoas, que ferviam de empolgação, repousava

a luz do luar, fazendo-as parecerem fantasmas vagando pela noite. Braços se esbarrando e pequenos empurrões aconteciam, enquanto todos iam em direção ao centro do círculo que se formara, onde meus pais dançavam empolgados e contagiavam a todos. O centro era onde estavam aqueles que se soltavam mais, que se remexiam com a batida da música, dançando sem preocupações ou vergonha, recepcionando o novo ano. No meio daquilo tudo, os lindos vestidos brancos se amassavam, e alguns perdiam os brilhos, mas as mulheres que os usavam cintilavam cada vez mais. Era algo que vinha de dentro, que irradiava para todos e chegava até nós, o famoso recém-casal, sobre o qual vizinhas fofoqueiras costumavam comentar.

Antônio segurou minha mão, deixou o presente na mesa e me levou até lá. A cada segundo me envolvia mais a ele. Toni beijou minha boca e me segurou de um jeito diferente, mas um diferente muito bom. Ele estava tão lindo... Estava forte, e as cicatrizes pelo corpo não o tornavam menos atraente. Beijava ardentemente, sua mão deslizando pelas minhas costas até que foi baixo demais. Mas nem me importei, pois me causou uma sensação ótima. A música ia aumentando e o calor entre nós também, conforme ele me tocava, conforme eu o beijava, mordendo de leve seus lábios. Ele beijou meu pescoço e disse em meu ouvido:

— Seja minha, Carol, seja minha esta noite.

Ser dele dessa vez tinha um significado muito diferente do que no dia em que ele me pediu oficialmente em namoro. Mas eu estava disposta a ser dele em todos os sentidos.

Apesar de minha vontade ser grande, meu medo era um pouco maior, e senti um gelo no estômago de apreensão. Ignorando minha ansiedade, mordi o lóbulo de sua orelha e sussurrei um “sim” carinhoso, depois o beijei. Ele sorriu como nunca fez, e agarrando meu braço deu um jeito de me tirar dali, sem dar na vista de ninguém. Ele me levou até a casa que ficava mais para a frente no terreno, a casa que tinha fama de ser habitada por fantasmas e seres malignos. A música ia ficando mais baixa conforme andávamos e, ao chegar à porta dos fundos da casa, ele disse: — Tem certeza?

— Abre logo esta porta! — bradei sorrindo. Sim, eu tinha certeza. Antônio continuou a sorrir para mim e forçou a maçaneta já frouxa. A porta se abriu com um rangido de filme de terror. Olhei em volta, mas ninguém percebera o barulho. Entramos de mãos dadas.

Estava horrível para enxergar o que quer que houvesse lá dentro. Procuramos no que devia ser a cozinha por qualquer coisa parecida com velas e fósforos. Eu encontrei três velas pequenininhas, e ele, uma caixinha de fósforos pela metade. Acendemos uma delas e fomos andando pela sala. Era uma casa grande e

espaçosa, com poucos móveis, além de um sofá de couro preto e um rack de madeira coberto de poeira. Achamos as escadas que levavam para o segundo andar a muito custo. Subimos com cuidado e chegamos até os quartos. Eu estava morrendo de medo de que fossem entrar lá de repente, mesmo que as chances fossem mínimas.

Antônio deu um empurrão com o ombro na porta do quarto do meio, que não tinha janela nem para a frente nem para atrás, e sim para a lateral da casa. Acendemos as outras duas velas e colocamos uma no chão, ao pé da cama, uma na escrivaninha e uma terceira em cima de um baú de madeira. Tirei os lençóis empoeirados de cima da cama e depois os coloquei de volta, muito ansiosa. Terminamos de arrumar tudo. Quando o quarto ficou aceitavelmente limpo, silenciámos. Toni andou até mim e tocou meu braço. Nunca tinha me retraído diante de um toque seu. Ele me beijou com carinho e disse “Tudo bem se você não quiser”, mas eu o beijei para que parasse de falar. Então ele me segurou pela cintura e me levou até a cama. Sentei-me na cama, e ele, à minha frente, e ambos tiramos os calçados.

Fiquei repentinamente sem graça, sem saber o próximo passo, no entanto ele parecia saber o que estava fazendo. Sorriu para mim e, segurando minha nuca, beijou-me e me puxou para mais perto dele. Eu o beijei e ele segurou minha cintura, agarrando-me para si e eu enlacei meus braços em volta de seu pescoço. Sentei-me sobre suas coxas e senti seu coração martelando no peito. Acariciei seus cabelos, enquanto o beijava, e senti sua respiração ofegante em uníssono com a minha. Sua mão esquerda segurou minha coxa com firmeza. Antônio beijou meu pescoço e sua mão direita tocou meu ombro suavemente – a outra mão ainda me segurando. Deslizou devagar a alça do vestido, deixando meu ombro exposto, e fez uma trilha de beijos que começou pela minha boca e seguiu pelo meu pescoço, meu ombro e um pouco mais embaixo. Era minha vez. Desabotoei um por um os botões de sua camisa e pressionei as mãos sobre seu tórax. Deslizei as mãos pelas laterais de seu tronco até chegar à borda da calça, provocando-o. Tirei sua camisa e joguei-a no chão. Ele me beijou com empolgação e retribuí. Em seguida, ajudei Toni a tirar meu vestido.

Exposta dessa forma eu fiquei envergonhada, enquanto ele corria os olhos pelo meu corpo com um sorriso nos lábios, claramente satisfeito com o que via. Beijou-me e eu desafivelei o cinto de sua calça. Fiquei receosa em fazer o que fiz logo depois, despindo-o da roupa íntima. Contudo Antônio sorria com tanta ternura, fazendo tudo parecer tão natural, que não havia espaço para qualquer dúvida. Depois se reclinou sobre mim, seu rosto a centímetros do meu. Toda a vergonha e o medo sumiram num passe de mágica. Beijou-me com paixão e uniu seu corpo ao meu, definitivamente, num movimento delicado e cheio de afeto.

Tê-lo em mim foi uma das sensações mais estranhas, complexas e dolorosas que já senti na vida, mas, ao mesmo tempo, foi arrebatador, simples e satisfatório. Eu me entreguei por completo, corpo e alma, deixando que a vontade e os sentimentos regessem cada movimento. Quando terminamos, ele deixou-se cair ao meu lado sobre o colchão, ofegante, e virei-me na direção dele, deitando a cabeça em seu peito, enlaçando minhas mãos nas suas.

— Você é maravilhosa... — sussurrou enquanto me envolvia com o braço esquerdo e com o indicador direito fazia um caminho pelo meu abdômen, subindo por meu tronco, meu queixo e minha boca. Depois, beijou-me resolutamente, convidando-me para vivermos mais uma vez momentos intensos.

Entretanto não havia tempo para isso. Ouvimos que o pessoal lá embaixo estava se reunindo para começar a contagem regressiva; alguém anunciava isso aos berros. Apressados, procuramos por nossas roupas abarrotadas no chão em montinhos e rimos ao encontrar minha peça íntima no corredor. Descemos as escadas correndo e saímos em silêncio pela porta dos fundos. Eu transbordava de felicidade e não conseguia conter meu sorriso, por mais que houvesse um pequeno incômodo em meu ventre, fazendo-me lembrar do que tínhamos feito. Ficava abraçando Antônio todo o tempo e segurava seu braço com carinho, porque queria mais daquilo. Estava radiante e sabia disso quando ele comentou que eu estava tão iluminada quanto a lua. Ele me beijou outra vez e quase me desmanchei ao receber o toque de seus lábios. Ele ficou uns minutos parado e trincou os dentes como se tentasse refrear a vontade nítida. Embrenhamo-nos no meio das pessoas e vi meu pai de pé numa cadeira exclamando:

— Muito bem, meus bons amigos! Estamos chegando a mais um novo ano! Hora de dar adeus ao que passou e de cumprimentar aquele que chega. Já é quase meia-noite, então vamos começar nossa contagem regressiva!

Todos ficaram alvoroçados e começaram a gritar com empolgação, e eu sentia como se estivesse em outro mundo.

Toni, foi tão perfeito...

— Cinco!

Ele me fez sentir tão especial...

— Quatro!

Tão amada...

— Três!

Eu queria isso de novo...

— Dois!

Eu o quero comigo...

— Um!

Eu o queria para sempre.

— Feliz Ano-Novo!

Eu beijei Antônio, enquanto todos se abraçavam e gritavam “Feliz Ano-Novo!” em uníssono. Ele retribuiu meu beijo e murmurei um “feliz Ano-Novo, meu amor” e recebi como resposta “feliz Ano-Novo, princesa”, e o beijei outra vez. E sonhei que o novo ano fosse repleto de dias e noites como aquela.



— Está falando sério? Ah, meu senhor. Querida, você está realmente falando sério? Vocês... Foram até o fim? — quis saber minha mãe, sentada na minha cama e eu sentada no puff branco, a janela aberta deixando que o vento entrasse e tremulasse as cortinas. Eu sorria como uma criancinha contente e mamãe parecia chocada, mas também feliz. Era tudo muito novo, mas também muito bom.

— Está certa de que quer isso? Digo, foi um passo importante, então espero que esteja... Espere. Vocês usaram proteção, não é? — Ela adquiriu uma expressão seríssima ao se lembrar desse detalhe de repente; não contive o riso e jurei a ela que sim, por mais que não tenha visto muito bem quando Toni... — Nesse caso, meus parabéns! — Mamãe abriu o maior sorriso e me levantei para abraçá-la — Ah, minha menininha é uma mulher. Espero que vocês tenham um futuro juntos, meu amor. Espero de verdade.

— Eu também, mãe, ah — disse me jogando sobre o puff. — Eu o amo, mãe. Você pode pensar que não, que sou muito nova para entender o que é amar. Mas, do meu jeito, eu o amo, e acredito de verdade que ele me ama também.

Essa era a minha maior certeza.

Tragédias acontecem



Ana Carolina

— Ah, por favor, não fale assim, é um sonho legítimo — falei enquanto sorria. Fechei os olhos e respirei o ar puro da brisa de fim de tarde. Espreguicei-me e arranquei uma folha verde do galho mais próximo. Picotei-a e soprei os pedacinhos na palma de minha mão. — Seria incrível!

— Qualquer sonho que você tenha é legítimo, porque você é completamente original — retorquiu Toni sorrindo. Estava sentado na grama, recostado numa macieira majestosa, com seus galhos compridos entrelaçando-se aos das outras árvores. — Penso em fazer alguma coisa desse tipo também. Poderíamos fazer a faculdade juntos e arranjar empregos temporários. Com o dinheiro investiríamos numa casa e, depois de um tempo, quando nossos filhos nascessem, você poderia arranjar algo simples para fazer em casa e eu continuaria com o serviço “em campo” — sugeriu com o olhar distante, fitando nosso futuro.

— Nossa! — falei assustada. Perturbava-me um pouco quando ele falava como poderiam ser as coisas, como se tudo já estivesse decidido. Antônio parecia seguir um roteiro de peça teatral, enquanto eu me deixava ser levada pelas emoções de cada ato do espetáculo. — Já resolveu tudo, então?

— Pare de ser boba — riu, então me agarrou pela perna e me puxou para baixo, fazendo-me ajoelhar-me à frente dele. Ficou brincando com meus cabelos, enquanto eu arrancava tufozinhos de grama do chão. — Você faz o que quiser da sua vida, Carol. Eu só espero estar incluso nas suas escolhas. Você sabe que eu te apoio completamente nessa ideia da assistência social.

— Que bom que apoia. — Sorri. Estávamos falando sobre o que queríamos ser quando crescer. Impressionantemente, apesar de nós já nos conhecermos há quase seis anos, nunca havíamos conversado sobre algo tão simples assim. Era diferente falar sobre o que sonhávamos ser e o que de fato seríamos.

— Pode acreditar, eu sei que tem muita gente por aí que precisa de ajuda, de cuidado, de proteção — afirmou ele, com um sorriso meio torto e era evidente que se referia a si próprio. Abracei-o e minhas mãos sentiram algo áspero em suas costas, que quando relei o fizeram estremecer. Desvencilhei-me de Antônio e olhei no fundo de seus olhos, zangada. Mais uma coisa que com certeza ele não me contaria, por mais que eu insistisse. — Como eu disse antes, sei que tem

gente precisando de ajuda, cuidado e proteção.



Era início de janeiro. Estava frio e chovendo, logo no começo da manhã. O sol estava lutando para permanecer no céu. Enrolada em um cobertor, aninhada em um monte de travesseiros, eu escrevia no diário que finalmente começara. Mordi a ponta da caneta pensando no que acrescentar. Olhei pela janela, para a casa em frente à minha, e sorri lembrando-me do dia anterior, em que eu e Toni passáramos a tarde vendo um filme, aconchegados um ao outro no sofá da minha sala, enquanto meus pais estavam em outra cidade a negócios. Os empregados estavam de folga porque o segundo filho de Isis e Gabriel acabara de nascer, e todos se mobilizaram para ajudar com o recém-nascido. Ou seja, éramos apenas nós dois numa casa enorme e vazia, num dia frio e chuvoso, abraçados um ao outro. Fizemos amor e depois voltamos a ver o filme. As coisas tinham ficado muito diferentes depois daquele Ano-Novo, mais amplas, mais alegres. Mamãe tinha ficado exultante quando lhe contei a novidade, ao passo que papai parecia estar inconformado. Deve ser difícil para ele aceitar que eu não tinha mais dez anos. Peguei um bichinho de pelúcia em minha cama e acariciei seus pelinhos finos e macios, pensando em muitas coisas.

Deixei o diário de lado e fiquei refletindo. Esse último mês, depois da virada do ano, tinha sido perfeito. Víamo-nos com mais frequência (mesmo já nos vendo todos os dias), mantendo entre nós dois, além de muitas coisas, a sensação constante de que tínhamos uma ligação invisível. Era um segredo a mais que guardávamos, uma intimidade além de contato físico, uma conexão. Marcos fizera de tudo no último ano: humilhara-me, irritara-me e uma vez quase me bateu. Meu pai constantemente ia falar com os pais dele, mas tudo que o pai dele disse foi “Não entendo esse comportamento do meu filho, sabe? Já tentamos de tudo e ele não muda, continua assim, é incorrigível.” Incorrigível, dissera ele. Ah, esse era o modo como Marcos demonstrava carinho, então como ele demonstrava ódio? Simples: a forma como tratava Toni: com violência. Isso, essa obsessão sem razão dele por mim, entristecia-me, pois eu estava tentando retomar os laços com Viviane, contudo Marcos era um motivo que ela tinha para me olhar desconfiada, irritada e, quem sabe, até enciumada. Por mim ela poderia ficar com ele à vontade.

— Querida, estou indo para o banho — avisou mamãe ao entrar em meu quarto, o cabelo embaraçado caindo sobre os olhos, usando ainda a camiseta e a bermuda de algodão com as quais tinha dormido. — Papai está no porão e... Tudo bem? — perguntou, olhando para mim. Eu devia estar parecendo triste ou

algo assim, mas disse que não havia nada com que se preocupar — Ótimo, vou indo. — E saiu fechando a porta.

Peguei a caneta e retomei a escrita: *“Bem, diário, está tudo perfeito até agora. Perfeito demais para o meu gosto. Não sou tola, sei que coisas boas assim não costumam durar para sempre e, às vezes, fico me perguntando o que vai acontecer para nos tirar desse transe, desse mundo ideal em que vivemos apenas os dois. Porque, afinal, tragédias acontecem e...”*. Parei de escrever. Parei porque, no exato instante em que escrevi essas malditas palavras, alguma coisa de fato aconteceu.

Ouvi um barulho terrível, uma explosão, algo semelhante a um estouro daqueles fogos de artifício sem cor, apenas explosão. Depois, mais um, mas o barulho da chuva abafou aquele estampido pavoroso. E mais outro e um quarto logo depois. Olhei pela janela e não vi nada. Meu coração estava acelerado; nervosa, deixei tudo na cama e, levantando-me, fiquei perambulando pelo quarto, aflita. Não sabia se meus pais também tinham ouvido o barulho, mas estava tão indisposta naquele dia que tive preguiça de ir até o quarto deles para perguntar. Brinquei com o anel em meu dedo, como estava tão acostumada a fazer, e fiquei olhando para a foto de nós dois dançando no meu aniversário de 15 anos – aquela que colara em minha parede. Cerca de quinze minutos mais tarde outro som ecoou pelo quarto, o barulho das sirenes de uma viatura policial. Fechei os olhos, uma onda de medo passando por mim. Olhei de novo pela janela e havia dois carros de polícia, com suas sirenes azuis e vermelhas brilhando no teto, em frente ao terreno da casa do outro lado da estrada, além de uma ambulância que entrou na propriedade e parou nos fundos da casa. As pessoas que passavam pela estrada, andando em família ou apenas caçando algo para fazer, começaram a se amontoar em volta dos carros e, desesperada, sem saber o que fazer, eu gritei chamando por minha mãe. Seus passos eram firmes no piso e ela chegou ao meu quarto, envolta numa toalha.

— Estava indo para o banho, sua menina maluca! O que aconteceu? O que está havendo aí? — perguntou, enquanto eu olhava fixamente pela janela, imóvel, com os músculos enrijecidos. — Deixe-me ver... — Ela me empurrou para o lado e tomou meu lugar à frente da janela — Ah, meu Deus! Ah, meu Deus... — E ficou repetindo o nome de Deus, enquanto corria pelo corredor chamando por meu pai, segurando precariamente a toalha em volta do corpo despido. Ela se vestiu com uma roupa qualquer e os dois vieram até meu quarto. Meu pai olhou pela janela e acenou negativamente com a cabeça. Respirando fundo, ele segurou em meus ombros e disse:

— Escute-me: nós dois vamos ver o que está acontecendo. Fique aqui, entendeu? Não quero que vá lá fora a menos que a chamemos, entendeu? —

Fiquei indignada com o que ele disse, talvez tanto quanto estava entorpecida pelo medo, que se apossara de cada parte do meu corpo.

Desvencilhei-me de suas mãos e resoluta contestei-o:

— Mas, pai, eu tenho que ir! Tenho que saber o que está acontecendo! Não pode simplesmente me proibir dessa forma... — falei avançando até a porta, mas ele me barrou se jogando na frente, bloqueando a passagem com seu corpo enorme. Furiosa, tentei passar, mas ele também perdeu a paciência.

— Sim, eu posso, eu sou seu pai — anunciou simplesmente.

— Bela porcaria — retorqui.

Seus lábios se abriram incrédulos e mamãe olhou para mim como se não me reconhecesse.

— Muito bem — disse ele, beirando um ataque de raiva, segurando meu braço e me forçando a voltar para onde eu estava antes, perto da janela. — Se você não conseguiu entender, vou tentar ser mais claro: pode ter acontecido algo sério Ana. Algo *grave*. Algo que não valha a pena você ver. Alguém pode ter morrido — afirmou ele, fazendo-me parar de lutar. — Será que conseguiu me entender agora? — perguntou com irritação na voz.

Não, não e não. Isso sim era algo impensável, algo que eu não podia aceitar. Não era concebível que isso tivesse acontecido. Ainda nervosa, fechei os olhos e gritei, porque sabia exatamente o que era a tal coisa grave, e minha raiva e medo se extravasaram naquele grito. Beirei o choro e meu pai me abraçou, enquanto eu sentia o ar sumir dos meus pulmões. Quanta raiva, quanto ódio de mim mesma, porque durante todo aquele tempo eu sempre soube o que estava acontecendo e nunca contei a ninguém, nunca tentei ajudar. Que raiva daquele maldito, e que raiva de Antônio, que nunca teve coragem de pedir ajuda, sempre mentiu, sempre escondeu a verdade de mim e dos meus pais. E desejei com todas as minhas forças que Fernando sumisse pelos ares, virasse fumaça, pó, qualquer coisa que fosse possível afastar com um sopro ou abanando com a mão. Mas tudo eram suposições, então eu teria de descobrir o que de fato aconteceu. Eu estava decidida: fosse o que fosse, eu iria ver.

— Não importa! — gritei. — Não me interessa que porcaria aconteceu ali, papai, se alguém morreu ou não; eu quero ver o Toni. Tenho que ver por mim mesma para saber se ele está bem. E você *não pode* me proibir de ver ele, porque eu sei que aconteceu alguma coisa ruim, mas mesmo assim eu preciso ver ele! Droga! Eu quero ver o Antônio agora!

— Está bem — concordou ele assustado e evidentemente decepcionado. Minha raiva sumiu num passe de mágica quando me dei conta de que pela primeira vez elevara a voz para meus pais e faltei com respeito. Mas as boas maneiras deveriam esperar; minha cabeça não estava focada nisso agora. — Já vi

que não adianta falar com você. Mas olha só: é problema seu se não gostar de seja lá o que você vir. Eu te avisei.

Assenti com a cabeça, afastei-me, quase chorando, dos seus braços, bati a porta do quarto e corri pelo corredor para descer as escadas voando. Eu chorava baixinho com medo do fim dessa história. Aqueles estouros... Ah, agora estava claro. Aqueles estouros que ouvimos no filme do dia anterior, disparados por uma arma. Maldito filme, malditos estouros, ah, maldito Fernando. Enquanto isso, minha mente insistia em fazer-me lembrar daqueles gritos que ouvíamos de vez em quando. Das súplicas de Natália, quando seu marido estava alterado. Dos machucados que encontrava em Antônio, por todo seu corpo. “São as pessoas mais próximas de nós que nos machucam mais”. Tão próximas, como podem fazer isso? Por fim, lembrei-me de algo que me fez arrepiar: aquele olhar doentio que Fernando tinha nos olhos no dia em que Toni e eu nos beijamos pela primeira vez. Foram cinco segundos, mas vi todo o ódio que ele sentia. E tremi ao pensar na tragédia que aquela raiva desmedida poderia ter causado. A culpa me dilacerava. Atravessei a estrada, pouco me importando com o perigo de ser atropelada.

Havia de fato uma multidão na frente da casa, além da polícia que impedia que as pessoas entrassem, formando uma barreira contra bisbilhoteiros. Isso não impediu que as fuxiqueiras saíssem espalhando, dias depois, o que haviam “supostamente” visto: uma tinha conseguido ver uma manchinha de sangue no umbral da porta; outra vira arranhões no chão de madeira; outra tinha visto o autor do crime. Um monte de calhordas sem nada para fazer, encontrando assunto nas desgraças alheias. Acotovelei as pessoas abrindo passagem até a frente da casa e recebi em troca palavrões para os quais não dei a mínima. Empurrei quem quer que estivesse em minha frente, pois tudo o que eu queria era ver Toni e ter certeza de que ele estava bem. Finalmente consegui vencer a massa humana e chegar a casa, com a porta da sala escancarada, à qual me dirigi. Aproximei-me dos degraus da entrada, mas um policial me segurou.

— Você não pode entrar, menina, vão fazer perícia! — anunciou o policial segurando meu braço.

Mas perícia não é o que eles fazem quando...?

— Me larga! Me larga, droga! Eu quero entrar! Me solta *agora*! Eu tenho que entrar. Eu preciso vê-lo e você não tem o direito de me segurar dessa forma! — gritava eu, tentando me soltar do policial. Ele não me largava e, então cansada, caí de joelhos choramingando. — O que aconteceu? Pelo amor de Deus, me diz ao menos que droga aconteceu!

O policial não respondeu, somente me conduziu para longe da porta, por onde saiu um garoto de cabeça baixa e os cabelos bagunçados, mal conseguindo

andar, a face retorcida como se estivesse suportando uma dor mais forte que ele. Ele estava sendo conduzido por um segundo policial.

— Ah, meu Deus... Toni! — berrei.

Antônio ergueu a cabeça e procurou por quem o havia chamado. Gritei novamente, então seus olhos soturnos encontraram os meus. Os olhos que eu vira ontem, aqueles olhos apaixonados e vivos, já não estavam mais ali; havia frieza e medo em seu olhar, seu rosto estava lívido e ele tremia ligeiramente por causa de alguma coisa. O policial me agarrou outra vez e seu parceiro segurou Antônio. Por um minuto fiquei olhando para Toni, estudando sua imagem: a blusa amarelo-clara agora era laranja em uma pequena parte do tecido, devido a uma mancha vermelha que me provocou calafrios; o rosto marcado por lágrimas secas e a calça jeans com um furo logo abaixo do joelho, expelindo alguma coisa vermelha. Entorpecida, admirei o fluxo vivo e sinistro que escorria pelo tecido azul-marinho. O horror me encontrou quando entendi o que era aquilo.

— Escuta aqui, senhor — falei ironicamente para o policial que me agarrava, numa falsa educação. — Pode fazer a extrema gentileza... De tirar suas mãos de mim! Me solta agora, seu infeliz! Me larga!

— Solta ela, filho da mãe! — gritou Antônio, ao mesmo tempo em que também tentava se livrar dos braços do homem. Atraindo a atenção do policial, como pretendia com o palavrão, ele parou de se debater, e respirando fundo ergueu uma das mãos e disse:

— Me dê cinco minutos. Por favor, cinco minutos. Só me deixe falar com ela e eu vou para o carro, prometo.

Os policiais se entreolharam e nos largaram. Chorosa, fui até Antônio, que mancava, isso destruiu meu coração já despedaçado.

— Antônio! Ah, meu Deus... Ah, meu Deus do céu... — Ele me abraçou, meio me reconfortando, meio se apoiando em mim. Ele tremia e gemia, arfava e evitava apoiar-se na perna esquerda. Eu o segurei em meus braços como se ele pudesse escapar por entre meus dedos a qualquer momento. O calor de seu corpo enlaçado ao meu e o sangue em sua roupa transferindo-se para a minha, mas isso não era relevante. Eu chorava em seu ombro e ele mexia em meu cabelo, enquanto sussurrava: — Eu fiquei com tanto medo! — Engoli em seco. — Por favor, me diz que isso na sua perna não é...

— Xiu, calma, está... Está tudo bem, eu estou bem, muito bem... Não é nada, nada, ah, Deus... Nada demais, minha princesa, nada demais. Juro que estou bem. Vai dar tudo certo, é sério. — Antônio mal conseguia falar, e senti seu peso desabar em cima de mim. Um paramédico veio ajudá-lo, mas, mesmo caído no chão, ele recusou ajuda. — Não é nada demais. — Sua voz estava embargada e a respiração travava de vez em quando. — Eu só fiz o que era preciso fazer. —

Sorriu sinistramente. — Ah, Carol. — Fiquei de joelhos e Toni me abraçou. — Eu sinto muito. Sinto muito, ah... — Arquejou. — Muito mesmo. Não queria que as coisas fossem assim... — Antônio não respondeu à minha pergunta e, no fim das contas, não precisava. Estava na cara que ele levou um tiro de arma de fogo.

— Por favor, me diz o que... O que vai acontecer? Para onde você vai? — O medo se apossou de mim outra vez quando uma possibilidade me ocorreu: — Ah, não. Não vai embora, por favor. Não me deixa aqui, não. Oh, pelos céus! — Abracei-o com força. Ele acariciou meus cabelos e beijou o topo de minha cabeça. Então passou a mão pelas minhas costas para me acalmar. Ficamos bons minutos abraçados, em silêncio, reconfortando-nos um ao outro, ignorando todos ao redor.

Antônio estava prestes a me explicar tudo quando o policial chegou gritando que já tinha nos dado tempo demais e que os cinco minutos haviam se esgotado. O paramédico levantou Toni, fazendo com que ele soltasse um terrível grito de dor. Deixou-me ali com o calor do corpo dele ainda latente no meu. Antônio, por sua vez, parecia enfurecido, tentando se soltar, mas, sem forças, desistiu de lutar e foi levado até o banco de trás do carro dos policiais. Sentou no banco e abraçou a perna, chorando. Minha cabeça latejava vendo-o ali; fiquei parada como uma estátua de pedra, fitando-o como se fosse um quadro, um quadro muito estranho. A sirene soava, enquanto a porta se fechava, e foi o que me fez voltar à realidade. Corri até o carro, bati no vidro até que Antônio o abrisse:

— Antônio, está indo para onde? Me fala pelo menos isso, não me deixe assim...

— Perdão, Carol... Eu sei que prometi que não iria, mas não é uma escolha que posso fazer agora. Acho que eu vou para um abrigo ou algo assim... Perdoe-me, sinto muito...

— Não, você não vai a lugar algum, está me ouvindo? Você prometeu, então não vai... — Parei no meio da frase quando o carro deu um tranco. O policial carrancudo entrou no carro soltando o freio de mão e pegou o volante, mandando que eu me afastasse do carro ou então ele ia me atropelar. Acho que gritei que não estava nem aí e que ele podia passar por cima se quisesse. Ele deu a partida e subiu o vidro do banco traseiro. — Não! — Eu batia na lataria. — Não!

— Tchau, Carol. — Antônio sorriu tristemente, como se fosse uma despedida qualquer. — Você sabe que eu te amo... — disse Toni, olhando para baixo, enquanto o vidro ia subindo e escondendo seu rosto. O barulho da ambulância fez-se alto e vi quando ela entrou na estrada e correu a toda velocidade para o leste.

O carro saiu do terreno cantando pneus para seguir a ambulância e eu corri atrás, hipnotizada pelos faróis vermelhos. Corri até que não aguentei mais,

tropeçando inúmeras vezes em pedras no caminho, engolindo a poeira que o carro da polícia deixava para trás ao passar. Exausta, caí de joelhos sabendo que tinha sido derrotada e afoguei-me em meu choro amargo. Enterrei a cabeça nas mãos e agarrei meus cabelos. Mordi a mão tentando evitar soluços, enquanto a poeira da terra entrava nos meus olhos. Estava desolada, arrasada, devastada. Antônio não ia voltar nunca mais e aquilo era tão certo quanto o ar que respirava. Ou tentava respirar conforme mergulhava em minhas lágrimas até que elas preenchessem todo o vazio dentro de mim. Aquilo não o traria de volta, mas me ajudava a aliviar toda a dor que sentia naquele momento. Mesmo com apenas 15 anos, experimentei aquela terrível sensação de ter algo arrancado de você. Ele era tanto para mim e foi tirado dos meus braços, literalmente, sem meu consentimento. Fiquei falando baixinho, num sussurro, tremendo e chorando. “Uma babaca, é o que sou. Sim, eu devia ter contado, falado alguma coisa, pedido a ajuda de alguém. Ah! É tudo culpa minha.” Queria que Toni pulasse pela porta daquele maldito carro e viesse correndo até mim dizendo que não ia a lugar algum. Mas ele foi embora. E não voltou. Nem naquela hora nem nunca mais.

Acho que foram meus pais que chegaram atrás de mim e me abraçaram. Sentei na estrada e olhei para a frente. O carro sumia lá adiante, quase uma manchinha preta invisível, levando Antônio para longe, para um lugar que eu não conhecia e no qual tudo era diferente. Como o vento levando as folhas secas.

Antônio

O que aconteceu naquela casa apenas comprovou todas as suspeitas que as pessoas da cidade já tinham. Isso mostrou o que alguém cheio de ódio e sem amor ao próximo é capaz de fazer. Como todos já sabiam, minha mãe e meu pai discutiam quase diariamente por diversos motivos. E eu era o assunto principal. O que ninguém sabia era o que motivava todo aquele ódio, ninguém a não ser Carol. Meu pai me odiava por causa do que acontecera com meu irmão naquela piscina e descontava sua raiva em mim e no álcool. Todos os dias ele bebia; se não bebia, ficava nervoso; mas, se bebia, ficava pior ainda. Mamãe brigava com ele e alegava que ele nunca fora um pai de verdade para mim, que ele nunca tentara se aproximar, que ele nunca deu o amor que eu merecia. E o infeliz rebatia dizendo que para crescer e se tornar alguém na vida não era preciso amor, e sim uma boa surra.

— Maldita a hora em que me casei com você, seu desalmado! — falou minha mãe uma vez, com uma expressão de desgosto no rosto. — Meu filho merece um pai, não um desgraçado bêbado.

— Deixe de ser hipócrita! Você se importa com ele tanto quanto eu, mulher, e

sabe disso. Ele merece o que recebe. Acha que ele não deveria ser tratado assim, mesmo depois do que fez? — Essa conversa se deu numa noite fria, em que eu ouvia pela porta do quarto o que acontecia lá dentro. Mamãe não respondeu a essa pergunta. — Muito bem, foi o que pensei.

Isso foi apenas uma ocasião. Os dois se agrediam com xingamentos que, na maioria das vezes, eram seguidos por agressões físicas, que se estendiam até mim. Quando o infeliz ameaçava minha mãe, eu entrava na frente gritando e jurando que, se ele fizesse alguma coisa a ela, chamaria a polícia e ele nunca mais iria nos ver. Por mais que meu coração estivesse ferido, por mais que minha mãe não negasse quando meu pai dizia algumas coisas a meu respeito, por mais que às vezes não me defendesse. E então acontecia o que acontecia. As coisas que eu evitava contar para Carol mesmo que ela pedisse o tempo todo. Algumas vezes era com cinto ou chinelo ou com o que quer que ele encontrasse pela frente. Como aquela marca que tinha em meu braço direito, uma que demorou longas semanas para sumir. Foi feita com um pequeno porta-guardanapos de ferro que estava na mesa do café da manhã e que, no meio de uma discussão, ele atirou em minha direção. Ou a vez em que mamãe estava passando roupa e ele agarrou o ferro de suas mãos e tacou-o em cima de mim; consegui me esquivar, mas atingiu de raspão meu ombro, que ficou com uma queimadura feia e dolorosa.

Mas o que aconteceu naquele dia vai ficar para sempre na minha memória. Eu estava no quarto lendo; ou ao menos tentando, pois olhava pela janela, observando os fundos do terreno. No dia anterior eu e Carol passáramos toda a tarde em sua casa, amando-nos e vendo filmes. Eu pensava em ir chamá-la para passear quando ouvi o barulho da porta da sala abrindo. Ele chegou em casa às cinco da tarde completamente bêbado. Mamãe estava na sala varrendo o chão pela terceira vez, tentando espantar a ansiedade, imaginando se ele voltaria ou não para casa. Ele entrou com a garrafa de vidro vazia nas mãos e, sendo o tolo de sempre, reclamou:

— Aposto que ainda não fez o jantar, não é? Você é mesmo uma imprestável. Uma inútil — falou com deboche, deixando mamãe inconformada.

— Eu? Imprestável? Aposto que você está bêbado de novo! Você é um bêbado infeliz! Não faz mais nada para nos ajudar. Aposto que todas essas reuniões com empresários em outra cidade devem ser noite de bebedeira num bar qualquer! Não merece esta família e não merece estar aqui! — gritou ela.

— Você não merece continuar viva, sua desgraçada! Quem pensa que é para falar assim comigo, hã? Acha que é quem? Sou seu marido, esqueceu? Seu marido, sua ingrata inútil!

Ouvi os passos pesados martelando o piso conforme ele foi chegando mais

perto de minha mãe. Meu sangue começou a ferver. Saí do quarto e fui até a ponta da escada, de onde pude ver o que acontecia lá embaixo.

— Por favor, não faça isso! — implorava ela, as mãos erguidas para se proteger, enquanto ele levantava a garrafa de vidro em sua direção.

— Você vai ver só quem é o infeliz aqui!

Não consegui ver direito o que aconteceu, pois ele se virou e ambos se afastaram de meu campo de visão. Receoso, desci a escada correndo, deparando-me com minha mãe encostada na parede e meu pai perto dela. Cacos de vidro pelo chão.

— O que você fez? O que fez com ela, seu desgraçado? — gritei furioso. Fui até eles, com o punho cerrado. Já não era mais o moleque de 11 anos que aguentava tudo calado. Tinha 16, agora, faria 17 em alguns meses e estava consideravelmente forte, o suficiente para enfrentá-lo. Meu pai agarrou meus pulsos e me jogou para trás. Ele se virou na direção de mamãe e pegou algo em sua cintura. Uma arma. Ao ver a arma nem pensei duas vezes antes de me jogar em cima dele pelas costas e ambos caímos no chão.

— Seu...

Então ouvi um disparo e senti uma queimação seguida de uma dor aguda sob meu joelho esquerdo. Olhei em seus olhos, os meus arregalados, os dele destilando ódio.

— Eu devia ter feito isso há muito tempo...

Meu pai atirou outra vez, atingindo um pouco mais embaixo. Dei um berro de agonia e surpresa, pois parecia haver brasas vivas em minha perna. Envolvi-a com as mãos e o sangue fluiu. Contorcia-me de dor.

— Eu devia ter me livrado de você quando tive oportunidade, devia ter feito o mesmo que fiz com... — Ele parou de falar, pois minha mãe pegou a vassoura e atingiu-o nas costas.

— Sua maldita! — gritou enfurecido.

Arquejou-se quando recebeu o golpe do cabo de madeira, certo na parte de trás de suas costas. Mas rapidamente se recuperou e voltou-se para minha mãe e apontou a arma em seu peito.

— Morra, sua desgraçada!

E atirou. Mesmo tomado de uma dor excruciante, dei um jeito de me erguer, pegar um vaso na mesinha perto da porta e atirá-lo na cabeça de meu pai, segundos depois de ele atirar contra mamãe.

— Morra você, seu desgraçado — sussurrei quando ele caiu desmaiado a meus pés. Ele não podia acordar, eu precisava de tempo. Movido mais pela raiva que pela razão, peguei a arma no chão, segurei-a e dei um tranco para trás quando disparei a arma, atingindo a panturrilha direita dele. Pelo menos assim eu

conseguiria chamar ajuda sem o risco de que ele acordasse e atirasse em nós outra vez.

Quem chamou a polícia fui eu mesmo, segundos depois de absorver o choque. Olhei para o lado e vi minha mãe caída no chão. Tinha uma mancha vermelha perto do seu ombro esquerdo e seus olhos fechados faziam conjunto com seu rosto pálido. Apertei os olhos e mordi os lábios. Com meu pai ainda desmaiado, peguei o telefone e disquei 190.

— Qual a ocorrência, senhor? — perguntou a voz masculina do outro lado da linha.

— A ocorrência? Tentativa de homicídio, morte. E quem tentou matar minha mãe foi o cretino do marido dela! Dá para vir prender esse cara e ajudar minha mãe?! Ela vai morrer! — gritei para o atendente.

— Espere um momento. Por favor, informe o endereço.

Passei o endereço para ele e depois coloquei o telefone no gancho. Então me deixei cair no chão, agarrei minha perna junto ao peito, o sangue manchando minha blusa amarela, e chorei por causa da dor, que fora brevemente esquecida devido à adrenalina. Pouco tempo depois, os policiais chegaram. Eles me perguntaram o que tinha acontecido e tentei explicar, mas não consegui. Um deles me ajudou a levantar e ir para fora e um socorrista se dirigiu com um paramédico para onde estava minha mãe.

Saí para a frente do terreno e lá estava um policial segurando uma garota histérica pelos braços, enquanto ela se debatia e gritava, xingando-o e tentando se soltar. Era Carol. Vê-la foi meu segundo de conforto, antes de ser tomado pela dor outra vez. Tentei confortá-la, mas sentia uma necessidade enorme de gritar. Quando me levaram para o carro dos policiais, aliviei-me por poder despejar o peso do corpo sobre o banco e agarrei minha perna. Foi a hora de dizer adeus, de deixá-la e ir para algo incerto. Não pensei nisso naquela hora, mas é o que aconteceu. Despedi-me e o carro saiu atrás da ambulância em que estava mamãe. Fernando foi no outro carro, logo depois do meu. Olhei brevemente pelo retrovisor, e ela estava lá caída de joelhos, a cabeça baixada, o rosto entre as mãos. Meu coração, ou o pouco que sobrara dele, quebrou-se por inteiro.



Minha perna doía, latejava. Minha cabeça parecia que ia estourar. Mas, acima de tudo, o que mais doía era meu peito. E não era uma dor física; era a inconformidade, a perda. Sentia fisgadas diante da menor lembrança sobre o que tinha acontecido naquela casa. E mais forte que a dor, aquele que provocava pontadas na minha cabeça era o ódio. A raiva que me consumia e me fazia

querer saltar daquela maca só para poder fazê-lo sofrer tanto quanto eu estava sofrendo. Queria fazê-lo sentir toda a dor que eu estava sentindo. Só de me lembrar daquele vaso se espatifando na cabeça dele e do tiro em sua perna, que era uma dor meio equivalente à minha, senti certo alívio. Alívio esse que se desfez num minuto, por causa de uma fisgada terrível que interrompeu meus pensamentos. Dei um grito quando senti a queimação profunda em minha perna e agarrei o lençol da maca. Tiveram que segurar meus braços e me dar morfina para aliviar a dor.

— Ei, rapaz, calma, vai dar tudo certo. Nós vamos tirar a bala e você vai ficar bem, ok? — disse uma enfermeira do meu lado, uma das que levava minha maca para a sala de cirurgia. Entrando lá, vi as luzes e as máquinas e gritei de novo, dessa vez só para livrar meus pulmões da pressão no meu peito. — Vamos aplicar a anestesia geral. Você só vai sentir uma picadinha e depois vai começar a ficar com sono. Depois não vai sentir mais nada, está pronto? Certo, vou aplicar — avisou ela, e fiquei feliz porque tudo o que eu queria era apagar e torcia para que a escuridão levasse embora aquelas lembranças. A dor foi sumindo aos poucos. Meus olhos começaram a pesar e foram se fechando devagar, até que tudo o que eu via era a escuridão.

Acho que se passaram algumas horas quando eu acordei de novo. Abri os olhos devagar e, por alguns momentos, fiquei desorientado, sem saber onde eu estava ou o que estava acontecendo. Fechei os olhos, abri de novo e dei uma olhada ao meu redor. Estava num quarto de hospital, na cama, com duas poltronas ao meu lado. Tinha uma janela na minha esquerda, que estava fechada com as persianas baixadas, e a porta a minha frente estava aberta, e eu podia ver os enfermeiros passando lá fora. Tentei me sentar, mas uma fisgada me fez parar. Então encostei novamente e levantei os lençóis para tentar ver qual a situação e o que vi foi uma faixa branca que envolvia minha panturrilha esquerda. Então não tinha sido um pesadelo. Foi um tiro de verdade. Na verdade, dois, como me lembrei. O efeito da morfina já tinha passado e a dor voltava com uma força tão grande que dei um grito, e uma enfermeira entrou no quarto perguntando o que aconteceu.

— Mais... — tentei dizer com a garganta seca, e ela entendeu. Alguns minutos depois veio aquela maravilhosa sensação de dormência e apaguei novamente, mas dessa vez foi uma escuridão repleta de lembranças. *“Não pode ir embora para longe. Não pode ir porque... Porque tem gente aqui que te ama e se importa com você”*. Carol preencheu aquelas horas de sono.

Quando acordei de novo já era noite, como constatei pelas luzes acesas e as janelas fechadas. Dei uma olhada pelo quarto e vi que havia três pessoas ali além de mim: duas sentadas em poltronas e uma de pé atrás delas. A primeira era um

policial, que estava com uma caderneta na mão, olhando o tempo todo para o relógio e para a minha cama, provavelmente esperando eu acordar para me encher de perguntas; o segundo era uma mulher num terninho verde, com uma pasta preta do seu lado e uma expressão amável no rosto; e, por fim, uma enfermeira de pé atrás da mulher e uma bandeja em cima de um carrinho móvel ao seu lado. Sabia o que ia acontecer quando eles percebessem que eu estava acordado, mas eu estava morto de fome e não tive outra saída a não ser me sentar. Ao fazer isso, os três sobressaltaram-se e a enfermeira foi a primeira a falar, perguntando como eu estava e se eu queria alguma coisa. Disse que queria comida, mas a voz falhou por um momento. Depois de repetir três vezes, ela entendeu o que eu disse. Um prato de sopa chegou e comecei a colocar goela abaixo, enquanto o policial se apresentava como Sr. César e explicava o que estava fazendo ali:

— Muito bem, meu jovem, o que tenho para tratar com você é a respeito do crime. Como você sabe, o homem que atirou, que suponho ser seu pai... — falou, esperando que eu confirmasse sua hipótese e em resposta balancei a cabeça. — Certo, ele foi detido e primeiramente levado para o hospital tratar de um tiro na perna, sobre a qual eu gostaria muito de ouvir um pouco mais depois, certo? Muito bem, em seguida ele foi levado para a delegacia onde está prestando depoimento nesse momento, com um delegado que vai cuidar do caso. Ele responde por duas tentativas de homicídio.

Tentativas? Isso queria dizer... Acho que ele percebeu minha confusão.

— Sim, a vítima em questão não faleceu, está internada num hospital próximo, onde passou por uma cirurgia para remoção da bala, além de estilhaços de vidro no ombro, sobre os quais eu também gostaria de ouvir mais tarde. O caso é que, quando você sair daqui, eu preciso que você vá comigo para a delegacia para que nos conte o que aconteceu. Sua mãe ainda não falou conosco, mas depois ela também irá depor. E teremos três versões da história para o juiz dar a sentença.

— Só tem uma coisa que eu não entendi: se minha mãe está internada e meu... E *aquele* homem está detido, onde e com quem eu vou ficar depois que sair da delegacia? — perguntei.

— Isso é sobre o que eu vim falar com você, rapazinho — disse a mulher no terno com uma voz maternal, e na hora eu entendi qual a função dela. — Eu sou a Sra. Sandra, conselheira tutelar. Quero explicar para você como vai ser depois daqui. Como sua mãe está internada, ela não poderá cuidar de você. Além disso, de acordo com as explicações que você nos der para o ocorrido, ela passará por uma avaliação médica e receberá acompanhamento psicológico. Ela nos pareceu muito perturbada quando acordou ontem.

Desde ontem...

— É, você está aqui faz dois dias. Hoje é terça-feira e são duas da manhã. Bem, o que acontece é que ela está traumatizada, fica dizendo coisas sem sentido e não responde as perguntas. Sendo assim, não pode cuidar de você, por isso não terá mais a sua guarda. Ela irá para uma clínica onde vai receber ajuda médica e onde ficará por alguns meses para se recuperar do trauma decorrente das agressões físicas e verbais que sofreu pelo marido. Quanto ao seu... Aquele homem, ele será preso. Você prestará depoimento e sua guarda ficará nas mãos da vara da infância e da juventude.

— Certo, mas, concluindo: com quem eu vou ficar? — perguntei, cansado daquela conversa, recostando-me no travesseiro e fechando os olhos.

— É aí que está. Levá-lo para um abrigo seria a opção mais prática, onde você seria recebido e cuidado. O caso é que nós primeiro temos que achar parentes próximos para quem possamos passar sua guarda por tempo indeterminado, e assim evitar os abrigos. Uma possibilidade seriam tios ou avós. Pegamos os documentos de seus pais e constatamos que seu pai tem um irmão casado, além de dois filhos. Ele é seu parente, não tem passagens pela polícia, então entramos em contato com ele, explicamos a situação e ele concordou em recebê-lo. Basta saber se você concorda em ir morar com seus tios.

Lembrei-me daquela mulher irritante e rancorosa que sequer olhava na cara da minha mãe quando ia nos visitar. Bom, qualquer coisa era melhor que ser levado para um abrigo.

— Certo. Então saindo daqui, o que acontecerá amanhã, pelo visto, você vai para a casa deles descansar... — falou para mim, mas olhando para o policial e arrastando a fala de modo enfático. — E *depois* vai prestar todos os depoimentos possíveis para o senhor delegado aqui.

— Muito bem, senhores — disse a enfermeira, tentando acabar com aquela conversa inútil. — Ele precisa que saiam daqui neste momento para que possa descansar e tomar um banho. — Eles se retiraram, ainda discutindo, e, quando a porta se fechou, a enfermeira me ajudou a ir até o banheiro.

Sentei-me numa cadeira de rodas para ir até lá, o que foi absolutamente doloroso. De banho tomado, voltei para a cama e tomei mais sopa. Em seguida, pedi para que a enfermeira apagasse a luz e tentei dormir. Mas não consegui, pois sabia que, quando saísse do hospital, tudo seria diferente: não haveria mais minha mãe esperando por mim com um dos seus bolos na cozinha; não teria mais a Carol me chamando para dar uma volta ou andarmos de mãos dadas; não haveria mais nada, além de um tio distante e uma tia chata, além de primos irritantes e uma casa totalmente nova para mim, esperando para ser chamada de “lar”. A única coisa que me consolou é que não haveria mais brigas nem surras,

e eu não sofreria mais.

Infelizmente, eu estava errado.

Ana Carolina

— Vamos, Ana, você precisa comer alguma coisa. Vamos, por favor, só uma garfada... — insistia mamãe, sentada numa cadeira ao lado de minha cama. — Ah, querida... — Passou a mão carinhosamente pelos meus cabelos embrenhados, que não tinham contato com uma escova há uma semana. Acariciou meu rosto, pálido e marcado por profundas olheiras, de tanto chorar. Eu estava deitada, enrolada em dois cobertores, fitando o espaço vazio na parede à minha frente, quase tão grande quanto o que havia em mim. — Eu sinto tanto...

— Sim, eu sei, você já disse — falei secamente, a voz rouca e machucando minha garganta que implorava por um gole de água. Mas eu me recusava a atender aos protestos do meu corpo; eu ia ficar naquela cama e dali não ia sair. — Você disse isso dezenas de vezes, assim como eu disse que não vou comer. Então, por favor, saia daqui e me deixe em paz! — gritei, levando imediatamente a mão à garganta, que parecia ser dilacerada a cada palavra dita, ou melhor, berrada.

— Que seja então, fique aí definhando, morrendo de fome, toda suja e fraca. Mantenha-se nesse seu estado deplorável, se é o que quer; já estou farta disso. Mas só digo uma coisa, Ana: esse seu comportamento imaturo e insensato não vai trazê-lo de volta!

— Suma daqui! — bradei exasperada. Ela largou o prato de macarrão com uma pancada em cima da minha cômoda e saiu bufando, murmurando e xingando-me, enquanto batia a porta do quarto com força, fazendo a parede estremecer. Minha cabeça deu uma pontada horrorosa e fechei os olhos. Ela estava certa sobre isso: tornar-me um peso morto não iria fazê-lo voltar. Com relutância e dificuldade, sentei-me na cama.

— Então lá vamos nós... — murmurei, pegando uma garfada cheia no prato e enfiando-a de uma vez na boca, engolindo com vontade. Acabei com todo o prato em pouquíssimos minutos e me levantei. Fiquei meio tonta ao me ver de pé e apoiei-me na parede. Andei até a porta e fui para o ateliê, onde mamãe estava de pé, de costas para mim, fazendo alguma coisa, que eu não via. Coloquei o prato vazio sobre a mesa dela e o barulho fez com que se virasse. Olhou para o prato e depois para mim. Ela chorava baixinho e veio me abraçar, deixando de lado aquilo em que estava trabalhando.

— Não há nada que não possa ser superado. Acredite, minha menina. Vamos ajudá-la com isso, está bem? Deixe que a ajudemos.

Não respondi, apenas suspirei. Ela estava terrivelmente errada: há, sim, coisas

que não podem ser superadas, e essa era uma delas.

Os dias que vieram depois daquele foram cheios de tristeza e de amargura. Em Santa Heloísa, a pequena cidadela onde as notícias correm, um acontecimento dessa magnitude não demorou nem um dia para se espalhar. Como foi contado e recontado, Natália não morreu porque os paramédicos foram rápidos em atendê-la. E mesmo depois de tudo que seu marido fez, ainda assim ela não teve coragem de admitir que foi ele. Diziam que ela foi levada para um manicômio ou para um desses lugares para os quais vão pessoas desequilibradas, mas eram todas especulações infundadas. O que me deixa mais zangada é saber que, se tivessem feito algo antes, Toni não teria passado nem por metade do que passou e talvez estivesse comigo ainda. Eu estava imersa até a cabeça em tristeza e desolação. Mesmo que se esforçassem para me fazer sorrir ou sair de casa, eu ficava a maior parte do tempo sentada, olhando para o nada, ou dormindo. Porque, pelo menos, enquanto dormia, a amedrontadora realidade não podia me atingir. Toda vez que eu ia até o morro atrás de casa, ficava pensando nele. Toda vez que girava o anel prateado no dedo, a noite de minha festa me vinha à mente. Toda a vez que olhava para nossa foto ou para a casa vazia na frente do meu quarto, eu desejava reviver aquilo. Antônio Guerra partira meu coração.

Senti saudades de sua companhia, de seus abraços apertados, de suas palavras de conforto, de sua presença. Principalmente de seus beijos, de seu carinho, do modo como ele me fazia sentir especial e desejada. Deitava na cama pensando no que ele estaria fazendo, onde estaria dormindo. Na minha cama, sozinha, eu ficava me lembrando da nossa primeira vez e me contorcia ao saber que nunca mais sentiria seus lábios nos meus nem seu corpo envolvendo-me. Eu já acordava imaginando se ele também havia se levantado, se estava comendo, se estava bem. Tomava café da manhã apenas com a xícara e o pires que ele me dera naquele Natal; lia e relia os vários bilhetes, contornando suas palavras com a ponta de meus dedos. No porão, encontrei o tapete vermelho, pelo qual descii a seu encontro na minha festa de 15 anos; no sótão, a luneta que adorávamos. Viviane veio uma ou duas vezes, tentando conversar comigo, mas eu não queria falar com ninguém.

Preocupado comigo, meu pai resolveu que não valia a pena continuarmos ali. Concluiu que aquela cidade não estava me fazendo bem, que aquela casa, aquele morro, tudo podia ser um motivo para que eu chorasse ou me trancasse em meu quarto. Ambos, meu pai e minha mãe, achavam que eu estava a caminho da depressão, pois comia pouco, falava menos ainda, passava os dias na sala, ou assistindo tevê, ou lendo, mas não conseguia me concentrar em nada do que fazia. Pois meus pensamentos sempre se voltavam para ele. Era ele que eu queria ali comigo. Eu estava totalmente nostálgica, chorava e suspirava, ficava

revezando entre chorar no quintal e chorar no quarto. O pôr do sol, o vento, as estrelas, as folhas secas, os livros, todas as coisas, mesmo as mais simples, traziam-me lembranças.

Meu “presente de aniversário” no fim daquele mês de fevereiro foi ver a mim mesma no banco de trás de um carro, dividindo espaço com diversas malas de vários tamanhos e cores, completamente cheias. Fiquei olhando para trás e vendo nossa casa com as portas e janelas fechadas e uma placa vermelha fincada na grama na qual se lia “vende-se”. Papai conseguiu emprego para Isis, Gabriel e Elias, que choraram e lastimaram a partida de seus patrões. Papai insistiu para que eles continuassem com a casa em que moravam, enquanto trabalhavam para nós; disse que era seu presente de despedida para eles e os dois menininhos, que não teriam para onde ir caso despejados. Acariciei o focinho de Dusk no dia em que ele foi morar com a família de Viviane, que, segurando minhas mãos, jurou que cuidaria bem dele, pois sempre adorou o cavalo. Os porquinhos ficaram sob os cuidados da senhora Vermont, que sempre se encantara com as patinhas e o pelo rosado dos pequenos bichinhos. Cada animal encontrou um dono novo, todos de confiança dos meus pais, é claro. E a casa em si, nossa bela construção que tanto custou a meus pais, o lugar onde nasci e fui criada, que foi palco de tantas coisas, foi vendida para a família de um dos sócios de meu pai, que se interessou em comprá-la logo na primeira visita. Tudo o que estava no porão e no sótão chegaria à nossa nova casa em São José do Rio Preto na semana seguinte àquela em que chegássemos, assim como nossos móveis e as caixas com roupas e bens.

Muitos ficaram tristes com nossa partida, mas todos tiveram o bom senso de evitar perguntas. Quando fomos embora, quando o carro partiu, um amontoado de pessoas ficou para trás, acenando em despedida, diminuindo conforme nos afastávamos. Uma pessoa apenas, no meio de todas aquelas, estava parada com os braços cruzados em frente ao peito, uma expressão carrancuda no rosto. Dei graças, pois pelo menos uma coisa boa viria com aquela mudança: eu não seria mais obrigada a ver Marcos.

Saudades



Ana Carolina

Dezembro chegou e já havia se passado quase um ano. Um ano desde que tínhamos pegado todas as coisas mais valiosas para nós, colocado em malas e caixas e saído da casa que atravessava as gerações e que, no futuro, deveria pertencer a mim. Fazia quase um ano que meus pais tomaram essa decisão, tudo por minha causa, tudo porque se preocupavam com o estado em que me encontrava. Tudo por causa de Antônio, por ele ter sido levado de mim e pelo modo como isso me afetou. Não fazia nem um ano completo, mas eu tinha a sensação de que tinha sido em outra vida. Simplesmente porque tudo era completamente diferente em São José do Rio Preto.



Quando o carro em que viajávamos naquele último dia de fevereiro abandonou a poeira da terra e começou a passar pelas estradas pavimentadas, levei um susto, pois nosso carro nunca andara em terreno tão liso. Estava no banco de trás, vendo as árvores passarem e irem embora, dando lugar a postes de energia elétrica e prédios mais altos do que qualquer um que eu já tivesse visto em toda a minha vida. O céu azul límpido aos poucos se manchava com nuvens mais escuras, anunciando que uma chuva forte chegaria em breve. Mamãe falava sobre minha matrícula num colégio da cidade, a papelada que precisávamos arranjar e a probabilidade de precisarmos comprar uniformes. Papai falava de assuntos aleatórios, nada delicado ou chato sobre o que falar. Muda, debrucei-me na janela; uma menina de 16 anos agindo como criança, apontando para os edifícios enormes e sorrindo timidamente. Meus pais riam felizes pela minha atitude e minha mãe comentou:

— Senti falta de te ver assim, Ana: feliz. — E meu sorriso se dissipou. Eu podia estar alegre, sim, mas não feliz. Eu nunca estaria completa, porque uma parte tinha sido tirada de mim, um pedaço do meu coração.

Compramos uma casa que ficava na mesma rua dos irmãos da minha mãe, aqueles que ela não via havia muito tempo. Meus primos adoraram a ideia de ter a prima mais nova por perto. Abrimos a porta trancada, colocamos na sala todas as malas do carro e demos uma volta pelos cômodos para acostumar-nos com

o novo ambiente. Em seguida, trancamos outra vez a porta e, a pé, fomos para a casa dos meus tios, onde nos esperavam com uma festinha de boas-vindas. Minha família era festiva, independentemente da cidade, das circunstâncias ou da quantidade de pessoas. Bastava um motivo simples que eles resolviam comemorar. E naquele dia a comemoração era porque a família estava reunida, mesmo que não fosse pelos melhores motivos. Eu estava maravilhada com as luzes dos semáforos, com os carros a toda velocidade, com o barulho constante de buzinas.

— Não achei nada mal, e vocês? — perguntou papai, enquanto andávamos pela calçada. Mamãe começou com um discurso sobre todos os pontos positivos que encontrou na casa. Deixando-a falar, papai inclinou um pouco e relanceou um olhar para mim; sorri, apenas levantando um dos cantos da boca e dei de ombros. — Ana, a casa de sua tia fica logo ali. Se precisar de alguma coisa e eu e sua mãe não estivermos em casa, peça a ela. — Assenti.

Minha tia me abraçou quando toquei a campainha. Ela afagou meus cabelos e imaginei que diria que estava feliz por me ter ali e que esperaram muito por nós, mas, em vez disso, ela sussurrou “Eu fiquei sabendo, Aninha, e quero que saiba que sinto muito”. Isso arruinou a expressão alegre que meu rosto adquirira por breves instantes. Mesmo a visão de um enorme bolo de chocolate que foi dividido entre todos nós não foi suficientemente boa para me fazer voltar a meu estado de espírito anterior. A amargura começava a voltar e a ficha de que eu estava numa cidade desconhecida e sozinha finalmente caiu. Sentamo-nos na sala de estar para conversar e fui me desarmando aos poucos. Mas minha querida prima de 17 anos, que ainda não sabia por que tínhamos nos mudado, fez exatamente essa pergunta. Um silêncio invadiu a sala e todos se voltaram para mim, que corei como fazia desde pequena, mas de raiva, não de vergonha. Zangada respondi para quem quisesse ouvir:

— Nós nos mudamos porque eu estava em depressão. E fiquei assim porque um garoto com quem eu passei longos anos foi levado embora pela polícia, porque o pai chegou bêbado e atirou no filho e depois na esposa. Ele nunca foi um bom pai, se vocês querem mesmo saber. Ele matou o filho pequeno afogado numa piscina.

Dei de ombros. Olhei à minha volta e todos estavam chocados. Mamãe me fitava sem piscar, boquiaberta, surpresa. Agora ela sabia que eu sabia; então foi isso mesmo que Natália tinha contado para ela naquele dia.

— Sim, isso mesmo, nem imaginam todas as coisas que aquele canalha fazia — falei com ironia. — Toni sempre aparecia machucado, sabia, mãe? Ou nunca reparou? E você, pai? — Olhei no fundo dos olhos dos dois, ambos paralisados, estupefatos. Continuei minha narrativa cheia de sarcasmo: — Ele fazia Toni

acreditar que tinha matado o irmão, mas eu sempre soube que foi Fernando. E agora meu amigo está Deus sabe onde e com Deus sabe quem!

Isso foi definitivamente o fim da festa. Depois de se desculpar mil vezes, meus pais me levaram embora. Quando chegamos a nova casa, eu permaneci o tempo todo calada, por mais que meus pais me bombardeassem com perguntas. Pensamentos que eu mais tentava afastar da minha cabeça teimavam em voltar à minha mente. Diversas vezes eu tentei convencer minha mãe de que estava bem de verdade e, por algum tempo, consegui fazê-la acreditar, mas perdi totalmente a compostura naquele momento e minha tristeza transpareceu para todos verem. Ela achava que a vida nova, numa casa nova, cidade nova e escola igualmente nova fariam bem a mim, e poderiam mesmo fazer, mas sempre faltaria uma coisa. Um buraco no meu peito no qual cabia um garoto de cabelos escuros e olhos penetrantes e tristes ao mesmo tempo. Aquele que eu amava tanto.

— Quero que você durma e descanse, está bem? — falou mamãe gentilmente, enquanto ia até minha cama. Era um quarto vazio de paredes brancas e uma cama que não passava de um amontoado de cobertores improvisado. — Ou, se você quiser, podemos decorar nossa nova casa. Você gosta da ideia?

Sim, era uma excelente ideia.

Depois de muito custo, dormi naquela noite na casa nova, num quarto muito menor do que era o meu lá em Santa Heloísa, um cômodo de piso frio e paredes lisas sem nenhuma marca nossa, nenhum toque que mostrasse que aquele lugar era nosso lar. Envolvi-me até a cabeça com os cobertores e me revirei sobre o chão duro, desejando que meus tapetes chegassem logo.



Na manhã de sábado da semana seguinte, tomamos nosso café da manhã sentados em almofadas no chão. Comemos pão de uma padaria próxima e bebemos o café que papai tinha preparado. Como era estranho não ter pessoas para fazer as coisas do dia a dia por nós. Os móveis chegariam no dia seguinte, então conforto era algo que tentávamos conseguir a todo o custo e do modo como fosse possível. Eu queria deixar aquele lugar estranho mais parecido com a casa que eu amava. Mais parecido com o lugar onde Toni e eu nos sentávamos no tapete para ler nossos amados livros de aventuras no mar, ou onde casualmente trocávamos beijos apaixonados e falávamos sobre nosso futuro juntos. “Você vai estar ainda mais bonita do que é agora”, ele cochichou para mim uma vez. E, envolta nesses pensamentos, eu me levantei e coloquei um casaco para ir à loja de decoração fazer compras com mamãe.

Realmente fiz a festa. Comprei todos os moldes de pintura que encontrei e

todas as coisas que me agradaram. Chegando em casa, levei os potes de tinta azul-clara para meu quarto, assim como todos os pincéis e todos os moldes que comprara. Estava empolgada de verdade, então imediatamente pus a mão na massa e comecei a abrir os potes de tinta autosssecante. Peguei um dos rolos do meu pai e comecei a pintar a parede maior, fazendo movimentos contínuos e firmes. E fui deixando aquele lugar azul. Pode parecer estranho, porque geralmente essa é a decoração que se usa em quartos de menino, mas eu transformei meu quarto num porto. Comprei vários moldes de navios, dos mais variados tipos, e fui pintando. Abandonei os moldes e pinte livremente, enchendo as paredes com modelos mais antigos pertencentes às fragatas inglesas, e navios militares usados em batalhas marítimas, até aqueles mais recentes, usados para transporte. E fui criando aquelas imagens e só no fim eu percebi que estava tentando deixar meu quarto parecido com o de Antônio. Ao mesmo tempo, tentava distrair minha cabeça da ideia de ir para a escola.

Sim, minha tia ajudou mamãe com a questão da papelada e arranhou tudo o que era preciso dois dias depois de chegarmos. Eu sempre estudara em escolas públicas e, em Santa Heloísa, eu estudava na única escola da região com Toni e todos os nossos vizinhos. Mesmo sendo um ano mais velho, ele havia conseguido uma forma de estudar na minha sala até o primeiro ano do colegial, então, além de ser uma intrusa na sala do segundo, onde já haviam panelinhas formadas e amizades construídas, eu não teria o apoio e companhia de Antônio. A tinta secou e me acomodei no amontoado de cobertores que me fornecia algum conforto sobre o chão. Tentei dormir, mas minha mente ficava me fazendo viajar. Imaginar que tipo de pessoas eu conheceria, se algumas delas seriam interessantes e gentis, ou se alguma delas seria minha melhor amiga, ou ainda se alguém me faria sentir o coração disparar assim como *ele* fazia... Que pensamento ridículo! É claro que ninguém nunca seria para mim o que Antônio tinha sido. Repreendi a mim mesma por ser tão boboca. Como eu poderia pensar em ficar com alguém depois de tudo o que tinha acontecido? Precisava dormir para apagar aquele pensamento ridículo da minha cabeça.

Na manhã seguinte chegaram os nossos móveis. Nunca tinha ficado tão feliz de ouvir o ronco do motor de um caminhão como quando aquele parou na frente da minha casa, abriu suas portas traseiras e revelou nossa mobília do jeitinho que sempre foi. Limpáramos toda a casa durante a semana, somente esperando pelos móveis. Tê-los ali era como ter nossa casa de volta, por mais que a estrutura da atual fosse totalmente diferente. O único lugar ali que era interessante para mim e onde costumava passar a maior parte de meu tempo era meu quarto.

O meu quarto era o de solteiro – cômodo em que antes ficava um escritório. Uma janela lateral me dava uma ótima visibilidade do quintal dos fundos e da

floresta de prédios e de sólidas construções que se erguiam por todos os lados. Não havia celeiro, canteiro, casa para empregados, cercado, pomar nem uma árvore sequer. Eu me sentia numa grande prisão, acorrentada àquelas paredes frias e lisas. Sentei-me no chão do quarto, olhando para as paredes agora azuis e desenhadas à minha volta, esperando que trouxessem minha cama. Meu quarto tinha os mesmos móveis de lá, mas ficaram todos muito próximos uns dos outros, devido ao menor espaço. A cama ficava colada à cômoda, numa parede, a penteadeira, na outra parede, e o armário ocupava todo o espaço de uma outra, ou seja, cobria quase todos os desenhos que eu pintara recentemente. Mesmo assim, era acolhedor ter tudo de volta, ou pelo menos quase tudo.

Corri para a sala e me joguei no sofá, sentindo-me deliciada, enquanto passava as mãos pelo veludo cinza que o revestia. Mamãe ria com minha agitação, mas ela estava igual: a cada porcelana que pegava na caixa, colocando sobre a mesa que com muito custo coubera na sala de jantar; ficava recitando a história que envolvia aquela peça. Até que ela pegou um pires preto e uma caneca da mesma cor. Fui até ela em silêncio e peguei os objetos de suas mãos. Girei a caneca em meus dedos, segurando pela alça e depois, estalando a língua, entreguei-a de volta à minha mãe, pedindo para guardá-la no armário. No fim da noite, depois de assistirmos um filme na televisão, que com muito custo papai conseguiu instalar, fui me deitar, dessa vez, numa cama. O dia fora tão agitado que esqueci o que me aguardava no dia seguinte: o temível retorno à escola.

Antes de dormir, porém, fiquei muito tempo refletindo, tentando decidir se aquele pensamento que tivera antes estava certo ou não. Sim, eu estava ferida e, sim, eu ainda o amava e sempre amaria. Mas valia a pena ficar remoendo minha tristeza e me deixar ficar presa ao passado, enquanto todos iam para a frente? Ah, como me doía, todos os dias, ter a certeza de que nunca mais tornaria a segurá-lo em meus braços, mas não podia me prender a isso e deixar que a vida continuasse sem mim. Então, enquanto chorava baixinho em meu travesseiro, eu fiz uma promessa a mim mesma, de que enterraria os fantasmas que me assombravam e iria prosseguir. Eu nunca o esqueceria, mas isso não podia me impedir de conhecer novas pessoas e ser feliz de novo. Claro que eu não acreditava nem um pouco nisso, mas não custava tentar. Não havia, afinal, mais nada de importante a se perder.

Na segunda-feira, quando levantei, respirei aquele ar frio de março. Tomei o café da manhã correndo e me arrumei com pressa, preenchendo a mente com coisas vagas e sem importância. Com toda a determinação que consegui reunir, entrei no carro e roí as unhas completamente até chegarmos ao colégio Emílio Dias, onde eu estudaria. Era meu primeiro dia de aula, céus! Compramos os uniformes no próprio colégio, porém num sábado, e não havia quase ninguém

ali. Agora era diferente. Meu pai foi trabalhar, então minha mãe quem me levou, dirigindo e falando euforicamente. Segurei de modo hesitante a maçaneta do carro na hora de sair e minha mãe começou com suas otimistas frases de encorajamento que me irritavam mais que me encorajavam:

— Vai, filha, você consegue. É só uma escola e há pessoas legais e pessoas nem tão legais. Vai fazer boas amizades ou não. Não depende de ninguém além de você. Dê uma chance a todas essas mudanças e sei que você vai se dar bem.

Tentei argumentar que não se tratava de algo simples, mas ela rebateu dizendo que ia dar tudo certo.

E dessa forma saí do carro e acenei quando ela buzinou e foi embora, deixando-me sozinha. Completamente sozinha. Não havia Antônio, Viviane e, Deus que me perdoe, não havia sequer Marcos. Por mais maluco que possa parecer, eu queria que algum conhecido meu estivesse ali, até mesmo aquele peste. Afastando esse pensamento doentio, subi as escadas e fui para o pátio. Tão nervosa estava que nem pensei em minha aparência. Olhei para baixo e averigui meu uniforme: sapatos pretos fechados, meias brancas até a panturrilha, saia cinza de cintura alta presa com um cinto vermelho e camisa branca de mangas curtas. Aparência aceitável. De todo modo, não queria conversar com ninguém. Fechei os olhos, sentindo um arrepio quando o vento bateu em meu corpo. De alguma forma, ele ainda estava ali comigo, e essa certeza me encorajou mais do que qualquer frase otimista de mamãe.

Olhando à minha volta, tive a infelicidade de cruzar olhares com seres desprezíveis que dali em diante passariam a me perturbar. “Incrível, Carol”, disse a mim mesma. “Você mal chegou a um novo lugar e já encontrou gente que não foi com sua cara, impressionante.”. Tentei com todas as forças ignorar, mas era impossível não reparar: eram garotas daquelas que querem chamar a atenção e diminuir os outros. Pensei em Viviane e suas amigas naquela época em que parei de falar com ela, e provavelmente ela devia ser assim agora. Uma coisa me ocorreu: será que ela finalmente ia ficar com Marcos? Será que agora, sem mim por perto, ela chamaria sua atenção? Isso não era problema meu. Mas as garotas que estavam rindo de mim, isso, sim, era problema meu.

Sutilmente escapei para o banheiro e me olhei no espelho. As lágrimas correram pelo meu rosto, e meu peito doeu de saudade. Como eu queria que Antônio estivesse ali para me dar apoio e, se não para enfrentá-las, para, ao menos, abraçar-me e dizer que eu era superior a tudo aquilo, que não valia a pena me estressar. Eu estava mais magra que antes e usava meu cabelo preso num rabo alto. Respirei fundo e decidi que seria diferente. Que eu não iria mais depender das pessoas como dependi dele por tantos anos. Não, eu não tinha raiva do Antônio, não era meu direito fazer isso; sentia raiva de ter me apegado tanto a

ele, e não valia a pena continuar assim, já que era claro que eu não o veria de novo.

Ajeitei o cabelo na medida do possível, tomando cuidado para que não enroscasse nos compridos brinços, e fui para o pátio. Voltei para onde estava antes e, quando uma morena alta daquele grupo olhou para mim, retribuí com uma sobranceira erguida em ironia. Ela cochichou alguma coisa para as amigas e parou de me encarar. Naquele instante, duas garotas surgindo de não sei aonde se aproximaram de mim, sorrindo de forma simpática. Analisei ambas: uma loira e uma morena, mais ou menos do meu tamanho.

— Você é a garota transferida, não é? — Fiz um sinal positivo com o polegar. — Ah, sim, finalmente te achamos. Essa é a Emili, ou Emis se quiser — disse a loira, apontando para a morena. — E eu sou Maria Eduarda. — Ela ofereceu a mão e eu a cumprimentei.

“Maria Eduarda é muito comprido”, pensei sorrindo. “Vou chamá-la de Duda”.

— Oi, Duda, sou Ana Carolina, ou Ana, se quiser. — “Mas nunca Carol, em hipótese alguma.” Emis sorria e Duda apresentou-me um pequeno relatório de como seria minha sala, à qual elas já estavam habituadas, pois estudavam lá desde o primeiro ano. Agradei a qualquer força superiora que as tivesse enviado até mim. Ao menos uma companhia nesse lugar estranho.

Nós três começamos a conversar e, depois de um tempo, fomos para a sala de aula. Também conheci Beatriz e outras várias pessoas que não vejo por que citar aqui. O que importa é que consegui preencher meu dia com conversas agradáveis e impedir que minhas lembranças se voltassem contra mim. Na hora do intervalo, fomos para o pátio e compramos hambúrgueres, comemos e conversamos. Beatriz se juntou a nós depois e eu lhes contei sobre minha infância e minha transferência, fazendo questão de omitir descaradamente o real motivo pelo qual me mudei.

— Humm, problemas pessoais — disse, num tom mais rude do que pretendia. — Digo, é uma história complicada. Eu estava... Enjoada da vida no interior — menti, sorrindo de maneira mais convincente possível.

Estávamos quase no fim do intervalo quando vi uma figura que me chamou a atenção. Um garoto parado ali no pátio, com mais três rapazes, todos rindo e conversando. Ele era muito notável, “mas nem tanto quanto *ele...*”, meu subconsciente fez questão de me lembrar. E ele deve ter me achado louca porque virei a cara com raiva de mim mesma, sentindo como se aquilo fosse uma traição. E de fato era: a aliança prata ainda rodava em meu dedo da mão direita. Olhei de novo para ele e percebi que seus olhos estavam fixos em mim. Apenas em mim.

— Não adianta fingir porque nós já percebemos! Hummm... ele é um partidão! — comentou Duda, referindo-se de maneira óbvia à troca de olhares que eu sustentava com aquele desconhecido.

Emis e Beatriz fizeram comentários provocativos que me fizeram rir. Estava sem graça e me sentindo mal, mas e aquela promessa que fiz a mim? Seguir em frente não é mesmo? É o que faria. Porém minha coragem se esvaiu quando Emis disse:

— E estão vindo para cá. Sorriam, garotas!

— Como vão, meninas? Vocês são do segundo ou do primeiro? — perguntou o cara que me encarara, para qualquer uma de nós, contudo olhando para mim.

— Nós somos do segundo — explicou Beatriz, jogando os cabelos para trás, num gesto que pretendia ser charmoso, mas não deu muito certo. Os cabelos enroscaram nos brincos de argola e a cena foi mais cômica que atraente.

— Sou Felipe, prazer, garotas. Esses são David, Pedro e Renan. Somos do terceiro. — Ah, eles eram veteranos. Felipe olhava para mim de um jeito curioso que tive que retribuir, já que eu também estava curiosa. — Sabe, menina, seus olhos são muito lindos. Bom te conhecer...

— Ah, Ana Carolina. Eu sou... Ana Carolina — falei sorrindo de um jeito acabrunhado, estendendo a mão. Acho que não era muito comum cumprimentar as pessoas assim na cidade grande, pois ele olhou para minha mão de forma abobalhada. — Essa é a hora em que você aperta minha mão.

— Há! — riu ele, segurando minha mão na sua e balançando, sem graça. — Eu devia ter imaginado. Ana Carolina, não é? Humm... — Soltou minha mão e aproximando seu rosto do meu, encarou-me com um sorriso nos lábios. — Ah, sim, seus olhos são lindos, Carol.

Levantei de repente com um pulo e olhei para ele boquiaberta. Ele deve ter pensado, aliás, *todos* devem ter pensado que eu tinha algum problema, porque fiquei indignada com o fato dele me chamar de Carol, e não de Ana. Eu gritei com ele; um garoto bacana e simpático sendo humilhado por uma garota do segundo apenas por chamá-la de Carol. Depois de fazer meu show, eu parei, respirei fundo e fechei os olhos, subitamente envergonhada pelo modo ridículo como agi. Olhei para ele assustada e pedi:

— Ah, meu Deus! Desculpe-me por isso, eu sinto muito... — Nesse instante o sinal tocou e corri para a próxima aula. Evitei-o a todo o custo durante o restante do dia e na hora da saída também.

Cheguei em casa e corri para o meu quarto, onde chorei por uma hora e depois desci para o jantar. Meus pais perguntaram sobre o meu dia e eu disse apenas que foi bom, e numa baixa voz comentei que poderia ter sido melhor se... Fui dormir. Não sem antes pegar Herdeiros do Mar na prateleira recém-colocada na

parede azul e folhear as páginas, embarcando na história pela milionésima vez. A saudade me corroía como se tivessem jogado ácido sulfúrico sobre meu coração, sem a menor piedade. Estava mais tranquila no dia seguinte, agora que já conhecia algumas pessoas, e passei todo o dia com as meninas. Não vi Felipe até o próximo dia, durante o intervalo, quando ele veio até a nossa mesa sorrindo e sentou-se ao meu lado. Sentia-me aliviada por ele não me evitar. Digo, eu podia não querer um relacionamento, mas nada me impedia de ter um amigo. Se ele não estava me evitando é porque poderia querer ser meu amigo.

— Acho que preciso dizer de novo que sinto muito pelo modo como te tratei no outro dia. Eu fiquei daquele jeito porque... Bem, Carol, é um jeito especial como alguém especial costumava me chamar...

Ele sorriu e eu baixei os olhos. Então ele tocou meu cabelo e brincou com uma de minhas mechas loiras, e isso me perturbou profundamente.

— Sem problemas, Ana. — Felipe sorriu. — Não te chamo mais pelo outro apelido, prometo, mas eu queria conversar com você. Será que... — Ele tocou meu queixo e me retrai, e isso fez com que Felipe me soltasse e ficasse apenas me olhando. — Eu posso te ligar hoje à noite? Só para... Trocar uma ideia.

Fiz que sim com a cabeça e ele sorriu outra vez, e vi que era o que ele mais fazia. Anotou meu número conforme eu o ditava.

— Obrigado, Ana. Eu te ligo mais tarde.

Depois de dizer isso, Felipe se reclinou para me beijar. Beijar um beijo de despedida, mas não sei se propositalmente ou se sem querer, seu beijo pegou no canto da minha boca. Arrepiei-me, e não foi por motivos casuais.

— Até mais.

Antônio

Um ano. Um ano era o tempo que eu deveria passar na casa de meus tios por parte de pai. Um ano de consequências pelas atitudes das pessoas mais próximas a mim. Deveria ser um ano cercado de pessoas que me amavam, que zelariam pelo meu bem-estar e cuidariam das minhas necessidades básicas – isso é o que estava no regulamento da tutela. Foram essas as condições impostas pelo Conselho Tutelar e pela assistência social para que meus tios cuidassem de mim. E quem dera eles de fato tivessem cumprido. Eu me dei ao luxo de pensar que as coisas seriam melhores e que teria uma vida mais fácil do que quando estava com minha “família”. Mas é claro que a realidade foi bem diferente. Em Guarulhos tudo era bem diferente. Depois de quase seis anos numa cidade como Santa Heloísa, estava acostumado com a vida calma e sem correria. Voltar assim para uma cidade grande foi meio estranho.

Cheguei lá depois de várias horas de viagem e fui recebido por meu tio. Ele

podia ser uma ótima pessoa, e de fato era, e podia ser atencioso com os filhos e com os sobrinhos, e era mesmo, mas, em compensação, a mulher dele, minha tia, podia facilmente se fazer passar pela megera da obra de Shakespeare. Um ser impossível de se lidar: grosseira, briguenta e repressora.

Saindo do hospital, eu não pude ver minha mãe, pois ela foi levada direto para uma clínica de tratamento psicológico, e fiquei me perguntando se eu não deveria ter ido com ela, afinal eu era, ou ao menos fora uma criança maltratada, que não conhecia o amor paterno e cujo irmão morreu aos dois anos. Por mais dramático que soe, eu senti tanta falta da minha mãe quanto de qualquer outra pessoa, exceto de uma: Ana Carolina, a linda menina de cabelos loiros que tinha sido minha companhia durante todos aqueles anos no interior; e por quem eu era perdidamente apaixonado. Fui para a casa dos meus tios antes de ir para a delegacia prestar depoimento e precisei de ajuda para chegar até a porta da frente, já que andar com muletas não era exatamente um talento meu.

A casa deles era bem diferente de qualquer lugar em que eu já tivesse estado ou morado, e percebi de cara que Fernando, além de tudo, não era do tipo de pessoa que ajudava seus irmãos, financeiramente falando. Enquanto ele era bem-sucedido e vivia num belo sobrado na metrópole antes de ir para Santa Heloísa e morar num cenário de filme de terror, meu tio trabalhava numa fábrica e dava duro para ganhar seu dinheiro, além de ter tido a “sorte” de se casar com uma linda mulher de bom coração. Onde estava esse bom coração? Eu não faço ideia. E agora tinha que arranjar espaço para mim em sua vida nada fácil. Tomei um banho, apoiado precariamente na parede, e no horário prescrito engoli os comprimidos para dor e infecção. Então fui ver o quarto onde passaria a dormir.

— Então, filho — disse meu tio, que tinha essa mania de chamar a todos de filho, e admito que gostei de ouvir isso de um homem pela primeira vez. “Filho”. — Nós temos só dois quartos aqui, entende? Vai ter que dormir com meus pequenos, algum problema? — Fiz que não com a cabeça; ainda não abrira a boca desde que saíra do hospital. — Assim você pode conhecê-los melhor e eles se acostumam com você. Mas quando isso acontecer, você vai ver que toda essa timidez é só fachada, não é, crianças? — falou ele rindo. — Ei, garoto, não fique assim — pediu ele e pousou o braço em meus ombros. — O Fernando sempre foi cabeça quente, sabe? Sinto pela sua mãe e todo o resto...

Com certeza o que eu não queria era ter que falar sobre minha mãe e o marido dela. O que não precisava era de interjeições como “oh, pelos céus”, “pobrezinho” e coisas do gênero. Tudo já estava ruim o suficiente sem essas manifestações de piedade e complacência. Compaixão é uma coisa; pena é outra totalmente diferente. Deixei o quarto pequeno com um aperto no peito, tentando aceitar tudo isso. Meu tio e eu fomos até a porta da frente, pois ele iria me levar

à delegacia, onde prestaria os devidos depoimentos de acusação. Quando ele pegou a chave do velho fusca azul, ouvimos minha tia gritando:

— Tem mesmo que levá-lo? Já está bem grande, não acha? Dezesseis anos. Não precisa do seu tio para fazer isso, pode muito bem ir sozinho. — Ela segurava um pano nas mãos e estava com aquela expressão impaciente de quem tinha plena autoridade sobre meu tio. Ele baixou a cabeça e pediu desculpa. Em seguida, entrou em casa.

Fiquei pasmo por eles me mandarem ir sozinho. Realmente achavam que era tão fácil assim sentar na frente de um estranho e contar sobre uma sequência de agressões e sobre o quase homicídio de sua mãe? Por isso implorei para que ele me acompanhasse, pois seria difícil demais para mim. Pâmela, minha tia, fuzilou-me com os olhos e mandou não demorar naquela porcaria, porque precisava que meu tio fosse ao mercado. Ri comigo mesmo. “Se o mercado é mais importante que uma ida à delegacia”, pensei, “então já vi que isso vai ser ótimo”. Fomos eu e meu tio ao 12º Distrito Policial de Guarulhos, onde encontrei logo na entrada aquele tal policial que havia falado comigo no hospital:

— Boa tarde, meu jovem. Você veio para prestar seu depoimento? Venha e me acompanhe e, por favor, senhor, venha conosco — disse apontando para meu tio. — Por ser menor de idade ele precisa estar acompanhado, certo? — Fomos seguindo o policial pelos corredores e sua mania de dizer “certo” ao fim das frases estava começando a me irritar. Fomos levados até uma sala de porta branca, no segundo andar do prédio policial, e fiquei intrigado quando o policial hesitou com a mão na maçaneta e falou:

— Peço que, por favor, jovem, você se mantenha calmo e fale apenas quando lhe pedirem. É preciso que você... Reconheça o acusado, nada além.

Mas que diabos...

Eu entendi o que ele quis dizer assim que segurou firme na maçaneta e abriu a porta branca que revelou uma pequena sala com uma grande mesa branca cheia de papéis e duas cadeiras. Uma das cadeiras estava ocupada por um investigador, com um bloco de papel e caneta na mão, além de um telefone enorme à sua direita; e na outra cadeira uma figura que me chamou a atenção: um homem de calça preta e uma blusa azul, cabelos escuros como os meus, contudo bagunçados, largado de qualquer jeito sobre o assento e uma cicatriz na testa. Uma cicatriz deixada por cacos de um vaso de vidro quebrado. Meu pai ergueu os olhos para mim e me encarou com um sorriso malicioso nos lábios, falando com sarcasmo:

— Oi, moleque, como foi no hospital? Melhor que lá em casa comigo e com sua mãe?

Senti meu estômago revirar e minha cabeça doer de um jeito terrível. Esperava que nunca mais precisasse vê-lo na minha frente outra vez. Inconformado, dei meia-volta, mas um segurança me agarrou e me fez ficar na sala.

— Me solta, eu não quero ver esse filho da mãe, não quero falar com ele, quero sair daqui! Não vão me obrigar a ficar na mesma sala que esse maldito! Maldito assassino!

— Assassino, não, meu menino — afirmou Fernando, sorrindo maldosamente, saboreando a ironia de se referir a mim dessa forma, como nunca fizera antes. — Ela não morreu, morreu? Pois bem, pare de ser mal-educado e respeite o segurança e o senhor delegado.

— Respeitar? — exclamei incrédulo. A palavra “respeito” soava profana quando vinha de sua boca. — Quem é você para falar de respeito? Ouvir isso de você é ridículo! Você que nunca respeitou sua família e sua mulher. Não me mande ter respeito por ninguém, muito menos por você!

— Cale a boca, moleque! O que te faz pensar que pode falar assim com seu pai? — gritou levantando da cadeira, o sorriso desaparecendo e o rosto se fechando naquela expressão que eu conhecia tão bem: o mais puro ódio. Esquecendo-se de onde estava, apontou para mim como fazia em casa e me ameaçou: — Se não ficar quieto agora, eu juro que vou...

— Vai ser preso, senhor! — anunciou secamente o segurança mandando que outro guarda empurrasse-o novamente sentado na cadeira. — Vai preso de qualquer forma, mas vamos ter algo a mais para acrescentar em sua ficha já nada curta. Então se puder se sentar *agora*...

— E quanto a mim? — gritei. Então me soltaram, deixando que todo meu peso caísse sobre a perna ferida, fazendo-me arquejar. Esse lampejo de dor fez se acender ainda mais minha raiva. — Quer saber se reconheço o autor do crime? Sim, *com certeza*, eu reconheceria esse homem em qualquer lugar! Posso ir agora? — Soltei-me dele e fui até a porta, no entanto parei quando ouvi o que foi dito às minhas costas.

— Mas é um panaca mesmo... Não entende nada. — Era a voz de desaprovação de Fernando, acenando com a cabeça e estalando a língua.

— O que disse? — perguntei, virando-me devagar, os punhos cerrados e o maxilar contrito, os dentes raspando-se uns nos outros. Eu estava a ponto de matá-lo com minhas próprias mãos.

— Eu o chamei de panaca! — Fernando se levantou de repente e o agarraram de novo. — Tão panaca que não tem capacidade nem para me acusar. Tão panaca que não teve coragem de atirar no meu peito de uma vez. — Eu ia dar as costas para ele, decidido que não valia a pena ouvir aquele acesso de fúria. —

Tão panaca que só saía de casa se fosse com aquela garota idiota. — Ah, não, isso não. Finquei as unhas na palma das mãos e respirei fundo. — Tão panaca que acredita que foi mesmo você quem matou seu irmão!

Parei. Na verdade, paralisei. Não era capaz de mover um músculo. Com o rosto lívido, olhei no fundo dos olhos dele, sem dizer uma palavra. Ele me encarava com um meio sorriso nos lábios, a perfeita fisionomia de um psicopata. Se ele fora capaz de quase matar a mim e minha mãe porque não seria de...

— Como? — perguntei apenas. As palavras voaram pela minha boca, deixando em minha garganta uma trilha ardente.

— Jura? Você é tão lesado assim? Achou mesmo que tinha sido você? — Ergueu uma sobrancelha. — Não, não foi. Fui eu. Eu matei seu irmão. Eu matei aquele garoto e ia matar você também!

A cor sumiu do meu rosto e o peso do meu corpo também; senti-me leve e flutuando, fora de mim, minha mente em outra época. Fechei os olhos quando comecei a ser bombardeado por uma série de flashbacks aleatórios.

— Sim, sim, é isso mesmo! Éramos apenas eu e sua mãe, só eu e ela, como eu queria. Mas aí ela teve você... Você chegou e estragou tudo! — gritava ele. — E depois ela teve mais um! Consegui me livrar de um, mas, quando chegou sua vez, a desgraçada da sua mãe che...

— Chega! — gritei exasperado. — Não, eu não quero ouvir mais nada! Chega! Eu quero dar o fora daqui, quero dar o fora agora! — Eu estava completamente tomado por pânico, medo, raiva e um monte de outras coisas que não sei definir em palavras.

— Sim, você perto da piscina, sua mãe lá dentro, todos longe. Era o momento perfeito. — continuou ele. Falava sorrindo, maquiavelicamente, deixando-me aterrorizado e fazendo a face do delegado contorcer-se de repulsa. — Ele era tão leve, foi simples jogá-lo na água. Então ela chegou e viu você segurando o menino, já era! Nem precisei dizer nada, estava na cara que foi você. Mas não. Fui eu. Eu ia livrar sua mãe de vocês dois e voltaríamos a ser apenas eu e ela como sempre deveria ter sido.

— Cale a boca! — gritei como nunca havia feito antes, usando todo ar de meus pulmões, minha voz ressoando por cada centímetro da pequena sala de janelas fechadas. — Eu quero que você morra! Que queime no mais profundo inferno, sacou? Você merece tudo de pior! — Eu berrava um monte de palavras ultrajantes, de forma que precisei ser segurado e arrastado para outra sala, ainda falando.

Quando entramos na outra sala, joguei-me na cadeira, apoiando a testa nas mãos, e comecei a chorar desesperadamente. Deus do céu... Como ele pôde? Quem, em nome do Pai amado, teria coragem de matar um bebezinho a sangue

frio e culpar seu outro filho por isso? Como? Milhares de coisas passaram por mim naquele momento: o corpinho flácido nos braços de mamãe; a sensação de ter a água invadindo meu corpo; a lua desfocada acima de mim; uma garota num descampado abraçando-me, enquanto eu assumia a culpa por ter matado meu pequeno irmão. E tudo era mentira. Todos esses anos, carregando uma culpa que não era minha, sufocando-me na amargura de ter tirado uma vida, mas que não fui eu quem o fiz. Afinal ele tinha razão: eu devia ser mesmo muito burro. Não como Carol, que desde o início soube que não podia ter sido eu. Simplesmente acreditei naquilo que ouvi durante toda a infância. “Foi você”, uma mentira repetida tantas vezes que se tornou uma verdade dentro de mim.

Depois de me recompor, passei longas quatro horas revezando-me em chorar amargamente e narrar não só a história dos tiros e do vaso como também tudo o que tinha acontecido desde que eu tinha cinco anos. Os policiais teriam o tópico “Assassinato bem-sucedido de uma criança” para acrescentar à sua ficha criminal e queriam ouvir sobre isso. Conteí tudo que fazia parte de minhas memórias entrecortadas e tudo que agora se encaixava. Estava com tanta raiva e tão abalado que comecei a contar tudo, tudo mesmo, sem omitir uma única vez em que ele me bateu ou me xingou ou me ameaçou de morte. No final, quando terminei de falar, percebi que tinha alguém chorando, e que esse alguém era eu. O policial agradeceu pela minha ajuda e me pediu para que me retirasse. Mas eu me sentia fraco, humilhado e destruído. Se alguma coisa havia sobrado de meu emocional foi naquela troca de palavras com meu pai que esse resto se desfez.

Voltei para casa com meu tio e fui direto para o quarto enterrar a cabeça nas almofadas que me serviriam de travesseiro. Deitado no colchão, tentei esquecer, apagar da minha mente todas aquelas imagens que passavam, levando minha alma embora com elas.

Nem tudo é o que se espera...



Ana Carolina

— Você teve sorte, sabe? Você nem imagina a sorte que teve...

Ela devia estar maluca. Arqueei a sobancelha para Helen, para que ela explicasse melhor essa frase sem sentido. Recostei-me na poltrona acolchoada de seu quarto e fitei-a. Ela estava sentada na cama, abraçada a um travesseiro, acariciando a fronha como a uma pessoa.

— Sorte? Por perdê-lo?

— Não, sua toupeira. Por tudo que teve antes de perdê-lo. Pelos bons momentos. Pela sinceridade do que vocês dois sentiam. Eu já tive alguns casos, sabe? Isso é bastante comum por aqui.

— Ah, sim, pude perceber — falei vagamente, lembrando-me de garotas de minha classe, mas acho que ela pensou que me referi a ela, pois pareceu ofendida. — Não você, claro, outras meninas.

— Que bom. Bem, como eu dizia... Eu já tive algumas paqueras, mas nada como vocês dois foram. Essa ligação entre vocês, esse jeito como vocês pareciam se entender sem precisar dizer nada, apenas com o olhar. Parece uma história dos livros que eu leio de vez em quando.

— Tem razão, e às vezes eu mesma fico imaginando se não era mesmo ficção. Mas enquanto durou foi... Absolutamente maravilhoso. — Sorri, nostálgica.

Estávamos em abril e fazia dois meses que tínhamos nos mudado, o que já era tempo mais que suficiente para me adaptar a uma nova vida. Entretanto eu ainda sentia aquele aperto em meu peito, que não me deixava momento algum; sempre estava ali para me lembrar do que perdi. Aparentemente, perdi um príncipe e meu conto de fadas.

— Acho que se eu encontrasse alguém que me amasse assim, que fosse gentil, bondoso, e que se importasse comigo a ponto de abrir mão de sua vontade, acho que eu...

— Faria o quê? Não o deixaria ir embora?

Ela pareceu acabrunhada quando completei sua frase de maneira um pouco rude. Senti-me mal por tratá-la assim; afinal ela estava apenas resumindo em algumas palavras, todas as qualidades que atribuí a ele em minhas várias narrativas, feitas durante tardes tediosas, ou longas noites de insônia, sobre as

coisas que juntos vivemos naqueles anos passados.

— Acho que sim. Se isso estivesse ao meu alcance. Mas se eu não pudesse, faria questão de me lembrar com carinho dele, pensando nas coisas boas que passamos juntos. — Ela estava sendo bem direta na mensagem: “não sofra por isso”. Era o que todos tentavam me dizer naquela época.

Não apenas Helen, mas é o que me diziam constantemente, todos os dias, de forma direta e indireta, mas mesmo assim diziam. E, de alguma forma, aquilo estava começando a surtir efeito. Não, eu não estava totalmente recuperada, e a bem da verdade nunca estaria inteiramente bem outra vez; isso era claro para mim. Mas, quem sabe, talvez houvesse uma possibilidade mínima de que as coisas voltassem a ser como eram, ou ao menos a serem agradáveis. Quem sabe eu não me daria a chance de começar de novo e de tentar outra vez? Belas palavras, porém nesse momento eram uma realidade distante demais. Eu estava prestes a dizer alguma coisa para minha prima quando bateram na porta do quarto. Mamãe, pedindo licença, entrou e disse:

— Ana, querida, tem um cara lá em casa pedindo para falar um pouco com você. Deve ser aquele Felipe que procurou você há dois dias, e há uma semana e ao menos cinco vezes no último mês. Engraçado, não? Acho que ele gamou em você filha ou então está sendo perseguida por um pirado.

— Acho que prefiro a primeira opção. — falei, não achando muita graça nas palavras de mamãe. Levantei-me da poltrona e, despedindo-me de Helen, fui para a sala de estar. Depois saímos da casa de meus tios, andando lentamente pela calçada. Escondi as mãos nos bolsos de minha blusa de moletom, e mamãe brincava com a aliança em seu dedo, tal como eu fazia.

— Fale a verdade — pediu minha mãe sem olhar para mim. — Diga-me: quais são suas intenções com esse garoto? Pretende namorar com ele? Ele é um bom rapaz, mas acho que...

— Eu acho que o que vou fazer ou deixar de fazer com o dito rapaz é da minha conta e não da sua, mamãe — retorqui rispidamente, com amargura, odiando esse cuidado excessivo que todos estavam tendo comigo. — Não precisa me tratar como uma criança. Eu sei me cuidar sozinha.

— Ah, sabe? Não é o que me pareceu quando resolveu fazer greve de fome há três meses. Acho que, se não tivéssemos cuidado de você como se fosse uma criança, a senhorita não estaria aqui agora — retrucou ela, ironicamente. Mamãe podia ser o amor em pessoa, mas sempre tinha uma resposta na ponta da língua para qualquer provocação ou malcriação de minha parte. — Estou te perguntando como amiga, Ana. Respeite-me, menina, não sou uma qualquer para me tratar assim. Diga-me se está realmente pronta para isso ou está apenas tentando abafar o que ainda sente. Qual dos dois, Ana?

— Nesse momento estou realmente pronta para atravessar a rua e andar a uma distância grande o suficiente para que você pare de me perturbar — falei, sendo rude, o que fez mamãe bufar de frustração e apertar o passo à minha frente.

Eu sabia que ela estava, assim como todos, tentando apenas me ajudar, contudo era perturbador o modo como ela descobria minhas intenções por trás de qualquer coisa que eu falasse ou fizesse. Surpreendia-me que mamãe não fosse capaz de entender o pedido de socorro atrás de meu modo grosseiro de agir nos últimos meses.

Cheguei ao portão de minha casa e mamãe já tinha entrado há mais tempo que eu, já que retardei minha caminhada de modo que ela se afastasse. Porém, quando fui abrir o portão, ele estava trancado. Ah, eu era a infantil e era ela quem estava agindo como criança, trancando a porta para me forçar a tocar a campainha e pedir para entrar em casa. Foi o que de fato aconteceu: ela destrancou para mim e, assim que entrei, deparei-me com um jovem de cabelos castanhos e olhos acinzentados, como o veludo que cobria o sofá, esperando por mim. Cordialmente, como uma boa anfitriã, mamãe o cumprimentou e ofereceu algo para beber e comer. Mas ele disse que queria apenas falar comigo. Mamãe retirou-se da sala, deixando-nos sozinhos, e subiu para o quarto. Sentei-me no sofá ao lado de Felipe, e em seguida ele tomou minhas mãos.

— Posso ser bastante franco com você?

A pergunta pegou-me de surpresa, já que eu esperava ouvir um simples “bom dia, tudo bem?”.

— Pode, é claro — falei, deixando que ele segurasse minhas mãos por mais que a sensação não fosse completamente confortável. Ele sorriu e colocou uma mecha de meus cabelos para trás de minha orelha. — O que foi?

— Eu quero você.

“O quê?”, foi a pergunta que provavelmente transmiti quando tirei minhas mãos de sobre as suas repentinamente e me afastei, ficando a um assento de distância dele. Olhei-o indignada, pensando no sentido vulgar daquela frase.

— Não, não é isso. Pelo menos não só isso. Estou gamado em você, Ana.

— Não é só isso? Nossa, maneiro, que bom que não é só isso que sente por mim. Desejo.

— Deixa de ser careta, Ana. Está com raiva porque desejo você? Como não desejaria? Olha para você. Mas é claro que eu quero mais que isso. Quero namorar você. Aceita?

Qual deveria ser minha resposta? Onde estavam a cortesia, a delicadeza e a sutileza? Ele tinha sido bastante claro: queria namorar comigo pelo meu exterior e pelo que podia conseguir de mim. Ele não me... amava. Nem devia. Mamãe estava certa quando disse que eu o estava usando apenas para reprimir o que me

torturava diariamente. Era verdade. Mas, ainda assim, havia alguma coisa, por menor que fosse, que me fazia sentir bem quando estava perto dele. Acho que isso me levou a murmurar um “sim”. Sorridente e satisfeito com a breve resposta, ele veio até mim e me beijou sem dizer nada. Não retribuí o beijo, só fiquei ali parada, sendo nada mais que usada. Eu estava nada além de doente, uma doença em minha alma, e Felipe seria o remédio. Por mais amargo que fosse o gosto e por piores que fossem os efeitos colaterais, eu disse “sim”.

Antônio

Setembro. Sinônimo de vento frio e fumaça dos escapamentos tingindo o céu de cinza, assim como as nuvens. Eu estava deitado no meu colchão, ouvindo as crianças fungarem e fazendo grunhidos enquanto dormiam sossegadamente em seus colchões de mola, e fiquei imaginando como seria bom deitar-me em alguma coisa mais macia que meu colchão-folha-de-papel. Meu tio até levou um colchão novo para casa, um que um conhecido lhe dera como recompensa por ter consertado o telhado, no entanto Pâmela tomou-o de suas mãos e disse que ficaria para a menina mais nova. A garotinha se chamava Anastácia, e com seus nove anos de idade, parecia uma boneca dessas bem realistas que imitam crianças de verdade. Os gêmeos, que tinham sete anos, eram Vitor e Victor, cujos nomes de fato comprovavam a criatividade de minha tia. Para nomes não era tanta, mas para arrumar meios de me atazanar ela se mostrava talentosa.

Eu me revirava no amontoado de lençóis, mexendo-me o mínimo possível para evitar a dor nas costas provocada por um dia inteiro limpando móveis, quando, de repente, a porta se abriu e Pâmela entrou dando um chute, não muito forte, na minha perna esquerda. Arregalei os olhos assustado e dolorido, e lá estava ela parada diante da porta, com um esfregão nas mãos e um balde cheio de produtos de limpeza. Fiquei encarando-a como se ela fosse alguma maníaca por faxina, acordando a família para ajudar na limpeza. Mas quando ela jogou um pano em cima de mim, dei-me conta de que era o único ali que faria alguma coisa.

— Já que vai morar aqui, não pense que todos os dias vai ficar de bobeira, sem fazer nada. Eu tenho que dar muito duro para manter este lugar em ordem e você nem pense que vai apenas me dar mais trabalho. Vai me ajudar, senão vai dar no pé.

Eu estava naquela casa desde janeiro, legalmente desde fevereiro, aturando sua má educação, o jeito como gritava comigo, sem que eu fizesse absolutamente nada para provocar esse comportamento dela. Aliás, ao que parece, fazer nada era um tipo de crime: se não estivesse cuidando dos filhos dela ou lavando alguma coisa ou um cômodo da minúscula casa onde vivíamos,

por um minuto que fosse, ela começava a gritar me chamando de imprestável e outras coisas mais. Aquilo doía demais, contudo faltava um mês apenas para que eu completasse 17 anos, portanto não era mais uma criança indefesa, eu sabia revidar. Acho que fui um daqueles adolescentes que crescem apenas fisicamente, pois continuava sendo insensato e imprudente. E era a pior besteira que eu poderia fazer.

— Não estou fazendo nada porque eu estava dormindo. Calma — expliquei, sentando-me no colchão. Foi o suficiente para fazê-la arremessar a embalagem de detergente na minha cabeça.

Só tomei café da manhã depois de ter esfregado o quintal da casa. Minha paciência quase evaporou quando Vitor, o mais peralta dos gêmeos, veio correndo para o quintal e pisou com seus sapatos imundos onde eu tinha acabado de limpar. Eu me sentia horrível fazendo aquilo. E o pior de tudo era que meu tio não fazia nada. No dia anterior, ele estava na sala assistindo um jogo de futebol entediante quando sentei no sofá ao lado dele e perguntei se ele não achava errado que Pâmela me fizesse limpar a casa. Ele me encarou como se eu tivesse xingado a mulher dele e disse que eu já era bem grandinho, que devia ajudar minha pobre tia na difícil tarefa de manter a casa em ordem. Então naquela manhã engoli o que restava do meu pequeno orgulho e esfreguei o quintal até que brilhasse tanto que ardesse os olhos.

Entrei e peguei a xícara de café nas mãos, sem me sentar à mesa. Havia me esquecido de que produtos de limpeza atacavam minha asma. Minha falta de ar era terrível e mal conseguia sentir o ar entrando e saindo. Peguei o copo de café com as mãos trêmulas, que não tardaram a soltá-lo, fazendo com que o café quente e o vidro se espalhassem pelo chão. Pâmela ficou transtornada, gritando que o café manchava o piso branco e que eu era o ser mais burro do mundo. Então ela me bateu com a frigideira que ia usar para fazer o almoço. Segurou-a como taco de beisebol e bateu em meu rosto, bem no lado esquerdo, onde ficava a cicatriz. Toquei minha bochecha incrédulo e olhei para meus primos, que haviam se amontoado no canto da cozinha e assistiam a tudo aterrorizados.

Então percebi que aquilo não fazia sentido. Não fazia sentido ser tirado de casa por não ser bem tratado e ser jogado num lugar onde me tratavam da mesma forma. Percebi que não existia diferença nenhuma entre meu pai e minha tia, e que, talvez, ela fosse a irmã dele em vez de meu tio. Dei um murro na mesa e, sem pensar, gritei com minha tia, dizendo que ela não tinha o menor direito de fazer aquilo, que eu não era filho dela e não era obrigado a acatar com aquilo tudo. Ela simplesmente me encarou com desprezo, como se eu fosse uma criancinha emburrada, o que me deixou mais furioso. Sentia-me mal quando vi o olhar espantado nos olhos de meus primos, mas dor e maus-tratos eram coisas

que eu não queria mais ter que suportar. Fui até o quarto onde costumava dormir com as crianças e peguei o telefone que ficava em cima de uma mesinha. Revirei todas as minhas roupas procurando por um cartão que me deram.

Liguei para a tal conselheira tutelar e disse que estava saindo da casa dos meus tios, que ela deveria cancelar o processo de tutela e que eu preferia dormir na rua do que naquele lugar maldito. Claro que dormir na rua foi um exagero, mas estava nervoso e magoado. Peguei todas as minhas poucas roupas e coloquei dentro de uma mala preta que achei na parte de cima do armário. Combinei de me encontrar com a conselheira na frente de uma lanchonete e lá conversaríamos melhor. Eu estava com tanta raiva que consegui ignorar todos os gritos que Pâmela dava, todos os xingamentos direcionados a mim, enquanto eu passava pela porta da frente sem nenhuma intenção de voltar. Peguei um ônibus até a rua da lanchonete e encontrei a mulher de terninho azul-marinho esperando por mim com um sorriso irritante nos lábios, sentada numa mesinha no lado externo.

— Olá, Antônio — cumprimentou Sandra, apertando minha mão, mas eu recusei o cumprimento. Joguei a mala no chão e me deixei cair numa cadeira, exausto física e emocionalmente. Apoiei a cabeça numa das mãos e ela continuou: — Pois bem. Você mencionou a retirada do processo, mas eu preciso de bons motivos para isso, porque é uma situação complexa e...

— Escute — disse já sem paciência. — Não sei quanto a você, mas acho que o motivo para que eu fosse morar com meus tios é que lá eu estaria seguro. E a partir do momento em que a mulher do meu tio me usa como empregado e atira objetos sobre minha cabeça, acho que não estou mais em segurança! — Nisso eu peguei uma xícara que estava na mesa e atirei no chão, no cúmulo da raiva. Constrangido, peguei os cacos de porcelana e entreguei uma nota equivalente ao valor da xícara para a garçonete. — Eu não sei mais o que fazer, dona. Eu estou cansado demais, de tudo... — falei. Já eram dor e problemas suficientes para toda uma vida. Só queria ficar em paz num lugar em que não houvesse quem tentasse me matar ou me usar.

— Tudo bem, eu te ajudo com isso, afinal é para isso que estou aqui. Vamos ver o que podemos fazer. — Foi o que Sandra me garantiu antes de segurar minha mão numa tentativa de me consolar. Saindo de lá, fomos direto para uma base do conselho tutelar para conversar com dois supervisores sobre o meu caso.

Ana Carolina

De abril a julho são três meses, cerca de 90 dias. Acho que um ano poderia ter essa quantidade de dias em vez de 365, porque nesse pequeno espaço de tempo eu fui capaz de fazer mais besteiras do que em um ano inteiro. Besteiras essas

que começaram a partir do momento em que eu aceitei “namorar” Felipe.

Ficamos juntos por três meses apenas. No começo, as coisas até que tinham sido boas. Não maravilhosas, mas boas. Quando minha mãe descobriu que eu estava com ele, ficou chateada, já que ela sabia que eu não sentia nada por ele, e, aparentemente, ele também não sentia nada demais por mim. Estávamos ambos usando um ao outro. Papai não concordava com essa situação, dizia que era muito errado agir dessa forma. Mas eu estava tão entristecida, tão cansada de tudo, que não lhes dava ouvidos e, quando estava com Felipe, tentava me esquecer de tudo à minha volta. E sinto-me muito enojada de mim mesma por dizer isso, mas o meio pelo qual me desligava de tudo era deitando-me com ele. Agi como uma garota qualquer, sem amor-próprio ou senso de autovalorização. Simplesmente me entreguei às minhas vontades; fui fria, sem envolver nenhum tipo de sentimento.

Na primeira vez em que aconteceu, ele me levava para a casa dele. Foi bom, não vou mentir, e eu ansiava por aquelas sensações novamente. Felipe trancou a porta de seu quarto, aproveitando que não havia mais ninguém na casa, e começou a me beijar e me despir. E eu deixei. Mas garanto que depois me senti depravada e suja, pois não foi nem um pouco como eu imaginara. Na minha cabeça, ele deveria ser como... Foi o meu primeiro. Mas ele parecia fazer isso mecanicamente, provavelmente já havia feito muitas outras vezes. Era como um acordo silencioso entre nós dois: nos deitamos e todos saem ganhando com isso, mas é apenas contato físico, nada de sentimentos ou carinho. A palavra “amor” parecia tão distante quanto o sol.

— Agora é definitivo: você perdeu o pouco de respeito que eu ainda tinha por você, menina! — minha mãe esbravejou quando eu contei a ela. Por mais fechada que eu estivesse naqueles dias, ainda sentia essa necessidade de contar aos meus pais tudo o que eu fazia por suas costas. — Você não é a garota que eu criei, eu não te eduquei assim! O que você pretende? Dormir com qualquer um que pedir a você? E para quê?

— Agir assim, como uma escrachada... — Papai negava com um meneio de cabeça. — Eu sinceramente não esperava esse tipo de atitude da sua parte.

— E eu sinceramente não esperava que vocês fossem se preocupar tanto com algo tão bobo assim — argumentei com raiva. — Eu não estou me prostituindo, papai, estou namorando. E, aliás, quando eu fiz isso com meu primeiro namorado, vocês não ficaram assim. Pelo que lembro, vocês me apoiaram e você até me parabenizou, não foi, mãe?

— Nem pense em comparar. Vocês dois se amavam. E ele te respeitava; nunca te forçou a nada. Esse rapaz, o Felipe, deve ter achado fácil conseguir você. Pode te usar quando tiver vontade e depois jogar fora se não quiser mais. Mas ao que

parece você mesma não se respeita mais, então nem se importa com isso.

Subi para o meu quarto e procurei ignorá-los durante todo o dia seguinte. Felipe de fato “me queria”, porque, depois de conseguir isso, passou a ser frio e me dar pouquíssima atenção, e, quando o fazia, não era ele em si, mas sua versão alterada por nicotina ou álcool. Eu consentia com muitas coisas erradas que ele fazia. Não dizia nada quando ele aparecia com um ou dois cigarros, dizendo que não eram nada demais, apenas uns tragos e uma fumacinha. E por mais incômodo que eu sentisse, deixava que me beijasse com aquele bafo horrível de cerveja que ele bebia mesmo sendo menor de idade. Numa noite de julho, fui até a sala, sentei-me no sofá e peguei o telefone. Liguei para Felipe e perguntei se ele queria sair, mas com outras intenções em mente.

— Ah, claro, Ana... Podemos ir à festa do David, vai ser a maior curtição. Eu te pego à noite. É isso, falou. — E desligou o telefone. Suspirei frustrada. Aquele tom de voz, aquela forma arrastada e lerda de se falar, era a conhecida forma de quem estava bêbado. Antes de colocar o telefone no gancho, pude ouvir um suspiro alto, que obviamente não veio de Felipe. Era um suspiro estridente de mulher.

As meninas viviam dizendo que ele estava me traindo, mas eu não me importava. Na verdade, eu fingia não me importar, pois aquilo me feria demais, e, às vezes, parada em frente ao espelho, perguntava-me que porcaria eu estava fazendo. Quando saí do colégio na manhã daquele dia, fui fazer o dever de casa em meu quarto e, por alguns minutos, meus olhos ficaram presos a um livro em minha prateleira. Na lombada lia-se *Herdeiros do Mar — Volume II, Batalha dos Mares*. Peguei o livro e folheei-o. Senti o cheiro das páginas e um leve perfume veio à tona. Fechei rápida e grosseiramente o livro para que aquele aroma não se prendesse em minha mente. Meu namorado devia estar em meus pensamentos. Soltei uma risada sarcástica. Meu “namorado” não devia pensar da mesma forma; ao que parece, ele não via problema algum em estar com outras pessoas.

O pior foi ele aparecer bêbado na porta da minha casa na semana anterior, quando foi me buscar para ir ao boliche. Os olhos do meu pai passeavam entre nós e tudo o que fez foi ficar em silêncio e negar com a cabeça. Mas aquilo doía em mim porque eu ainda me lembrava da época em que papai balançava a cabeça em aprovação e sorria, da época em que eu enlaçava um garoto em meus braços, e mamãe e papai falavam bem alto, para que Antônio e eu pudséssemos ouvir, coisas como “Imagine como vai ser lindo o casamento desses dois”. Entretanto o que importava naquele momento era que íamos a uma festa e eu estaria absolutamente linda, e ele nem pensaria em me deixar. “Você é maravilhosa”, dissera-me alguém uma vez. Para Felipe, no entanto, eu não parecia digna de qualquer elogio.

— Aonde exatamente você pensa que vai vestida assim? — perguntou minha mãe com indignação quando, às nove da noite, eu apareci na sala de estar com meus saltos pretos, meias cor-de-rosa que iam até a panturrilha, um short laranja e um top azul de alças finas que exibia minha barriga. Comprara aquelas peças, menores que meu número, sem o consentimento de mamãe, que estava me irritando:

— Não que seja da sua conta, mas vou sair com o Felipe. Pode ficar na boa, mãe.

— Não é da minha conta? Ora essa, sou sua mãe, claro que é da minha conta! Querida... — falou e ficou de pé na minha frente. Em seguida, sua voz adquiriu um tom mais amável: — Você ainda se sente mal e eu sei disso. Quer agradar esse rapaz, mas alguém que faz com que você se vista assim... É ridículo.

Não sabia se sentia mais raiva por ela me criticar ou se era porque mamãe me conhecia tão bem a ponto de saber o porquê das minhas atitudes. Sim, eu estava magoada e queria que Felipe me curasse, contudo mal eu sabia que as coisas não funcionam dessa forma. Uma ferida aberta pode, em vez de cicatrizar-se, tornar-se mais profunda e dolorida. Ignorei mamãe e esperei por Felipe na garagem, mas ele não passou na minha casa como disse que faria, então tive que pegar a condução vestida daquele jeito. Quando cheguei a casa dele, fiz questão de dar pontapés na porta em vez de tocar a campainha. Ele abriu a porta, vestindo aquela calça jeans justinha e a camiseta azul-clara.

— Ana... — disse abrindo um sorriso e roçando os dedos em meu ombro nu. De certa forma aquilo me fez lembrar de como ele podia ser doce, e sorri também. — Você está uma gata. — E me beijou.

Enlacei seu braço entre os meus e fomos andando até a garagem, chegando ao carro, onde ele abriu a porta do passageiro para mim e afivelei o cinto, esperando que ele entrasse no lado do motorista. Havia me esquecido, porém, de que ele tinha apenas 17 anos, estava aprendendo a dirigir, portanto quase batemos o carro milhares de vezes até chegarmos. Estacionamos na frente da boate onde acontecia a festa de David, nosso amigo em comum da escola. A música tocava no último volume e, de mãos dadas com Felipe, entrei.

As batidas de *Jive talkin* ressoavam em meus ouvidos. Sorri a todos que nos cumprimentavam. Soltei-me dele e fui para o lugar onde estavam Emis, Bia e Duda. Nenhuma delas estava bebendo e me senti feliz por isso. Muitas coisas podiam ser superadas, mas beber era algo que eu jamais faria, nunca. A melodia estava alta demais, era bebida demais, eram pessoas demais que se beijavam e se tocavam em qualquer canto que tivesse por ali. Meu Deus, isso nunca aconteceria no interior! No meio daquela bagunça pude identificar a figura de Felipe, que vinha na minha direção com uma expressão carinhosa nos olhos.

“Vem, vamos dançar”, ele disse segurando meu braço e me levando para o meio da pista, na qual bem mais de 100 pessoas se amontoavam. Naquele momento ele estava irreconhecível. Não sei se foi o álcool ou se foi alguma outra droga, mas ele parecia calmo, doce e apaixonado. Tinha o semblante do dia em que nos conhecemos.

Devo admitir que ele estava gato. Quando ele me beijou, eu retribuí, e dançamos a música lenta que tocava ali. Felipe me levava pela pista de forma bem concentrada e eu respirava seu perfume penetrante. Os últimos acordes tocaram e ele me levou para o balcão do bar. Eu não queria sentar ali, mas ele insistiu para que eu ficasse do seu lado. Fiquei por uns cinco minutos, mas não aguentei quando ele pegou uma garrafa e virou-a de uma vez, o líquido correndo pela sua garganta em grandes goles. Tive que correr dali. Fui para perto de Eduarda, que me recebeu de braços abertos, sabendo o motivo da minha cara de choro.

— Escute sem falar — falou carinhosamente. — Ele não te faz bem e você sabe disso. Ele não te respeita nem gosta de você de verdade. Vai arrastar essa barra até quando? — Balancei a cabeça entendendo o que ela tinha dito. Ela estava mais que certa. Todos estavam.

Depois de dez minutos me encorajando a ir falar com Felipe, começamos a ouvir uma gritaria. Ela olhou para mim e eu a encarei surpresa quando reconhecemos a voz dele ali no meio. Minha adrenalina subiu, movida por memórias de outro dia de gritos e barulhos perturbadores. Fomos até lá nos empurrando entre os vários curiosos que se amontoavam em frente ao balcão de bebidas e eu tentava não me lembrar de outra ocasião igual àquela, mas de proporções bem maiores. A cena se resumia numa briga idiota, mas com bravos socos e chutes desferidos ora por Felipe, ora por um cara que eu nunca tinha visto. Ele estava completamente fora de si, bêbado, quero dizer. E aquilo foi uma facada, porque percebi que tinha mesmo que terminar com ele.

Cá entre nós, não só pelo fato da bebida, mas também porque, uns vinte minutos antes dessa briga, eu estava no banheiro e, ao olhar no espelho, vi que tinha me vestido de um jeito que jamais faria por alguém que nem sequer gostava mais de mim. Então, sem pensar, o que foi uma idiotice desmedida, andei até o centro da briga toquei no ombro de Felipe, chamando-o por seu nome. Péssima ideia. Do nada, senti um tranco fortíssimo e a sensação de estar sendo jogada para trás, caindo contra um amontoado de pessoas assistindo à cena. Ele acotovelara meu braço esquerdo com força. Seu rosto tinha uma expressão monstruosa e entrei em desespero quando, em minha mente perturbada, aqueles olhos deixaram de ser os seus e transferiu-se para o rosto de um psicopata que morava do outro lado da estrada. Ele encarou-me e com raiva

gritou:

— O que você quer, vadia? — Fiquei de queixo caído apenas olhando em seus olhos, com meu braço doendo de um jeito como nunca antes, e senti o sangue ferver dentro de mim. Ele me chamou mesmo de vadia? Depois de tudo o que eu tinha aceitado por ele, tudo o que eu tinha acobertado e tudo o que *não* tinha vestido só para que ele me quisesse e ele me chamou de vadia? Foi aí que explodi.

— Ei, cara, pega leve com a menina — aconselhou um amigo dele, mais ao longe.

— Chega, sacou? Fim de papo! Não sou mais nada sua a partir de agora. Só estou levando na cabeça faz meses e agora você vem me agredir? Seu bêbado folgado!

Mas toda a minha determinação desmoronou quando, na frente de quase 200 pessoas, dentre as quais havia vários conhecidos, Felipe deu uma bofetada na minha bochecha direita. Meu cabelo cobriu meu rosto, enquanto eu arquejei e caí de joelhos no chão, com a boca semiaberta e a mão no rosto, sentindo as gotas quentes descerem dos meus olhos. Percebi quando Emili e Maria Eduarda se abaixaram na minha frente, oferecendo ajuda para que eu me levantasse. Mas não era só daquele chão que eu precisava me erguer, era do fundo de um poço escuro e solitário que eu mesma cavara e no qual entrara no último ano. Por um momento olhei para o lado e vi que Felipe voltara para a briga.

Ainda com a mão no rosto, comecei a chorar amargamente, enquanto Duda me levava para fora e Emili foi procurar um telefone para chamar meus pais. Duda abraçou-me e chorei em seu ombro durante os longos vinte minutos que meus pais demoraram a chegar; e quando o fizeram, cantavam pneus em meio ao trânsito. Acenei para as meninas rapidamente e fui para o banco de trás em silêncio. Minha amargura era maior do que nunca, minha decepção e a raiva por mim mesma sufocavam-me tanto quanto sufocaria mãos apertando meu pescoço; se não mais. Meus pais estavam igualmente mudos, e assim permaneceram no trajeto de volta.

— Querida, você tem certeza de que foi ele? — perguntou minha mãe, sentada em minha cama, enquanto eu me mantinha ereta no puff, negando-me a desmoronar.

Ela segurava minhas mãos e eu não aguentei mais, precisava chorar ou ia explodir. Fiz que sim com a cabeça e confirmei: sim, tinha sido ele, certeza absoluta. Baixei o rosto, envergonhada, pois me sentia um traste. Toquei de leve meu braço esquerdo e não consegui encará-la nos olhos. Era inevitável não pensar no que meus pais deviam achar a meu respeito. O telefone tocou, mas ignorei as três ligações que sabia serem de Felipe. Meu pai ainda não falara

nada, e eu nem queria que falasse, porque durante todos os meses anteriores ele havia me alertado, dizendo que eu devia estar com pessoas que me quisessem bem, pessoas como... Que eram impossíveis de encontrar. Eu chorei ainda mais quando papai apenas entrou em meu quarto, sentou-se ao meu lado na cama e me abraçou. Ele sabia que eu estava sofrendo e sofreu comigo.

Então, cansada de tantas decepções, de feridas que não faziam nada senão machucar-me mais, decidi que não valia mais a pena me envolver com alguém. Eu estava farta. Eu precisava de ajuda.

Companhias más e boas



Antônio

Não sei dizer do que eu mais me arrependo na minha vida. Poderia dizer que foi por nunca ter denunciado as agressões do meu pai. Ou ainda por não ter visitado minha mãe. Ou por ter saído da casa dos meus tios. Mas creio que foi ter ido para o abrigo. Assim que saí do conselho tutelar com Sandra, entramos num táxi rumo à outra cidade. Passamos por São Paulo, o que foi um alívio enorme para mim, pois pude rever, mesmo que pelo vidro do carro, lugares que visitava na minha infância. Sobressaltei-me quando, duas horas depois, Sandra disse que estávamos em Osasco.

Na rua para a qual fomos havia um prédio cinza com um pátio cercado por muros na lateral, os quais, por sua vez, eram de tijolos expostos, vermelhos nos locais que não estivessem cobertos por pichações. E em cima desses muros havia arame farpado. Eu fiquei em dúvida se aquilo servia para acolher menores desamparados ou menores infratores. Como soube depois, eram as duas coisas. E isso foi um grande problema. Desci do carro e Sandra me levou lá para dentro. Então chegamos a um hall de entrada que dava para duas portas, uma à esquerda, a área de recreação, e outra à direita, o refeitório e a escada logo à frente. Passamos por uns três seguranças e mostramos documentos antes. Fomos pela porta da frente e seguimos por um corredor até a sala da diretoria que ficava ao fundo.

Eles disseram que assuntos do gênero eram tratados com o diretor-geral, o que nos fez subir até o último andar. Entramos numa sala com um senhor de idade bastante carrancudo. Sandra disse que eu deveria ficar ali até completar 18 anos, já que não havia parentes para me acolher. “Dignamente”, foi a palavra que ela usou. O diretor-geral me olhou de cima a baixo e disse que estavam meio lotados, mas que eu podia ficar no andar de baixo. Aquele lugar se tornou o primeiro da minha lista, entre os piores onde já estive. Era um prédio escuro, com uma iluminação decadente e paredes descascando. O chão constantemente sujo, no qual crianças corriam e no qual encontrei várias bitucas de cigarro; era desnivelado e havia falhas no piso, nas quais era possível tropeçar e cair. Fui até o terceiro andar e me mostraram um quarto cheio de beliches, no qual eu ficaria na cama de cima, do beliche do fundo. Sandra se despediu de mim e disse que

qualquer problema era só ligar para o telefone que estava no cartãozinho dela. E foi embora, deixando-me só em meio àqueles estranhos.

Eu nunca me senti tão sozinho quanto no momento em que estive sentado naquela cama torta e barulhenta, que toda vez que eu me mexia começava a ranger, e cujo colchão era mais duro que concreto. Nunca me senti tão sozinho quanto no momento em que me deitei e ouvi os passos se aproximando. E quando vários garotos da minha idade entraram no quarto e rodilharam o beliche, encarando-me, quis que alguém estivesse lá para me ajudar. Sentia-me um cachorrinho acuado e me tornei alvo fácil para provocações, como sempre. Fiquei na cama por umas três horas, antes de sair do quarto, olhando para o anel de prata na minha mão direita, pensando em Ana Carolina, imaginando como estaria a vida dela. Porcaria, eu não devia ter ido embora. Podia ter pedido para que os pais dela me acolhessem ou qualquer coisa desse tipo.

Sem que ninguém me dissesse onde ficava cada coisa, tive que me virar para encontrar toalhas de banho. Quando finalmente achei o armário, no fundo do quarto, peguei umas toalhas e fui me banhar, mas desisti depois de receber uma ducha fria como gelo nas minhas costas. Pensei que fosse ter uma hipotermia quando a água me golpeou covardemente. Isso só reforçava ainda mais a má impressão que eu tivera daquele lugar: eu me sentia em um presídio. Tudo ficava pior por conta das roupas que eles nos forneciam como pijamas: macacões verde-oliva, todos iguais, um perfeito uniforme de presídio. Desistindo do banho, resolvi andar um pouco para colocar a cabeça no lugar. Desci para o pátio lateral e me sentei num banco de concreto, olhando para o céu. O dia estava quente para variar e peguei-me pensando “Será que Carol está sentada sob uma das árvores no quintal, olhando para esse mesmo céu claro?”.

Se eu tive quatro horas de paz em meu primeiro dia ali foi muito. Não havia nem dez minutos que eu descera, e naquele instante, três rapazes que antes estavam jogando futebol com uma bola murcha, logo vieram até onde eu estava com um semblante malicioso.

— Diz aí, bicho, por que você está aqui? Não me lembro de você por aqui não — disse um cara que devia ter exatamente a mesma idade que eu. Seus cabelos pixains presos em trancinhas me faziam sentir-me num filme. Tinha um odor forte no ar, que, aos poucos, consegui identificar. Eu quis fugir dali. Ele não tinha um dente da frente e estava cheirando a álcool, o que me deixou completamente transtornado.

— Quando eu pergunto você responde, sacou? Qual seu nome, cara? — O tom da pergunta foi demasiadamente hostil.

— Antônio — respondi, enquanto tentava conter minha vontade de correr. Minha cabeça estava começando a girar conforme o cheiro vinha até mim e

entrava por minhas narinas. Minha mente associava esse cheiro à morte, perigo. Devo dizer que minha mente não estava nem um pouco errada quanto a isso.

— Nome de panaca — falou de forma zombeteira um cara magro e esquisito que usava uma daquelas correntes fajutas no pescoço, além de um boné de marca que eu sempre suspeitei que ele tivesse roubado. — Não está ligado, não? Se quiser ficar aqui tem que pagar. Acho que esse anel fajuto serve.

— Maneiro — disse um cara enorme que mais parecia uma muralha. Ele segurou meu braço com violência e arrancou o anel de prata de mim. Eu disse para que ele devolvesse e, rindo, ele provocou: — Ficou invocado cara?

Fiquei. Mas não deveria ter ficado.

Não sei de onde me veio coragem para socar o rosto dele e começar assim uma briga feia que, obviamente e como já era esperado por seus espectadores, eu perdi. Eu estava em vantagem: desferi o primeiro golpe e aproveitei-me da surpresa dele para jogar meu corpo contra o seu, derrubando-o no chão e socando-o outras vezes. Mas quando seus amigos chegaram, agarraram-me e me seguraram para que ele me socasse. A cena acabou comigo caído no chão levando chutes e socos não só do Muralha, como daqueles outros dois que resolveram participar da “diversão”. Os demais garotos de todas as idades espalhados pelo pátio apenas assistiam, ora vaiando, ora urrando, outros fugindo. Fui levado para a diretoria, onde o gorducho proprietário e regente da fundação recebeu-me com impaciência, parecendo farto de casos assim.

— Escute: se nas suas primeiras cinco horas aqui você já foi capaz de se envolver em bagunça, torça para ficar vivo até a semana que vem. Não vou tolerar esse tipo de comportamento aqui, cara. Chegou agora, mas já pode ir se acostumando com as regras da casa — falou de forma severa, com o dedo em riste.

Tive de pagar por minha má educação com duas horas preso numa saleta conhecida por “sala da morte”, que se resumia a um quartinho sem janelas e todo empoeirado. Sair vivo de lá foi realmente difícil, pois minha falta de ar fez questão de me mostrar que ao menos ela não me abandonaria nunca. Entendi por que aquela era a sala da morte. Mas esse tempo agonizante no ambiente escuro não foi de todo ruim: ao menos eu encontrara um lugar onde poderia pensar em paz e deixar-me embalar por memórias boas. Lembrando-me de repente do ocorrido mais cedo, tateei no escuro até achar o anel no dedo anelar direito. Tirei-o da mão e o levei aos lábios, fazendo um pequeno esforço para evocar de minha memória a imagem da doce garota relacionada àquela aliança. Onde será que ela estaria agora? As lembranças me tiraram temporariamente dos problemas imediatos, mas, agora que voltara de meu momento nostálgico, sentia meus pulmões ardendo como brasa implorando por ar puro, ou, ao menos, por ar.

Bati violentamente na porta até que fossem abri-la para mim. O covarde diretor me levava até lá para “pagar o preço pelo mau comportamento”. Precisei ir para a enfermaria não só para cuidar da asma como também dos machucados em meu rosto e no abdômen, decorrentes dos vários socos que levei. A enfermeira, uma mulher jovem e bonita, viu os cortes provocados pelos punhos e atentou-se às outras cicatrizes, aquelas que eu trazia comigo há anos.

— Sabe... Eles se acham imbatíveis, mas, na verdade, não passam de um bando de tapados. Aqueles três são irmãos, e a mãe deles era uma drogada que os largou aqui quando eram pequenos. E justamente por estarem aqui há mais tempo pensam que têm algum direito especial, nem que seja o de afanar os outros.

Ela tocou de leve uma cicatriz em minha perna, um ferimento circular devido a uma bala. Olhou para mim sorrindo com cumplicidade:

— Mas você pelo visto passou por muito mais barra e está aqui. Minha conclusão é de que você é melhor que esses três juntos. — Foi muito legal da parte da enfermeira dizer isso, por mais que eu sentisse que morrer não teria sido uma opção tão ruim assim.

O nome dela era Danielle. Ela se tornou uma amiga para mim no tempo que eu passei lá. Na verdade, mais que uma amiga. Não passava um dia sem que eu pensasse em mamãe, que era tão vítima de toda aquela situação quanto eu. É bem verdade que muitas vezes ela apenas assistia, calada, porque talvez lá no fundo ela sentisse que era justo que eu sofresse. Mas seu instinto materno costumava falar mais alto, e ela não hesitava em me defender. Mesmo quando ele a provocava, fazendo com que se lembrasse do que eu fiz – na verdade, o que ele tinha feito. Os meses dentro daquele abrigo foram suficientemente longos para que eu sentisse meu ódio por Fernando crescendo dia após dia. Por diversas vezes me arrependi por não tê-lo matado. Mas se o tivesse feito, poderia estar na cadeia.

Quando eu ia para a enfermaria, quando encontrava Danielle, sentia-me mais próximo de quem eu era antes. Ia para ajudá-la a cuidar de alguém ou simplesmente para conversar, e eu conseguia esquecer um pouco aquele vazio que sentia. Danielle me defendia diante do diretor sempre que eu entrava numa briga. É que eu nunca “entrava”, de fato; era sempre posto dentro delas. Às vezes eu nem sabia o que estava fazendo no meio da discussão. Sei que é errado dizer o que direi agora, mas é verdade: eu estava usando Danielle. Não, eu não tentava fingir que ela era a Ana Carolina, mas de alguma forma buscava semelhanças entre as duas. Não foi difícil encontrá-las: Danielle era doce, simpática e inteligente. Ao contrário de Carol, no entanto, era forte e sabia se defender. Ou quase sempre.



Com o passar do tempo, eu já estava acostumado com as escadas íngremes e conseguia descê-las sem problemas. Também me acostumara ao calor infernal daquele lugar sem ventiladores, mas nosso “uniforme” não contava com regatas ou bermudas. Também já estava bastante acostumado ao carrancudo e drástico diretor, que para todos os problemas tinha uma solução: deixar todos enfurnados do lado de dentro. Numa dessas tardes chuvosas em que fomos proibidos de sair, eu estava indo até o ambulatório em que Danielle ficava. Confesso que ficava bastante ansioso para poder ir vê-la. Ela era meu único conforto ali. Estava indo até lá, mas, ao me aproximar da porta, parei. Ouvi vozes lá dentro e resolvi esperar para ver do que se tratava. Tinham duas vozes em discussão, uma feminina e uma masculina. A feminina era Danielle. A masculina era de um dos três irmãos.

— Mas eu sou vidrado em você, Danizinha...

— Escute, seu boboca, se pensa que pode agir assim está muito errado. Pare! Tire suas mãos de cima de mim, agora!

Não sei ao certo o que aconteceu, mas ouvir essas frases gritadas, outra vez, me fez agir por impulso. Sem pensar duas vezes, eu abri a porta, escancarando-a e deparei-me com Muro, como o chamavam, segurando Danielle pelos dois braços e tentando beijá-la. Vê-la assim, impotente diante do rapaz de quase dois metros de altura, deixou-me tão perturbado que achei que aquela era Carol e que quem a segurava era Marcos. Todo o ódio que eu sentia por aquele garoto aflorou em mim. Eu nunca revidara, nunca tentei impedi-lo. E agora Muro estava na minha frente, sendo assim o alvo perfeito para toda a minha fúria. Voei para cima dele, pouco me importando com a diferença de altura, e dei um murro em seu rosto para que soltasse Danielle. Muro cambaleou e aproveitei sua fraqueza momentânea para atacá-lo outra vez.

— Qual é chapa, o que pensa que está... — mas eu não deixei que ele terminasse a frase. Completamente cego de raiva, derrubei-o no chão e disferi chutes e socos, deixando-o quase desacordado. Ouvi uma voz firme atrás de mim, mandando-me parar. Se Danielle não tivesse me parado, eu provavelmente teria matado o moleque. Este, por sua vez, deixou a sala arquejando, indo em direção às escadas.

— Esse moleque é dose. Ele vai contar para o diretor... — lamentou Danielle, meneando a cabeça em reprovação.

— Que conte! — exclamei, arfando, sentindo a adrenalina ainda pulsante em minhas veias. Olhei para ela, segurei seus braços com ternura, procurando machucados. Havia pequenas marcas vermelhas, mas, por experiência própria,

eu sabia que aquelas sumiriam logo. — Você está bem?

— Bem, graças a você. — ela sorriu. — Obrigada, Antônio. Eu nem imagino o que teria acontecido se...

— Não pense nos “ses”. O que importa é que você está legal —disse eu, sentando-me na maca improvisada, que não passava de uma mesa de madeira acolchoada. Ela pegou um pano úmido e passou sobre os machucados na minha testa, pois é claro que o Muro tentou revidar meu ataque. Aquele meu instinto de proteção voltava a agir.

— Sabe de uma coisa, eu não sei que idade você tem — falei casualmente.

— Ah, dezoito. Um ano mais velha que você. — Sorriu. Suas mãos, agora ocupadas em colocar um band-aid em meu braço, demoraram-se um pouco na tarefa. Sem graça, ela desviou o olhar e baixou as mãos.

Ela tinha um sorriso maravilhoso. Seus cabelos escuros como carvão emoldurava seu rosto de boneca. Qualquer um juraria que ela era mais nova. Seus olhos fitavam-me com curiosidade e seus lábios rubros cerraram-se de um jeito provocativo. Pegou outra vez o pano úmido e começou a limpar meu rosto, por mais que eu não houvesse sido atingido ali. Eu estava absolutamente encantado com aquela mulher. Ela tirou o pano da minha testa e ficou olhando em meus olhos. Por alguns segundos ficamos em silêncio nos encarando, um tentando desvendar o outro através dos olhos. Mas rompi o momento quando a segurei pela cintura e a beijei. Sem recusas, Danielle continuou o beijo. Envolveu-me o pescoço com seus braços e segurei-a firmemente pela cintura, contra meu corpo. Eu ainda estava sentado na maca, e ela de pé na minha frente. Desci da maca e fui até a porta para trancá-la. Enquanto isso Danielle tirou seu jaleco.

Olhei para ela, com seu sorriso convidativo e provocante, observando-me de cima do leito. Alguma coisa se revirou dentro de mim e avancei sem pensar. Danielle era uma mulher... Sensacional. Além disso, eu não a amava, por isso acho errado me referir ao que fizemos como “amor”. Seria melhor dizer “junção de corpos”. Eu apenas sentia atração por ela, nada mais, e talvez isso faça de mim um canalha, mas de meus muitos erros esse foi um dos menores. Quando terminamos, deixei a sala e pude ouvi-la suspirar.



Fiquei extremamente furioso quando, no dia seguinte, fui à enfermaria para conversar com Danielle e me deparei com uma velhinha de cabelos cinza vestindo um jaleco e blusa de lã. Se minha memória ainda estava boa, Danielle estava longe de ser uma senhora sorridente. Perguntei a ela onde Danielle estava.

— Você está por fora. Ela foi pega com um dos menores. Ela sabia que isso não podia, mas, mesmo assim... Que absurdo, que ideia sem pé nem cabeça, com um menor, onde já se viu?

O meu lado mais educado me dizia que não era certo brigar com velhinhas, então apenas acenei com a cabeça e saí.

Inconformado, subi até a sala do diretor. Bati na porta com insistência e, depois de algum tempo, a porta abriu e uma moça de no máximo 20 anos, com um vestido curto preto, saiu da sala. Observei-a enquanto ela se afastava pelo corredor em direção às escadas. Voltei-me para o diretor, que ajeitava a gravata e penteava os cabelos com as mãos. Fui até sua mesa e, batendo sobre ela, perguntei-lhe no que estava pensando quando mandou Danielle embora. Ele levantou de sua cadeira e, erguendo a voz de um jeito cavernoso, disse:

— Imagino, senhor Guerra, que não seja tão tolo quanto está parecendo ser agora. Mas caso seja, vou tentar fazê-lo entender: ela quebrou regras, transgrediu ordens. Recebeu a punição merecida. Um dos irmãos Silva disse ter visto a garota com um menor.

Isso era impossível, eu queria dizer. Mas caso o fizesse, eu me entregaria e talvez fosse punido também. Eu realmente não estava a fim de ir para a sala da morte e encontrar a senhora sorridente para me ajudar com a asma. Simplesmente me calei. Eu sabia muito bem quem tinha feito isso; sabia qual dos irmãos denunciara. E sabia também que não poderia enfrentá-lo de novo, porque, da próxima vez, ele com certeza seria apoiado por seus irmãos. Tudo que pude fazer foi, resignado, sair de sua sala e subir para os quartos. Comecei a chutar beliches, quebrar coisas e recolher os cacos depois. Sentei-me na cama e peguei o porta-retratos em baixo de meu travesseiro. Poder ver a foto era um bálsamo; uma das poucas coisas que me fazia manter a calma. Quase explodi quando vi que o vidro estava trincado e a foto rasgada aleatoriamente, mas ainda dentro do porta-retratos. Meu sangue ferveu. Quem fizera aquilo (e eu sabia quem tinha sido) ia pagar.

Quando Muro, Ricci e Dante subiram para o quarto, eu os esperava com uma faca que arranjava na cozinha. Eu estava surtando de raiva. Muro entrou e, esperando atrás da porta, eu o surpreendi segurando-o por trás. Coloquei a faquinha em seu pescoço. Dante e Ricci ficaram perplexos, sem reação. Não faço ideia do que estava me passando pela cabeça, mas creio que foi um rompante de raiva acumulada. Algo que eu estava guardando dentro de mim desde aquele dia lá em casa, desde muito antes talvez, desde quando eu era pequeno.

— Gosta de ir na onda dos seus irmãozinhos, é? Gosta de denunciar os outros? É melhor você se mancar de que não é você quem manda aqui. É melhor

me deixar em paz. Para de se meter na minha vida e no que eu faço. Ou juro que corto tua garganta enquanto você dorme.

É evidente que eu levei uma bela surra depois que Muro se recuperou do choque e, segurando meu braço, girou-me e pegou a faca de minha mão. Mas a ameaça funcionou, porque eles me deixaram quieto no meu canto depois disso. Na verdade, eles passaram a ter um tipo de respeito por mim, já que eu aparentemente tivera coragem de enfrentá-los. Não só eles, mas todos começaram a me ignorar, e confesso que meu isolamento aumentou ainda mais. Peguei uma fita adesiva na “sala de recreação” e coleí os pedaços da foto. Ficou uma porcária, é verdade, mas, ainda assim... Aquilo foi uma das poucas coisas que mandaram para mim depois que saí de casa. Enquanto estive no hospital, eles mandaram uma caixa com os meus pertences para a casa de meus tios. Quando saí da casa deles, levei comigo só o que achava essencial. E acredite: essa foto era mais que essencial. Eu passava horas olhando para ela todos os dias.

Ana Carolina

Tudo estava uma loucura agora que tinha entrado no curso pré-vestibular. Formei-me no colegial e agora estava com 18 anos recém-completados com muito prestígio. As coisas estavam bastante diferentes: eu estava focada em meus estudos, determinada a ser aquilo que há tanto sonhava em ser, assistente social. Além disso, aceitei, depois de muita relutância, ir a um psicólogo. Veja bem, consultar-se com um psicólogo não é nada errado. Na verdade, todos deveriam fazer isso. É uma forma de se abrir com alguém que está lá justamente para ouvi-lo e, quem sabe, conseguir ajudá-lo. Emis e Duda me apoiaram completamente. Eu adoraria que Helen também pudesse estar aqui para me dar apoio, mas em janeiro ela tinha se mudado para São Paulo, onde prestaria um curso que apenas as faculdades de lá ofereciam. Sentimos muita falta da minha prima.

Na formatura do colegial, em dezembro do ano anterior, nós fizemos uma grande festa em casa no estilo das que fazíamos na fazenda. Alguns parentes vieram e amigos de sala também. Emis, Duda e Beatriz estavam lá, sorrindo e comemorando comigo, afinal elas se formaram também. A festa era tanto delas quanto minha. Meus pais estavam bastante felizes não só por eu estar me formando, mas também por estar, aos poucos, voltando a ser a garota alegre que sempre fui.

— Quero dedicar este brinde à minha menina, que agora já é uma mulher, oficialmente! — falou meu pai, rindo no centro da nossa sala de estar. — Agora você já é maior de idade querida, mas, por mais que cresça, nunca vai estar

grande demais para o espaço que meu coração tem para você.

Eu sorri emocionada.

— Querida — falou papai, olhando para mim. — Mesmo tão nova, já passou por tantas coisas... Mas venceu tudo isso e pode vencer qualquer coisa que vier. Amo você e vou te apoiar em tudo. Sempre.

Todos aplaudiram e eu fiquei comovida com as palavras dele, sentindo-me amada como há muito não sentia.

Formar-me foi ótimo. E ainda melhor foi me afastar de Felipe. Terminar nossa “relação” foi o melhor que fiz. Quanto a essa última questão, eu sofri bastante por semanas, não por ele, mas porque percebi que relacionamentos eram coisas que não funcionavam comigo e me resignei com a ideia de que não havia por que namorar outra vez. E confesso que foi difícil esquecer Felipe, não por sentir sua falta ou algo assim, e sim porque é complicado ignorar alguém tocando sua campainha todos os dias durante duas semanas e te ligando a cada duas horas. Ele estava deliberadamente me perseguindo e foi necessário que papai fosse até o portão falar com ele. Ele não me contou o que disse a Felipe, mas surtiu efeito: de cabeça baixa, ele saiu da frente da minha casa e nunca mais voltou a me procurar.

— Por favor, filha, se for namorar mais alguém, que não seja um pirado como esse. — A intenção de papai era brincar, só que de alguma forma isso me deixou mal.

Eu não fazia questão nenhuma de namorar. Não mesmo. Eu queria me formar, queria ser assistente e ajudar as pessoas. Fim. Se no decorrer desse meu caminho eu encontrasse um espaço para casamento e família, seria ótimo. Mas se não conseguisse, não via problema. Muitas pessoas em todos os cantos também estavam sozinhas e precisando de ajuda. E eu estava sozinha e disposta a ajudar.

Estava absolutamente empolgada naquela manhã ensolarada, primeira segunda-feira do mês de fevereiro. Roí as unhas durante toda a noite de domingo, ansiosa. Decidi fazer o curso preparatório antes de prestar o vestibular, porque tudo o que vinha acontecendo abalou um pouco minha confiança. Achava que jamais passaria logo na primeira vez que prestasse e nem na segunda; na terceira, nunca. Minha psicóloga recomendou-me ir “aos poucos”; portanto, eu ia entrar na faculdade aos poucos. Primeiro o curso, depois o vestibular. Estava feliz porque eu e Emis tínhamos entrado no mesmo cursinho. Duda e Beatriz conseguiram entrar na faculdade logo de primeira, e confesso que senti um pouquinho de inveja das duas. Mas sem problemas, porque ao menos eu e Emis estudaríamos juntas por mais um ano.

Eu usava uma calça jeans de cintura alta e boca de sino, uma regata verde, tamancos pretos e uma bolsa azul. A primeira diferença entre esse meu primeiro

dia de aula e o de quando entrei no colegial era minha postura. Não propriamente a retidão da minha coluna nem nada assim, mas o fato de estar de cabeça erguida, apesar da ansiedade. Sentia-me confiante depois das palavras de encorajamento do meu pai. Sentia-me disposta e leve. A segunda diferença era que dessa vez não estava fugindo de uma depressão, o que significa que eu estava sorrindo. E como bônus, conhecia uma pessoa lá, pessoa que agora estava pulando e acenando para mim no meio de vários alunos. Ela correu até mim e abracei Emis com saudades, já que não nos víamos desde as férias. Ah, sim, esqueci-me de acrescentar que dessa vez ninguém me levou até lá: eu estava dirigindo o carro de papai.

— Vamos, seja otimista — disse Emili rindo. — Seu histórico amoroso não é dos melhores, mas não é possível que no cursinho ou mesmo na faculdade você não ache um cara legal. Tem que dar uma chance, conhecer as pessoas, e você é bonita, arrumar namorado vai ser fichtinha.

— Cale a boca, menina! — falei rindo e batendo em seu braço levemente. — Estamos aqui para estudar porque pretendemos ser alguém na vida, lembra? Namorar para mim não dá certo, já deu para perceber — afirmei. E ela deu risada. — Vamos logo para sala antes que você fale mais bobeira.

Segurei a gola de sua camiseta e puxei Emis de brincadeira para dentro do prédio do cursinho. Quase nos perdemos nos corredores emaranhados até achar a nossa sala de aula. Eram muitas pessoas ali, todas desconhecidas, tentando arranjar uma carteira disponível na sala de aula e com várias apostilas nas mãos. Rimos diante dessa cena bagunçada e arranjamos duas cadeiras mais ao fundo, perto da janela. Aos poucos os minutos foram se passando, as pessoas foram sentando e aquele clima agitado do início foi se dissipando. Esperamos que a professora entrasse na sala para darmos início à primeira aula. Encostei a cabeça no vidro da janela e respirei fundo o ar quase puro que vinha lá de fora. O ar na cidade não era como o do campo, e notei isso no meu primeiro dia aqui. Mas, ainda assim, respirar era maravilhoso. Sim, minha psicóloga tinha me dito que é bom dar valor a essas pequenas coisas, mesmo as mais simples e “sem importância”.

A mulher baixinha e gorducha que se apresentou como Taís, professora de Filosofia, passou uma atividade inicial. Peguei meu caderno e comecei a rabiscar algumas palavras avulsas como Taís disse que devíamos fazer. Usaríamos essas palavras numa atividade em grupo, dessas que se faz na escola primária para que as crianças se conheçam e se tornem amiguinhas. As cinco primeiras palavras que vieram à minha mente foram: “*Perdão, mágoa, recomeço, mudanças, conquistas*”. Trocamos de papéis com a pessoa ao nosso lado e formamos frases com as palavras escritas por ela. O papel que me veio foi “*Dor, sentimentos,*

amor, furacão, pistas”. Olhei de soslaio para o rapaz à minha direita, de quem tinha pego o papel, e imaginei que diabos aquelas palavras queriam dizer na cabeça dele. Formei frases com elas, versos bobos e mal construídos.

O sinal da segunda aula tocou e fomos para outra sala. Peguei meu material, saí da sala e me dirigi às escadas que levavam ao andar de cima. Entrei na sala que era um pouco menor do que aquela em que eu estava na aula anterior e me dirigi ao fundo da classe. Emis sentou-se à minha frente. Dessa vez a professora chegou bem mais rápido; na verdade, entrou junto conosco. Quando o último aluno entrou na sala, ela fez menção de fechar a porta. Eu estava sentada na quinta fileira, novamente próxima à janela, fitando a parte gramada do lado de fora. Mesmo assim, pude ver quando um pé impediu que a porta fosse fechada, e um braço começou a empurrá-la, tentando entrar na sala. Mesmo descontente a professora recuou para que a porta se abrisse outra vez. Assim se fez, e ele entrou.

Era um rapaz alto e forte, provavelmente mais velho que todos nós e que devia estar fazendo o curso extra, tipo um reforço ou algo assim. Vestia calça jeans e camisa preta, e sua mochila marrom pendia no ombro esquerdo. Era do tipo atlético, jovial. Foi então que eu olhei para seu rosto e ele olhou para o meu, e eu tive certeza de que ele me reconheceu. Por um segundo fiquei horrorizada com o que meus olhos me mostravam e tentei evitar, mas uma expressão de terror me dominou. Não sei explicar o que senti naquele momento, mas foi uma mistura de angústia, dor e raiva. Parecia que a qualquer momento eu começaria a gritar implorando para que ele parasse de fazer qualquer coisa que fosse, mas que não lembrava o que era. Soltei um arquejo involuntário.

— Ah — exclamei. — É... Eu preciso, eu acho que... — Pensei que ia ter um chilique. O desconhecido “conhecido” me encarava como se eu fosse maluca. Mas eu sabia que o perturbado era ele.

— Ana, qual é? — perguntou Emis.

No entanto, eu não ouvia nada. Estava concentrada demais na figura à minha frente. Minha respiração estava pesada e eu me sentia petrificada em meu lugar. A vontade de chorar e de correr continuava forte em meu peito. Olhei no fundo de seus olhos escuros e seu nome brotou na minha mente, um nome curto que desejei esquecer. Desejei socá-lo, tirá-lo da sala a chutes. Queria saltar pela janela ou sair correndo daquele prédio. Ir para longe dali. Tudo porque era ele. Era Marcos.

Olhava para ele, mas a única coisa que conseguia ver era um garoto de 14 anos usando roupas surradas e com uma expressão de ódio no rosto, sem motivo aparente. Eu via seus punhos fechados e o sorriso maquiavélico em seus lábios, enquanto eu, com 11 anos de idade, gritava implorando para que ele parasse de

bater em meu amigo. Lembrei-me de como ele riu quando fui tentar afastá-lo de Antônio e ele me empurrou para trás. Recordei-me dos arquezos do menino no chão, segurado por outros dois garotos, enquanto Marcos o chutava e xingava ao mesmo tempo. Senti o coração apertar. Meus olhos se encheram d'água e soube que seria ridículo chorar naquela hora. Então disse:

— Professora, com licença, eu preciso ir ao banheiro — falei num fio de voz. Tudo o que eu queria era distância dele. Queria que ele explodisse na minha frente e que seus pedacinhos voassem. Tudo estava bom demais, eu devia suspeitar que algo aconteceria.

Levantei da cadeira e andei em direção à porta ainda mirando no fundo dos olhos dele. Quando estava a dois passos de distância dele e da saída, meu coração acelerou. Quando parei em sua frente e fiquei encarando a expressão confusa em seu rosto, tive certeza de que eu ia surtar. Minha mão podia ganhar vida própria e arrebentar a cara dele ali a qualquer momento, sem que eu me desse conta. Mas eu iria adorar: ver a cara de surpresa dele transformar-se numa contorção de dor. Empurrei-o de leve para o lado tentando evitar tocar aquele sujeito infame e saí da sala. Mas, em vez de escutar o clique da porta sendo fechada, ouvi um murmurinho na sala, uma mala sendo colocada no chão e passos atrás de mim.

— Ana Carolina — falou em voz alta. — Depois de tantos anos te encontro aqui. Coincidência, não acha?

Meus punhos se fecharam quando ele disse meu nome e quase enfiei as unhas na palma de minhas mãos. Mordi o lábio inferior para conter um palavrão e, usando todo o autocontrole que tinha, virei-me de frente para ele. Ao contrário do que eu imaginava, ele tinha uma expressão sorridente no rosto, e não aquele sorriso debochado. Era natural, espontâneo. Quase simpático. Olhei em seus olhos e caminhei até ele com os pés firmados no chão. Quando fiquei a quinze centímetros de distância entre seu rosto e o meu, coloquei o dedo em riste apoiado em seu peito. Aliás, aquele tórax estava muito mais musculoso do que eu me lembrava.

— Escute aqui, Marcos... — falei com repulsa, ao ouvir minha própria voz dizendo seu nome. Era como invocar um fantasma ou algo pior. Mas aquela assombração estava em carne e osso na minha frente. E pelo visto, não iria embora. — Não ligo patavinas se você me conhece ou não. Eu não quero falar com você, não quero ouvir você, não quero ver você nem quero sentir a sua presença, sacou? Quero você bem longe de mim e da minha vida. Sou adulta agora, não uma menina boboca, não vou aturar você. — Terminei a frase num quase grito ou o mais alto que se podia falar num corredor vazio sem que minha voz ecoasse.

— Como? — perguntou Marcos com tom de espanto na voz, genuinamente surpreso. Anos atrás eu poderia jurar que ele estava fingindo. — Ana Carolina, qual é a tua? O que te faz pensar que quero alguma coisa com você ou com sua vida?

— O quê? — retorqui incrédula. — Está de sacanagem? Acha que não me lembro de quem é você? Chegava acompanhado daqueles seus amigos, sempre cheio de arrogância, humilhando pessoas mais fracas que você. Grosso, egoísta, nojento, estúpido! Se vira e mexe eu ver você por perto, não vou pensar duas vezes antes de ferrar com você.

— Mas do que... — falou ele, estreitando os olhos.

— Já avisei. Se quiser esconder o jogo para os outros, não me importa. Mas você não me engana. Eu te conheço e posso usar isso contra você.

Virei-me para seguir meu caminho, contudo Marcos me segurou pelo braço.

— Ana... — Arrepiei-me quando ele me tocou e fechei os olhos para não deixar que todas as lembranças desagradáveis comesçassem a voltar. — Eu não sou mais assim... Não sou mais essa pessoa purgante que você descreveu. — Percebi a mágoa em sua voz e, por um milésimo de segundo, um sentimento de culpa me atravessou. Mas se dissipou quase instantaneamente.

— E quem você é agora? Um santo benfeitor? — perguntei com ironia, rindo. Ele soltou meu braço visivelmente frustrado e ficou olhando para o chão.

Tive de me esforçar para escutar quando ele sussurrou algo como: “Coisas acontecem e as pessoas mudam, sabe? Coisas que fazem com que a gente mude”. Marcos ficou olhando para o chão por quase um minuto, em total silêncio, e isso me irritou muito. A irritação foi passando aos poucos e percebi que fui impulsiva demais, mas isso não significava que estivesse errada.

— Certo, e quem você é agora, Marcos, eu posso saber? — indaguei cansada dessa conversa. Era coisa demais para um dia só, e minha cabeça começava a doer.

— Sim — disse Marcos, olhando em meus olhos e vi alguma coisa estranha neles. Pareciam... Sentimentos. Mas não aqueles como amor, alegria ou tristeza. Ele estava *sentindo* alguma coisa, literalmente. E parecia ser dor. Exato, seu olhar expressava dor, e isso eu conhecia muito bem. — Sou alguém que não humilha os outros, não bate e não machuca, não provoca nem perturba. Eu sou melhor agora, Ana.

— Difícil de acreditar — rebati com uma risada cínica que soou muito cruel vinda de mim, levando em consideração a dificuldade com a qual ele falou as últimas palavras. — Foi mal. Não consigo acreditar, só isso. Você teria que provar.

Marcos balançou a cabeça em concordância e percebi que de fato tinha

alguma coisa errada.

Em outra época ele ergueria o queixo e diria que não é da minha conta o que ele é ou deixa de ser; que a vida dele e o modo como age são problemas inteiramente dele. Não tentaria provar nada para mim. Então queria dizer que alguma coisa *realmente* deve ter acontecido. Mas com certeza eu não queria falar sobre isso naquela hora. Ainda estava com raiva.

— Por que veio para cá? Vai falar?

— Para estudar. Esqueceu que sou mais velho que você? Quando fiz 18 anos, dei o fora de casa, aluguei uma casa aqui e comecei a faculdade de arquitetura. Estou fazendo cursos agora. Numa boa, não vou perguntar por que você está aqui. Isso é algo que qualquer um sabe.

E o comentário dele me atingiu. “Todos sabem por que a princesinha de papai fugiu do interior, isso não é segredo para ninguém.”. Não que eu estivesse interessada em saber sobre a vida de Marcos, porque não estava, mas falar da minha estava fora de cogitação.

— Se realmente quer que eu acredite que você se tornou o “novo homem” que diz ser, então prove. Não vou engolir esse papo furado. Atitudes mostram caráter, Marcos. E para mostrar que mudou o seu, você vai precisar de *muitas* atitudes — falei com rispidez.

Em seguida, fui ao banheiro, como planejava desde o início, e Marcos foi para a sala. Contive-me para não deixar as lágrimas caírem por mais que elas lutassem para isso. Lavei o rosto e voltei para a aula. Tentei a todo custo evitá-lo, porém ele fez o favor de sentar-se na carteira ao lado da minha, o que me deixou bastante irritada. Mas não falei com ele o dia todo. Realmente queria que Marcos provasse que tinha mudado. Na hora de ir embora, quando deixei um de meus cadernos cair e senti meu rosto queimar por isso, ele pegou do chão e, sorrindo, devolveu para mim. Isso estava me assustando. Tinha medo de que a qualquer momento ele dissesse “Ahá, enganei você. Sou tão terrível quanto antes!”. E tinha mais medo ainda de que ele não fizesse isso. Ou ele tinha sido abduzido e trocado por uma versão boazinha, ou... ele estava falando sério.

Antônio

Faltavam dois meses para que eu completasse 18 anos e deixasse o abrigo, sem ter para onde ir. Pensando nisso, e temendo os próximos passos incertos, fui me deitar. O mês de agosto estava como o anterior: frio e solitário. O cobertor estava puído e os pelinhos altos roçando em meu rosto davam-me vontade de espirrar. Ao que parece meus pulmões estavam acostumados às precárias condições daquele lugar. Com o passar daquele último ano, de setembro a agosto, eu me tornei muito mais independente. Quando morava com meus pais, contava apenas

com a ajuda de minha mãe. E depois que tudo aconteceu e fui morar com meus tios, percebi que não poderia contar com mais ninguém. E agora, no abrigo, bem, eu realmente não tinha ninguém que me ajudasse. Era eu por mim mesmo. Se eu não fizesse isso, ninguém faria.

Era tarde da noite e um barulho forte me despertou. Alguém tentava saltar do beliche sem fazer ruídos, mas fracassou. Meu sangue gelou e memórias de uma noite semelhante vieram-me à mente. Respirei fundo, tentando me acalmar. Tinha alguém saindo do quarto, eu conseguia ver os vultos se mexendo e o som dos passos em meio ao ronco dos outros garotos. No escuro não conseguia distinguir quem era. Sentei no colchão, em silêncio. Levantei do beliche com cuidado e segui os passos de quem quer que fosse. Não sei por que fiz isso, talvez pelo instinto, por querer saber quem estava se esgueirando sorrateiramente pelo quarto ou apenas por curiosidade. Desci as escadas seguindo o som dos passos e ouvi vozes.

Segui as vozes e me encontrei na sala de recreação, onde as crianças menores passavam a maior parte do tempo durante o dia. Lá estavam cinco garotos, sentados no chão em volta de uma mesinha de madeira aparentemente suja. Todas as luzes da sala estavam apagadas, e o segurança, que às vezes rondava em volta do prédio, estava de repouso havia duas semanas por causa de uma gripe. Então eles estavam a sós. Ao menos até eu chegar. Fiquei olhando para eles, que estavam surpresos e pareciam muito incomodados com minha presença; olhei outra vez para a mesa e percebi que a sujeira estava clara demais, amontoada demais. Aquilo não era pó, ao menos não aquele que se acumula sobre estantes. Eram entorpecentes. De um jeito mais claro: eles estavam descaradamente usando drogas. Algum alerta em meu cérebro me avisou que eu não deveria estar ali e quis voltar imediatamente para o quarto.

E é o que eu ia fazer, mas Muro estava lá, colocando mais na mesa e ficou me encarando, deixando-me paralisado. Todos, aliás, pareciam querer me matar, fuzilando-me com o olhar. Dante, no entanto, sempre sabendo tomar a frente de seus irmãos, levantou sorridente e foi até mim. Ainda sorrindo perguntou se eu não queria me juntar a eles. Confusos, os outros quatro garotos olhavam ora para mim, ora para ele, com a mesma expressão que eu devia estar fazendo. Arqueei as sobrancelhas e refleti por um instante. Ele pôs a mão em meu ombro e me levou até o centro da sala. Sentei no chão, ao redor da mesa, tentando não fazer barulho. Os quatro continuavam me fitando, mas quando Ricci trocou olhares de cumplicidade com Dante, mostrou que havia entendido o plano do irmão. Mas eu, lerdo demais, ainda não entendera.

— Olha só, aqui tem pó à beça. Pode ficar à vontade para curtir com a gente, é por minha conta. Mas, se gostar, e eu sei que vai, não sou eu quem vai pagar.

Você vai ter que se virar para pagar, meu chapa.

— Mas eu não... — comecei a dizer, recuando um passo ou dois, mas ele segurou meu braço com força.

— Eu sei que você ainda está na fossa por causa da enfermeira boazuda. Não quer esquecer isso? Fuma unzinho e pronto, a memória dá o fora.

— Olha, cara, não acho que...

— Humm, isso devia ser um segredo. Agora que você descobriu, não é mais um segredo. Então ou você participa com a gente e fim de papo ou vai se arrepender por ter xeretado o que não devia. Não sou eu quem manda isso, são as “forças de cima”. Vai por mim, você não vai querer falar com essas forças. — O tom amistoso sumira e a ameaça era óbvia.

— Saquei. Estou dentro — falei, deixando-me ser conduzido até um lugar ao redor da mesa. Sentei-me sobre os calcanhares e estalei os nós dos dedos. Todos me olhavam, incentivando. Mas eu não sabia como, bem, eu não sabia como usar.

— Melhor pegar leve, garotão, aposto que nunca cheirou uma — provocou Dante, rindo. — Vamos lá, veja como se faz. — Reclinou-se sobre a mesa e fez uma breve demonstração. Em seguida foi minha vez.

Minha cabeça girou por um ou dois segundos e colocaram um pano em meu rosto para abafar o som de minhas tosses e espirros. Eu mal conseguia respirar. Quase morri sufocado em apenas dois segundos, contudo, de alguma forma, alguma coisa dentro de mim se aticou. E eu quis tentar de novo.

— Olha só, ele não é tão panaca assim, afinal... — Foi o comentário provocativo de Ricci. Olhei para ele e depois virei-me em direção à mesa. Tossi um pouco outra vez, mas devo admitir que de forma alguma foi... Ruim. Foi bom, na verdade. Muito bom. Pela primeira vez vi Muro esboçar um sorriso, depois foi sua vez.



Talvez fosse um modo de descontar a minha raiva. Eu sofria pela minha mãe, sofria pela Carol e por toda a porcaria que era minha vida desde que eu era pequeno. Só o que sei é que em setembro, com apenas um mês de uso, eu estava completamente fora de controle. Na primeira vez em que usei, eu quis continuar, e assim foi por alguns minutos. Quis porque, naqueles poucos minutos de entorpecimento, consegui ignorar tudo o que me atormentava. As coisas ao meu redor ficaram turvas e os problemas sumiram de minha mente. Dante explicou as regras para que eu conseguisse mais e concordei sem hesitar. Em decorrência disso, naquele mês de setembro as coisas começaram a mudar. E como quase

todas as mudanças em minha vida, tudo mudou para pior.

Conseguir mais nem era o problema, porque, conforme descobri depois, uma porção de garotos do abrigo estava envolvido com esse tipo de coisa, quando não todos os mais velhos. O problema era arranjar dinheiro e, além disso, esconder tudo dos olhos do diretor. Mas acredito que seus olhos marcados por fundas olheiras estavam muito mais interessados em focar-se nas mulheres que regularmente visitavam sua sala do que nos pacotes escondidos sob colchões ou em vãos nos armários. Era o melhor que podíamos fazer: colocar sob nossas camas, em nossas malas (onde os funcionários não mexiam, a não ser que o diretor mandasse) ou no fundo do armário, com roupas e malas por cima.

Eu recebera um dinheiro naquele ano. Uma “indenização” pelos prejuízos causados por meu pai. Um total de trezentos reais, que Sandra, a conselheira tutelar, entregou-me. Ela deu um jeito de conseguir tal quantia e disse que sentia muito por não poder fazer mais. O que Sandra não entendia, o que ninguém entendia, aliás, era que não me importava ganhar dinheiro por causa de meu pai. Os danos que ele causou a mim e à minha família eram muito mais profundos, e dinheiro nenhum poderia repará-los. Mas pelo menos serviria para alguma coisa. Fiquei impressionado com a rapidez com que esses trezentos reais sumiram da minha mala. Perdia meu dinheiro num ritmo de dez reais por semana, fazendo-o desaparecer em pouquíssimo tempo, assim como minha dignidade.

— Bicho —disse-me Dante uma vez. — Você está tão fissurado no bagulho que quando você abre a boca sai até um fumacê. — Ele se referia ao cheiro pungente e doce de maconha, que aos poucos foi se impregnando em mim.

A cada semana que passava, eu usava mais, queria mais, precisava de mais. Aquilo se tornou incontrollável. Sempre que eu via casos de usuários de drogas, eu pensava “Isso é uma bobagem, se eles quisessem poderiam muito bem parar”. Mas não é assim que você pensa quando é usuário. Não é algo que você possa parar assim, pois isso toma conta de você. Às vezes, demoravam dois ou três dias para chegar mais porque os garotos ainda não haviam recebido, e nisso eu começava a suar frio, ter tremedeiras e dores fortíssimas. Eram sinais bastante claros de abstinência. Por falar nos garotos, devo dizer que criamos uma espécie de “amizade”, movida basicamente pela relação de compra e venda. Eu comprava, eles vendiam.

Tinha dias em que eu me sentia um idiota e me odiava pelo que estava fazendo. Colocava minhas encomendas no fundo da mala e passava o dia inteiro no beliche, tentando me controlar. Mas no fim das contas acabava usando tudo de uma vez. Eu tentava me convencer de que era errado, de que eu não devia fazer aquilo, de que aqueles que me amavam iriam se decepcionar. Mas quem exatamente ficaria decepcionado comigo? Meu pai? Era capaz de ele bater

palmas se soubesse. Minha mãe? Desgosto é pouco, ela morreria de tristeza. Carol? Ah, minha doce Carol, como me envergonhava pensar nela. Sentia-me imundo e não merecedor de uma garota tão pura como Carol. Nesses dias, em que tentava me conter, passava o tempo pensando nela, imaginando se ela estaria feliz, ou se namorava de novo. Mas nem os pensamentos mais alegres eram capazes de afastar o desejo compulsivo.

— Então, Guerra — disse-me o diretor, numa tarde em que ele me chamou à sua sala. — Creio que tenha ouvido comentários de que muitos jovens aqui dentro estão envolvidos com uma espécie de... Comércio. Uma venda ilegal. Sabe alguma coisa sobre isso? Sabe de alguém que faça parte?

— Não, senhor — menti. Esforçava-me na tentativa de tornar as expressões em meu rosto indecifráveis. — Não sei de ninguém nem de nada.

— Estou te perguntando, rapaz, porque, desde que chegou, por mais confusão que já tenha causado, é um rapaz direito, posso ver isso. Não parece do tipo que esconde as coisas. — Tive que conter uma sonora gargalhada. “Ah, se ele soubesse o quanto escondi e já escondi antes”.

O mês foi passando e, como tudo na vida acaba, o dinheiro também se findou, mas eu não estava nem um pouco disposto a parar. Falei com Ricci e ele me explicou que, já que não tinha mais como comprar, podia começar a vender. Dessa forma eu conseguiria o dinheiro para comprar. Um círculo vicioso, não? Você vende drogas para poder comprar drogas. Mas nem pensei nisso quando disse a ele que topava.

Numa noite fria, quando os meninos disseram que iam encontrar seu “chefe”, concordei em ir junto. Tive muito medo de saber quem era aquele homem, pois, geralmente, pessoas que mexem com essas coisas trabalham com muitas outras mais. Engolindo o medo e mandando-o para longe, segui os três rapazes quando era noite alta. No meio da madrugada, pulamos aquele vão do arame farpado que todos os garotos conheciam, exceto o diretor. Subimos um morro, debaixo de uma garoa fina e, aos trancos e barrancos, fomos parar num amontoado de casas construídas de forma irregular. Estava tudo tão escuro que eu mal conseguia distinguir as formas humanas à minha frente. Isso me deixou completamente apavorado.

Deparamo-nos com uma garagem mal iluminada, numa ruela sem saída, e Dante bateu no portão de ferro que guardava a casa. Fomos recebidos por um homem alto e volumoso, que ocupava todo o espaço da porta pela qual entraríamos. Quando o portão de ferro fechou-se atrás de mim, quis abri-lo e sair correndo, o que seria impossível, levando em conta o fato de que dois homens armados vigiavam nossos movimentos. Fomos para os fundos, numa sala aquecida com uma mesa de madeira espaçosa e caixas por todos os lados. Um

homem estava sentado na cadeira e seus pés esticavam-se sobre a mesa de forma irreverente. Soube que era o “chefe”.

— Cara — cochichou Dante para mim, de pé ao meu lado direito. — Você está tremendo como uma vara verde. Para com isso, ele não arranca pedaço. Bem, para falar a verdade, eu não sei. Quem sabe... — E riu baixinho, com sarcasmo, o que só me deixou mais ansioso.

Um a um os garotos se apresentaram e eu fiz o mesmo. O homem encarou-me como se houvesse algo de errado comigo, e de fato devia haver: eu tremia demais. Meus dentes rangiam tanto pelo frio quanto pelo medo, e eu resistia a vontade de estalar meus dedos. Dante, Ricci e Muro já o conheciam e trabalhavam para ele, mas eu era novo nisso tudo. Eles disseram que o único meio de conseguir mais para mim seria vender por ele, o líder da quadrilha.

— Então você é o novo ganso? — Ele meneou a cabeça para um homem ao canto que pegou uma sacola aparentemente pesada. Meu coração acelerou quando adivinhei seu conteúdo. — São cinco, só para ver se dá conta. Vende tudo. Se não fizer nenhuma idiotice, não for pego nem perder um dos pacotes, está comigo.

— Sim, senhor — respondi, fazendo que sim com a cabeça.

— Ouça — falou o homem para mim com o dedo em riste, de pé num instante, mas que ainda há pouco estava sentado. Ele estava tão perto de mim que senti o cheiro de cerveja em seu hálito. — Está vendo aquele homem ali, com a arma na mão? — Olhei de soslaio para o homem que segurava o cano, os dedos descontraidamente posicionados no gatilho, pronto para atirar. Parecia bastante acostumado a manejar uma arma. — E então? Está vendo ou não, garoto?

— Estou sim, senhor — falei com a voz rouca.

— Ouça: se algum dia você pensar em abrir essa sua boca a respeito desse lugar, de mim ou do que estamos fazendo aqui, ele estoura seus miolos, sacou? Eu juro que você não vai acordar para ver o sol nascer, se sujar a barra. Sacou? — Ele estava tão perto que eu podia ver as gotas de suor escorrendo por sua testa escura e enrugada.

— Sim, senhor.

— Bom. Agora deem o fora daqui. — E fez um sinal com a mão direita, dispensando-nos. O homem com a tal arma apontou para a saída com o cano metálico. Fomos até o portão e, dali, para a rua. Eu estava lívido e os garotos, cruelmente, começaram a rir do meu pânico.

— Você se acostuma, pode crê. Mas, Guerra... Toma cuidado, cara, não vai fazer nenhuma bobeira, está bem? Aquele cara é pirado. Se alguma vez você deixar ele pê da vida, ele manda mesmo apagar você.

— É, eu percebi isso — falei sinceramente. A voz áspera e a testa suada ainda estavam em minha mente. Como me meti nisso? Como mudei tanto? Agora definitivamente, minha vida estava uma...

Ana Carolina

Ah, sim, ele tinha mudado. Era fácil notar. Ele estava mais sorridente e falava com todos, conversava numa boa e eu nunca mais o vi ameaçar ninguém. Marcos tinha se tornado uma pessoa diferente e isso me assombrava um pouco, porque eu pensava que em parte ele fazia aquilo por mim. Claro, era um pensamento tolo. Marcos tinha se tornado uma nova pessoa por iniciativa própria, por algum motivo que eu ainda não conhecia. Mesmo assim, eu não conseguia deixar de pensar na época em que ele agia de forma tão diferente. E o mais perturbador era que, naqueles anos, enquanto ele maltratava todo mundo, de alguma forma ele sentiu algo por mim. Se ainda sentia ou não, ele não deixava isso transparecer. Deixava-me em paz e eu fiquei grata por isso.

Durante dois meses ele apenas se sentava ao meu lado sem falar nenhuma palavra, mas, ainda assim, ficava olhando para mim. Emis vinha sentar-se comigo durante as aulas e, quando olhávamos ao redor, víamos que Marcos geralmente estava por perto, contudo ele não falava comigo. Ele respeitou minha vontade quando, num impulso, eu gritei naquele dia que queria ele longe da minha vida. Longe ele não estava, ao menos não fisicamente. Mas a mensagem era clara: eu só vou falar com você quando e se eu quiser.

Certo dia, ele veio e sentou na minha frente, virado para mim, olhando-me nos olhos. Eu já estava acostumada com aquela presença fantasmagórica, assim como me habituara a ser observada por ele. Bem, se ele ia me encarar, eu ia fazer o mesmo. Comecei a estudar suas novas feições. Ele estava realmente lindo, devo admitir. O cabelo escuro não tinha mais aquele aspecto seco e sem brilho; agora parecia macio como plumas. Algumas mechas caíam sobre as sobrancelhas espessas que marcavam seus olhos amendoados. Ao olhar para eles, eu pude ver que Marcos escondia muita coisa, que sua aparência tranquila e simples ocultava sentimentos complexos e pensamentos confusos. Soube disso porque aquele jeito dele, o modo como fitava o vazio, era o mesmo jeito como eu ficava às vezes, olhando para o nada. Sorri para ele e falei dando de ombros:

— Sabe, pode falar comigo se quiser. Eu deixo.

Marcos me encarou surpreso e começou a rir. Fiquei confusa e estreitei os olhos para ele.

— Eu não estava esperando sua permissão — disse ele rindo, deixando-me constrangida — É que eu gosto de ficar parado aqui, olhando para você. Você está tão... — pigarreou — E, além disso, é bom ter um rosto familiar entre

desconhecidos. — Ele sorriu de um modo afável.

Eu realmente disse isso? Quer dizer, Marcos sorrindo de um jeito amistoso não parecia certo. Isso ia contra as leis da natureza. Baixei a cabeça com as bochechas ardendo. Ele riu outra vez e, deixando de lado minha vergonha, ri um pouco também. Ergui os olhos para ele, que estava mais próximo de mim do que estava antes. Levantou a mão e tocou meu rosto de leve. Estremeci diante de seu toque, mas não recuei. Sua mão macia acariciou minha bochecha por poucos segundos, o suficiente para que eu percebesse que seu toque não me causava mais repulsa.

— Acho que anos atrás eu teria dado um chilique antes mesmo que você pensasse em levantar a mão — falei rindo. Marcos não pareceu muito contente com meu comentário. — Não agora, quero dizer... Bem, tem razão, sobre os rostos familiares. — Eu não devia ter dito o que disse e estava tentando sair da situação tensa na qual entrara.

— Na boa — retrucou ele, dando de ombros, parecendo não se importar com o que eu disse. — É bom mesmo ter alguém que nos lembre de casa, por mais que nem todas as lembranças sejam boas... — E sorriu de modo pouco convincente.

— Sabe, pode me ligar depois da escola para gente conversar, se você quiser. — Ele ergueu uma sobrancelha e sorriu de um jeito irônico. — Anote. — Não me importava se ele queria ou não o meu número; ele o teria de qualquer jeito. Depois de anotar numa folha de papel, levantou-se e se despediu.

— Foi bom falar com você, Ana. — Marcos inclinou-se para beijar meu rosto, e dessa vez sem segundas ou terceiras intenções. Apenas roçou os lábios em minha bochecha, virou-se e foi embora. Passei toda a noite esperando na sala, ao lado do telefone. Até que às dez e meia ele tocou.

Acidentes no caminho



Ana Carolina

Ele me ligava todos os dias e eu fazia o mesmo. Ele sempre atendia e sempre era atendido. Era muito bom falar com Marcos: tínhamos muitos assuntos além do curso e, graças a Deus, ele quase nunca falava sobre o tempo no interior, porque seria dolorido para ambos conversar sobre aquela fase de nossa vida. Então só às vezes deixávamos algumas memórias felizes escaparem. Nessas ocasiões ríamos juntos. Havia dias em que eu me lembrava de alguma coisa engraçada sobre as vizinhas e ele lembrava também. Ter Marcos por perto era confortável e sua companhia me agradava. Mamãe não se conformava com isso, claro que no bom sentido. Ela sempre defendeu que todos podem se tornar pessoas melhores, mas Marcos... Até para mamãe ele parecia um caso perdido. Vê-lo assim, tão diferente, deixou-a muito alegre.

No mês de setembro, sua presença já era tão normal para mim que eu estranhava quando ele não estava por perto. Fizemos vários piqueniques e nunca me sentia ameaçada quando estava com ele. Éramos inseparáveis a não ser pela conta do telefone. Pensando nisso, e ansiando pela companhia um do outro, saíamos para caminhar ao anoitecer ou almoçar num restaurante perto de casa. Andávamos juntos, conversávamos e assim começou nosso relacionamento. Numa tarde silenciosa, sentados num banco numa praça, eu tomei coragem e contei:

— Eu namorei outra vez, faz poucos anos. Ele se chamava Felipe e era... Um babaca. Nós, bem, nós fazíamos algumas coisas, e depois ele simplesmente sumia. Ele mostrou que era alguém totalmente diferente do que eu pensava ser no começo. Ele não era carinhoso nem gentil, ele não era...

— Como o Antônio? — sugeriu Marcos. Fitei-o com os olhos arregalados. Eu expirava o ar com força, como se tivesse sido atingida na boca do estômago. — Foi mal, eu acho que não devia ter... — Marcos se calou ao me ver erguer a mão e fechar os olhos. Respirei fundo, recompondo-me. Ele permaneceu quieto, esperando que eu falasse. Obviamente tinha se arrependido do que dissera.

— Talvez... É, você deve ter razão. Sim, você está certo, é isso mesmo. Felipe não era como Antônio. Felipe foi infiel, pulou a cerca várias vezes e eu sempre soube. E, numa festa, quando ele estava bêbado, ele me bateu e eu terminei tudo.

E fez isso porque ele não era o... Ele. — Eu não ousaria mencionar seu nome, mas sabia que tudo isso era verdade. Ver que Marcos podia perceber isso assim, com tanta facilidade, foi perturbador.

— Existem mais pessoas assim, digo, pessoas boas. Não é só o Antônio que sabe ser gentil ou amável ou fiel. Existem outras pessoas por aí, Ana. Com certeza esse tal de Felipe não te merecia. Você merece coisa melhor, Ana, sempre mereceu...



— Então você vai viajar? — perguntou Marcos pelo telefone, enquanto eu ajudava meus pais a levar as malas para o carro. Pisquei os olhos, incomodada com a luz que vinha lá de fora.

— Sim — respondi. — Meu avô por parte de pai morreu e nós éramos muito ligados a ele, então vamos para a casa da minha vó onde vão estar nossos outros parentes. — Recebemos a notícia no fim de setembro, quando estávamos em casa jantando. Vovó ligou chorando, contando sobre o AVC que vovô teve de repente. Foi de partir o coração.

— E como está seu pai?

— Bem... — Olhei para meu pai. — Ele passou a noite trancado no quarto sem falar com ninguém. Agora ele está sorrindo de um jeito estranho. Provavelmente está em choque. Vou desligar agora, preciso terminar de pôr tudo no porta-malas. Beijos.

Marcos se despediu e coloquei o telefone de volta no gancho. Fiz um rabo de cavalo às pressas e peguei uma mala vermelha, grande e pesada, e levei-a até a garagem, onde papai me aguardava.

— Vai sei uma viagem agradável, querida — disse meu pai alegremente, o que foi espantoso. — Venha, entre no carro. Lauren? Tranque a porta e vamos.

Como ele podia dizer que uma viagem de carro, debaixo de uma chuva terrível, por uma estrada esburacada, a caminho de um enterro, seria agradável? Minha mãe insistiu para que nós fôssemos na tarde do dia seguinte, quando a chuva passasse, porém papai alegou que estava muito ansioso para ver minha vó. Argumentou dizendo que ela precisava de todos os filhos, noras e netas naquele momento difícil, a perda de seu marido, meu avô. Com isso, convenceu mamãe de viajar durante a madrugada, por volta das quatro horas. Mas é claro que seria uma viagem infinitamente mais difícil depois daquela maldita chuva constante. Entrei no carro, fechei o vidro e aconcheguei-me no banco traseiro. Mamãe ligou o rádio, deixando uma música tocar baixinho, e partimos.

Fomos seguindo viagem, minha mãe tamborilando o porta-luvas no ritmo da

música que vinha do rádio, enquanto eu tentava me concentrar na minha leitura. Eu levava para a longa viagem um belo drama sobre três irmãs com uma doença incurável e rara. Estava absorta na leitura, alheia ao que acontecia ao meu redor, quando senti um solavanco forte no carro. Sobressaltei-me e olhei para meu pai, que ainda sorria daquele jeito esquisito:

— Está tudo bem minhas queridas, acho que foi uma vala pela qual passamos. Não precisam se preocupar, está tudo sob controle. Tudo em ordem, tudo bem...

— Ele parecia um maluco, repetindo um mantra, mas relaxei e voltei a ler.

Meu pai tinha a capacidade de se concentrar em qualquer coisa que fizesse. E ele dirigia muito bem, de verdade. Ainda hoje me pego surpresa quando olho para trás e penso: “Como ele não percebeu?”. Como ele não percebeu que depois de passarmos por aquela tal vala, nosso carro foi jogado para a esquerda e começamos a andar nada menos que na contramão? A chuva estava forte, impossibilitando-nos de ver qualquer coisa à frente, mas ele, na condição de motorista, devia ter percebido. Por vários minutos nós seguimos esse caminho sem problemas. Era uma estrada pouco utilizada para quem ia ao interior. Deitei-me no banco e continuei lendo tranquilamente. A certa altura meus olhos pesaram; já fazia duas horas que estávamos viajando. Vovó morava em São Carlos, portanto, para chegar ao enterro, precisaríamos passar por Santa Heloísa. Eu já estava muito melhor que a época em que tínhamos mudado, mas não estava certa de que queria ir lá outra vez.

Eu não havia dormido nada bem na noite anterior, ou no pouco tempo que tive para dormir. Nenhum de nós havia, porque meu pai chorara como um bebê pela perda de seu pai. E se eu não o tivesse visto se debulhar em lágrimas, não diria que ele estava sofrendo. Não enquanto dirigia calmamente na chuva. Ou nem tão calmo, afinal, porque nem percebeu seu erro. Minha mãe trocara de rádio e agora ouvia *jazz*, do qual eu particularmente aprendi a gostar quando viemos para a cidade. Fechei o livro, abri uma pequena fresta do vidro e respirei fundo, sentindo o cheiro da chuva atingir minhas narinas. Estava tudo bem quando ouvimos um barulho distante, alto e constante... Era o som de uma buzina. De caminhão.

— O que é isso? — perguntei, apesar de com certeza já saber a resposta. Sentei-me no banco em que estava deitada há alguns minutos. Distraída, eu não me lembrara de colocar o cinto de segurança. Hoje em dia sinto-me uma estúpida por esse erro.

O barulho foi ficando cada vez mais alto, assim como uma luz amarelada, que começara com um pontinho minúsculo a distância e foi aumentando cada vez mais. Mesmo com a grossa cortina de chuva eu pude distinguir o que era. Quando ela se tornou completamente visível, mostrou ser o farol dianteiro de um

caminhão, que se dirigia nada menos que em nossa direção. Arregalei os olhos e senti o coração martelar dentro de meu peito. O som alto da buzina encheu meus ouvidos e a luz amarela cegou meus olhos.

— Ah, meu Deus! — berrou minha mãe em pânico.

Tudo ocorreu numa fração de segundos. O motorista do caminhão tentou jogá-lo para a direita, mas a parte traseira atingiu com tudo a frente de nosso carro, especialmente o lado do motorista. Depois de nos atingir, a traseira do caminhão foi também para a direita, e começamos a rodopiar na pista. No momento em que batemos, senti um solavanco fortíssimo e foi como se eu estivesse voando. Meu corpo ficou leve e flutuei do teto do carro até a parte da frente. Por estar sem o cinto, o impacto me impulsionou para frente. E em menos de cinco segundos eu pude passar em câmera lenta por cima dos meus pais e visualizar rapidamente suas expressões: minha mãe tinha a boca escancarada num grito sem som, com as mãos levantadas para proteger o rosto. Meu pai estava quase sendo atingido pelo airbag, mas pude ver seus olhos castanhos. Minha cabeça atingiu o vidro à minha frente e perdi meus pais de meu campo de visão.

No instante seguinte, eu estava ultrapassando o vidro com todo o peso de meu corpo, fazendo com que o que um dia foi um vidro dianteiro se partisse em milhares de cacos. E voei, literalmente, em meio à chuva e a pedacinhos de vidro, até bater com tudo no chão e sentir o ar se esvair de meus pulmões. Então apaguei. Apaguei depois de ter o vislumbre de um carro preto que, após bater no caminhão, só parou ao se chocar com um poste, esmagando o meio do veículo. Meus olhos pesaram e se fecharam, então mergulhei no vazio.

Não sei quanto tempo se passou, se foram minutos ou horas, só sei que eu acordei. Abri os olhos com dificuldade, e quase fiquei cega quando a chuva, ainda forte, atingiu meus olhos. Minha cabeça doía como se tivessem atirado um tijolo em mim. Num momento de esquecimento, fiquei imaginando que foi isso mesmo que tinha acontecido. Por um instante eu não sabia quem era, onde estava e muito menos o que ocorrera. Olhei para cima e só havia estrada e céu. O que tinha acontecido? Foi quando ergui aos poucos minha mão e toquei de leve minha testa, que as imagens voltaram à minha mente. Constatei que havia sangue em meu rosto, tingindo agora minhas mãos com seu vermelho vivo. Lembrei-me do carro deslizando, dos pneus cantando, o som da buzina, o vidro voando em mil pedaços... E conforme tudo vinha à tona, fechei os olhos para parar de pensar. Ainda com as pálpebras cerradas, tentei me sentar. Pensei que fosse morrer ao fazer isso, pois a dor foi tão grande que dilacerou meu peito. Arfando, arqueei quando me sentei ereta.

Algo ardia terrivelmente em meu corpo, mas o quê? Olhei para baixo e lá estava minha perna, esvaindo-se em sangue. Havia uma cascata de sangue

escorrendo da calça jeans colada ao meu corpo e manchando minha jaqueta branca, que estava caída ao meu lado. Olhei para o asfalto, em choque, absorvendo cada detalhe daquela cena macabra: a “tinta” vermelha que escorria pelo chão, embebendo o calçamento e se espalhando em várias direções até o meio-fio da estrada. Havia um pneu solto, jogado no chão, cuja calota fora destroçada. E ainda, a bolsa da minha mãe caída no chão, e seus documentos sempre tão organizados jogados cada um para um lado, assim como seu creme hidratante, seu espelho, e aquela linda foto da família que ela sempre levava na bolsa. Esta última, a foto, tinha uma grande mancha vermelha na parte de trás. Engoli em seco quando senti meu rosto arder tanto quanto minha perna. Uma pontada de dor atingiu meu abdômen e arquejei outra vez. Foi quando olhei para a frente. E gritei.

Gritei porque vi a porta do lado do motorista, ou o que um dia fora a porta, toda retorcida no chão, dando-me uma terrível visão do motorista. Vendo-o ali, daquele jeito plácido e mórbido, usei todo o ar e voz que tinha para gritar. Berrei a plenos pulmões e, a despeito da dor em minha garganta, gritei como se minha vida dependesse disso. Seu rosto estava coberto pelo airbag, e o sangue cobria toda sua camisa social de algodão. O sangue percorria o asfalto e chegava ao meio-fio, aproximando-se de onde eu estava. Os cabelos escuros dele estavam desengrenados e vermelhos. Sua mão pendia leve para o lado, obviamente sem nenhum movimento. Leve como a morte. Morte que pelo visto havia nos visitado naquele momento e levado consigo um de nós.

Sim, apenas *um* de nós, porque pude ouvir os gritos de outra mulher que vinham do banco do passageiro, do outro lado do poste. Deixei-me cair sobre o chão e me apoiei sobre os cotovelos e joelhos. Reunindo toda a minha determinação e ignorando a dor e o sangue vindos da minha perna, eu me rastejei pelo asfalto, em direção ao carro. Meus olhos estavam semicerrados por causa da chuva e, por mais que eu tentasse conter a vontade, não resisti e fui até meu pai. Não tive coragem de tocar em seus ombros e puxá-lo do airbag, mas segurei sua mão. Fria, inerte, sem pulso ou cor; morta. As lágrimas começaram a rolar e se misturaram às gotas da chuva. Cheguei a muito custo até minha mãe, que estava presa no cinto de segurança. Havia um corte horroroso em seu rosto, e aquilo seria uma cicatriz muito feia no futuro. Ela sangrava e gritava, olhando ora para mim, ora para meu pai, completamente em choque. Soluçando, tentei confortá-la e confortar-me ao mesmo tempo:

— Calma, mãe — pedi enquanto soltava seu cinto. — Calminha, mãe, está tudo bem, tudo bem... — Quando ela se soltou, literalmente caiu em meus braços e a segurei, enquanto ela soluçava em meu ombro. “Não, não, não, não, não”, repetia ela milhares de vezes.

Segurei-a sentada até que não aguentei e me joguei no chão. A dor na minha perna era mais forte a cada minuto. Creio que meu grito de agonia fez mamãe perceber que eu precisava dela e parou com o olhar fixo, voltando-se para mim. Num lampejo de calma e concentração, ela levantou o que sobrou da perna da minha calça e avaliou o corte profundo, provocado pelo vidro da janela, que ia do meu joelho até a panturrilha, do tamanho de uma mão. Quase desmaiei quando olhei para a ferida e gritei de novo, enquanto minha mãe, sempre atenta, pegou um pano e passou delicadamente pela minha perna, na tentativa de limpá-la. Depois envolveu o corte com a própria jaqueta preta. Sentou-se ao meu lado, ou melhor, deitou-se do meu lado, quando terminou. Seu cabelo louro espalhava-se pelo chão, sendo mesclado por nuances vermelhas que vinha de seu rosto. Provavelmente ela estava esperando que eu cuidasse da ferida dela.

Com aquele mesmo pano, agora já limpo do meu sangue (ou o máximo que consegui fazer torcendo-o na água da chuva), cuidei de seu rosto e fiquei estancando a coagulação que se formava ali. Cinco minutos depois estávamos as duas sentadas no chão, uma de frente para a outra com olhares vazios e corações disparados. Alguém se aproximou gritando, ainda muito longe. Forçando os olhos através daquela tempestade, pude ver um homem e mais umas cinco pessoas correrem até nós. Um deles me pegou no colo quando eu estava prestes a desmaiar de exaustão. Levou-me para a encosta da estrada, onde sentei, encolhendo-me. Outro homem levou minha mãe para o outro lado do acostamento. Então foram pegar meu pai...

Coloquei a mão na parte de trás da minha cabeça e senti o sangue escorrer entre meus dedos. Nos instantes de adrenalina em que me concentrei em cuidar do corte de minha mãe, esqueci completamente da minha própria dor e de meu machucado. Mas naquela hora eu senti a dor reprimida pelo desespero vir com toda a força e comecei a chorar. Mordi o lábio inferior para tentar conter meu sofrimento, no entanto era inútil. Fechei os olhos e tentei imaginar a cena em terceira pessoa, o que eu costumava fazer para encarar situações desesperadoras. Em minha mente eu via a chuva, a mesma que caía sobre minha cabeça. Era uma péssima combinação entre ventos e água gelada que me atingiam com toda sua força. No meio da chuva torrencial, era possível distinguir algumas coisas: pessoas andando de um lado para outro, uma carregando uma jaqueta branca ensanguentada, outra com uma bolsa de couro nas mãos, outras catando documentos e uma foto no chão, e algumas ainda se esforçando para tirar um corpo sem vida de dentro de destroços de um carro.

E no meio daquilo tudo uma mulher de guarda-chuva esbarrou em alguma coisa imóvel no chão, mas não teve como ver o que ou quem era. Era uma menina sentada, encolhida como uma bola, as costas apoiadas na parede

descascada de uma casa. O frio embalava seu corpo magro e ensanguentado, e o ar gélido cortava seus pulmões. Suas roupas estavam ensopadas, assim como os cabelos loiros. Ela ofegava e seu corpo doía. A sua calça estava rasgada e uma jaqueta preta enrolava sua perna direita, onde havia um corte profundo e sangrento. E ali, no acostamento, na frente de um carro em pedaços, esperando por alguém que diria “Nós sentimos muito”, ela chorava. E chorou até que suas lágrimas acabassem. Sentia a amargura da perda, da perda de seu amado pai.



Enterrariamos meu pai em Santa Heloísa. Estávamos indo para São Carlos enterrar meu avô, mas agora o sepultariamos ao lado de meu pai. Como tudo o que tínhamos nas malas dentro do carro foi destruído ou sobraram apenas trapos, minha prima me emprestou algumas roupas. Quando souberam do acidente, meus tios que moravam em nossa rua partiram imediatamente para buscar mamãe e eu no hospital em que tínhamos ficado internadas. Mamãe estava tão arrasada que mal falava quando meus tios chegaram. Eles trouxeram roupas para nós duas, e Helen, minha prima, que viera visitar os pais, ficou tentando conversar comigo. Mas eu me recusava a falar. A dor em meu peito era tão forte que consumia minhas palavras. Titia chorava sem parar, pois não se conformava com o óbvio: papai estava morto. Ele, que todos amávamos, ele que... Não consigo expressar tudo o que ele representava para mim. Meu tio deu os pêsames à minha mãe e encarregou-se da difícil tarefa: ligar para vovó e comunicar o ocorrido, torcendo para que ela não tivesse uma parada cardíaca ao descobrir.

— Ah! Ah, meu Jesus Cristo. Oh, não, não, não! — O telefone do hospital, pelo qual titio telefonava, sequer estava no viva voz, mas as lamúrias de vovó eram perfeitamente audíveis. — Oh, o que eu fiz? O que eu fiz para merecer isso? Oh, não, por quê? Não, não, não! — O choro agudo dela ressoou em meus ouvidos e meu coração despedaçou-se com seu sofrimento.

O carro funerário que se encarregara de levar o corpo de papai chegou uma hora mais tarde. Eu não quis ver o corpo – não tive coragem. Se fosse para aceitar que papai estava morto, então eu queria conservar em minha mente a última memória dele: seu rosto no retrovisor, calmo e com um leve sorriso nos lábios. Vê-lo ali, pálido e frio, seria destruir tudo aquilo que me lembrava de papai, quando ele estava vivo e cheio de alegria. Helen foi até mim, depois de me ajudar a vestir um vestido preto dela, e me disse para entrar no carro. A ideia de viajar pela mesma estrada me encheu de pânico, então titio se viu obrigado a pegar uma rota alternativa. Entrei com relutância no pequeno Corsa e tentei relaxar. Encostei a cabeça no vidro, totalmente muda.

Usava um vestido preto até os joelhos, o que deixava o corte profundo na minha perna, agora já cheio de pontos, à mostra. Queria que soubessem que eu estava ali, com ele, quando tudo aconteceu. Eu queria que todos entendessem que, em seus últimos momentos, papai não estava sozinho. Aquela ferida em minha perna era a prova de que eu o vi no momento da tragédia, vi seu rosto antes de o airbag cobri-lo, eu vi. Titio e titia foram na frente, Helen do lado direito, mamãe no meio e eu na esquerda. Lauren, uma mulher outrora sorridente e alegre, agora parecia uma gárgula francesa, petrificada e quieta, a respiração pesada e ruidosa.

Pegamos a familiar estrada de terra que nos levaria de volta a minha amada cidade e que, a partir daquele dia, odiaria ver novamente. Porque lá nós deixaríamos alguém que eu muito amava e que não tornaria a ver. Ele seria enterrado numa caixa de madeira sob nossos pés. Doía demais pensar no meu pai sorrindo e brincando comigo, conversando com todos numa cerimônia festiva, e agora imaginá-lo inerte, azulado, sem vida. Passamos pelos últimos postes de luz na entrada de Santa Heloísa e agora as árvores se faziam mais presentes. Era o caminho de volta pelo qual havia passado três anos antes. Só aí eu percebi o quanto sentia falta de minha terra natal. Abri o vidro do carro para permitir que o ar fresco entrasse. Respirei o ar puro pela janela e fechei os olhos. Eu não estava acreditando: a ficha ainda não caíra. Eu chorei por causa do medo e do susto, mas meu pai morrer... Não era algo que já tivesse entrado em minha cabeça.

Acho que nunca mencionei, mas minha família tinha um pequeno cemitério em Santa Heloísa. Não ficava em nossa propriedade, e sim ao norte, junto a outros cemitérios de outras famílias. Lá eles seriam enterrados. Chegamos por volta de nove da manhã ao nosso destino. Quando digo que tinha muita gente esperando por nós, é porque tinha mesmo *muita* gente. Umas duzentas, quase trezentas pessoas estavam ali. Todos aqueles rostos conhecidos dos idosos ainda mais velhos e das crianças que haviam crescido faziam-se presentes. Isso contando com meus amigos que ainda me reconheciam. De alguma forma me deixaram mais calma, e a sensação de retornar ao meu lugar de origem me confortou mais que qualquer palavra de consolo. Todos vinham nos cumprimentar dizendo que sentiam muito. Mas eu sabia que, por mais que sentissem a perda de alguém respeitado por todos, eles não sentiam minha dor. E muito menos a da minha vó, que agora tinha diante de si o corpo do marido e do filho, os dois mortos em menos de 48 horas.

Desci do carro e me deixei cair de joelhos sobre a terra da estrada. Todos deviam estar olhando para mim, mas eu pouco me importava. Com uma das mãos, peguei um punhado de terra e deixei que o vento a levasse aos poucos pelo ar. Peguei pedrinhas no chão, várias vezes, tentando reconectar-me com

aquele lugar e com as boas memórias que ele me trazia. Percebi que alguém se aproximava de mim, provavelmente para me levantar, mas eu não queria sair dali. A tal pessoa abaixou-se ao meu lado e suavemente pôs a mão em minhas costas. A voz familiar disse:

— Ana? Acho que é melhor você sair do meio da estrada... Não vai conseguir ver o enterro ajoelhada aí. Vem, levanta. — Alguém estendeu a mão para mim. Ainda sem olhar nos olhos dessa pessoa, segurei sua mão e, cambaleante, levantei. Deparei-me com Viviane, cujos cabelos estavam tingidos de ruivo, e que sorria afavelmente para mim.

— Viviane... — falei num meado de voz. Ela sorriu e abriu os braços, oferecendo-me um abraço. Com lágrimas nos olhos, deixei-me ser abraçada. Era reconfortante encontrar uma velha amiga, por mais que não estivéssemos tão próximas assim quando fui embora. Viviane sempre fora minha melhor amiga, apesar de tudo. Chorei baixinho em seu ombro.

— Ei, Ana, não chore. Vamos, estão esperando por você. — Viviane desvencilhhou-se de meu abraço e deu um leve empurrãozinho em minhas costas para que eu andasse em frente. Ergui a cabeça e suspirei, tentando aguentar o turbilhão de sentimentos ruins que não me deixava por nada.

Andamos pela estrada e um grupo de pessoas levava o caixão de papai. Estreitei os olhos e percebi que, na direção oposta da estrada, vinha andando vovó, seguida por outro grupo de parentes, que carregavam o caixão do vovô. Aquilo me atingiu como uma punhalada e, perdendo a compostura, corri até minha avó para abraçá-la. Esmaguei-a entre meus braços e deixei que ela chorasse comigo. Percebi que ela ainda estava em choque, pois seu choro era constante e sem som, e ela ficava olhando em direção a alguma coisa, qualquer coisa. Mamãe veio até onde estávamos e timidamente se juntou ao abraço. Aconcheguei-me à mamãe e ela se desmanchou em cima de mim. Caímos de joelhos e nós duas começamos a soluçar no meio da estrada.

Vovó ainda estava de pé, agora andando em direção ao caixão de papai, soltando grunhidos de desespero angustiantes. As pessoas pararam em volta de nós formando um círculo e soltei um grito abafado. Aquilo era demais para mim; eu já não aguentava mais. Fora tudo o que aquele lugar representava para mim, agora eu via dois caixões à minha frente. Tudo foi tão repentino, tão terrível. Minha mãe percebeu meu desespero e, como naquele momento em que tratou minha perna, esqueceu seu próprio sofrimento e me abraçou, enquanto eu chorava desconsolada. As pessoas falavam alguma coisa, mas pude ouvir quando abriram um pouco o círculo para dar passagem a alguém. Esse alguém era Marcos. Quando o viram, as pessoas pareceram assustadas e recuaram de onde estavam, deixando que ele chegasse até nós. Delicadamente, ele segurou-me por

baixo dos braços e, com cuidado, ergueu-me do chão.

Porém, em vez de me colocar de pé, ele me pegou no colo e deixou que eu passasse os braços em seu pescoço, descansando a cabeça em seu peito. Agarrei sua camisa preta, que ele tinha vestido em sinal de respeito, e ouvi quando ele disse com a voz imponente: “Vamos, andem, continuem”. Obedientes, as pessoas retomaram a caminhada em direção ao mausoléu. Mais atrás de todos, Marcos me levava e mamãe seguia ao nosso lado. Todos se amontoaram no vasto terreno, que, em outras palavras, era o cemitério de Santa Heloísa. Ele me levou até à frente de todos, com mamãe e vovó.

— Posso colocá-la no chão? — perguntou baixinho em meu ouvido. Com os olhos fechados, acenei a cabeça em concordância. Ele inclinou-se até que meus pés tocassem a grama e, quando me vi de pé, fiquei zozza. Marcos ficou atrás de mim, para que eu me apoiasse nele, e recostei-me em seu peito, e ele colocou suas mãos firmes em meus ombros.

Juntando coragem, olhei para trás. Olhei para o outro lado da estrada, mais ao longe, onde era possível ver uma pequena casa. Pequena apenas daquela distância, pois eu sabia o quão grande ela era. Vi as portas de minha antiga casa fechadas, já que os novos donos também estavam presentes no enterro. Vi o celeiro e o cercado, agora sem animal algum. Olhei para a casa dos empregados, também fechada. Isso queria dizer que provavelmente eles também vieram. Procurei ao meu redor até que encontrei Elias, Isis, Gabriel e dois garotinhos reunidos num canto. Sorri para eles que, quando me reconheceram, sorriram de volta. Suspirei aliviada; ver que ainda havia gente ali que se importava comigo era muito bom.

Olhei para o lado, onde estavam minha mãe e minha vó. Ambas tinham a mesma expressão vazia no rosto. Aquilo devia estar sendo mil vezes mais difícil para elas do que para mim. Às pressas, os vizinhos conseguiram contato com um pastor, que geralmente ficava na capela na região oeste da cidade. Ele concordou em vir dizer algumas palavras de conforto. E era o que ele fazia agora, com uma Bíblia nas mãos, lendo aquela passagem que fala sobre tempo para todas as coisas. “Tempo de nascer, e tempo de morrer.” Eu não conseguia aceitar isso; com certeza aquela não era a hora de meu pai morrer. Dois grupos de homens, com pás nas mãos, abriam dois buracos de mais ou menos dois metros no chão. Cada caixão estava ao lado de um desses buracos. O pastor terminou de falar e deu sinal para que baixassem os caixões. Senti minhas pernas fraquejarem e Marcos segurou-me firme.

— Estou aqui — sussurrou em meu ouvido. Virei-me de frente para ele e passei os braços em sua cintura, escondendo o rosto em seu peito e chorando como uma criança. Tinha uma dor, maior do que a que senti em minha perna,

dilacerando meu coração. Com uma mão ele segurava minhas costas e com a outra acariciava minha cabeça. — Fique calma, Ana, vai ficar tudo bem. Estou contigo, bem aqui.

Eu ainda estava de costas para o enterro quando fizeram uma oração pedindo a Deus que recebesse aqueles dois homens amados em seu reino celestial. Repeti o amém dito por todos com embargo na voz. Depois disso, a multidão se dirigiu à casa dos Vermont, que fizeram questão de nos acolher durante a noite que passaríamos ali. Isso porque ninguém estava com cabeça para dirigir de volta a cidade ainda naquela manhã. Eu estava emocionalmente exausta, com um vazio gigantesco dentro de mim. Todos foram até os Vermont para tomar um café e consolar minha mãe. Mas eu permanecia plantada ali no cemitério, agora de frente para as duas valas cobertas de terra e rosas brancas que as pessoas atiraram. Virei-me para uma árvore próxima e fui me sentar embaixo dela, recostando as costas em seu tronco maciço. Marcos veio em silêncio sentar-se ao meu lado, e deixei que ele me envolvesse em seus braços.

Ouvi alguém chamando o nome dele e, olhando para trás, vi aqueles dois amigos dele olhando para nós. Ignorei-os e, depois de alguns minutos, ambos foram embora. Estiquei a mão e peguei algumas folhas no chão, enquanto o vento sacudia meus cabelos soltos. Minha mente trazia palavras à minha boca, e cerrei os lábios para impedir que elas saíssem. Não, eu não ia fazer isso comigo mesma. Já era ruim demais estar ali e não ter meu pai do meu lado; eu não ia ficar pensando nas outras pessoas que estavam ausentes. Soltei as folhas e levantei-me. Ainda em silêncio, Marcos se levantou e ficou ao meu lado. Segurando meu braço, ele me conduziu até a casa dos Vermont. Arrependi-me de ir até lá porque um tsunami humano se dirigiu a mim, abraçando-me, apertando minha mão, dando tapinhas em minhas costas e dando palavras de consolo. Quis sair correndo dali. Marcos segurou minha mão e me agarrei a ele. Fui até a cozinha onde estavam mamãe e minha vó e me sentei ao lado delas na mesa.

Tentei comer um bolo que tinha sido feito apenas para nós três, mas ele não descia, pois tamanho era meu enjoo. Ficamos as três sentadas em silêncio. Por toda a casa havia pessoas sentadas falando sobre como meu pai era bom, sobre aquela vez em que emprestou o carro, ou quando ajudou a podar uma árvore, ou isso ou aquilo... E muitos outros modos como ele demonstrou seu caráter. Almocei com muito custo, quando todos já haviam ido embora. Mamãe respondia educadamente às palavras de consolo e sorria, mas eu sabia que não havia nada de sincero naquele sorriso. A senhora Vermont, sempre tentando contornar situações tristes, não parava de me dizer como eu estava crescida e bonita. Enquanto isso, meu tio pegava as malas no carro e trazia para dentro de casa. Todos nós, eu, mamãe, vovó e meus tios, além de Helen, passaríamos

aquela noite na casa deles.

A noite caiu e a sensação de solidão aumentou em mim, ainda mais quando Marcos se retirou para a casa dos pais, que ainda moravam em Santa Heloísa. Não consegui dormir durante aquela noite inteira. Fiquei me revirando no colchão em que um dos garotos costumava dormir e, finalmente, às duas e meia da madrugada, percebi que seria inútil tentar pegar no sono. Levantei com o máximo de silêncio que consegui fazer e, quase sem tocar os pés no chão, andei até o armário. Peguei lá uma jaqueta de minha prima e as sapatilhas, também dela, que usei no enterro. Desci as escadas com cuidado e, verificando se a porta da frente estava trancada (e não estava), abri-a e saí para a estrada. Meus olhos demoraram um pouco para se acostumar com a escuridão e, desistindo de enxergar no escuro, voltei para casa. Numa gaveta da cozinha, peguei uma vela e uma caixa de fósforos e voltei para a rua.

Não ventava, o que permitiu que eu acendesse a vela. Com esse pequeno foco de luz, eu fui andando pela beirada da estrada, perto da grama baixa, deixando que ela acariciasse meus pés. Eu sabia muito bem para onde estava indo, mas não sabia exatamente por que. Chutava a terra por onde passava; ouvia as corujas em suas árvores, aconchegadas entre as folhas da copa. De alguma forma, minha respiração se uniu àquela calmaria e, por um momento, quase me esqueci do motivo de estarmos ali. Parei na frente da minha “ex-casa”, também toda apagada, e com a janela de meu antigo quarto aberta. Virei de frente para a estrada. À luz de vela, a casa onde moravam os Guerra, e onde agora não vivia mais ninguém, parecia um cenário de filme de terror. Os portões estavam machucados tanto pela ação da natureza quanto por moleques que passavam por ali. Lembrei-me da vez em que eu mesma taquei uma pedra na janela, e isso me fez rir um pouco. A grama estava alta agora que ninguém mais a cortava. A fachada estava detonada, e as janelas, fechadas com panos.

Atravessei a estrada bem devagar, porque sabia que nenhum carro passaria por ali àquela hora. Arrastei meus pés pela terra, levantando poeira conforme eu andava. Abri a portinha da cerca com cuidado, mas ela rangeu tão alto que tive certeza de que todos acordariam. Subi os degrauzinhos da pequena varanda e, de frente para a porta de entrada, levei um susto quando percebi que ela estava entreaberta. Cautelosa, empurrei a porta e esgueirei-me para dentro. A vela dava um ar sinistro para a sala vazia. Não havia mais móveis ali e nenhum sinal da decoração que forrava as paredes antes. Mas alguns elementos ainda se faziam presentes: cacos de vidro no chão e uma mancha escura. A mancha provavelmente era pólvora, que se impregnara ao piso. Fiquei fascinada com a cena mórbida que encontrei quando ergui a luz para a parede e uma mancha de sangue seco estava ali. Um arrepio percorreu minha espinha. Afastando-me

daquilo, corri escada acima. A sensação ali embaixo era muito ruim, a mesma que senti quando enterramos papai. A sensação de morte.

Subi os degraus, que estalavam conforme eu passava, e fui direto para a porta atrás da qual eu sabia que ficava uma biblioteca. Toquei de leve no interruptor e para minha surpresa a luz acendeu. Parecia uma daquelas salas secretas escondidas nos castelos mal-assombrados. Entrei vendo as partículas de poeira brilhar pela luz da vela. Passei a mão pelas lombadas tão familiares para mim, mas tive que esticar bem o braço e distanciar o corpo para fazer isso, devido às camadas de pó que estavam sobre as prateleiras. Andando de costas, saí dali e deixei a porta fechada como havia encontrado. Fiquei encarando a última porta do corredor por uns dois minutos, até decidir abrir a maçaneta. Era o quarto dele. E ele, obviamente, não estava ali. Senti as lágrimas brotarem nos olhos. Caminhei pelo piso de madeira como uma condenada, em direção à janela fechada. Abri-a e respirei o ar puro que vinha de fora. A lua emanava uma fraca luz branca sobre o quarto. Sentei-me na cama, cujo colchão estava duro devido à falta de uso, e fiquei olhando para a paisagem lá fora.

— Não acho que seja muito seguro entrar numa casa abandonada no meio da noite sozinha desse jeito — falou uma voz atrás de mim. Soltei um grito agudo e meu coração quase saiu pela boca, tamanho foi meu susto. Minha respiração continuou congelada até eu olhar para trás e ver Marcos parado perto da porta, olhando para mim com a sobancelha esquerda erguida. — Que foi? — perguntou rindo.

Fiquei furiosa por ele ter me assustado de propósito, mas ri também. Ele se sentou ao meu lado na cama e ficamos olhando para a lua lá fora. Passou a mão por meus cabelos, da mesma forma como fez mais cedo para me acalmar. Eu não olhava em seus olhos, apenas fitava minha antiga casa do outro lado da rua. Ele deslizou a mão até meu rosto e, segurando meu queixo, virou-me para ele. Seus olhos mostravam toda a preocupação que sentia.

— Você está bem? — Fiz que sim com a cabeça em resposta, não sabendo ao certo se fiz um sim ou um não. Porque, na verdade, eu realmente não sabia como estava me sentindo. — Ninguém vem aqui faz muitos anos. Mas eu logo imaginei que você viria...

Acenei em concordância outra vez. Meus ombros pesavam como se eu carregasse sacos cheios de cimento sobre eles. Meus olhos estavam inchados de tanto chorar e o ar me faltava. Olhava para o quarto vazio, imerso em escuridão, no qual eu já havia estado antes, mas cujas paredes eram forradas por pôsteres, e as prateleiras, repletas de livros. Meus olhos pousaram em um item em especial, empilhado em cima de um armário de madeira de cerejeira. Peguei a vela que colocara sobre uma cômoda e aproximei-a da caixa de acrílico que chamou

minha atenção. Deparei-me com aquela miniatura do *Pathfinders* que dera a ele em seu aniversário de 13 anos. Uma grossa camada de poeira cobria a caixa acrílica. Suspirei frustrada por mais que já esperasse por isso; obviamente uma miniatura não seria um item essencial para se levar. Voltei meus olhos para Marcos e percebi que ele estava falando alguma coisa, mas não ouvi direito.

Então, sem pensar, deixei a vela em cima da cômoda onde estava antes e me dirigi a ele. Mesmo assustado, Marcos compreendeu o que eu queria e não recusou. Segurei seu rosto entre minhas mãos e juntei meus lábios aos seus. Pensei que ele ia apenas deixar-se ser beijado, mas, em vez disso, retribuiu meu beijo com paixão. Depois de alguns minutos, parei e me afastei dele. Marcos, por sua vez, segurou minhas mãos e me encarou como se eu fosse uma maluca. E eu devia ser mesmo. Fiquei olhando para ele por alguns segundos, tentando decidir o que fazer. Por fim, voltei a beijá-lo, enlaçando seu pescoço com meus braços. Beijamo-nos por alguns minutos até que ele se soltou de mim. Não sei por que fiz isso duas vezes. Mas acho que o motivo foi dor. Era muita coisa para um dia só. Em qualquer direção que olhasse, eu era atingida por lembranças do meu luto. Os beijos foram meu escape. Um ótimo escape, aliás.

Por mais que tenha feito aquilo num momento bastante inadequado, eu gostei. Ele foi gentil. Marcos sorriu para mim e me ofereceu a mão para que nos levantássemos da cama. Peguei a vela sobre o pequeno móvel e descemos as escadas até a sala. Saímos da casa e, uma vez do lado de fora, beijou-me outra vez para se despedir. Atravessei a estrada correndo e abri a porta dos Vermont sem fazer barulho. Voltei para o quarto onde minha mãe dormia profundamente e finalmente consegui dormir também. Adormeci pensando na pele macia de Marcos, em sua barba rala roçando meu rosto e em sua boca quente contra a minha.



Voltamos para São José do Rio Preto na tarde do dia seguinte. Marcos fora sozinho de carro, não só pelo enterro, mas também para visitar seus pais que ainda moravam no interior. Eu passei o dia todo evitando-o, pois estava envergonhada pelos beijos na madrugada anterior. Marcos não parecia mais interessado que eu em conversar. Passei aquela manhã inteira andando pelos campos com Viviane e outras garotas, que ficavam falando sobre coisas fúteis como namorados de colégio, aniversários e comemorações. Coisas que para mim pareciam tão sem importância... E ninguém falava sobre seus pais. Era como se falar sobre isso fosse me ofender e todos temiam por isso. Durante o almoço na casa dos Vermont, eles também evitaram falar sobre família. Então de tarde,

quando todos entraram no carro para ir embora, eu acabei ficando de fora. Milhares de presentes tomaram meu lugar no banco de trás. Então Marcos veio me *informar* de que eu voltaria com ele. Entrei no carro sem questionar e afivelei o cinto. Ah, se eu tivesse feito isso da outra vez...

— O que aconteceu? — perguntei depois de alguns bons minutos no mais completo silêncio. Ele desviou os olhos da estrada por um momento e olhou-me intrigado.

— Como? O que foi que aconteceu? — retrucou.

— Naquele dia lá no curso, quando nos reencontramos... Você disse que coisas aconteceram para que você mudasse, e eu queria saber que coisas foram essas... — Além disso, eu queria saber o que tinha de verdade feito com que ele saísse de casa. Essa história de “estudar” não me parecia sincera. Marcos me olhou de soslaio e suspirou, cansado.

— Quer mesmo saber? — perguntou. Parecia que falar sobre o que quer que fosse o torturava.

— Sim, eu quero. — Na minha cabeça perturbada, pensei que, talvez, se ele compartilhasse comigo alguma coisa triste sua, eu me sentiria menos triste. Eu não estava nem aí para quão desconfortável ele parecia estar com aquilo, apertando e afrouxando as mãos sobre o couro do volante.

— Acho que posso falar. Sim eu posso. Mas... Tem que me prometer que nunca vai falar sobre isso com ninguém, entendeu? Prometa para mim que não vai contar para sua mãe nem nada assim...

— Eu prometo — concordei. Marcos foi reduzindo a velocidade do carro aos poucos e percebi que estávamos quase arrastando o carro pela estrada. Ele demorou ainda alguns minutos para, enfim, começar a falar, e, durante esse tempo, eu roí as unhas ansiosa.

— Muito bem, vamos lá. — Ele respirou fundo e começou: — Lembra de quando me mudei para Santa Heloísa? Pois antes eu morava numa cidade perto de onde nós moramos agora. Éramos apenas eu e meus pais naquela época. Mas minha mãe tinha um irmão mais velho. E ele foi expulso da casa da vovó e aí... Acabou indo morar com a gente. E como não tinha mais quartos na nossa casa... Ele dormia no meu. Só que digamos que ele não dormia exatamente...

— O que você quer dizer com... — Eu fiquei boquiaberta. Um pensamento sombrio me passou pela cabeça e desejei com todas as minhas forças que não fosse isso.

— Eu tinha cinco anos. Ele passava o dia todo lá em casa, já que o vagabundo não arranjava um trampo, e meus pais trabalhavam, então... — Inspirou com força e despejou as palavras: — Meu tio ficou bem *íntimo* de mim, se é que me entende. Ele sempre estava perto de mim e fazia umas... É claro que eu não

falava nada para meus pais, eu sabia que ele diria que eu estava mentindo. Eu nunca contei a ninguém. — Olhou para cima, como se percebesse alguma coisa. — Sim, foi quando comecei a ter medo de escuro.

— Meu Deus do céu... — Mordi os lábios e me arrependi por ser tão egoísta e insensível.

— Nós nos mudamos para cá e fiquei daquele jeito. Parece panaquice, mas eu pensava: se eu machucar os outros, ninguém vai me machucar. Não faz sentido? Mas depois de uns dias que você se mudou, há três anos, adivinha quem apareceu lá em casa? Disse que queria “visitar” a família e ia passar uns meses por lá.

— Marcos, eu... — Contudo ele não me ouviu, estava muito concentrado em narrar sua triste história. Ele falava compulsivamente, como se estivesse por muito tempo guardando essas palavras dentro de si.

— Ele não dava trégua. Minha mãe estranhou o fato de eu ter ficado mais na minha, mas não entendeu *quem* era o problema. Eu me cansei e contei para minha mãe. Sabe o que é pior? Ela acreditou mesmo em mim e me levou numa delegacia. E sabe o que fizeram? Bulhufas, porque não havia “provas concretas”. Eu não era uma prova suficiente? — Negou com a cabeça. — Então assim que fiz 18 anos nem perdi tempo e dei o fora de casa.

Marcos terminou de falar e voltou a ficar quieto, apenas dirigindo. Eu mesma não sabia o que dizer, pois simplesmente não havia palavras. Não conseguia olhar nos olhos dele de tão envergonhada, então ficava fitando a estrada, as plantas pelas quais passávamos e o céu alaranjado pelo pôr do sol. A chuva caía devagar sobre o carro e sobre o chão à nossa volta. As gotas escorriam pelo vidro. O Corsa, à nossa frente, onde estava minha mãe, tinha os faróis acesos. Fiquei olhando para o pontinho luminoso e o silêncio caiu sobre nós dois. Eu me sentia horrível e culpada. Horrível por ter zombado dele quando me disse que coisas aconteceram naquele dia no curso. Eu jamais teria rido se soubesse que coisas eram essas. E culpada quando pensava no fato de que, durante todos aqueles anos, ele agia daquela forma apenas por autoproteção. Mesmo assim, depois de tudo que ele me contou, não conseguia olhar para ele com pena ou com dó.

Quando olhei de novo para Marcos, ele se concentrava na estrada à sua frente, as mãos firmes no volante, as costas eretas. Jamais imaginaria que algo desse tipo tivesse acontecido com ele se ele não tivesse dito. Não, eu não o olhava com pena, e sim com... admiração. É isso mesmo, eu admirava quem ele havia se tornado. Admirava o fato de que ele estivesse ali naquela hora, oferecendo-me consolo por meu pai, apesar de nunca ter recebido apoio. Por ter me levado no colo, ter ficado comigo na casa vazia. Ele me consolou, e sentia que tinha que

fazer o mesmo por ele, apesar de não saber como.

— Sinto muito... — Foi tudo o que consegui dizer.

— Não, não precisa, não sinta. Eu passei um tempo indo numa terapeuta e entendi que não era minha culpa, que eu não fiz nada, que era tudo um erro dele. É fácil falar... Eu queria mudar e eu tentei, mas aqui no interior todo mundo já me conhecia e achava que eu estava fingindo. Além disso, com algumas pessoas eu não podia mais me desculpar.

Entendi perfeitamente a quem ele se referia.

— Ainda assim eu sinto...

— Não, Ana. — Sua voz era grave e séria. — Não sinta muito nem pouco, não precisa. Isso já faz tempo à beça, já passou, já era. — Marcos estava certo. Concordei com a cabeça e me recostei no banco, fechando os olhos. As pálpebras começavam a pesar, mas, antes de cair no sono, falei só mais uma coisa:

— Obrigada — Minha voz saiu sussurrada.

— Pelo quê?

— Por tudo. Por me contar isso, por me ajudar ontem quando eu estava mal, por me levar para casa agora, e por... estar aqui. Ah, sim, e pelo beijo. — Marcos gargalhou. — É sério. Não sei o que dizer sobre isso, mas, mesmo assim. Obrigada por tudo.

Ele não falou nada, porém ouvi seu risinho debochado, aquele do qual eu estava sentindo falta, por mais incrível que pareça. Não falamos sobre esse beijo durante muito tempo. Dormi no banco de seu carro e, quando chegamos a São José, ele me pegou no colo e me carregou até em casa. No meio da madrugada, abri os olhos por menos de um minuto e vi que tinha alguém sentado numa cadeira na frente da minha cama. Marcos estava ali, sentado ao meu lado, olhando para mim. Quando acordei na manhã seguinte, ele não estava mais. Entristeci-me quando me dei conta de que, se fosse para o quarto dos meus pais, apenas mamãe estaria ali, tão sozinha quanto eu.

Antônio

Dante e seus irmãos acabaram se tornando, de alguma forma, meus irmãos também. E péssimos irmãos, eu preciso dizer, contudo eles eram a única companhia que eu tinha ali. Além disso, ajudavam-me a manter meu maldito vício. Era tarde da noite e eu estava encostado no muro dos fundos, fumando o último baseado que conseguira arranjar. Minha mente ficou enevoada, como sempre acontecia quando eu fumava, e as imagens se distorceram e se transformaram em outras coisas. À minha frente havia uma garota de cabelos loiros, com um vestido branco colado ao corpo, sorrindo para mim numa noite

de Ano-Novo. Era Carol, linda como sempre, no entanto não passava de uma ilusão da minha cabeça. Humm, obviamente já teria seguido sua vida e se envolvido com outra pessoa. Ao menos, eu torcia por isso.

— Saca só, Guerra, pelo seu bem é melhor não dar no cano, senão você vai dançar — ameaçou-me Dante, que ainda estava lá, encarando-me. Ricci e Muro foram para onde eu estava, longe de todos os outros garotos. Aquele lugar do pátio já era ermo durante o dia, quanto mais durante a noite.

— Cara, talvez não seja uma boa — murmurei.

— Talvez não seja uma boa eu te apagar agora, mas talvez eu faça isso se você der para trás amanhã. Sabe que não envolve só a gente, então, se você sair fora, o “preju” cai em cima de todo mundo.

Enquanto Muro falava, ele encostou uma arma em minha testa. Era pequena, mas podia fazer grandes estragos.

— Não, eu não vou furar, prometo. — Odiei-me por minha voz ter vacilado. Diante de minha resposta patética, os três começaram a rir. Muro prendeu a arma de volta à sua cintura e bateu “amigavelmente” em meu ombro.

— Não vai mesmo, não nessa altura do campeonato. Pega logo — disse Ricci, entregando-me uma pequena faca, mas bastante afiada, que trazia consigo. Peguei-a pelo cabo curto e escondi no bolso de minha calça. — Não vai fazer merda com isso aí, hein. — Caçoou e, rindo, os três voltaram para o prédio.

Olhei para ao céu, onde nuvens cobriam a lua, e pedi a qualquer força que vivesse lá em cima para não permitir que nenhuma desgraça acontecesse. Fui para o quarto e deitei-me em minha cama no beliche. Minha cabeça doía e minha garganta estava seca. Meu corpo suava e tive de tirar o cobertor e dormir apenas com a roupa do corpo. Ou tentar dormir. O peso da faca ainda em meu bolso e a sensação fria do metal perturbavam-me. Eu já estava a ponto de completar 18 anos, faltava apenas uma semana e eu não sabia o que fazer quando fosse posto para fora. Mas não era uma escolha que eu pudesse fazer, assim como não escolhi participar do que aconteceria no dia seguinte. Até tentei recusar, mas... Temi as consequências.



Segunda-feira. Na hora marcada lá estava eu. O sol ainda mal havia nascido ou ao menos não o bastante para distinguir a manhã da madrugada. Eu ainda dormia quando eles me cutucaram com um pouco mais de violência do que de costume. Mesmo com o nervosismo me corroendo por dentro, mesmo com a única parte ainda razoável da minha mente me dizendo que não devia, eu me levantei. Coloquei minha calça jeans surrada (com a qual chegara ao abrigo) e uma

daquelas blusas puídas que todos usavam. Segui-os até a porta dos fundos do prédio, cuja fechadura frouxa podia ser destrancada facilmente. Saímos no pátio de trás, também cercado por arame farpado, porém havia um vão, grande o bastante para que passasse uma pessoa da cada vez. A câmera de vigilância dos fundos fora quebrada pouco depois de eu entrar no prédio, na noite anterior, e com certeza demoraria muito para que colocassem outra no lugar.

Além disso, o diretor devia estar muito mais preocupado em ficar com uma de suas amigas do que com nossa fuga. Eu tremia de ansiedade. Passei pelo arame farpado, ganhando um novo arranhão em minhas costas, e corri em direção ao bairro residencial mais próximo com os outros garotos. Além de Dante, Ricci e Muro, veio conosco um outro cara, que recentemente entrara para a “turma”. Andávamos lentamente pelas ruas do rico bairro como quem não quer nada. A faca no bolso de minha calça me trazia aquela irritação constante e uma vontade de deixar tudo de uma vez. A minha consciência me dizia algo diferente do que dizia meu organismo. Enquanto meu corpo clamava por mais e mais entorpecentes, meu lado racional dizia tudo o que podia dar errado e me dava todos os motivos para não fazer o que eu estava prestes a fazer.

Essa luta travava-se dentro de mim quando chegamos à rua da vítima, perto das cinco horas da manhã. A mulher magra e loira saía de casa com seu carro importado todos os dias no mesmo horário. Isso a tornou um alvo fácil. O roubo a essa senhora foi planejado durante dois meses. Nós observávamos quando ela saía; cada semana era um de nós que passava pela rua e espiava quando o portão se abria e ela saía. A ideia partiu, é claro, de Dante, a mente maligna entre nós. De todos os cinco naquele dia, ele parecia o mais relaxado e, de uma forma sinistra, alegre. Como ele conseguia estar sorrindo quando estava prestes a aterrorizar uma pessoa inocente?

Nenhum carro passava pela rua naquela hora. Separamo-nos ao chegar perto da casa dela e cada um foi para o local combinado anteriormente. Assumi minha posição ao lado de um muro na calçada oposta à dela, fumando um cigarro distraidamente, sem nenhuma intenção oculta. Ou tão distraidamente quanto era possível com aquela faca em meu bolso. Pensei que fosse enlouquecer com aquilo ali, incomodando-me, e a ideia de pegá-la e golpear a mim mesmo não pareceu tão absurda. Eu já não aguentava mais, então com sutileza aproximei-me de uma lixeira e peguei a faca no bolso, envolta por um lenço. Joguei a maldita faca na lata de lixo e voltei com passos lentos para onde estava antes.

Dante, Muro, Ricci e aquele cara cujo nome eu desconhecia estavam parados em pontos próximos uns dos outros, mas não o suficiente para levantar suspeitas. Tínhamos combinado um sinal que indicaria que a barra estava limpa e podíamos agir. Ricci sugeriu assovios ou apenas um grito, mas Dante era

metodoso e essas coisas comuns não eram do feitio dele. O sinal seria o reflexo da luz do sol em um pequeno espelho. Dante pegaria o espelhinho no bolso e lançaria a luz em cada um de nós, por isso estávamos perto uns dos outros. Um minuto depois de chegarmos, ouvi o barulho de portas de carro batendo e o motor do portão funcionando. Meu coração acelerou quando o portão começou a se abrir. Ele já estava completamente aberto e, quando a BMW estava na calçada, a luz atingiu meus olhos. Então a atacamos.

Ricci e eu fomos para o lado do motorista, Muro e o desconhecido pela direita, e Dante vinha se juntar a mim e Ricci no lado esquerdo. Sem o mínimo de cerimônia, Dante tirou o revólver da cintura e apontou para a janela da motorista. Com socos ostensivos na lataria, gritava para que a mulher abrisse o vidro. A motorista devia ter uns 35 anos. Seus cabelos eram tingidos de loiro e os olhos escuros expressavam o terror que sentia. Usava uma blusa de lã branca e olhava o tempo todo para o espelho retrovisor. Dante gritou outra vez, tentando em vão controlar a altura da voz, e mandou que ela saísse do carro em silêncio. Tudo aconteceu em menos de um minuto, mas, para mim, foi um filme em câmera lenta. A mulher ficou paralisada; tudo o que fazia era ora olhar pelo retrovisor, ora para nós. O vidro foi aberto, e Dante ordenou outra vez que ela saísse, mas ela permanecia muda.

— Não estou de sacanagem, não; ou sai por bem ou sai na marra!

Inclinei um pouco a cabeça e pude ver o que, ou *quem*, ela observava tão aflita: uma menininha sentada no banco de trás. A garota que se parecia muito com a mãe e não devia ter mais que seis anos, usava uniforme escolar e estava presa na cadeirinha de segurança, com uma mochila de princesas a qual se agarrava com toda força. Quando me viu, a criança começou a chorar. Como levaríamos um carro com uma criança dentro? A mulher ouviu o choro da menina e saiu de seu transe. Tudo isso enquanto Dante continuava a balançar a arma na frente dela. Vendo o medo daquela criança, eu senti em minha pele o desespero daquela mãe e disse a Dante:

— Abaixee a arma, cara! Tem uma menina no carro.

Ele se virou para mim e, transtornado de um jeito que eu nunca o vi antes, bateu com a arma em minha cabeça, mas não muito forte. Fiquei zozzo e ele mandou que eu fosse para “aquele lugar”. Aproveitando a brecha, a mulher deu marcha a ré no carro. Não deu outra: Dante se virou, puxou o gatilho e disparou contra ela. Ele disparou direto em seu peito. Ouvir outra vez uma arma em ação fez com que o mundo girasse ao meu redor. Todos os sons e imagens começaram a se separar umas das outras à minha frente: o som do disparo, os meninos gritando alguma coisa, a garotinha berrando... E os olhos da mulher vidrados. Eu ouvia eles me chamarem, “corre, cara, sai daí!”, mas eu não conseguia me

mexer. De repente, todos os sons se misturaram numa explosão e senti um estouro em meus ouvidos.

Em milésimos de segundos a adrenalina, ou talvez o medo, deixou-me completamente desnorteadado. Meus olhos estavam grudados no borrão vermelho do peito da mulher, maculando sua blusa branca, tingindo-a de vermelho. Na minha cabeça doentia, aquela era minha mãe caída no chão da sala de estar e aquele era seu sangue. A garota ainda aos prantos esticou os braços e, inclinando-se na cadeirinha, agarrou os ombros da mãe, sacudindo-a. Eu continuava ao lado do carro, inerte. A menina chamava pela mãe, mas a mulher estava morta. Meu coração estilhaçou-se quando me dei conta do que aquela situação representava e de quem eu me tornara. Veja só: eu estava agindo pura e simplesmente como a pessoa que mais odiava no mundo. Como meu pai. Isso me fez sair do estupor e fugir a toda velocidade.

As sirenes da polícia soavam ao longe. Com certeza os vizinhos acordaram com o som do disparo e foram ver o que estava acontecendo. Com certeza eles depararam-se com a cena que não saía de minha mente. E, agora, com certeza era cada um por si. Eu corria e continuava a correr, mesmo sem fazer ideia de para onde estava indo. Empurrava as pessoas que estavam em minha frente, todas se dirigindo a seus locais de trabalho como a pobre mulher estava fazendo. Ela ia apenas levar a menina para escola, trabalhar e voltar para casa, onde jantaria com a filha e conversaria com ela. Mas eu... *nós* privaríamos a menina de um futuro com a mãe. Nós... *eu* ajudei a destruir duas vidas. Quase derrubei uma banca de feira que estava sendo montada. Caí em cima dela, esparramando frutas. Continuei a fugir e tentava a todo custo não pensar. Eu não podia pensar.

“Você é tão panaca que acreditou que foi você quem matou seu irmão que nunca teve coragem de me enfrentar...”. As palavras acusatórias de meu pai voltavam todas de uma vez em minha mente, que perturbada acrescentava novas frases para se juntarem às que já existiam: “Tão panaca que não consegue perceber, não é capaz de enxergar que é igual a mim. Não pode negar que é meu filho, não depois do que acabou de fazer”.

Já estava bastante longe do local do crime, mas a imagem do sangue escorrendo continuava a me perseguir. Era disso, era dessa imagem que eu tentava fugir. Só parei quando perdi o equilíbrio, pois a sola quase solta de meu sapato prendeu-se numa fenda da calçada. Caí com todo o peso do meu corpo sobre a calçada. Ralei as mãos e os joelhos, mas, em vez de tentar levantar, deixei-me ficar ali, largado na rua como o lixo que sentia ser. Minutos depois, sentei-me na calçada e pensei um pouco. Se eu voltasse para a instituição, iam descobrir que fugi e perguntariam por quê. Ligariam os pontos e entenderiam que eu fizera alguma coisa com os outros quatro desaparecidos. E o castigo do

diretor não era nada perto do que nos aconteceria quando o chefe descobrisse. Estaríamos mortos de vez.

Desejei com todas as forças que ele me matasse e me livrasse logo disso tudo. Um disparo certo e, pronto, eu estaria livre desse tormento. Levantei-me, sentindo os joelhos latejarem, e tentei me lembrar de alguém que pudesse me ajudar. Eu disse à conselheira que não havia mais ninguém, pois estava com raiva, mas não era verdade. Além de meu tio e Pâmela, ainda havia muitos outros parentes a quem recorrer. Pensei, e um nome finalmente veio à minha mente: Iolanda, minha avó paterna. Onde ela morava mesmo? Para lá de Santa Heloísa, numa cidade próxima a São José do Rio Preto. Qual a cidade? Ah sim, Esperança. Que irônico. Antes, porém, eu precisava pegar minhas coisas e... Não, não havia tempo para isso. Precisava apenas de dinheiro, mas eu não tinha mais. Concluí, então, exasperado, que estava num beco sem saída.

Entrei num bar aleatório e sentei num dos banquinhos do balcão. Aquilo cheirava a cerveja e suor. Só estávamos eu e o balconista ali. Ele perguntou se eu gostaria de beber alguma coisa e pedi algo que não existisse só para fazê-lo sair de lá. Pedi um vinho qualquer e ele foi para o armazém ver se o encontrava. Olhei em volta, tentando encontrar alguma coisa que me fosse útil. Aquele lugar não tinha câmera alguma, mas tinha um balcão, no qual ficava uma caixa registradora, na qual devia estar o dinheiro. Fui até a caixa e, usando uma das manhas que aprendi com os garotos, abri-a, tirando de lá uns vinte reais. Fechei-a. Estava quase saindo quando ouvi a televisão, ligada no jornal da manhã, com uma notícia sendo anunciada em alto e bom som:

— Foi encontrada morta em seu carro, com a filha no banco de trás, a advogada Marina da Rosa Pereira, de 38 anos. A vítima saía de casa quando foi atacada por um grupo de cinco menores numa tentativa de roubo. A ação se transformou num latrocínio quando um dos garotos disparou contra a advogada. Três dos jovens foram presos e dois permanecem foragidos. Voltamos aos estúdios com você, César.

As fotos de Ricci, Muro e aquele outro cara apareceram na tela da televisão quando a repórter disse que três foram presos. Isso queria dizer que eu e Dante estávamos foragidos. Balancei a cabeça descrente. Como era possível que aqueles três pilantras tivessem sido apanhados? Ocorreu-me que, talvez, eles se deixaram ser presos, pois pelo menos dentro da cadeia não seriam caçados pelo chefe. Dante, no entanto, com certeza não se deixaria ser pego; ele preferiria morrer nas mãos do chefe do que ir parar numa cadeia. Pensava nessas coisas quando ouvi passos vindos do armazém. Saí correndo com o dinheiro no bolso, imaginando a reação do balconista quando abrisse a caixa registradora e percebesse que uma quantia havia sumido.

Fui até a estação rodoviária mais próxima e comprei uma passagem para Esperança, que custou 20 reais. O próximo ônibus sairia às dez da manhã, o que me dava tempo de descansar um pouco. Respirando com dificuldade, sentei-me numa cadeira do saguão da estação e fechei os olhos. Às nove e cinquenta anunciaram que o ônibus partiria em 10 minutos. Entrei, sentei-me numa poltrona ao fundo e recostei a cabeça no vidro. Respirei fundo várias vezes, mas a falta de ar não me ajudava.

— Você é um grande idiota — dizia uma garota loira em meus pensamentos. — Tínhamos tantos planos! Você ia ser uma pessoa importante, lembra? E agora faz isso? Definitivamente, você não tem valor algum.

Eu não conseguia mais distinguir o que era real e o que eram alucinações. Mas alucinação ou não, essas palavras vindas da boca de Carol eram dilacerantes. Murmurei um pedido de desculpas sincero antes de pegar no sono no fundo do ônibus.

Um passo de cada vez



Antônio

No dia, ou melhor, na noite em que cheguei à casa de minha avó, passei por Santa Heloísa. Uma de minhas últimas esperanças era ver Carol andando no gramado perto do canteiro de flores ou cuidando dos animais no cercado. Mas ela não estava ali, nem em lugar nenhum. O carro na porta de sua casa era verde, e, pelo que eu lembrava-me, sua família sempre teve o mesmo carro preto. Isso acabou com o que sobrara de mim. Cheguei a Esperança às nove da noite de segunda-feira. Minha vó quase enfartou quando me viu ali, parado na sua porta. Compreendi o motivo de seu espanto: eu tinha olheiras de cansaço e estava maltrapilho. Em resumo: eu estava deplorável. Mesmo assim, ela me abraçou com força.

— Meu menino... Ora, entre, querido, venha, a vovó vai te ajudar. Ah, menino — dizia e dava tapinhas em minhas costas, enquanto me conduzia porta a dentro. Ah, se eu tivesse procurado por ela anos antes...

Ela não fez perguntas e não cobrou de mim respostas, porém minha cabeça estava tão cheia que eu precisava colocar um pouco para fora. Então que fosse com minha avó.

— Vó, por favor, sente. Preciso contar umas coisas antes de tudo e... Acho melhor você sentar.

Eu falei tudo. Falei sobre o que tinha acontecido com minha mãe. Sobre o tempo na casa de meu tio, filho dela. Sobre o abrigo. Sobre a manhã daquele mesmo dia. E até mesmo sobre meu irmãozinho. Eu nunca a vi tão chocada quanto ao saber das atrocidades que meu pai cometeu. Vovó estava pálida e evitava olhar para mim. Abracei-a e, em vez de confortá-la, deixei que ela me confortasse. Chorei como uma criança em seus braços, com amargura e dor em cada lágrima. O fardo dos últimos anos e, principalmente do último dia estava ainda mais pesado sobre mim. Recompus-me e deixei que ela me levasse ao banheiro para tomar um bom banho. A casa dela era um sobrado bastante espaçoso que estava vazio, já que todos os seus filhos se casaram. No andar de cima, havia uma série de quartos e um, mais ao fundo, ainda contava com uma cama de solteiro.

— Pode dormir aqui — disse amavelmente. — A não ser que se incomode

com o fato desse ter sido o quarto do seu pai...

Bastou ela dizer isso para que eu saísse de lá, batesse com força a porta e a trancasse. Eu jamais dormiria no mesmo lugar onde aquele covarde tinha dormido. Acabei ficando com um quarto menor, que pertencera ao meu tio mais novo e que era o suficiente para alguém sozinho. Dormi pesadamente a noite inteira e, pela primeira vez em muito tempo, finalmente consegui descansar. Na manhã seguinte, quando desci para a cozinha, ela me esperava sentada à mesa com um apetitoso café da manhã. Ataquei a comida como um animal, e ela não comeu nada, apenas observava-me com os seus pequenos olhos azuis. Por fim, ela disse:

— O que você fez foi errado, sabe disso. Sabe que aquela mulher nunca vai voltar para sua filha, assim como sua mãe podia não ter voltado para você. Bem, você entendeu. Mesmo assim, você é meu neto e eu não vou te negar ajuda, abrigo ou amor. Bem, coma logo e se vista. Nós vamos à delegacia.

Ela falou isso como se estivesse sugerindo que fôssemos a um parque de diversões. Eu estava levando uma fatia de pão à boca, mas ela caiu de minhas mãos quando vovó falou “delegacia”. Vovó estava maluca? Droga, eu sabia que ela estava certa. Eu sabia que podia parecer loucura, mas o fardo daquele crime, mesmo que eu não tivesse feito nada, assolava-me. Por isso, com a certeza de que estava fazendo a coisa certa, terminei o café da manhã, troquei-me e fui com vovó até a delegacia mais próxima. Quando chegamos, fomos recebidos por um delegado rechonchudo e parcialmente calvo. Ele se levantou da cadeira acolchoada em que estava sentado e perguntou o que queríamos.

— Eu quero... Quero prestar um depoimento sobre a advogada assassinada ontem em Osasco. É que eu estava lá na hora do crime...

Ele me olhou como se eu fosse louco e acho que ele tinha razão. Sem perder tempo, ele me algemou e me levou para uma sala de depoimentos. Eu já estava bastante acostumado com salas como aquela. Sentei-me numa cadeira, e vovó ia entrar também, mas o delegado a barrou e mandou que esperasse do lado de fora. Ela me olhou com preocupação, mas sentou-se obedientemente numa cadeira do lado de fora. O homem se colocou à minha frente e me mandou começar. E eu contei. Falei sobre o plano feito com antecedência e sobre o crime. Depois de umas duas horas em que relembrei a terrível manhã do dia anterior, o delegado disse:

— Espere aí. Você está me dizendo que planejou um crime durante dois meses e na hora você apenas ficou parado lá, desarmado e implorando para que poupassem a mulher e a menina? Você não participou de fato? É isso que levou duas horas para contar?

— Eu... — Estava surpreso com a objetividade dele. — É, resumidamente, é

isso sim.

— Certo... Então não posso fazer nada. Na verdade, por mais que você não tenha atirado nela nem nada assim, o senhor participou do planejamento, então eu deveria te levar para a cadeia.

— O quê? — Meu sangue gelou em minhas veias.

— Pois é, garoto, é o que acontece quando somos maiores de idade e nos envolvemos com coisas erradas. Porém, você me disse que isso tudo foi feito a mando de um chefe de tráfico. Por isso suponho que você o conheça. Então... Vamos fazer uma troca. Você me conta o que sabe sobre esse chefe e o esquema, e em troca eu não te dou voz de prisão. O que me diz? Concorde?

— Eu... — A ideia de entregar o chefe e todo o esquema era absolutamente impensável. Com certeza eu seria caçado, torturado, morto. — Que garantia eu tenho de que não virão atrás de mim depois?

— Bem, não tem nenhuma. Mas posso dar um jeito nisso. Vai contar, garoto?

— Vou — decidi. E contei. Mencionei até mesmo um nome que entreouvira numa conversa. “Golias”. Era aparentemente, o “chefe do meu chefe”. Estava acima daquele cara que eu conhecera e recebia bem mais que ele. Ao ouvir o nome, o delegado deu um salto para trás.

— Ah, você acaba de nos ajudar a prender um dos traficantes mais procurados do estado. Sabe mais alguma coisa sobre ele? — Neguei com a cabeça. — Está bem. Sim, muito bem, já é mais do que suficiente. Vamos, pode sair. Vou providenciar para que fiquem de olho em você, de forma discreta. Obrigado pela sua colaboração, garoto. Tenha um bom dia. — Em seguida ele me enxotou da saleta. Vovó me abraçou quando meu viú na porta. Voltamos para a casa dela sem falar nada, apenas caminhando um ao lado do outro.

A pior parte foi quando começou a abstinência: ansiedade, taquicardia, insônia, dor, temperatura nas alturas, mãos tremendo, dentes rangendo e uma crise convulsiva que quase fez vovó subir pelas paredes, certa de que eu ia morrer. Deitado no sofá da sala, eu tinha alucinações torturantes e sofríveis. Tive que tomar remédios para dormir e, assim, amenizar a situação. Quando acordei, já no outro dia, minha vó estava sentada numa cadeira do lado do sofá, tricotando um cachecol com a maior calma do mundo. Ela disse que eu estava muito preguiçoso e que tinha de ajudar com alguma coisa. Ajudei a lavar a louça e, enquanto a água escorria na pia, pensava no sangue escorrendo na blusa.

— Amanhã o senhor vai procurar emprego, ouviu? Minha aposentadoria não é o suficiente para sustentar nós dois.

E foi exatamente o que fiz no dia seguinte.

Eu estava andando pelo bairro procurando por vagas de emprego, mas não havia muito que um jovem sem ao menos terminar o ensino médio podia fazer.

Ainda assim, passei horas procurando e estava prestes a desistir quando vi, do outro lado da calçada, a pequena oficina com uma placa na frente onde se lia *“Precisa-se de ajudantes”*. Ora, eu sabia ajudar, sempre soube. Era só me dar uma tarefa e eu ia me empenhar ao máximo em fazer direito. Mesmo que a ajuda da qual precisavam fosse varrer o chão, já era um avanço para alguém como eu. Precisava ocupar minha mente, porque senão acabaria fazendo besteira como sempre.

— O que você sabe fazer? — perguntou-me André, o dono da mecânica. — E então, rapaz, sabe fazer alguma coisa ou não? — perguntou o dono da oficina, impaciente.

— Hum, sim, eu sei. Diga o que preciso fazer e eu faço. Simples.

— No momento, tudo de que preciso é que arrume aqueles parafusos ali no canto — disse, apontando para um monte de parafusos de vários tamanhos, largados numa mesa. Aquilo foi uma tremenda chatice, mas eu os separei por tamanho, espessura e até mesmo cor. André ficou bastante impressionado. No mesmo dia, ele me contratou. Como voltar a estudar não me parecia muito viável naquele momento, tudo o que eu fazia era trabalhar, e fazia isso muito bem.

Eu limpava a oficina, ajudava a descarregar pneus ou peças, organizava tudo, empilhava as caixas e até aprendi a desmontar portas de carro e coisas assim. André foi o mais próximo de figura paterna que tive até meus 20 anos. Ele era meio carrancudo com os desconhecidos, mas tinha um ótimo humor. Sua mulher, Valentina, e seus cinco filhos, eram como uma segunda família para mim. Por várias vezes, quando tive que ficar até mais tarde na oficina porque a chuva forte não parava de cair, eles me deixaram esperar na casa deles, que ficava nos fundos. Valentina preparava os pratos que melhor sabia fazer e jantávamos juntos.

Ainda assim, mesmo com esse progresso, mesmo com as coisas finalmente entrando nos eixos, eu ainda sentia um desânimo e uma tristeza gigantes dentro de mim. A vontade de sumir ou evaporar pelos ares estava sempre presente. Às vezes, durante a noite, revirava-me na cama pensando em todos aqueles que perdi, ficava pensando no que fiz para merecer tal tratamento. Insônia era algo recorrente, crises de tosse e falta de ar eram mais fortes que nunca. Minha vó não demonstrava, mas sabia que ela devia me achar um tolo por ter destruído meus pulmões já em mau estado. Mas agora eu tinha um motivo para sair, para continuar com minha vida: finalmente encontrara conforto e amor.



Numa tarde de dezembro, estava desmontando uma porta esquerda de um carro

preto cujo vidro estava danificado. O óleo espalhado pelo piso frio quase tocava minhas roupas, mas eu estava a uma distância suficiente para evitar isso. Minhas mãos estavam levemente calejadas, depois de dois anos de trabalho duro. Eu não podia negar que dos meus 18 até os 20 anos eu mudara muito. Eu não tinha voltado à escola ainda, e nem sabia se iria, não só por estar atrasado como também pelos riscos, mas estudava por conta própria com os filhos de André, que cursavam o Ensino Médio. Minha vó vivia comprando livros para mim, alguns de estudo e outros de história. Em resumo, minha vida estava aos poucos se reestruturando.

Bem, eu estava sentado no chão, quando ouvi os passos pela garagem. Não conseguia ver quem era, e também não me interessava, já que não era da minha conta. Na cabeça, cantarolava uma música de comercial de um carro novo. Estava tão concentrado no que estava fazendo que quase furei meu dedo com a chave de fenda quando uma voz de mulher se manifestou. A voz suave e alegre cumprimentava André e perguntava como andava sua família. André respondeu que tudo ia bem e perguntou o mesmo a ela. Foi quando a mulher riu e meu coração disparou. Tive uma ideia de quem poderia ser, mas era impossível que fosse. Quer dizer... De todos os lugares no mundo, quais seriam as chances de ela aparecer bem ali?

Abaixei-me e, por baixo do carro, vi dois pés calçando saltos pretos. Ela continuava a falar e a imagem de uma morena de sorriso encantador se formava em minha mente. Ah, não, não era possível. Levantei-me aos poucos e a vi. Lá estava ela, vestindo uma calça jeans e blusa florida. Seus cabelos escuros estavam mais longos e caíam graciosamente por suas costas. Seus olhos encontraram-se com os meus, e Danielle sorriu para mim, surpresa.

— Ah, meu Deus! — falou. Ainda boquiaberta, ignorou completamente o homem à sua frente e veio andando lentamente até mim. Meus olhos estavam começando a marejar quando ela me abraçou. Afaguei seus cabelos castanhos e beijei sua testa. Como era bom ver um rosto amigo outra vez.

— Antônio Guerra! Não acredito que está aqui. — Danielle se afastou de mim e ficou me olhando. — Como... Digo, ah isso é tão... Ora venha cá. — Em seguida nos abraçamos.

— Danielle... — falei rindo. — Como você está? Faz uns três anos, não? — Eu não conseguia controlar o riso, pois era bom demais vê-la. Eu podia não tê-la amado de verdade, mas ela era uma amiga, era importante, e vê-la partir sem sequer podermos nos despedir foi terrível. — Tem passado bem?

— Ah, estou muito bem sim, só não aperta muito — ela disse meio sem graça, afastando-se de mim. Tentei não deixar o queixo cair quando ela colocou as mãos sobre a barriga e acariciou a pequena protuberância que começava a surgir

ali. — Pois é. Quatro meses, uau! — Danielle deu um soquinho para cima e continuou a acariciar a barriga com a outra mão. Ela estava... grávida.

— De quem...? — perguntei tentando não soar grosseiro. Era bastante informação para digerir.

— Ninguém importante — disse ela dando de ombros. — Um caso de uma noite só que resultou numa... gravidez inesperada, talvez. Inesperada, mas de forma alguma indesejada. — Danielle colocou com cuidado a mão sobre a barriga de forma protetora.

— E o que ele disse quando soube?

— Falei com ele assim que descobri, mas ele disse que não estava pronto para ser pai, e toda aquela conversa babaca de que sonhou com um futuro no qual um bebê não entra. Ah, sim, claro, porque o meu futuro e o que sonhei para mim não importa, não é? Mas quer saber... Esse é um presente que fico feliz de receber.

— Mas que canalha... — Minha vontade era de quebrar a cara desse sujeito.

— Nem se preocupe com isso, é página virada. Bem, agora preciso ir. Foi maravilhoso ver você, de verdade. Foi bom te encontrar, Antônio.

Antes que ela fosse, porém, convidei-a para almoçar comigo no dia seguinte. Apesar de hesitar um pouco, ela aceitou e deu-me seu número de telefone. Pedi ao Sr. André que me deixasse sair mais cedo e ele concordou. Não sem antes rir debochadamente e dizer: “Ela é um bom investimento, rapaz”. Na hora marcada, no dia seguinte, fui buscá-la no local em que marcamos. Levei-a até um restaurante que tinha ali perto, duas ruas acima da oficina, que servia comida japonesa. Mas eu desconhecia o fato de que comida japonesa dava enjoos em mulheres grávidas, ou ao menos em Danielle; então fomos a uma churrascaria.

Depois desse almoço, houve outros cinco, durante os quais conversamos sobre coisas bobas e corriqueiras, mas eu sabia que Danielle queria saber sobre minha vida. No entanto, esse era um assunto do qual eu não queria falar. Coloquei a mão sobre a dela e sorri. Eu me sentia bem com ela ali. Ela estava tão diferente, tão madura. A gravidez e tudo que isso envolveu deixaram-na mais forte e independente. Nunca acreditei naquilo sobre grávidas ficarem mais bonitas, mas Danielle era a prova de que isso era verdade. Percebi então que, de alguma forma, eu estava começando a amá-la. Passei a amar seu jeito de sorrir, sua voz doce, seus gestos graciosos, o modo como envolvia sua barriga, de forma protetora, sua personalidade decidida, confiante e otimista. Eu amava a sensação de estabilidade que tinha com ela e as chances que via de ter, afinal de contas, uma família. Foi pensando nisso que sugeri:

— Dani... Acha que nós podemos tentar? Quer dizer, não nos vemos há anos, mas, sei lá... Podemos tentar outra vez, agora começando do jeito certo. Quer namorar comigo?

Danielle não pareceu tão surpresa quanto achei que ficaria. Ao que parece, ela já esperava por isso. Respirou fundo, olhou para teto, para a janela, para os carros passando lá fora, e depois fitou meus olhos.

— É — disse por fim. — Acho que podemos tentar.

Ana Carolina

Minha mãe morreu com meu pai. Por mais que o corpo dela não tenha sido enterrado num caixão, sua alma fora. Ela já não vivia mais; sobrevivia. Estava fazendo a terapia havia cinco meses, mas parecia que nada do que a moça de óculos e prancheta na mão dissesse, nada do que eu e Marcos tentássemos falar, nada seria capaz de fazê-la voltar. Isso me machucava demais, pois eu também sofria e não sabia mais o que fazer para ajudá-la. Às vezes, porém, ela se permitia alguns momentos felizes, mas eram raros. Meu aniversário passou despercebido, e comemoramos meus 19 anos com um pequeno bolo. O mês de fevereiro estava chegando ao fim, mas minhas esperanças de ter mamãe de volta não acabariam nunca.

Ah, preciso falar sobre Marcos. Depois que ele me contou aquela história perturbadora sobre sua infância, as coisas mudaram um pouco. Passamos a ter uma relação de confiança. Ele contou algo para mim que só seus pais sabiam, portanto confiou em mim e em minha palavra quando prometi não falar sobre aquilo com ninguém. Nós ainda saíamos, ríamos juntos, conversávamos sobre muitas coisas... Mas agora havia um olhar especial, algo como compreensão ou compaixão. De um modo geral, ainda éramos a mesma Ana e o mesmo Marcos, mas um sentimento talvez nem tão novo assim estava aflorando entre nós. Era amor.



Manhã de sábado, o sol alto sobre nossa cabeça tornava o dia quente e agradável. Ou nem tanto, levando-se em conta o quanto eu suava. Mesmo esturricando de calor, concordei em entrar no carro com um vidro emperrado, que aumentava ainda mais a sensação de estar derretendo. No carro, que pertencia a Marcos e que ele estava dirigindo, íamos para a casa dele. Chamar aquele cubículo de casa era um elogio desmedido. Mas foi o que ele conseguiu alugar com o pouco de salário que ganhava como vendedor numa loja de móveis. Morava um pouco distante de mim, o que justificava o uso do carro. Num semáforo em que ficamos parados por quase cinco minutos, eu resfoleguei e abanei-me com as mãos, dizendo:

— Se eu ficar mais um minuto neste carro, eu juro que vou morrer de calor.

Ele riu e garantiu que já estávamos chegando. Eu só fora à sua casa duas vezes, em casos de extrema necessidade. Tê-lo em minha casa era extremamente comum, mas ir a casa dele parecia... estranho. O carro seguiu depois que o sinal abriu e, depois de mais alguns minutos, embicou numa rua estreita e parou na frente de um portãozinho branco. Descemos do apertado veículo e ele revirou o bolso à procura das chaves. Impaciente com sua demora e ansiando por água fresca, eu mesma enfiei a mão em seu bolso e peguei o molho de chaves. Fingi não perceber seu leve estremecimento diante de meu toque. Entreguei as chaves em suas mãos e ele abriu a porta, evitando-me olhar nos olhos. Entramos na minúscula casa, deixando o carro na rua mesmo. Joguei-me no sofá marrom e confortável.

— Como consegue viver numa casa tão pequena? — perguntei. Não era tão pequena assim, mas, para meus padrões, levando-se em conta a casa em que já morara, aquilo podia ser chamado de primeiro andar.

— Bem, eu moro sozinho, lembra? Quando não se tem com quem dividir a casa, ela parece maior — rebateu ele, lançando um olhar significativo. Ele vinha fazendo isso muitas vezes nos últimos tempos.

— Tem água em algum lugar aqui? — perguntei, tentando esquivar-me dos assuntos que ele aparentemente tentava abordar. — Ou estou fadada a morrer de sede deitada neste reles sofá?

— Receio que não haja sequer água encanada nesta minha modesta residência, madame — declarou ele com ironia. Suspirei dramaticamente no sofá e Marcos foi à cozinha. — Por que não levanta e vem pegar? Já aproveita e come alguma coisa. Acho que tem uns pães em algum lugar...

Sua voz foi diminuindo conforme ele se afastava em direção à cozinha. Antes de segui-lo, detive-me em frente à janela da sala e escancarei os vidros para que um pouco de ar fresco entrasse no ambiente. Quando abri a porta branca sanfonada que dava na cozinha, ele estava parado sobre um balcão, fatiando um pão recheado com queijo. Ele parecia tão concentrado em sua tarefa de fatiar que entrei em silêncio para não atrapalhá-lo. À esquerda do balcão em que ele estava, havia uma pia e, sobre o granito na qual ela se encaixava, um bebedouro. Peguei um copo e estava enchendo-o quando senti um par de mãos segurando minha cintura por trás. Abandonando o copo, virei-me para Marcos, que sorria para mim.

— Eu já te disse alguma vez que você é muito bonita? — falou ainda segurando-me, um pouco distante de si, mas próximo o suficiente para que eu visse o brilho em seus olhos.

— Acho que já, mas não vejo problema algum se quiser dizer mais. — Ele pegou minhas mãos, levando-as aos seus lábios.

— Seu rosto é como o de um anjo, suave e luminoso. Seus cabelos são macios e loiros como raios de sol... Seu nariz é arrebitado e combina perfeitamente com seus lábios rosados. — Então ele tocou meus lábios e eu os senti formigar. — Seu corpo faz um belo conjunto com tudo isso, e seus olhos...

Marcos aproximou então seu rosto do meu.

— Meus olhos...? — sussurrei, sentindo sua respiração próxima da minha.

Mas ele não me respondeu. Em vez disso, lançou-se sobre mim, prendendo-me contra a pia e beijou-me apaixonadamente. Envolvi seu pescoço e continuei a beijá-lo, enquanto ele me segurava por baixo dos joelhos e me erguia, colocando-me sentada sobre a pia. Acariciei suas costas suavemente, enquanto sua mão segurava minha nuca e a outra deslizava por meu braço direito. Porém, quando envolvi sua cintura com minhas pernas, ele deixou meus lábios e, com os olhos arregalados, afastou-se. Envergonhada, virei o rosto, ainda ardente por mais beijos. Ele estava vermelho como uma pimenta e, se houvesse um buraco no chão, ele teria enfiado a cabeça nele. Passando as mãos pelos cabelos, disse com a voz afetada:

— Você, você quer comer? E a água, já bebeu?

— Acho melhor... Eu ir para minha casa — falei descendo da pia, sem olhar para ele. Fui para a sala, sentindo-me ridícula e imatura, e peguei a bolsa que largara no sofá quando cheguei. Ele me seguiu quando eu me dirigi ao portão, barrando-me. — Com licença, mas eu preciso ir para casa. Vai sair da minha frente ou vou precisar te empurrar?

— Mas é longe. Espere aí, vou pegar a chave do carro e te levo. — Marcos foi pegar a chave e nisso passei pela porta, pelo portão da minúscula garagem e fui para a rua.

— Não preciso que me leve. Posso fazer isso sozinha — falei com raiva, sem ao certo saber o que estava me irritando. — Fique aí desfrutando da solidão da sua casa, sem ter com quem compartilhar. — Marcos ficou boquiaberto, mas, antes que respondesse alguma coisa, saí andando.

Andei por uma boa quantidade de quarteirões, perdendo-me uma ou duas vezes até chegar à minha casa. Quando enfim entrei, corri para meu quarto como uma criancinha emburrada e me joguei em minha cama. Sentia-me mal pelo modo como ele agiu e por ter sido grosseira depois sem que ele merecesse.

— O que foi, minha filha? — perguntou mamãe, entrando no quarto e sentando em meu velho puff branco. Olhei para ela por uma fresta entre meus dedos, que cobriam meu rosto. Balancei a cabeça.

— O que você faria... Se conhecesse alguém muito especial, mas não pudesse ficar com essa pessoa porque... Ela não consegue? Você teria raiva dessa pessoa ou tentaria convencê-la de que é capaz?

Mamãe me encarou como se eu fosse doida. Estalou a língua, como que dizendo “nem faço ideia”.

— Sempre que começa suas perguntas com “o que você faria”, eu espero por algo desse gênero.

— E o que você faria?

— Não entendi uma só palavra, mas acho que seu pai saberia o que dizer. Ele era melhor que eu para desvendar os mistérios dessa sua cabecinha. Só acho que ele diria para você ser compreensiva. Seja lá o que for que esteja acontecendo ou quem quer que seja essa pessoa. Sentir raiva nunca foi solução para nada, você sabe disso.

— Tem razão — concordei. Sorrindo, ou melhor, curvando minimamente um dos cantos da boca, mamãe saiu de meu quarto e deixou-me sozinha com meus pensamentos e com a palavra “compreensão” voando em minha mente. Sim, ela estava certa; ser compreensiva era o que eu fora em outra ocasião, com outra pessoa, com tantos problemas quanto Marcos. Ser compreensiva era o que eu faria agora também.

De noite, eu estava em meu quarto, deitada na cama lendo um livro. Na verdade, não estava lendo coisa nenhuma. Meus olhos apenas passavam superficialmente pelas palavras e minha concentração sumia a todo tempo. Meus pensamentos não conseguiam se desviar de Marcos. Mas eu não queria que o que sobrara intacto de meu pobre emocional fosse esmigalhado; não permitiria uma coisa dessas outra vez. Eu usava blusa e short azuis. Tanta coisa estava em minha cabeça que dormir parecia incogitável. Há cinco meses eu estava fazendo terapia com minha mãe. A médica, muito simpática e atenciosa, dissera que eu precisava deixar as coisas ruins e focar nas boas que ainda estavam por vir. Bem, eu estava tentando fazer isso, mas não era tão fácil fazer quanto era falar.

A luz fraca do abajur era a única coisa que iluminava meu quarto. Encostei a cabeça no travesseiro e fiquei brincando com uma mecha do meu cabelo, enquanto encarava a lua lá fora. Fechei os olhos e suspirei. Meu presente agora morava no mesmo bairro que eu e se chamava Marcos. Mas, de alguma forma, ele também não era meu passado? Ah, eu estava prestes a enlouquecer de vez. O vento acariciava meu rosto e senti-me um pouco mais calma. Fui tirada desse meu breve momento de paz quando ouvi um clique na porta. A maçaneta estava sendo aberta. Nem precisei virar o rosto para a porta, era óbvio quem estava entrando. Ainda assim, olhei para Marcos, parado ali, encostado no umbral com os braços cruzados. Seu rosto estava sereno e ele andava em minha direção.

— O que exatamente te faz pensar que pode ir entrando em meu quarto dessa forma, sem ser convidado? — perguntei, provocando-o. Sentei-me em minha cama e, em silêncio, esperei que ele se aproximasse. Ele retrucou:

— Humm, acho que vir sem ser convidado não é novidade, não? Pelo que eu me lembro, eu já fiz isso algumas vezes... — Ele sorriu e sentou-se de frente para mim, olhando-me. — Mas diga você: não posso simplesmente vir? Tenho que ser convidado?

— Dê-me um bom motivo para que venha — falei.

— Sinceramente? Quando você foi embora mais cedo e depois, quando não me ligou a tarde toda... eu fiquei louco de vontade de te ver. Deitei em minha cama agora a pouco e agonizei de vontade de te segurar em meus braços de novo, ter seus lábios nos meus... — falou de modo manso. Meu sorriso permaneceu em meu rosto, mas mudou de sarcástico para amoroso. — Eu ia esperar até amanhã para vir, mas não aguentei. Acha motivo suficiente?

— Ah, acho que sim. Mais que suficiente, levando-se em conta que senti o mesmo, sabe... — Toquei de leve em seu braço, sentindo os pelos eriçados. — Como entrou na minha casa? — perguntei cortando o clima. Ele riu:

— Você esqueceu sua chave na cozinha quando saiu correndo. Já falei como fica linda quando está zangada?

O desejo entre nós era latente, quase palpável. Não havia mais como negar: nós tínhamos uma forte ligação. Ele deslizou o polegar em meus lábios, então segurou meu rosto com ambas as mãos e me puxou para si. Nenhum de nós aguentava mais aquele jogo torturante de provocação. Num instante suas mãos estavam segurando minha cintura e meus braços estavam ao redor de seu pescoço. Nenhum de nós fez menção de interromper aquele momento. Marcos me beijou e eu retribuí. Então segurei sua camiseta e a tirei de uma vez. Sua mão passou pelas minhas costas, e ele fez menção de tirar minha blusa, mas parou no meio do caminho. Sua pele estava quente e a minha também. Seu coração estava acelerado, assim como o meu. Ele continuou a me beijar e nunca desejei contato físico como naquela hora. Mas alguma coisa estava errada, pois ele parecia nervoso. Será que algum dia ele fez algo semelhante? Tive certeza de que não quando toquei sua cintura e ele se afastou de repente, com uma expressão de medo e culpa no rosto. Respirei fundo. Muito bem, compreensiva, era isso que eu devia ser.

— Se sentir que não está pronto, não tem problema. Nós podemos esperar até que esteja... — eu tentava fazê-lo não se sentir mal. Ignorando-me, Marcos voltou a me beijar, mas eu sabia que o beijo era uma tentativa de ignorar o terror que devia estar sentindo. — Para, estou falando sério. — Empurrei-o.

Naquele momento, ele deixou de ser o homem forte e confiante que era e se tornou uma criança. Foi para a outra ponta da cama e sentou-se de costas para mim. Fiquei sentada onde estava, ainda com minha blusa e meu short, apenas observando-o ali, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos cobrindo o

rosto. Lentamente, engatinhei sobre a cama até ele e envolvi-o com meus braços. Ainda recurvado, colocou uma de suas mãos por cima da minha, e beijei seu rosto, suavemente. Via a raiva em seus olhos; raiva de si mesmo talvez. E como que tentando provar algo a si mesmo, ele voltou a me beijar, mas, abatido, percebeu que não adiantava forçar.

— Ah, Ana... — Sua voz ficou embargada. — Eu te quero tanto, mas não consigo... — lamentou. Virou-se de frente para mim e, com os rostos a centímetros um do outro, vi o espelho de lágrimas formado em seus olhos. — Ana, espera, eu quero... Quero te perguntar uma coisa e quero uma resposta séria.

— Está bem — afirmei e me afastei um pouco dele. Ajeitei o cabelo, que provavelmente estava todo armado, ajeitei minha roupa e esperei. Ainda estava sem ar e minha boca fervia. Minha pele transpirava e me senti arrepiada quando ele tocou minha mão. Envolvi suas mãos nas minhas e lutei bravamente contra minha vontade indomável de me jogar sobre ele. — Diga.

— Certo. Você tem razão, acho melhor irmos aos poucos. Por mais que eu... — Ele se inclinou em minha direção mordendo o lábio inferior, depois voltou para onde estava. — Ana, eu quero saber se... Se você quer namorar comigo. Tipo, ter um compromisso sério, uma coisa de verdade. Você quer?

Ah, eu quero sim, mil vezes sim! E eu tentei dizer isso, mas por um milésimo de segundo eu hesitei. Alguma coisa dentro de mim ficava tentando me lembrar de que relacionamentos não davam certo comigo, que as pessoas com quem me envolvia ou se machucavam ou acabavam me machucando. Porém uma certeza enorme no meu coração me dizia que com ele ia ser diferente. Que Marcos era o *cara certo*. “Quando for a pessoa certa você vai saber”, minha mãe me dissera várias vezes. E eu sabia como se um letreiro brilhante piscasse em sua testa dizendo: sou eu. Então, sorrindo, dei minha resposta:

— Aham, eu quero. — Rapidamente minha boca se juntou à dele. Quente como brasa e suave como uma pena flutuando no ar. — Te amo, Marcos. — Eu o deitei sobre a cama e apoiei-me em seu peito. — Eu te amo, sabia? Amo muito... — Beijei-o mais uma vez.

Ele se ajeitou sobre a cama e fui em sua direção. Ele sorriu com nervosismo, provavelmente com medo de que eu insistisse. Não fiz nada senão deitar ao seu lado, aconchegando-me nele e sentindo o sono chegar. Ele parecia mais aliviado e sabia que não era só por mim, mas também porque ele conseguiu vencer aquela barreira. Encostei a cabeça em seu peito e ele apoiou as costas na cabeceira de minha cama:

— Amo você, Ana Carolina... — sussurrou, acariciando meus cabelos.



Na semana seguinte, Marcos me levou até uma praça perto da minha casa onde nós costumávamos ir passear. Ele estava particularmente bonito naquele dia, com a camisa verde de algodão e o jeans que lhe caíam tão bem. Fomos nos sentar em um dos bancos de madeira envernizada e ele me mostrou uma caixinha. Ali estava um lindo anel de prata com uma pedrinha vermelha no centro, pequeníssima e delicada. Um anel prateado... Ah. Ele deve ter percebido as muitas emoções que se passaram pelos meus olhos, porque o sorriso de seus lábios sumiu.

— Olha, Ana, eu sei que você já esteve com outros caras, sei até quem foi um deles, e sei que está receosa. Então, se não gostar da ideia...

Tive que beijá-lo para que parasse de falar, por mais que eu soubesse que Marcos tinha toda a razão. Ele era uma pessoa maravilhosa e eu me recusava a decepcioná-lo. Então apenas olhei calmamente para seu rosto e peguei a aliança na caixinha. Ele tomou minha mão direita na sua, e colocou a joia prateada em meu dedo anelar. Abracei-o com força e ele acariciou minha cabeça, depois beijou minha testa. Naquela noite, ele e eu fomos de mãos dadas para minha casa. Pedi que mamãe sentasse no sofá e contamos a ela. Contamos não apenas sobre o namoro, mas também sobre a história dele. Marcos queria que ela soubesse. Ele suava frio, enquanto falava e eu enlaçava seu braço direito.

— Por que me contou isso? — quis saber mamãe.

— Bem, eu, eu achei que talvez... Não sei. Talvez a senhora não quisesse que sua filha se envolvesse comigo levando em conta tudo isso. Talvez não queira que ela namore um cara como eu...

— Um cara como você? Meu querido, um cara como você é tudo de que minha Ana precisa. Um homem que a respeita, que cuida dela e que a protege. Alguém que a ama verdadeiramente. Por favor, Marcos... Se eu fosse contra esse namoro, vocês poderiam me internar, pois eu estaria louca de vez.

Todos riram desse comentário e senti os músculos do braço de Marcos relaxarem. Foi maravilhoso ver minha mãe sorrindo e rindo espontaneamente, ver que ela ainda podia ficar feliz.

Antônio

Durante os meses em que fiquei com Danielle, nós nos reaproximamos até chegar na mesma cumplicidade que tínhamos antes. Ela não hesitava em demonstrar que gostava de mim e, aos poucos, fui me apaixonando por ela também. Danielle era maravilhosa, inteligente e dedicada. Eu sabia que seria

uma ótima mãe. Estava fazendo faculdade de gastronomia. Tinha decidido abandonar a enfermagem e agora trabalhava num restaurante conhecido. Ela conseguiu uma vaga lá para mim, como garçom. Conforme o tempo passava, a barriga dela ia crescendo, assim como as preocupações.

Por várias vezes eu a vi gritar no telefone. Numa dessas ocasiões, entrei na casa da minha vó, aonde Dani costumava ir bastante, e ela estava sentada no sofá chorando, com a barriga em evidência na regata verde. Seu cabelo emaranhado e os olhos vermelhos diziam que tinha alguma coisa errada. Ela pegou novamente o telefone e, resoluta, ligou para o tal pai do bebê.

— É só registrar, seu babaca! Não quer criar? Ótimo! Não quero que ele conviva com alguém como você! Mas vai morrer se colocar a porcaria do seu nome na certidão de nascimento dele? Vai morrer se ele tiver a droga do seu sobrenome?

Ela gritava com raiva e era estranho vê-la assim. Mesmo que estivéssemos juntos, ela quase nunca tinha me contado sobre quem a engravidara e, quando eu tocava no assunto, dizia que só ia falar sobre isso quando eu revelasse qualquer coisa sobre mim. Ela tinha razão na verdade. Mas era difícil falar com ela porque nesses estágios finais da gravidez ela ficava com raiva por qualquer coisa. Quando encerrou a ligação, ela jogou o telefone no chão e só depois se tocou de que o aparelho não era seu. Sentou-se no chão e pegou os pedaços dele, tentando controlar o choro.

— Sinto muito... Eu pago outro, compro um novo para você. — Ajoelhei-me no chão, de frente para Danielle, peguei os pedaços em suas mãos, remontei o telefone e cliquei no botão verde, concluindo que ele ainda funcionava. — Que ódio! Como alguém pode ser tão... Ah! — Suas mãos tremiam

— Calma, Dani, está tudo bem... — Ela ainda estava no chão e eu à sua frente. Abracei-a e ela chorou em meu peito, enquanto eu afagava seus cabelos. — Não se preocupe mais com esse canalha. Não ligue mais nem fale nada sobre a criança. Não precisa. Eu registro o seu filho com meu sobrenome.

— Como? — Danielle me olhou como se eu fosse louco e não tivesse noção do que estava dizendo. — Ficou louco de vez, homem? Ouviu o que disse?

— Perfeitamente bem. Eu disse que registro o bebê com meu sobrenome. Ao contrário desse cara, eu não vou morrer se fizer isso. Falo sério, eu registro.

— Mas você não é pai dele, Toni! — Fechei os olhos ao ouvi-la me chamar assim. — Antônio... Você não precisa fazer isso. Não é responsabilidade sua.

— Está enganada. Quando te perguntei se queria tentar, eu me referia a isso também. Referia-me a sermos uma família, eu, você e o bebê. E você disse que sim. Então, sim, isso é responsabilidade minha agora.

— Ah, meu Deus. Você é incrível! — disse espremendo-me entre seus braços

e sua barriga já bastante volumosa. Beijei-a delicadamente e toquei sua barriga, sentindo o pequeno menino chutar com força, talvez em concordância com minha decisão.

Estávamos todos na sala de estar da minha vó quando Danielle entrou em trabalho de parto. Ela estava sentada no sofá, os braços dados nos meus e vovó, para variar, sentada em sua cadeira tricotando, como se nada estivesse acontecendo. Assistíamos a um programa de música na pequena televisão de vovó. Um cobertor leve estendia-se sobre nós dois no sofá. Já era uma da madrugada segundo o relógio de ponteiros na parede, quando senti suas mãos delicadas apertando com força meu braço. Com ar de espanto, ela disse:

— Antônio, eu acho, acho que... Esse menino vai nascer e vai ser agora. — Suas unhas fincaram-se como garras em minha pele, e levantei-me para avaliar a situação. Vovó juntou-se a mim.

— Como assim vai nascer agora? Levante — pedi a ela, segurando suas mãos para ajudá-la. Com muito custo, ela se ergueu e, fascinados, eu e minha vó vimos o líquido incolor escorrer por suas pernas. — Ah...

— A bolsa rompeu — anunciou minha vó de forma esclarecedora, assumindo um ar de liderança e estratégia que nunca vira nela. Como se soubesse exatamente o que fazer, disse: — As contrações devem começar logo. Vamos, meu filho, não fique parado! Vá pegar um carro emprestado para levarmos a menina ao hospital! Venha, querida, eu te levo até a porta.

Obediente e assustado, eu corri pela rua em plena madrugada de segunda-feira. Todos os vizinhos ficaram cientes de que ela estava dando à luz, pois bati em quase todas as portas, sem resposta. Corri até a oficina e chamei por André. Ele apareceu na porta da casa, carrancudo por eu tê-lo acordado:

— Perdeu o juízo de vez? O que pensa que está fazendo batendo em minha porta de madrugada?

Expliquei a situação para ele e seus olhos se arregalaram. Gritou para dentro de casa chamando por sua mulher e repassou a notícia para ela.

— Vai, garoto, pegue meu carro! — consentiu ele, enquanto me entregava as chaves de um Opala marrom antigo, mas em bom estado.

As minhas mãos vacilavam no volante e eu suava frio de ansiedade. Percebi então como tinha me envolvido com aquela criança, mesmo ela ainda estando na barriga da mãe. E tanto quanto estava envolvido com ele, estava com Danielle. Dirigi feito louco e quase bati no portão da garagem de vovó, quando estacionei de qualquer jeito. Abri a porta da sala gritando:

— Estou aqui, vamos! — Quando entrei na sala, porém, lá estava Danielle, com a cabeça apoiada no encosto de braço do sofá, seu rosto banhado de suor e as mãos ainda agarrando o cobertor que cobria o assento do sofá. Vovó estava ao

seu lado, segurando o bebezinho nos braços. Deixei a chave do carro cair no chão e andei até as duas, perplexo. — Mas como...?

— Quem acha que fez seu parto, garoto? — indagou minha vó com uma de suas grossas e brancas sobrancelhas erguidas de forma divertida. Comecei a rir e ela me mostrou o pequeno indivíduo em seus braços, afastando do rostinho a manta na qual estava envolvido. Com cuidado, peguei o garoto no colo e me ajoelhei ao lado de Danielle.

— Ele parece com você — sussurrei no ouvido de Danielle, que pareceu aliviada ao ouvir isso. Beijei sua testa molhada e afaguei seus cabelos, enquanto ela acariciava o rosto do menino, que agora grunhia nos braços da mãe, satisfeito com o calor materno.



Fomos registrá-lo uma semana depois. O bebê ficou com minha vó em nossa casa. Entramos no cartório e, depois de esperar por uma hora na fila infundável, Danielle pegou a certidão de nascimento e assinou seu nome na linha “mãe”. Então me entregou a caneta para que escrevesse o meu na linha “pai”. Por um instante, hesitei, mas, ignorando qualquer dúvida ou temor, escrevi o meu ali. Acho que ela percebeu meu receio momentâneo, porque soltou um suspiro de insatisfação. O nome do menino foi registrado como: Gabriel da Silva Guerra. Eu sorri e tentei fazê-la tirar a expressão fechada de seu rosto.

— Nosso menino — sussurrei em seu ouvido.

Danielle sorriu de forma pouco convincente, parecendo magoada. Arrependi-me amargamente de não ter assinado logo de cara. Eu a amava, certo? Sim, eu amava. Talvez nem tanto quanto ela merecesse, talvez nem perto disso. Mas eu queria bem a ela e aparentemente, isso bastava. Eu estava errado. Voltamos para casa, já que agora morávamos os dois com minha avó, e fomos recebidos pelo choro esfomeado de Gabriel. Ignorando-me, ela amamentou o menino e depois foi para o quarto, pois estava cansada e queria descansar. Passou o resto do dia me evitando. Sentia-me mal e um babaca pior que o pai verdadeiro do menino. Querendo me desculpar, segui até a porta de seu quarto, mas desisti de entrar quando a ouvi chorar baixinho. Fui para meu quarto, pensativo, e, depois de muito me revirar na cama, dormi.

Acordei no dia seguinte com aquela sensação estranha que geralmente temos quando alguma coisa está prestes a acontecer. Saltei da cama e fui direto para o quarto dela determinado a resolver as coisas entre nós. Mas quando cheguei surpresa: nada de Danielle nem do bebê. Andei a casa toda procurando por ela, desesperado. Topei com minha vó na cozinha, tomando o desjejum. Perguntei

onde estavam os dois e a resposta que recebi foi tão perturbadora quanto não receber resposta alguma:

— Ela foi embora com o menino. — Quase enlouqueci quando ela disse isso de forma tão calma. — Ela deixou isso — comunicou minha vó, pegando na mesa da cozinha uma folha de caderno, que me entregou.

“Antônio,

O Gabriel está quieto, vai dormir a noite toda. Mas eu não vou, pois não paro de pensar no que estou prestes a fazer com você. Sei que foi ideia sua e, mesmo tendo concordado, eu sempre soube que não daria certo. Meu filho precisa de um pai. Precisa de alguém que o ame incondicionalmente e que o crie comigo. Não que você venha a ser um mau pai, pelo contrário, vai ser um bom pai para os filhos de sua esposa, mas não para o meu. Por mais que você diga que me ama, eu sei que, lá no fundo, você ainda está ligado à outra mulher. Não, você nunca me contou isso, mas não precisa dizer algo que está tão óbvio. Então, por mais que machuque tanto a mim quanto a você, preciso ir embora. Voltarei para a casa de minha mãe e vou ficar lá até que o Gabriel cresça. Acredite quando eu digo que te amo, nunca deixei de ser sincera sobre isso ou sobre qualquer coisa. Fique bem.

Danielle”

Arrasado, deixei aquele bilhete sobre a mesa e me vi obrigado a reconhecer a verdade naquelas palavras. Danielle estava certa sobre tudo que disse e sobre uma coisa em especial: eu ainda amava outra mulher.

Quem procura acha



Ana Carolina

Se naquele momento alguém me fizesse a pergunta que minha terapeuta vinha me fazendo durante muito tempo, “Você está feliz, Ana Carolina?”, eu com certeza responderia que sim. Diria isso sem medo, pois seria a mais pura verdade. Eu de fato estava feliz.

A conclusão à qual minha terapeuta chegou após três anos de tratamento era a de que eu tinha sofrido uma grande perda, e amor e carinho eram os meios pelos quais eu podia me recuperar. “Sério?”, é o que eu pensava em dizer, porque não era preciso ser um especialista para perceber que eu estava perturbada. Não me conformava em ter gasto uma fortuna com aquela mulher para que ela me dissesse algo que até minha vizinha de cinco anos poderia constatar. Mas ela estava certa numa coisa: amor e carinho realmente eram ferramentas efetivas para reparar danos que o tempo tinha me causado. E encontrei isso com ele, Marcos, que eu namorava desde os 19 anos. Juntos, vencemos nossas barreiras, ajudando-nos mutuamente, sendo um o remédio do outro. Ele era meu porto seguro, a âncora que me mantinha firme em alto-mar, aquele a quem eu podia recorrer porque sabia que me ajudaria.

Nosso amor crescia e florescia lindamente a cada dia que passava. Já vivíamos praticamente juntos, encontrando-nos sempre que possível. Minhas idas à sua casa já não eram tão raras assim. Ele mesmo ganhara um cantinho reservado em minha casa, pois mamãe resolveu transformar o escritório que nenhuma de nós usava num quarto para hóspedes. E Marcos passara de visita a membro da família. Ele conhecia muito bem minha mãe, mas seus pais eram completos estranhos para mim. Por mais que eu já houvesse visto os dois quando morava em Santa Heloísa, por mais que tivéssemos nos encontrado em festas, nunca tive uma conversa com eles. Pensando nisso, Marcos convidou seus pais para um jantar em sua casa numa noite de novembro. Eu já tinha 21 anos e os pais de Marcos não me viam desde que eu era uma garota. Fiquei receosa com esse jantar, não sabendo qual seria a reação dos dois quando soubessem sobre nosso namoro.

— Mas eles já sabem, Ana — explicou-me Marcos um dia antes do jantar. — Eu falo regularmente com minha mãe pelo telefone ao menos uma vez por mês.

Ela sabe que estamos juntos e, acredite, pareceu-me bastante feliz com a novidade.

— Sim, mas... Sua mãe sabe que eu sei? — perguntei a ele. Estávamos em sua cozinha, eu apoiada no balcão da pia, olhando-o com apreensão. Com certeza ele entendeu do que eu estava falando porque, meneando a cabeça, assentiu:

— Ela me perguntou se eu pretendia te contar. Isso foi dois dias depois de eu já ter te contado. Ela ficou preocupada e se lamentou, pensando que você tinha se afastado de mim. Mas eu disse a ela... — Marcos aproximou-se de mim com um sorriso terno nos lábios. — Que estava tudo bem entre nós, porque você era uma pessoa boa e aparentemente não se importava com isso.

— E realmente não me importo. E acho que sua mãe também não. Mas e seu pai? — Envolvi seu rosto com minhas mãos e ele colocou as suas por cima das minhas. — O que ele acha?

— Não sei, não tenho falado muito com ele. Mas se ele ainda não descobriu sobre nós, ele não vai ser o único a receber uma surpresa amanhã. — Sorri maquiavelicamente. — Você também vai.

Na noite seguinte esperamos por seus pais na frente de sua casa de braços dados. Marcos usava uma camisa azul e calça jeans que eu havia lhe dado de presente em seu aniversário. Coloquei um vestido cinza e sandálias vermelhas, levando em conta o tempo agradável e o calor que fazia. A senhora Fonseca desceu do carro carregando sacolas e mais sacolas de presentes para seu filho e para mim também. Seu marido, no entanto, em vez de correr até nós para nos abraçar como a mulher fez, ficou parado, olhando ora para mim, ora para Marcos. Ele realmente não sabia sobre nós. Depois de um breve momento olhando para mim, pareceu me reconhecer e acenou a cabeça afirmativamente, em sinal de aprovação.

— Veja quem está aqui, Ana dos Santos! Há quanto tempo não a vemos, querida! — falou, enquanto ia me cumprimentar. — E está ao lado de meu filho. Viu isso, mulher? Uma cena que nunca pensei que presenciaria, ao menos não em vida. — O pai de Marcos riu e afagou as costas do filho. Marcos olhou para mim sorrindo. Seu pai tinha razão; eu mesma nunca pensei que estaria ali, ao lado de Marcos, encontrando seus pais na condição de sua namorada.

O jantar transcorreu tranquilamente. Uma hora depois, minha mãe tocou a campainha e fui atendê-la. Trazia nas mãos um buquê de flores para Luísa, a mãe dele. Sorria amavelmente e fez comentários bem-humorados sobre o fato de ter se perdido duas vezes até chegar. Ela parecia de bem com a vida, e isso não era algo comum vindo dela. Foi recebida na minúscula sala de jantar (que parecia cada vez menor conforme as pessoas entravam nela) com abraços e exclamações, e ela mesma parecia exultante por reencontrar velhos conhecidos.

Sentei-me ao lado de Marcos e deliciamo-nos com os pratos que eu havia preparado mais cedo com a ajuda dele. A sobremesa, mousse de chocolate, foi servida logo depois, e começamos a conversar e relembrar fatos passados. Em dado momento, Marcos levantou-se e pediu para que todos prestassem atenção. Ele saiu da mesa e, de pé, virou de frente para mim.

— Muito bem — disse, respirando fundo, tentando conter o nervosismo evidente. — O motivo pelo qual chamei todos aqui nessa noite, minha família e a da Ana, é que eu queria dizer que eu amo essa mulher. Eu a amo desde que nossos olhares se cruzaram no primeiro dia no curso há vários anos. Eu a amo de forma que não me vejo num futuro sem ela. E, por isso, eu gostaria de saber, Ana...

Enquanto ele falava, pegou algo de seu bolso.

— Ah, meu Deus... — Levei as mãos à boca. Ele abriu a caixinha e ajoelhou-se diante de mim.

— Ana, você aceita se casar comigo?

Nossos pais suspiraram ao mesmo tempo, encantados com a cena. Eu não conseguia responder, por mais que as palavras estivessem na ponta da minha língua. Então apenas estendi a mão a ele que, sorrindo, colocou a aliança em meu dedo anelar da mão direita, substituindo o anel que eu usava antes. Ao ver o anel de noivado no lugar do anel de namoro, abracei-o e sussurrei em seu ouvido, enquanto acariciava seus cabelos:

— Eu aceito. Aceitaria mil vezes se fosse possível!



O ano virou e completei 22 anos. Além de nosso noivado, outro fato importante era que eu estava cursando a faculdade de Assistência Social que tanto desejava. Quando passei na faculdade, aos 19 anos, todos comemoramos, principalmente Marcos, que há dois anos já cursava Arquitetura na mesma faculdade para a qual entrei. Contudo minha mãe foi a única que não exultou como os outros. Não que não estivesse feliz por mim; ela estava, mas nunca quis que eu fizesse esse curso. Sempre apontava os pontos negativos da profissão, tentando me convencer a encontrar algo melhor. E com isso quero dizer algo com maior remuneração.

— Sabe quanto um assistente social ganha? Uma miséria, menina. Eles arriscam a própria vida para salvar a dos outros e isso é muito lindo, admito. Mas a troco de quê? Como se sustentam? Eu não vou durar para sempre e Marcos não é milionário. Precisa de uma base financeira sólida, sabe disso — argumentou ela durante uma acalorada discussão entre nós.

— Mãe, eu sei muito bem quais são as implicações e dificuldades dessa

profissão, mas é o que eu amo, é o que quero e é o que eu vou fazer! Sei que você é minha mãe e que se preocupa comigo, mas... — Minha voz embargou. — Será que é tão difícil entender? Eu perdi as duas pessoas... Mais importantes para mim. E eu não pude fazer nada. Isso pesa em mim, mãe. Eu quero ajudar como ninguém nunca ajudou o...

— O Marcos? Ou o Antônio?

— Os dois — admiti, fechando os olhos diante do peso dessa verdade. — Quero defender aqueles que não podem fazer isso por si mesmos, e proteger como ninguém nunca protegeu os dois. E quero seu apoio para isso. Papai sempre me dizia que me apoiaria qualquer que fosse minha escolha...

Diante dessas palavras, mamãe acabou concordando, apesar de sua relutância. Lembrá-la de papai e citar coisas que ele falou eram um sacrilégio perante ela. E sempre era eficiente quando se queria alguma coisa dela. Marcos, no entanto, sempre apoiou minha decisão. Agora ele já havia terminado sua faculdade de Arquitetura, e conseguiu um bom emprego numa construtora. Estava na equipe de elaboração de um projeto para a construção de um novo prédio numa cidade próxima. Tendo terminado sua faculdade, ele resolveu fazer um breve curso de assistência social, para poder continuar comigo na faculdade. Quando perguntei a ele o motivo pelo qual estava fazendo isso, respondeu:

— Em parte para ficar perto de você, já que o projeto é em outra cidade e tenho que viajar o tempo todo. Assim poderia te ver mais vezes. Mas, além disso, bem você sabe... Não quero que ninguém passe pelo que passei ou pelo que *ele* passou.

Assim sendo, ele poderia participar de nosso trabalho de encerramento de curso, no qual visitávamos abrigos governamentais. Devíamos redigir um detalhado levantamento sobre as condições dos abrigos no Estado de São Paulo, falando sobre a infraestrutura, as atividades realizadas com as crianças e adolescentes, o apoio e acolhimento que elas recebiam, o amparo psicológico, assistência médica etc. Portanto, visitamos abrigos em São Carlos, Jundiaí, Guarulhos, São Paulo e em outras cidades. Naquele dia estávamos indo para um estabelecimento em Osasco, que ficou conhecido depois que cinco menores fugiram dali e cometeram um assassinato. Por causa disso, nosso interesse em conhecer o lugar era enorme. Eu queria descobrir o que motivara a fuga daqueles rapazes, com o que mais eles estariam envolvidos. O ônibus de viagem alugado pela faculdade e no qual viajávamos chegou a Osasco às nove horas numa manhã de segunda-feira.

Tivemos de estacionar um pouco longe e andar dois quarteirões até o abrigo. Antes, porém, paramos para um lanche numa padaria próxima. Eu ria enquanto Marcos cutucava minhas costelas sobre a fina blusa de algodão. Estávamos perto

do abrigo, conversando animadamente, levando em nossas bolsas máquinas fotográficas, cadernos e canetas para anotar todos os detalhes possíveis. Eu pretendia, além de escrever sobre o local, falar com funcionários que trabalhavam ali há mais tempo para coletar informações sobre os cinco jovens. Durante todo o tempo de caminhada, conforme nos aproximávamos do lugar, senti algo revirar-se dentro de mim, mas não era uma sensação nem boa nem ruim. Todos nos reunimos na frente do prédio, um grupo com vinte alunos, os únicos que não desistiram depois de quatro anos de curso. Nossa coordenadora, Rosane, começou com as instruções básicas:

— Bem, este é o último local que visitaremos e acho que todos já ouviram falar sobre esse lugar devido ao que aconteceu anos atrás. Mas quero deixar claro que estão expressamente proibidos de comentar sobre isso lá dentro. Estão aqui com um propósito, então se atenham a ele.

Fiquei bastante decepcionada quando ela disse isso. Falou um pouco sobre o lugar, como o ano da construção e a estrutura do prédio. Usava termos de arquitetura que pareciam outra língua para mim, mas que soavam como música aos ouvidos de Marcos. Ele assoviava distraidamente, enquanto abraçava minha cintura por trás de mim. Ele gostava de me abraçar dessa forma, podendo apoiar seu queixo em meu ombro. No entanto, eu não gostava, pois isso me provocava calafrios. Fiquei um pouco irritada, porque ele estava me provocando de propósito, sabendo o quanto aquele trabalho era importante para mim. Eram em ocasiões como essa que o velho Marcos aparecia de relance, provocando-me e sorrindo daquele jeito maquiavélico e atraente, com uma das sobrancelhas erguidas.

Quando finalmente entramos, fiquei boquiaberta por maus motivos. O local estava seriamente depredado, com as paredes descascando, as luzes fracas fornecendo uma iluminação precária, uma escada íngreme e perigosa logo na entrada, e outros elementos que mostrava o quanto aquele lugar estava mau cuidado. Entramos em silêncio, mas logo o ambiente foi preenchido pelo som de crianças. Havia quartos com beliches e salas de uso comum para os internos. Por alguns instantes ficamos observando os pequeninos. Meu coração se partia quando via crianças caladas, sentadas num canto escrevendo em silêncio, ou simplesmente olhando para a parede. Subimos todas as escadas até chegar num corredor cinzento, no fim do qual ficava a sala do diretor do abrigo. A porta demorou a ser aberta depois que Rosane bateu, e um homem ranzinza, com cara de poucos amigos, recostou-se no umbral.

— Sejam bem-vindos a nossa instituição... — Nisso ele parou de falar para tossir copiosamente, com tanta força que pensei que seu coração saltaria para fora na próxima tossida. Empertigou-se e ajeitou os pequenos óculos sobre o

nariz, voltando a falar. — Podem usar a sala à direita para fazer suas anotações, é onde ficam registros e arquivos. Se quiserem dar uma olhada nas pastas, podem olhar. Mas não deixem nada desorganizado ou perderão muito tempo arrumando de novo.

Dirigimo-nos à saleta indicada por ele. Ficava ao lado de uma porta trancada, na qual se lia “Armazém”. O diretor mandou que não a abrísssemos, pois há muito tempo o armazém não era usado e estava empoeirado e sujo. Mas posso jurar que, aproximando-me um pouco da porta, pude ouvir um choro baixo e insistente; no entanto, com medo de que me chamassem de louca, convenci-me de que foi coisa da minha imaginação. Entramos na sala de arquivos, cheia de armários de ferro com centenas de pastas amareladas dentro, com fichas de crianças e jovens de todas as idades. Sentamo-nos em cadeiras e no chão, recostando-nos onde fosse possível, para escrever sobre o que víamos até aquele momento, sobre o que pudemos observar do lugar e do diretor. “Ríspido” é o modo como me referi a ele. “E impontual”. Critiquei severamente as péssimas condições daquele lugar, e Marcos, sentado ao meu lado, pontuava algumas coisas que eu não percebera. Cutucou-me e abriu a palma da mão para me mostrar um pequeno objeto plástico.

— Achei isso perto de um muro lá fora. — Olhei para o objeto, no formato de uma tampa de caneta, sem saber o que era. — É uma cápsula de droga, Ana — esclareceu Marcos, aparentemente irritado com minha ignorância. — Por incrível que pareça isso não me surpreende nem um pouco. Acho que é o menor dos defeitos que vamos encontrar aqui.

Atordoada, levantei-me e deixei o caderno de lado, com a caneta presa à mola lateral dele. Fui até a pequena janela da sala e constatei que estava emperrada. Forcei-a para cima, quase machucando minhas mãos numa parte quebrada do vidro e, por fim, consegui abri-la. Respirei a rajada de ar fresco que veio até mim, mas comecei a tossir como louca quando uma fumaça repugnante atingiu meus pulmões. Olhei para baixo, da onde vinha o cheiro terrível, e havia dois adolescentes fumando, recostados no muro do pátio lateral, longe do alcance das câmeras. Impressionei-me com a falta de medo e respeito que eles tinham, pouco se importando com as pessoas ao seu redor e com o que fariam com eles. Um dos garotos ergueu os olhos e deparou-se comigo observando-os. Fez um gesto com a cabeça e num tom grosseiro gritou:

— Ei, loira, deve estar ruim para ver daí de cima. Desça aqui e vou te mostrar mais de perto isso aqui — disse essa frase repugnante, fazendo um gesto obsceno que me deixou chocada. Marcos chegou ao meu lado na janela e gritou com eles, mandando que fossem fazer isso com a velha enfermeira. Olhei para Marcos, espantadíssima com o absurdo que ele disse.

Ele me puxou para longe da janela e me levou para uma pilha de pastas que tinha pegado numa gaveta. Disse que estavam mais acessíveis e perguntou se eu não queria dar uma olhada. Deixei-me cair numa cadeira, ainda assustada com o comportamento imaturo e desrespeitoso daqueles boçais, e peguei uma pasta na qual se lia “2-5 anos”. Selecionei algumas fichas e fui passando-as rapidamente diante de meus olhos, sentindo o esmigalhar de meu coração com as coisas que lia. “Isabel, 3 anos, mãe usuária de drogas, pai desaparecido, criação pelos avós, ingestão de drogas por influência da mãe”, “Breno, 4 anos, mãe morta, criação paterna, ingestão de bebida alcoólica por parte da criança”, “Maria Luísa, 4 anos, mãe divorciada, padrasto molesta criança, mãe descobre e consente”, e uma série de outros casos inenarráveis que quase me fizeram chorar. Tive que parar um pouco, atordoada como estava.

Então pegando aleatoriamente uma pasta que dizia “16-18 anos”, apanhei a primeira ficha que vi. Meus olhos pousaram sobre uma foto anexada à ficha. Meu coração acelerou descompassadamente e abri a boca num ar de espanto quando reconheci as pessoas da foto, que estava rasgada e colada porcamente com fita adesiva. Era eu. Dançando com Antônio. Em minha festa de 15 anos. Eu estava sentada na cadeira, inclinando-a sobre as pernas traseiras e me desequilibrei, literalmente caindo para trás e batendo as costas no chão. O ar sumiu de meus pulmões por causa do impacto com o chão, mas, mesmo quando me sentei, ainda não respirava direito, pois o impacto que a foto causou em mim foi maior que o da queda. Todos os olhares se voltaram para mim e, com o rosto vermelho, evitei olhar para os outros. A ficha ainda estava em minhas mãos, mas eu não tinha coragem de ler.

— Ana, meu Deus! O que foi isso? Você está bem? — indagou Marcos, vindo até mim e se abaixando na minha frente.

Eu olhava para a janela e percebi que meus colegas ainda me fitavam com apreensão. Eu sentia as gotas quentes descerem pelas minhas bochechas, mas não me dei ao trabalho de enxugá-las. Chorava tanto por vergonha quanto por simplesmente não acreditar no que estava vendo. Como que para me convencer de que era real, fiquei a contornar nossas silhuetas com a ponta do dedo indicador. Quando Marcos tentou tirar a ficha e a foto de minhas mãos, por reflexo dei um soco em seu braço. Ele ficou perplexo, olhando para mim, como quem vê um animal selvagem acuado. Pressionei a foto contra o peito e me encolhi em direção a meu abdômen, tentando sumir do meio daquele monte de gente. Marcos, desistindo de pegar a folha de mim, ficou parado em minha frente, esperando que Rosane entrasse na sala, depois que alguns colegas foram chamá-la. Ela se agachou em minha frente e, com um sorriso afável, esticou a mão para mim:

— De quem é essa ficha, querida? — perguntou Rosane, gentilmente. — Deixe-me ver. — Rapidamente, ela pegou o papel sem que eu pudesse impedi-la. Leu em voz alta o nome que eu já previa que estaria escrito, mas que eu jamais conseguiria ler.

“Antônio Guerra da Paz, 17 anos. Pai: Fernando Guerra. Ingeria bebidas alcoólicas e agredia o jovem, provocando lesões diversas. Preso por tentativa de homicídio e assassinato de seu segundo filho. Mãe: Natália da Paz. Depois de ser atingida por bala de arma de fogo pelo marido, foi para clínica psicológica. Antônio Guerra morou com o tio paterno por um ano, porém, após ser agredido ali também, veio para o estabelecimento em que se encontra atualmente.”

— Isso aqui é de seis anos atrás... — afirmou Rosana, depois de concluir a leitura e devolvendo tanto a foto quanto a ficha para mim.

Eu estava encostada na parede, engolindo o choro e forçando o maxilar para conter o ranger de meus dentes. Minhas mãos inquietas mexiam compulsivamente na bainha de minha blusa. Olhei para frente e vi Marcos sentado sobre os calcanhares, tocando de leve meu ombro, tentando me acalmar. Quando ele me envolveu em seus braços, agarrei-me a sua blusa e enterrei o rosto em seu peito. Estava tão envergonhada, confusa, atordoada. Era tanta informação para digerir de uma vez só. Depois de tanto tempo... De tantos anos, eu finalmente tinha as respostas para algumas das perguntas que me fazia constantemente aos 16 anos: “O que aconteceu com Antônio?”. Isso voava em minha mente todos os dias depois que ele foi embora. E agora eu sabia ao menos alguma coisa.

Enfurecia-me saber que tudo aquilo que ele sofreu em silêncio durante anos foi reduzido a “agressões e lesões diversas”. Meu coração se desfez diante de uma informação contida na ficha: quando ele foi morar com os tios, *também* foi agredido. Meu Deus, como? E depois ainda mandá-lo para um abrigo, mesmo com tudo pelo que ele já tinha passado. Minha cabeça fervilhava com mil novas perguntas e seriam precisas centenas de fichas como aquela para responder todas elas. Eu queria saber mais, queria saber tudo. A percepção de estar num lugar em que ele estava, há seis anos, era perturbadora. E a foto, no chão ao meu lado, desnorteava-me ainda mais.

— Meu Senhor... ele não merecia isso — dizia eu em meio a lágrimas, minha voz expressando meu desgosto. — Não depois de tudo, não depois daquilo.

Marcos se soltou de mim e pegou a ficha no chão. Leu-a e ergueu os olhos arregalados para mim, com ar de descrença. Levantou-se e ficou de pé em minha frente.

— Deixe-me explicar...

— Sabia disso? — perguntou ele com uma leve pitada de raiva na voz. —

Assassinato do segundo filho — falou pausadamente. — Fernando fez isso e Antônio sabia. E se ele sabia com certeza te contou. Fale a verdade... Você sabia disso, Ana Carolina? Sabia disso? Fale!

— Sim, eu sabia, droga, sabia! Ele me contou quando tínhamos 11 anos. Quer que eu diga em voz alta o que aconteceu na tarde daquele dia, antes de ele me contar? Quer que eu diga por que ele estava caído no chão? — perguntei em tom de ironia. Ele logo entendeu do que eu estava falando e pareceu transtornado.

— Não ouse! — ameaçou. Fez uma bolinha com a ficha, amassou-a e jogou no chão com força. Fiquei absolutamente perplexa com a atitude de Marcos. Peguei a ficha no chão e desamassei-a.

— Vai fazer o que agora? Bater em mim? — perguntei ironicamente, fungando e arqueando a sobrancelha.

— Pelo amor de Deus, Ana. Eu não sei o que você quer de mim, mas... Não diga bobagem, eu jamais te bateria e você sabe disso! — Eu estava olhando para o chão, com o queixo colado no peito, evitando seus olhos furiosos. — Fale agora. Conte tudo que eu vou ouvir.

— Não dá... Não aqui... — sussurrei.

E não dava mesmo. Havia dezoito pessoas nos observando, esperando ansiosamente pelos próximos capítulos da novela da vida de uma garota problemática. Marcos suspirou frustrado e, segurando meu braço com estupidez, levantou-me do chão. Ainda com a ficha nas mãos, levou-me para fora daquela sala. Sem a menor cerimônia, entrou numa sala qualquer do outro lado do corredor. Dois garotos de no máximo treze anos estavam lá, desenhando sobre uma mesa, sentados em banquinhos baixos. Marcos disse, contendo o ódio na voz, para que saíssem imediatamente. Os dois zarparam e nos deixaram a sós. Ele me fez sentar num dos banquinhos desconfortáveis e, de pé, andando de um lado para o outro sem parar, ele releu aquela droga de ficha, pausadamente, como se quisesse me torturar, várias e várias vezes.

— Vamos lá, conte, diga agora. Pode falar o que quiser em alto e bom som, pois aqui ninguém vai nos ouvir. E, se ouvir, dane-se! Mas pelo amor de Deus, explique-me essa história direito. Como você sabia sobre isso do irmão dele?

— Naquela tarde, depois que você e seus amigos imbecis o socaram até não poder mais... — falei com rispidez, cuspiendo palavras cheias de ódio. A imagem daquele maldito dia formava-se em minha mente, e uma raiva que há muito tempo não sentia por Marcos acendia-se em mim. — Bem, Antônio caiu no chão e começou a chorar. Então me contou que, quando ele era pequeno, o irmão mais novo se afogou na piscina. Antônio quase se afogou também, mas obviamente, sobreviveu.

— Então era por isso... — começou Marcos, mas não deixei que terminasse

sua frase. Eu estava sendo impulsionada por uma fúria há anos guardada e precisava colocar tudo para fora antes que explodisse.

— Por isso que ele tinha medo de piscinas? Exatamente. E por isso que o pai dele batia no menino quando chegava em casa? Isso mesmo. Ele culpava Antônio pela morte do irmão e o coitado acreditava no pai. Achava justo apanhar, como se merecesse. E o que você fazia? Ah, sim, você esperou uma viagem de fim de ano para jogá-lo covardemente na água, no meio da noite, esperando que ele morresse. Seria um favor que você teria feito para o pai dele, pode acreditar.

— Não fale assim comigo... — rosnou ele

— Cale sua boca, desgraçado! Por que acha que pode dizer alguma coisa? Se soubesse disso naquela época, teria sido diferente, você teria batido menos nele? Eu duvido muito. Se soubesse que ele apanhava do pai, você não teria tentado afogá-lo ou não implicaria com ele toda vez que o visse? Meu Deus, você é muito mais filho daquele infeliz do Fernando do que o Antônio é. Seu hipócrita egoísta!

— Por favor, não diga isso — pediu Marcos num grave tom de voz, seus punhos cerrados colados ao corpo. Eu toquei em uma ferida que nem ele sabia que existia.

— Digo sim, não queria que eu dissesse? Isso dói tanto, você nem faz ideia de quanto — falei cansada. — Dói trazer isso de volta agora. Logo agora que eu estava feliz com você. Não achei que seria importante falar sobre coisas que já passaram. Não queria ter que te contar tudo o que aconteceu, todo o sofrimento que eu assisti calada — suspirei. — Além disso, Antônio foi... O meu primeiro. Já que é para contar tudo, então é melhor que saiba disso também.

— O quê...? Ah. — Marcos finalmente entendeu. Acho que esse não era um assunto para ser tratado no momento, mas, se estávamos falando de Toni, isso também o envolvia.

— Pois é. E ele... Ignorava a própria dor, os próprios problemas, parecia outra pessoa quando estava comigo. Ele... Ah, ele se declarou para mim pouco depois de me contar sobre seu desejo de suicídio. E depois me beijou... Meu Deus, acredite: vou me odiar pelo resto da minha vida por nunca ter falado nada porque, *talvez*, eu pudesse ter ajudado. *Talvez* pudesse ter evitado mais sofrimento.

— Ana, eu... — disse Marcos baixinho, mas o interrompi. Suas mãos tremiam e via as gotas de suor correndo por sua testa. Toda a raiva que o acometera antes sumira sem deixar resquícios.

— Durante anos me perguntei o que tinha acontecido com Antônio e agora eu descubro que ele esteve nessa porcaria de lugar e que agora está Deus sabe onde.

Não tenha raiva de mim por não ter te contado nada antes ou por estar chorando. Você não tem esse direito, Marcos!

— Como assim não tenho? Sou seu noivo...

— Marcos, eu... Amo você. Amo tanto que me casarei com você. Mas nesse momento a vontade que tenho é de voar em seu pescoço e torcê-lo com minhas mãos. Não pode gritar comigo como se eu te devesse explicações. Isso era entre mim e Antônio, e o que ele confiou a mim eu pretendo guardar comigo porque fiz uma promessa, assim como prometi não contar o que você me confiou.

— Ah, não, você não pode estar falando sério — retrucou Marcos, rindo histericamente de um modo assustador, como aqueles psicopatas de filmes de terror. — Quer comparar nós dois? Bem, compare então, mas lembre-se de uma coisa: ele tinha você. Antônio tinha sua companhia, tinha alguém para quem contar o que acontecia em casa. E eu? Para quem eu podia contar? O que eu podia fazer? Nada, a não ser me resignar às vontades de um sádico.

— Marcos, eu não quis...

— Não, você não quis, mas não faz ideia de como foi injusta! Sim, odeie o Marcos, reúna-se com os outros e falem sobre a pessoa horrível que ele é. Mas ninguém nunca se importou em pensar no porquê das minhas atitudes. O meu sofrimento, as coisas pelas quais passei, parecem não ter o mínimo de importância para você. O que preciso fazer para que respeite minha dor? Pedir para alguém me afogar?

— Por favor, eu...

— Na verdade, nem meus pais se preocuparam em perguntar o que estava acontecendo comigo. Por fora eu era confiante, mas, por dentro, eu estava implorando por ajuda. Eu nunca falei sobre essas coisas com ninguém, mas te contei porque, sim, resolvi confiar em você. Mas nem pense em usar isso contra mim, Ana Carolina. Você também não tem esse direito!

Ficamos alguns minutos em silêncio, um olhando para o outro. Ambos feridos, ambos magoados, ambos com raiva. Eu o atacara e ele retribuiu. Eu tinha lágrimas em meu rosto. Suas bochechas estavam vermelhas e as mãos tremiam. Até que levantei os braços em sinal de rendição, exausta. Aparentemente Marcos estava esperando por isso, pois sorriu e abriu os braços para mim. Joguei-me em seus braços e ele me apertou contra si. Afagou meus cabelos e senti o suor ainda escorrendo em seu pescoço. Beijeí seu rosto e sussurrei:

— Me perdoe. Eu disse essas coisas quando estava fora de mim. Eu não queria te magoar. Sinto muito.

— Tudo bem, meu amor, eu também sinto muito se te magoei. Ana, você não faz ideia de como é importante para mim. A possibilidade de te perder me deixa

aterrorizado. Amo tanto você... Sinto muito. — Continuamos abraçados até ouvir alguém bater na porta. Era Rosane, que estava esperando por nós.

Entreguei a ficha à Rosane, mas guardei a foto em minha bolsa, alegando ser uma prima distante. Nem precisava ter mentido na verdade, pois era óbvio que eu estava naquela imagem. Eu me sentia emocionalmente destruída, tanto pela briga com Marcos quanto pelas coisas que descobri sobre Antônio. Marcos andou comigo até o ônibus, antes de os outros irem também. Por mais que quisesse terminar com mérito meu trabalho, não estava com cabeça para passar mais um minuto sequer naquele lugar. Sentei-me numa poltrona mais ao fundo e recostei a cabeça dolorida no banco macio. Fiquei sentada olhando pela janela, vendo Marcos conversar com o motorista do ônibus, apontando para mim dentro do veículo, e ele explicando o ocorrido. Em vez de entrar no veículo, ele acenou para mim e fez o caminho de volta para o prédio, deixando-me sozinha. Aconcheguei-me tentando cochilar, e foi o que fiz por bons vinte minutos.

— Ana, acorde — disse Marcos, sacudindo-me de leve, sentado no banco ao meu lado. Todos os outros já estavam dentro também, conversando animadamente ou lendo as anotações uns dos outros.

Passou o braço direito por meus ombros e beijou minha cabeça. Havia um papelzinho azul em uma de suas mãos, e minha bolsa, que eu largara lá no abrigo, estava na outra. Sentei-me ereta no banco e esperei que ele, afagando minha nuca, dissesse:

— Pegamos os dados completos dele. Vamos procurar registros em cartório, vamos procurar tudo o que for possível e você vai encontrá-lo. — Eu encarei Marcos, surpresa. — É, eu sei, estou mesmo fazendo isso. Porque não quero mais te ver assim, como vi hoje, sofrendo e chorando. Não quero te ver assim nunca mais...

O ônibus deu a partida e arrancamos, partindo em direção a São José do Rio Preto. Ele beijou o topo de minha cabeça e descansei-a em seu ombro. Peguei o papel azul de suas mãos e li o nome escrito ali, numa linda caligrafia. Antônio Guerra da Paz. Um nome irônico em conjunto com todo o resto que era sua vida.

Antônio

Já não conseguia mais ficar na casa de minha vó. Depois que Danielle, com seu ânimo e força de vontade, fora embora, a casa pareceu grande demais para apenas duas pessoas. Sendo assim, procurei por alguma coisa menor, bem menor na verdade, que fosse possível pagar com o salário que eu recebia. Acabei por encontrar um quarto e cozinha num morro em Esperança, tecnicamente perto da casa de minha vó. Os dois pequenos cômodos, com nada além de uma cama, uma mesa de jantar com duas cadeiras, um sofá de dois lugares surrado e puído,

um fogão mal funcionando e um rádio que só sintonizava duas estações, foram arranjados para mim por um conhecido que morava ali. Era um rapaz que trabalhava na lanchonete também. Comprei a minúscula casa e continuei trabalhando na lanchonete.

Naquele mês recebi pelo correio um envelope amarelo, cujo conteúdo era uma carta e uma foto. No remetente estava escrito *Danielle* em letra cursiva, com o endereço de uma cidade vizinha. Quando recebia essas cartas regulares, eu não sabia ao certo se ficava feliz ou se sentia ódio dela. No ano anterior, ela me disse em uma dessas correspondências que havia conhecido um homem muito interessante e que eles estavam apaixonados. Isso me deixou feliz, assim como a carta em que ela disse que estavam prestes a se casar. Mas me magoava pensar que outro homem criaria o filho que nasceu pelas mãos de minha avó. Por falar nela, estava pensando em visitá-la na próxima semana, pois sua presença tranquila e agradável estava me fazendo falta.

Nessas cartas, Danielle mandava não só um resumo de como ia sua vida como também fotos. Eram em sua maioria fotos do Gabriel. Tudo bem, eu não ajudei a gerá-lo, mas acompanhei toda a gestação e, além do mais, ele tinha meu nome, por mais que ela dissesse que não, eu era mais pai daquele menino do que o pai de verdade. Ainda assim... Eu queria segurá-lo no colo e dizer “E aí, meninão!”. Sim, fiquei frustrado por ela ter sumido sem dizer adeus, mas as cartas eram um consolo, o único que eu tinha. Ela sempre pedia para que eu respondesse suas cartas com cartas minhas, mas eu nunca as enviava. Às vezes até escrevia, mas nunca eram colocadas no correio. Eu sabia que Danielle tinha feito a escolha certa, por mais que detestasse admitir. Mesmo que eu a amasse, mesmo que eu tenha tomado uma decisão e estivesse disposto a me manter firme nela, era capaz de que num belo dia percebesse que aquilo não era o que queria para minha vida.

O trabalho de garçom exigia muito mais equilíbrio de mim do que era exigido na mecânica de André. Por mais difícil que fosse, consegui levar aquelas bandejas carregadas de pratos e copos sem maiores incidentes durante vários meses. Só houve uma vez em que derrubei pratos da bandeja, quando Milene, minha vizinha, literalmente jogou-se em cima de mim. Uma jovem de 18 anos que, como era órfã e sem parentes próximos, via-se obrigada a “trabalhar” à noite para conseguir pagar o aluguel da casa. E o pior é que, em diversas ocasiões, ela se insinuava para mim como se eu pudesse ser um potencial cliente. Tentava evitá-la, mas Milene estava por todos os lados. Ah, eu adoraria se aquela moça sumisse.

A outra vizinha morava numa pequena casa ao lado, tinha uma quantidade enorme de filhos que variavam entre 2 e 12 anos. O marido morrera no ano correspondente ao nascimento do último filho num acidente de moto. A viúva

trabalhava como doméstica para conseguir alimentar as crianças. Não sei explicar, mas era como se, numa tentativa de compensar todas as besteiras que já fiz comigo e com os outros, eu realizasse todas as boas ações possíveis. Mas fazia cada uma delas com sinceridade. E essa viúva era uma das pessoas que eu ajudava secretamente. Todo mês eu deixava um pouco de dinheiro na caixa de correio dela, que era nada mais que um buraco na parede que dava direto em sua sala. Ficava contente ao ouvir os gritinhos de alegria na manhã seguinte, quando ela achava as notas de valores variados. Creio que ela nunca descobriu quem fazia isso e por quê.

Numa tarde de sexta-feira, quando finalmente consegui uma folga, fechei minha casa e peguei a condução até o bairro de minha avó para visitá-la. Toquei a campainha e a porta demorou a ser aberta. Logo imaginei que alguma coisa devia estar errada, mas então ouvi ruídos vindos lá de dentro. Eram vozes de crianças. Mas que crianças ainda havia na família? Não tive muito tempo para pensar nisso, pois logo a tranca do portão foi retirada e, por uma fresta na porta, vi um rostinho de menina me observando. Quando me reconheceu, minha prima abriu a porta e abraçou minha cintura, correspondente à altura dela. Mas eu não consegui retribuir seu gesto carinhoso, pois meus olhos estavam fixos numa mulher sentada lá dentro numa cadeira.

— Olá, crianças. Vocês estão maiores do que eu me lembrava... Oi, vó. Senti sua falta — falei, beijando seu rosto carinhosamente e espremendo seu corpo miúdo entre meus braços.

Dona Iolanda ria, enquanto meus outros primos vinham me abraçar também, todos dizendo estar saudosos de mim. Só quem continuava com a expressão séria éramos eu, meu tio e minha tia. Na verdade, meu tio parecia envergonhado – não sério. Lembrei-me de que, quando fui embora da casa deles, meu tio não estava presente. Quem sabe ele não teria tentado me convencer a ficar lá caso tivesse me visto partir? Isso não fazia diferença agora. Minha tia, no entanto, estava paralisada, como se me ver outra vez estivesse fora de seus planos. Bom, devo dizer que, apesar de parentes, eu pensava o mesmo. Não queria ter de vê-la de novo, falar com ela e muito menos morar em sua casa. Meu tio se levantou e estendeu a mão para mim, dizendo:

— Olá, menino. — Talvez menino não fosse um termo muito adequado para se referir a um homem de 23 anos, a idade que eu tinha na época. Apertei sua mão, sentindo-me um pouco culpado. Será que meu tio teria ficado chateado por eu simplesmente ir assim? — Como vai?

— Muito bem e vocês? — Não queria ter que me dirigir a ela, então fiz a pergunta no plural. Porém meu tio não respondeu; apenas torceu os lábios e soltou a mão da minha, passando-a em sua nuca num sinal de embaraço. Negou

com a cabeça depois de algum tempo e apontou com o queixo para Pâmela, ainda quieta.

Assim sendo, vi-me obrigado a falar com ela. Mas nem era preciso falar para saber que tinha alguma coisa diferente nela. A mulher franzinha não levantou da cadeira, apenas ficou lá, olhando-me de esguelha, enquanto eu parava em sua frente, de pé. Quando por fim olhou em meus olhos, notei que os seus estavam marejados. Isso eram emoções, sentimentos? Que milagre acontecera para que uma demonstração de humanidade se manifestasse naquela mulher? Ela começou a chorar, o que me deixou completamente sem reação e fez minha mágoa dissipar-se.

— Olha para você — disse. — Tornou-se um rapaz forte e bonito... — falou num fio de voz. Virei minha cabeça para meu tio e perguntei com um olhar sugestivo que raios tinha acontecido. Ele entendeu o que quis dizer e, apenas movendo os lábios sem emitir sons, sibilou “Leucemia”. Um frio repentino percorreu meu corpo e uma pontada de culpa atingiu-me. Definitivamente minha família era um para-raio de coisas ruins. Respirei fundo e falei com ela:

— Olá, Pâmela — falei cabisbaixo, sem conseguir olhar nos olhos dela. Ela ainda chorava e, em seguida, fez o que eu pedi aos céus para que não fizesse: segurou minhas mãos e começou a me implorar para que a perdoasse. Isso me deixou completamente perturbado. — Não precisa se desculpar, já passou, não importa mais, está tudo bem, fique calma.

Deixei minha tia na sala, ainda chorando e sendo consolada por seu marido e pelos filhos que foram abraçá-la. Vovó me cutucou com cuidado nas costelas e me chamou para ir até a cozinha conversar. Quando entramos, tive o cuidado de fechar a porta de madeira, para abafar o choro vindo da sala, e o que eu estava prestes a falar:

— Ela teve câncer? Meu Deus, como é possível?

— Ela não teve, querido, ela ainda tem... — disse vovó.

— Que terrível... — falei realmente abalado pela situação de minha tia. Apesar de tudo, por pior que ela tivesse sido, ainda era minha família.

— Sim, é... Mas deixando as coisas ruins de lado por um instante, adivinhe o que aconteceu?

— Alguém morreu?

— Não, seu bobo, esqueça as tragédias — disse dando um tapinha em meu braço. — Hoje de manhã, antes de os seus tios chegarem, eu estava sentada na minha cadeirinha tricotando quando o telefone tocou. Eu atendi e perguntei quem era. Uma voz feminina se apresentou como Ana Carolina.

— Ana...? — Meus olhos arregalaram-se e o ar se esvaiu de meus pulmões danificados.

— Sim. E ela perguntou se eu conhecia um Antônio Guerra e se sabia onde ele morava. Disse ser uma velha amiga sua. Parecia bastante nervosa, sabe? A voz dela falhava. Bem, eu passei seu endereço para ela, querido. É provável que a tal moça venha te procurar qualquer dia desses.

Certo... Ana Carolina ligou para minha vó, perguntou se ela me conhecia e pediu meu endereço. E ainda disse ser uma velha amiga. Isso não podia ser coincidência, seria absurdo demais. Só havia uma explicação, mas era mais absurda ainda... Meus lábios estavam tremendo e eu não conseguia dizer coisa alguma. Eu sabia exatamente quem era essa moça que estava atrás de mim. E estava longe de ser apenas uma velha amiga, e sim a minha Ana Carolina. Minha cabeça doeu e senti o peito espremer-se. Minha vó perguntou se eu estava bem e, com a garganta seca, balbuciei que sim.

Isso não fazia sentido algum. Como ela tinha me encontrado? Como, depois de tantos anos, ela descobriu algo sobre mim? Meu cérebro ia entrar em pane a qualquer momento. “Como?” é a única coisa que consegui dizer. Como ela conseguiu? Isso quer dizer que ela devia morar próximo dali, já que não morava mais no campo. E se ela foi atrás do meu nome em algum lugar? O que ela teria descoberto? Pâmela entrou na cozinha andando devagar, falando alguma coisa, mas eu não ouvia nada. Não, tudo o que se mantinha em minha mente era que Ana estava por aí, e estava procurando por mim.

Ana Carolina

— É, mãe, Antônio Guerra, o nosso vizinho, ele mesmo — contei pelo telefone, ainda no ônibus. — Sim, ele estava aqui. É, é eu sei é loucura, aham, mas achamos os dados completos dele. Vamos procurar ele, mãe, nós vamos... Eu vou achar ele, mãe, eu vou sim.

Eu ainda estava meio em transe, porque aquilo não parecia ser real.

Cheguei a minha casa e corri para os braços de minha mãe, que parecia tão surpresa quanto eu. Marcos, tentando ficar feliz por mim, mas claramente não conseguindo, pediu licença para ir para casa. Disse que queria nos deixar a sós. Quando ele saiu, mamãe se sentou no sofá comigo ao seu lado. Segurou uma de minhas mãos e disse, com preocupação:

— Querida, sei que está empolgada para encontrar Antônio, isso é legítimo. Mas, por favor... Não magoe o Marcos. Ele é tão bom para você, ele te ama tanto, minha filha. Tome cuidado com o que vai fazer.

— Ora, mãe — falei irritada. — O que está insinuando? Eu amo o Marcos, sabe disso. Vou me casar com ele. Não há perigo nenhum. Estou procurando por ele só para saber... Se ele está bem, entende? Isso está na minha mente desde meus 16 anos e quando finalmente consigo respostas... Eu preciso encontrá-lo.

— Está bem então. Só espero que esteja certa disso e se mantenha firme no que acabou de dizer. — Deixei-a na sala, pois estava cansadíssima, e fui para meu quarto dormir.

Logo no dia seguinte começamos com a procura. Não era fácil encontrar alguém em 1981. Antônio era como um fantasma vagando por aí. Um pensamento terrível me ocorreu: A ficha que encontramos era de seis anos atrás. E se nesse meio tempo, entre 1975 e o ano atual, ele tivesse... Morrido? Que garantia eu podia ter? Arrepiei-me diante desse temível pensamento e senti as mãos de Marcos segurando delicadamente meus braços. Ele estava ao meu lado, enquanto eu pesquisava, mas não dizia nada. Eu sabia que aquilo o estava desagradando, mas ele tomava o cuidado de não demonstrar.

— Vamos até um cartório — sugeriu ele. — Não é possível que ele não tenha nada registrado por aí. Ele tem quanto? Vinte e três anos agora? Deve ter casa ou algo assim... — disse. Eu estava na cadeira de escritório do quarto de hóspedes e ele sentado na cama. Girou-me de frente para ele. — Ana, já parou para pensar que ele pode estar casado? Ter uma família e coisas assim?

É claro que eu não pensei nisso, preocupada que estava em descobrir onde ele estava. Mas como pude ser tão burra? É claro que ele já devia estar casado. Ele era lindo, pelos céus, e, se eu segui em frente, por que ele não teria seguido também?

— Tudo bem se ele estiver. Afinal de contas, em alguns meses eu também vou estar — falei secamente. — Não sei com o que você e minha mãe se preocupam tanto. Eu só quero conversar com ele, saber como foram esses anos e perguntar simplesmente se ele está bem. É tão difícil acreditar em mim?

— Quer saber? É sim. Nós conhecemos você, Ana. Não é a pessoa mais racional que conheço. Não, não estou te ofendendo, mas é só que você tem uma tendência a agir impulsionada por emoções. Mas eu confio em você. E se diz que é só isso, então pronto.

Não importava a opinião de minha mãe ou de Marcos. Eu tinha que achá-lo e saber que as coisas entre nós não tinham mudado. Mesmo que não fosse mais o amor de antes, que fosse apenas amizade. Contudo Marcos tinha razão, por mais que eu odiasse admitir: sempre fui emocional e geralmente deixava meus sentimentos tomarem conta e darem os próximos passos por mim. Dessa vez ia ser diferente. Precisava ser.



Numa tarde de sábado pegamos o carro de Marcos e fomos para o cartório mais próximo de casa. Mamãe, deixando de lado suas preocupações sem fundamento,

começou a se empolgar comigo, já que, naqueles anos em Santa Heloísa, ela e Natália haviam desenvolvido uma grande amizade. Durante todo o trajeto, Marcos permanecia em silêncio, apenas dirigindo e olhando em frente, evitando falar comigo. Chegamos ao cartório e quase não conseguimos entrar, já que estava acontecendo um casamento civil justo naquele horário. Ao ver a cena, Marcos deixou de lado toda a frustração que porventura estivesse sentindo e se virou para me beijar. Fiquei feliz com sua atitude e abracei-o na porta do cartório. Em meu ouvido ele sussurrou:

— Ainda vamos ser nós dois ali um dia, não é?

— Claro que sim! — falei, beijando-o.

Entramos, afinal, e fomos até um daqueles guichês de atendimento. Antes, porém, tivemos que esperar por duas horas até que nossa senha fosse chamada. A moça que nos atendeu era baixinha, de cabelos bem pretos e olhos amendoados. Sorria afavelmente e parecia bem disposta e de bem com a vida. Não sei se eu trabalharia assim, com essa disposição, se fosse obrigada a ficar num guichê durante um dia inteiro. Apresentei-me à moça como assistente social, já que me formaria em duas semanas, e mostrei uma expedição de busca que o abrigo de Osasco me forneceu uma semana antes.

— Poderia procurar para mim por registros de Antônio Guerra? Qualquer coisa serve, mas de preferência os mais recentes, se houver alguma coisa, claro...

— Ela anotou o nome e se retirou para uma sala próxima, onde deveriam estar os arquivos. Depois de um bom tempo, ela reapareceu, com alguns papéis na mão. Meu coração acelerou descompassado quando ela esparramou os papéis sobre o pequeno balcão, todos eles com o nome “Antônio Guerra” bem legível na parte de cima.

— Veja só, tem um mais recente aqui — comentou ela, pegando os documentos e lendo-os calmamente. — Ao que parece ele trabalhava não muito longe daqui... Tem esse aqui. É de três anos atrás. — Meu Deus, ele esteve por perto há três anos e eu nem sabia disso... — É uma certidão de nascimento.

— O quê?! — perguntei incrédula. Meu Deus, como fiquei furiosa comigo mesma. Marcos estava completamente certo e eu tinha sido uma tola. Eu deveria ter imaginado encontrar coisas assim. — Dê-me isso. — Peguei o papel de sua mão li em voz alta os dois nomes ali escritos. — Mãe: Danielle da Silva Morales. E pai: Antônio Guerra da Paz... — Não havia como negar. Eu reconheceria sua caligrafia perfeita em qualquer lugar.

— E cadê a certidão de casamento? — questionou Marcos, falando pela primeira vez com a atendente. Ela olhou para nós, confusa, e disse que não tinha nenhum registro de casamento. Isso só piorou a situação. Senti um leve enjoo e segurei o braço de Marcos com força para me firmar. Meu sangue fervia numa

mistura de sentimentos.

— Tem mais alguma coisa recente?

— A carteira de trabalho dele foi registrada cinco anos atrás. O local de trabalho é numa cidade vizinha, mas o registro foi feito aqui. É capaz de não haver cartórios por lá... Tem um endereço e um telefone aí.

Peguei-a de suas mãos e fitei a assinatura dele. Atentei-me para o endereço residencial escrito ali: “Rua Armando Santana, 157, Esperança/SP”. Esperança... Essa cidade não ficava nem a uma hora de carro. Mas de quem era aquele endereço? E a quem pertencia o número 2758-4318? Será que ele morava ali com a mãe do bebê? Anotei tanto o telefone quanto o endereço. Ao que parecia isso era tudo. Qualquer outra informação, seja sobre os donos da casa naquele endereço, ou sobre o possível casamento dele com essa tal de Danielle, devia estar em Esperança. Levantei-me para sair, mas a moça segurou meu braço:

— Espere. Não quer levar essa foto três por quatro? — Virei-me no ato em sua direção e peguei a foto de suas mãos. Meus olhos se encheram de lágrimas, porque, mesmo depois de muitos anos, ele continuava sendo exatamente como eu me lembrava. Seu rosto tinha algumas mudanças, mas ali estava a cicatriz em sua bochecha, ali estavam os olhos escuros como carvão, ali estavam os cabelos castanhos, ali estava ele. Refiz os contornos de seu rosto com a ponta dos dedos, emocionada. Ainda era ele.

— Obrigado, moça. Vamos, Ana — disse Marcos, segurando-me pelo braço e me tirando do cartório. Ele parecia furioso com minha reação à foto. Estava cansada desse modo infantil com que ele agia.

— O que você quer de mim? O que quer que eu faça? — perguntei exasperada. Tinha sido ideia de Marcos fazer a busca por Antônio, e agora ele ficava enciumado e emburrado.

— O que você quer fazer? — questionou-me. Sentei-me no meio-fio, cansada dessa briga ridícula. Ele ficou alguns minutos de pé na minha frente, sem dizer nada, depois suspirou e sentou do meu lado, passando o braço por meus ombros. — Como vai ser agora, Ana?

— Não faço ideia. — Dei de ombros.

Mas é claro que eu fazia. Queria pegar o carro de Marcos e ir naquele mesmo momento até Esperança. Mas eu estava morrendo de medo. Tinha medo de Antônio não atender a porta, ou atender e não ficar feliz por me ver. Tinha medo de ele me mandar embora. E, pior ainda, tinha medo de que uma Danielle atendesse a porta com uma criancinha chamada Gabriel do lado dela. Tinha medo de atrapalhar a vida dele, tanto quanto essa situação estava atrapalhando a minha. Marcos me levou para casa e me sentei no sofá, ainda com a foto em minhas mãos, alisando-a entre meus dedos.

— O que acha? — indaguei. Ele apenas acenou afirmativamente com a cabeça. — Está bem, então... — Peguei o telefone do gancho e, reunindo toda a coragem que tinha em mim, disquei os oito números do telefone anotado. Foi a ligação mais difícil que já fiz em toda minha vida. Depois de um bom tempo chamando, finalmente atenderam-me ao telefone.

— Pois não? — perguntou a voz de uma velhinha. Graças a Deus não era a Danielle, muito menos Antônio. Respirei fundo e cumprimentei-a. — Quem é?

— Hum, olá, bom dia, senhora. Eu, eu sou Ana Carolina e a senhora não deve me conhecer, mas eu... — droga eu tremia tanto que nem conseguia terminar uma frase. — Bem, eu sou uma velha amiga de Antônio Guerra e gostaria de saber se a senhora o conhece e se pode me dar informações sobre ele... — Terminei de falar. Intrigada, a senhora disse que era avó dele, o que me deixou extremamente aliviada. Obviamente ela o conhecia.

— Ele já não mora mais aqui. Sou Iolanda, avó dele. Meu neto comprou uma casa perto de onde trabalha, a uns 20 minutos daqui. Quer o endereço?

— Ah, sim, claro, agradeço. — Pausadamente ela passou-me o endereço.

— Rua dezoito, 46B, fica numa comunidade, querida, no Morro do Jaçaí.

— Ele tem telefone? Não? Está bem. Obrigada, senhora, muitíssimo obrigada.

Desliguei o telefone com as mãos ainda trêmulas. Custei a encaixá-lo na base e olhei para Marcos, que esperava ansiosamente sentado no sofá.

— Temos o endereço. Basta ir até lá — falei.



Estava exausta. Meu relógio de pulso marcava três e meia da tarde e ainda não encontráramos nada. Percorremos o bairro de cima a baixo, andando por todas as suas ruas e vielas, procurando em todos os cantos e, ainda assim, nada. Incontáveis vezes paramos para pedir informações e, mesmo quando seguíamos pelos caminhos que nos indicavam, continuávamos sem resultados. Batemos em diversos endereços e não foram poucas as vezes em que bateram a porta na minha cara. Falávamos com moradores que indicavam vizinhos e mais vizinhos, e todos alegavam não conhecer ninguém com aquele nome na região. Frustrada, teimei em dizer que deveríamos estar no endereço errado. Peguei o caderno em minha bolsa, abri as minhas anotações e comecei a conferir os endereços. Não havia erro nem engano algum, era ali mesmo. Deveríamos estar no lugar certo.

O sol estava a pino naquele sábado de verão. Minha cabeça doía e a pressão estava caindo, deixando minha vista embaçada e provocando tonturas. Mas isso não era o pior. O que me incomodava era que nada fazia sentido. Se aquele de fato era o endereço passado por Iolanda, então por que todos afirmavam não

conhecer ninguém com aquele nome? Antônio Guerra da Paz não é o que considero um nome comum, pelo menos eu me lembraria de um vizinho com um nome assim. Como ninguém vira uma pessoa com as características que descrevemos? Era apenas uma imagem que eu tinha na minha mente. Uma pequena foto três por quatro que carregava comigo para onde quer que fosse, mas, mesmo tão pequena, foi suficiente para que eu decorasse sua fisionomia, gravando na mente cada detalhe de seu rosto. Não havia chance de que eu estivesse dizendo alguma coisa errada. Eu o descrevia assim, como o gravara no meu coração.

E agora todos diziam nunca ter visto alguém assim. Olhei para meu relógio pela milésima vez. Sentei na calçada desolada, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto entre as mãos. Tive de me esforçar para frear as lágrimas que teimavam em vir. Deram-me palavras de incentivo que de nada adiantaram. Todos sempre diziam que as coisas acabariam bem, mas jamais me deram certeza de que isso aconteceria. Aliás, eu era uma prova viva de que “felizes para sempre” não era verdade. Estávamos desde as nove horas na rua e nada. Minha barriga começou a doer de fome e senti enjoos, em parte pela fome e em outra pela decepção. Como ainda não almoçara, meu estômago protestava.

— Marcos, vamos parar para comer alguma coisa? Acho que vou morrer de fome.

— Digo o mesmo — concordou, sentando-se ao meu lado e passando o braço por meus ombros. — Deve haver alguma coisa aqui perto, deixe-me ver.

Levantou-se e interceptou um grupo de meninos de boné e tênis supercoloridos. Eles nos indicaram uma lanchonete no fim da Rua Dezenove. Passamos mais um bom tempo tentando decifrar qual seria a tal Rua Dezenove até que entendemos como os moradores ordenavam as ruas naquele morro. Sim, as ruas eram numeradas de um jeito próprio: de cima para baixo. Mas se eles tinham uma numeração própria, será que Iolanda não me passara o endereço errado? Será que não estávamos no lado contrário?

Só de pensar que poderíamos ter gasto uma manhã inteira andando à toa sem parar para comer nem respirar, minha cabeça começou a doer. Ela doía intensamente, assim como meu peito, que se apertava diante do desânimo. Marcos estava ao meu lado, com uma camiseta colada ao corpo devido ao suor e uma calça jeans batida, que ele usava para andar por aí. Ao nos aproximarmos da tal lanchonete, tive uma sensação estranha. Ele segurou meu braço para me firmar. Tive um arrepio repentino e senti-me pior do que estava me sentindo até aquele momento. Recostei-me na parede para recuperar o equilíbrio, respirando fundo.

— Ana? — chamou-me Marcos com preocupação. — Você está bem? Segure-

se em mim e respire. O que houve? Deve ser a fome. Acho melhor você entrar...

— Ah, estou bem, claro. Eu, eu já entro. Foi só uma tontura, nada demais — garanti, olhando para ele. Podia ver uma ruga de receio se formar em seu rosto e achei formidável o modo como ele se importava com as menores coisas ao meu respeito.

Ao entrarmos, fomos em direção a uma mesa mais ao canto. Ficava encostada numa parede na qual uma enorme janela ocupava-a quase por inteiro e nos proporcionava uma vista panorâmica da cidade. Dava para ver desde o morro, as ruelas abaixo de nós, até as casas maiores e mais bonitas numa região mais distante. Podíamos ver os prédios e quase era possível ver a única faculdade dali, com seus diversos prédios formando o campus e uma sala de laboratório bem no topo da construção principal. Esperança era uma cidade muito bonita, na qual eu havia estado poucas vezes. E naquele dia estava lá com um único propósito, que ainda não conseguira cumprir. Diante daquele lindo cenário, eu comecei a relaxar, mas minha cabeça ainda doía. Marcos se sentou numa cadeira e indicou a outra para mim, mas permaneci de pé, segurando-me a uma cadeira.

Fechei os olhos para afugentar aquela sensação estranha, mas meu estômago começou a embrulhar e pensei que vomitaria. Percebi que um garçom se aproximava, pois ouvi seus passos. Ele anotou nossos pedidos, ou melhor, o que Marcos pediu tanto para ele quanto para mim. Virei-me para pegar umas aspirinas na bolsa e pedi licença, dizendo que precisava ir ao banheiro. Lá dentro encarei meu reflexo no espelho e vi o quanto parecia abatida. E de fato estava: a tristeza e a decepção que me consumiam por dentro se refletiam na minha aparência externa. Olheiras faziam-se presentes embaixo de meus olhos e estava mais pálida do que era comum para mim. Joguei um pouco de água no rosto e tentei afastar esses pensamentos. Depois voltei para o salão e sentei-me de frente para Marcos.

— Ana... — disse ele, segurando minhas mãos entre as suas e brincando com o anel em meu dedo, girando-o. — Parece que você não dorme há dois anos, e não há dois dias. Não está cansada? Se quiser, podemos ir para casa e procurar de novo amanhã. Consegui uma folga de dois dias. Podemos sair logo cedo e começar...

— Não. Não, eu já estou farta disso. Não aguento mais. É impressionante como algo em que eu não pensava há seis anos de repente consegue me dar mais dor de cabeça em uma semana do que em todos esses anos. Não, Marcos. Se hoje não conseguirmos mais uma informação que seja, eu vou desistir definitivamente.

— Você quem sabe... — disse tentando ser compassivo, mas foi impossível não reparar na pequena ponta de satisfação que ele sentiu quando eu disse “vou

desistir”. De que lado ele estava, afinal? Apoiando-me ou contra mim? Estava cansada disso.

Calamo-nos e aguardamos os pratos chegarem ouvindo apenas a música que tocava baixinho pelo salão. Estávamos sentados esperando, eu olhando pela janela, respirando fundo e fechando os olhos, descansando o que não conseguira descansar em longas noites de insônia naquela semana. Mamãe devia estar certa. Afinal de contas, tudo isso estava, aos poucos, afastando-me de Marcos. Não, meu amor não diminuía, de forma alguma, mas me irritava ver essa competição ridícula que ele ainda tinha com Antônio, mesmo sem vê-lo. Levantei para ir ao banheiro novamente, porque realmente precisava usá-lo dessa vez. Mas então ouvi uma voz, grave e formal, que me fez paralisar onde estava:

— Com licença, aqui estão seus pedidos.

Aquela voz... Todos os pelos em meu braço se arrepiaram e me senti tonta. Virei-me de uma só vez, antes de perder a coragem e ficar parada onde estava. Virei-me. E foi como se o tempo parasse de repente. A bandeja que o homem segurava em suas mãos despencou e foi se espatifar no chão, esparramando pelo chão uma grande mistura de comida, vidro, porcelana e bebidas. Naqueles poucos segundos em que permaneci em estado de choque, com os olhos arregalados e vidrados como se estivesse congelada, tive a sensação de que o mundo havia interrompido seu movimento natural. A sensação era de que o espaço e o tempo se uniam sincronizados àquela cena, deixando de fora tudo que não tivesse a ver com nós dois, parados ali, de frente um para o outro. O ar ficou pesado para meus pulmões, tornando-se quase palpável às minhas mãos frias. Tudo estava inerte, em câmera lenta.

O ar que ainda me restava se esvaneceu e, por um instante, esqueci-me de respirar. Meus olhos ardiam, porém eu não conseguia piscar. Na verdade, eu nem queria, pois tinha medo que, ao fechar os olhos e abri-los novamente, ele já não estivesse mais ali. Era como se tudo ao seu redor estivesse escuro e ele fosse um pontinho luminoso, no qual eu focava como se minha vida dependesse disso. Até tentei falar alguma coisa, mas logo percebi que meus lábios se moviam sem produzir som algum. Minhas cordas vocais encolheram até sumir, assim como meu coração, que batia descompassadamente. Meus lábios formulavam um nome, um pequeno nome que estava entalado em minha garganta há tantos anos. Um pequeno nome, começando com a mesma letra que o meu. Como era mesmo? Já não sabia. Todo meu raciocínio lógico se perdeu no meio das emoções que sentia.

Parecia um sonho... Seria real? Mordi o lábio inferior para me certificar de que não estava sonhando ou alucinando, as duas sendo opções muito prováveis. A dor logo comprovou o que eu já sabia: era verdade. Ele estava ali, parado,

olhando-me como um pobre homem que vê miragens num deserto. Soltei um grunhido, tanto de espanto, quanto alegria, satisfação, em um emaranhado ininteligível de sentimentos guardados em meu peito; um suspiro de mágoas e dor dos quais há muito esperava para me livrar. Meus olhos encheram-se de lágrimas e suspirei outra vez, aliviada. Era ele mesmo, era real, depois de tantos anos, lá estava Antônio, boquiaberto e tão descrente quanto eu, parado diante de mim...

— Carol... — falou, com a voz fraca, como se o nome houvesse escapado involuntariamente de sua boca. — Carol? Ana Carolina dos Santos? — Meu Deus... Ouvir meu nome pronunciado por seus lábios fez-me sentir calafrios por todo corpo.

Quis chorar, quis me desfazer, mas estava me contendo ao máximo, tentando manter a compostura. Mas toda minha ideia de bom comportamento e autocontrole, assim como minha noção de certo e errado, foram todos por água abaixo quando ele esticou a mão com todo o cuidado e a aproximou de mim, bem devagar. Minhas pernas fraquejaram. Conforme sua mão se aproximava de mim, meu coração ia pulsando cada vez mais depressa, ao mesmo tempo em que ia diminuindo cada vez mais, como se fosse sumir. Tive a impressão de que, se abrisse a boca, meu pobre coração saltaria por ela. O homem à minha frente tocou delicadamente meu braço, como se eu fosse feita de açúcar. Ao seu toque, estremei, entrando num delicioso estado hipnótico, transportando-me para outra época, como se viajasse no tempo.

Voei para longe dali, para algum lugar em minhas lembranças, em outra cidade, em meio a árvores num vasto quintal. Voltei àqueles dias no campo, na companhia de um garoto moreno, cujo nome não conseguia dizer sem sentir a dor me consumindo. Voltei às longas tardes debaixo da árvore no morro, lendo livros de aventuras, conversando sobre o futuro, ou dentro de casa namorando... Sua mão deslizou para cima em meu braço e voltei à realidade. E ele ainda estava ali, com um sorriso cheio de ternura e lágrimas escorrendo lentamente pelo seu rosto. Ele roçava devagar seus dedos pelo meu braço, fazendo-me arrepiar e chorar sem conseguir mais manter o controle.

— Ana Carolina... — Antônio subiu os dedos para minha bochecha, contornando-a carinhosamente, enquanto eu chorava silenciosamente, sem emitir som nenhum, e um turbilhão de sentimentos passava por dentro de mim, devastando tudo em seu caminho. Então ele me abraçou. Demorei alguns segundos para reagir e retribuir seu abraço e, quando o fiz, agarrei-me a ele como se fosse escapar por minhas mãos. E tive a mais absoluta certeza de que eu jamais deixaria que ele fosse tirado de mim de novo. — Deus do céu!

E finalmente consegui dizer:

— Antônio... — murmurei trêmula, incrédula de que tudo aquilo realmente estivesse acontecendo: — Antônio, eu nem... — disse saboreando cada sílaba de seu nome. — Antônio, é você mesmo? — Soltei-me de seu abraço e segurei seu rosto entre minhas mãos, olhando fundo em seus olhos castanhos. Naqueles olhos encontrei a confirmação de que tudo era verdade, de que era a pessoa que mais amei em minha vida e que ainda amava. — É você! Ah, sim, é você!

Abracei-o com toda a minha força ou pelo menos com toda a força que ainda me restava.

Ele me afastou um pouco. Com a mão direita, segurou minha cintura e com a esquerda ia secando minhas lágrimas. Lágrimas essas que corriam deliberadamente pelo meu rosto, enquanto eu ria histericamente, sem saber ao certo o que fazer. Então ele foi chegando seu rosto mais perto do meu e meu coração se desfez. Não sentia mais minhas batidas, antes tão intensas e desritmadas. Agora estava tudo silencioso. Alguma coisa martelava na minha cabeça. “Pare, está errado, não é certo...”, palavras vagas e que não faziam sentido naquele momento. Seus olhos percorriam as linhas do meu rosto até encontrar meus lábios e, ao encontrá-los, ele dirigiu os seus em direção aos meus. Quando eles se tocaram, senti um misto de tudo o que era mais maravilhoso: começou manso, terno, como um sonho, algo surreal. Então se tornou um beijo apaixonado, repleto de desejo e saudade recíprocos.

Finalmente eu tinha encontrado o que havia sido arrancado de mim: a sensação de estar completa, de ter tudo de que precisava. Agora não me faltava mais nada. O pedaço perdido do meu coração voltara e encaixara-se em seu devido lugar, de onde nunca devia ter saído. A sensação insubstituível de se estar com alguém que te ama com a mesma devoção que você dedica a ela. A minha idealização do verbo amar se concretizava naquele homem. A forma do amor para mim era a forma de seu rosto. Ele estava ao meu lado, onde sempre deveria estar. Um fardo, um peso fora tirado das minhas costas, sendo substituído por uma tamanha felicidade.

Enfim eu interrompi o beijo, sentindo-me o monstro mais cruel da face da terra. Por um momento eu esquecera de que tudo estava diferente e de que as coisas tinham mudado. Esqueci até mesmo de Marcos que estava ali vendo tudo. A ideia de que ele assistira essa cena tirou de mim toda a alegria que porventura estivesse sentindo. Antônio segurou minhas mãos e quase desapareceu de tão envergonhado que ficou quando viu o anel no meu dedo anelar direito, substituindo o que um dia ele me dera. Olhou para mim, depois para Marcos, e, ao assimilar tudo, soltou-me bruscamente. Senti-me frustrada com sua atitude e, com muita vergonha, olhei para meu noivo, que tinha uma expressão impassível no rosto. Seus olhos estavam fixos como uma rocha sobre a figura de Antônio,

que, por sua vez, parecia não saber o que fazer.

Antônio olhava ora para mim, ora para Marcos; depois fitou nossas mãos direitas adornadas pelas alianças. Olhou-me com incredulidade e estava tão vermelho quanto um tomate maduro. Enrijeceu o maxilar, numa tentativa de não deixar o queixo cair, e fuzilou Marcos como se estivesse a ponto de matá-lo. Por um momento, ele virou de costas e respirou fundo. Quando virou, evitou olhar-me nos olhos. Eu agia da mesma forma. Sempre pensei que seria um momento lindo, não o mais embaraçoso de minha vida. Respirei fundo e, sentindo-me a pior pessoa da história da humanidade, fui até Marcos. Sentei-me de frente para ele outra vez.

— Há coisas que precisam ser esclarecidas — disse a ele bem baixinho, tentando segurar sua mão, mas ele esquivou-se. — Eu errei, eu sei, e depois quero que nos acertemos, mas agora tenho que resolver uma coisa que está há seis anos esperando para ser resolvida.

Marcos não falou nada; só assentiu com a cabeça.

Então me dirigi novamente a Antônio, que pegou uma chave no bolso da camisa e, segurando minha mão como fizera tantas vezes quando éramos crianças, levou-me para fora, para longe de Marcos. Entramos no que parecia ser uma casa, aberta pela chave que ele carregava. Poderia ter observado melhor o lugar, mas não conseguia despregar os olhos dele. Estava tão diferente. Nada parecido com o que descrevemos. Diante desse pensamento, comecei a rir. Na foto seus cabelos estavam longos e agora estavam mais curtos, com a franja jogada meio para o lado meio para trás. Continuavam escuros como ébano, do jeito que me lembrava.

Mas as semelhanças paravam por aí, pois agora seu rosto estava mudado, assim como o restante de seu corpo. Seu queixo estava mais quadrado e suas sobrancelhas, mais espessas. Estava absolutamente lindo. Alguns detalhes entristeceram-me: as olheiras marcadas abaixo de seus olhos e as cicatrizes que ainda se faziam presentes em seu belo rosto. O que me ajudou a reconhecê-lo foi a pequena marca rosada em sua bochecha direita, feita com cacos de vidro ou coisa semelhante. Sem pensar estendi a minha mão até seu rosto, tocando a cicatriz. Ele sorriu sem graça e segurou a minha mão, envolvendo-a com as suas. Mas me soltou quando sentiu novamente o metal frio sob seus dedos: minha aliança.

Baixou a cabeça visivelmente triste. Não, não triste, mas sim frustrado. Como quem dissesse “Você podia casar com qualquer um, qualquer um mesmo, mas de todas as pessoas do mundo você escolheu *justamente* ele.”. Aliás, seus olhos já não eram mais tão ilegíveis quanto antes. Através deles eu conseguia ver toda a amargura, todo o medo e a mágoa que ele carregava na alma. Isso me feriu, pois

eu sabia exatamente como ele se sentia. Estava pensando nisso quando ouvi sua voz, baixa e falha, dizendo algo em que não prestei atenção.

— Como? Falou comigo? — perguntei meio que acordando do meu transe, o que fez Antônio rir.

— Sim, falei. Disse que esse reencontro foi bem como imaginei que seria... — Toquei meus lábios e senti vergonha por tê-lo beijado e raiva de mim por ter gostado. — Teria sido ainda melhor se fosse algo que eu *pudesse* fazer — afirmou virando o rosto para o lado, deixando de me olhar.

— Pois é... — Eu não sabia ao certo o que dizer.

— Que bom que seguiu em frente — declarou Antônio, sorrindo. Ambos sabíamos que ele não estava sendo nem um pouco sincero. Ele riu, percebendo que eu não caía em suas falsas congratulações. — Espero que não se arrependa disso uma semana depois de oficializar tudo.

— Pode ter certeza de que não vou me arrepender — falei com uma súbita raiva na voz. — Ah, Antônio, estou tão feliz em ver você... — Minha vontade era beijá-lo como tinha feito tantas vezes antes, mas eu amava Marcos. Tudo que não queria era magoá-lo mais do que já fizera lá dentro. Droga, minha mãe estava certa no fim das contas.

— Eu também estou. Acho que só quem não ficou feliz foi seu noivo, não é? — Baixei a cabeça. — Certo, vamos nos sentar aqui. — Sentei numa cadeira de frente para Antônio, com uma mesa entre nós.

Eu não queria falar nada; queria apenas olhar para ele, admirá-lo, estudar suas novas fisionomias, para gravá-las na minha mente. Desliguei todos os meus sentidos e concentrei-me apenas em minha visão, fixando toda a atenção em uma única pessoa. Observei seus movimentos. Ele adquirira o hábito de passar a mão no cabelo com certa regularidade e de estalar os dedos. Lembrei que ele fazia a mesma coisa quando era criança, sempre que estava nervoso. Ele também estava em silêncio, sentado em sua cadeira, com os olhos presos em mim. Quando me dei conta de que ele também me observava, senti as bochechas arderem e virei o rosto. Ele riu:

— Desculpe, é que... — Ele mexeu em uma mecha do meu cabelo, esticando o braço por sobre a mesa. — Você está tão... Linda. Tão perfeita. Nem parece a menina que eu conheci. Eu pensei tanto em como você estaria, mas é ainda mais bonita do que eu poderia ter imaginado. — Em seguida, soltou meu cabelo e voltou para sua posição inicial, do outro lado da mesa, distante de mim. Isso doeu.

— Bem... — falei sem graça. — Eu não sei o que dizer, sabe. São... Tantas perguntas... — Toquei sua mão, que repousava em cima da mesa, depois a segurei com força e ele segurou a minha. — Seis anos, Toni, é tempo demais...

Eu ficava me perguntando o que tinha acontecido com você. Se estava bem ou se tinha acontecido algo. É tanta coisa...

Nesse momento eu não consegui mais segurar minhas lágrimas.

— Pode perguntar o que quiser. Prometo que vou responder tudo.

Antônio sorriu, mas percebi que seus olhos também estavam úmidos.

— Está bem. — Ajeitei-me na cadeira organizando as perguntas na minha cabeça, fungando e enxugando minhas bochechas molhadas. — Para começar: para onde você foi quando a polícia te levou embora? E por que você saiu da casa dos seus tios, como foi para o abrigo, e para sua vó e, o mais importante, como veio parar aqui? — falei tão rápido que perdi o fôlego. Antes fazer todas as perguntas de uma vez do que deixar alguma de fora.

Antônio desviou o olhar e vi que aos poucos o sorriso ia murchando em seus lábios até que se dissipou totalmente. Ele se encurvou um pouco como se relembrar aquelas coisas fosse um peso nas suas costas. Sabia que a menção de seus tios e do abrigo, e também da delegacia e a polícia devia ser difícil para ele. E com certeza ele estava se perguntando como eu sabia de tudo aquilo. Eu precisava, tinha que entender. Ele apertou os nós dos dedos e começou a tossir. Depois de recuperado de seu acesso de tosse interminável, apoiou a testa na mão direita, o cotovelo sobre a mesa e olhou para mim. Respirou fundo e disse:

— Bom, as coisas ficaram bem diferentes depois que fui embora. — Sua voz estava embargada. — Para começar eu nunca mais vi meu... — Olhou para o chão e voltou a olhar para mim. Sabia que ele não diria “pai” em hipótese alguma. — E também nunca mais vi minha mãe... — Terminou a frase num sussurro. — Aquele desgraçado a tirou de mim e sequer pude me despedir...

— Sinto muito... — Segurei sua mão entre as minhas. — E depois?

— Primeiro tive que ir para o hospital. Minha perna ardia como se enfiassem e tirassem uma faca em brasas, numa tortura. Doía demais. Fiquei internado por uns dias e conversei com uma conselheira tutelar e um policial, até que minha perna melhorasse de vez e eu pudesse andar sozinho.

— E como foi quando saiu do hospital?

— Meu tio foi me buscar. Saí do hospital direto para a casa dele, onde ia morar. No dia seguinte fui à delegacia e meu tio foi comigo. E imagine só. — Antônio riu com sarcasmo. — Que surpresa agradável: entrei na delegacia e fui ao andar de cima, prestar depoimento numa sala particular. Adivinhe quem estava lá? Sim, aquele maldito. Ele... Confessou.

— O quê? — perguntei, franzindo a sobancelha.

— O assassinato do meu irmão — esclareceu Antônio, afundando-se na cadeira. — Eu sempre suspeitei, sabe, e você mesma achava isso, mas ouvir isso da boca dele... De uma forma tão fria e cruel... Aquele maldito era louco,

obcecado por minha mãe. Disse que queria se livrar de nós dois para serem só ele e ela outra vez. Um maníaco desalmado é isso o que ele é.

— Antônio, eu sinto muito...

— Obrigado. Fui morar com meus tios e estava começando a me acostumar com a vida com eles, mas a minha tia era uma mulher terrível. Mas sabe qual a melhor parte? Ela me batia. E meu tio não fazia nada em relação a isso. Então voltei a falar com a conselheira e fui para o abrigo em Osasco.

— Sim eu sei — confessei, pois aquela era a pequena parte de sua história que eu conhecia. — Estive lá para fazer um trabalho de faculdade. Foi aí que achei sua ficha... E a foto. Aquela que te dei. — Seus olhos arregalaram-se, surpreso. — Estava colada com fita adesiva e presa por um clipe à sua pasta. Eu nem sabia que você tinha levado consigo.

— Ah, foi uma das poucas coisas que consegui manter comigo. E acredite, Carol, foi também uma das poucas formas que consegui para me manter lúcido. Passava horas olhando para você ali, comigo, mas nada comparado a vê-la pessoalmente. — Sorriu timidamente.

— Bem — continuou —, entrei lá e... A minha mãe falava sobre as más amizades e suas más influências e eu sempre ignorava. Acontece que... Ela estava certa. Então fui declinando até chegar num estado insustentável. — De repente Antônio ficou sério, olhou nos meus olhos, segurando minha mão. — Quero que você entenda que eu estava frustrado, por isso, quando eles me ofereceram pó, eu...

Pó? Minha mente confusa começou a procurar em meu dicionário cerebral o que aquela palavra significava. Não em seu sentido natural, não o ácaro acumulado em objetos antigos; não, era outra coisa. Eu realmente não queria ter entendido, queria acreditar que meus ouvidos distorceram as palavras, mas era isso mesmo. Ah, isso explicava muitas coisas: as olheiras em seu rosto, o fato de ele estar meio rouco e aquelas tossidas irritantes e ritmadas que ele dava de vez em quando. Pó, cocaína.

— Acabei aceitando. — Desviou os olhos. — Minha vida já estava uma porcaria mesmo, o que mais havia a perder? Então eu usava, muito, e continuei com isso, quase todos os dias. O diretor nem suspeitava...

— Ah, sim — falei enraivecida. — Conheci aquele sujeito. Mal-encarado e deselegante tanto quanto os outros jovens de lá. Eu não acredito que você fez isso...

Aquele menino que conheci, que não se abatia por nada e que não desistia, por mais que quisesse, não podia ser aquele que Antônio estava dizendo ser. Meu Toni não se encaixava com um adolescente revoltado que pouco se importava com a própria vida e usava drogas. Não condizia com minhas lembranças.

— Sim, imagino. Se na minha época aquilo já era ruim, imagino como deve ser hoje em dia. Bom, um dia o dinheiro acabou. Então participei de todos os roubos para conseguir mais. Eu sabia que era errado, mas não tinha escolha. E quanto mais a gente roubava, mais eu me envolvia, e sair era praticamente impossível. Só se desligava do esquema de um modo: morrendo.

Ele deu de ombros, indiferente, como se morrer fosse o menor de seus problemas. A palavra “traficante” voava na minha cabeça e fez minhas têmporas latejarem. Fiquei imaginando como Natália reagiria se soubesse disso tudo, pois, pelo visto, ele não havia mais tido contato com ela. Queria dar um murro em sua cara para fazê-lo calar a boca, mas sentia que precisava ouvir aquilo tudo. Aquietei-me em meu lugar.

— Que porcaria você fez, seu inconsequente? — gritei, tentando deixar imperceptível o embargo na voz. Estava com tanta raiva, que meu ódio faiscava por meu olhar e ele não era capaz de me encarar. — Você é louco? Qual o seu problema?

— Não é só um, são muitos problemas, acredite. Um deles é que todos os dias costumo dormir com um olho aberto e outro fechado, esperando que venham atrás de mim para acertar as contas, cortando minha garganta. — Isso me fez ficar calada; isso e seu tom ríspido ao dizer essa frase — Deram-me uma faca numa noite. Eles planejaram um assalto, mas dessa vez era diferente, eu... Eu nem sei como te contar. Mas acho que você já sabe, todos no estado sabem, então...

— O quê? Sabem o quê? — perguntei temerosa.

— Ana — disse devagar, usando meu primeiro nome como só fazia quando tinha algo importante a dizer. Segurou minhas mãos entre as suas e fitou-me como se fosse dizer a coisa mais terrível do mundo. E foi o que fez: — Eu sou um dos cinco.

— Como...?

E então entendi. Abri a boca, assustada, os olhos bem abertos, fitando-o como quem acorda suando frio após um pesadelo no meio da noite. Retirei minhas mãos das suas e levantei de um salto da pequena cadeira. É claro, meu Deus, como eu não tinha pensado nisso? Foi naqueles anos, eram rapazes daquele abrigo... Como não tinha pensado nisso?

— Ah, Meu Deus. Meu Deus...

Ele era um dos cinco, um daqueles que cometeu o latrocínio contra a advogada, o caso que deixou uma menininha órfã. Ele ajudou a matar aquela mulher. Ele tirou uma vida inocente para sustentar um vício maldito. Pelos céus... Quem era ele? Quem era aquele homem na cadeira à minha frente?

— O que você fez? Deus do céu, o que você fez?!

Eu estava tão transtornada e fora de mim que comecei a pegar objetos aleatórios e atirá-los sobre Antônio. Primeiro foi um copo, do qual ele se desviou num movimento rápido. Depois um prato, que repousava sobre uma pequena pia e espatifou-se contra a parede. Em seguida arremessei um molho de chaves que o atingiu de raspão no braço, arranhando a parte que não estava coberta pela manga da camisa.

— Como você pôde fazer uma coisa dessas?

— Carol, pare com isso — falou, levantando-se e foi em minha direção. Recuei alguns passos e segurei um abajur, que estava fora da tomada. Ele agarrou meus pulsos, enquanto que me contorcia tentando me esquivar.

— Não! Pare com isso você! — Soltei-me com um movimento brusco que o fez cambalear para trás. — Pare de ser um covarde burro e inconsequente, que age sem pensar em como pode ferir os outros!

Aproveitei seu momento de hesitação para atacá-lo com o abajur. Estava tão posses de raiva que não me dei conta do que estava fazendo: num minuto o vidro da lâmpada estilhaçava-se contra seu peito, protegido apenas por uma camisa azul de algodão. Os minúsculos pedaços de vidro me fizeram lembrar o vidro de um carro. Deixei o abajur cair no chão e respirei, curta e rapidamente, tentando me recuperar. Minhas mãos fechavam e abriam, ansiando pelo contato com alguma coisa fria, que pudesse ser arremessada. Foi aí que me dei conta, depois de alguns segundos. Olhei para ele, que tocava de leve o braço ferido de raspão, e averiguava os estragos em seu peito. Com uma dor latente nos olhos, disse para mim, num tom suplicante:

— Até você?

Fechei os olhos, sentindo uma onda percorrer-me da cabeça aos pés. Ele vacilou até encontrar a mesa atrás de si e apoiou-se nela, tirando com cuidado cada minúsculo caco de vidro preso em sua roupa. Um deles cortou seu dedo e vi o sangue escorrendo, por culpa minha.

— Até você, Carol?

— Eu... Não sei o que dizer — falei dando de ombros. — Não é você... A sensação que eu tenho é que você não é o Antônio. Não o meu, não o que eu conheci. Não o que cresceu comigo, não, com certeza não. Aquele garoto jamais tiraria uma vida. Não é você. — Pronunciei essas palavras com uma frieza e seriedade que não eram minhas. Os músculos de meus ombros relaxaram-se.

— Tem toda razão, está completamente certa, não sou o mesmo — ponderou com um sorriso torto. — Eu não sou o Antônio que você conheceu. Ele era... Uma pessoa bem melhor que eu. Eu sei que você está decepcionada porque vejo isso nos seus olhos. Mas não tem problema. Eu também estou decepcionado comigo. Acredite: não passa um dia sem que eu pense nisso, sem que eu deseje

ter morrido naquela maldita piscina quando era pequeno ou quando levei os tiros. E, por pior que seja tudo isso, eu sei que não posso voltar atrás. Não posso ser o que já fui. Nunca mais.

— Também não sou a mesma — aleguei. Seu risinho de deboche me deixou com mais raiva do que já estava e minhas mãos se moveram involuntariamente até o talher mais próximo, que era uma faca. — O que é engraçado? Acha que é o único que mudou? Acha que é o único que passou por coisas ruins?

— Não é o que eu... — odiei-o por me interromper.

— Pois eu digo com toda certeza que não foi. Você pode ter feito muita besteira, pode ter quase visto sua mãe morrer, mas não perdeu seu pai num acidente de carro. — Cravei a faca com força na mesa, de forma ameaçadora. Eu devia parecer uma assassina, com os dentes rangendo e as mãos trêmulas.

— Como? — perguntou, embasbacado. — Seu pai morreu? Ah, Carol, não sei o que dizer. Eu sinto muito, sinto demais... Eu devia ter estado do seu lado. Sinto muito por isso também.

— Não sinta. Marcos estava lá do meu lado e me ajudou a passar por isso. Por isso e muito mais. E eu o ajudei também porque, como já disse, você não é o único que passou por problemas. Por mais que possa parecer...

— Espere: acha que estou usando as coisas que me aconteceram como desculpa? Acha que fico enaltecendo meus problemas para que sinta pena de mim? Acha mesmo que eu faria isso?

— É o que parece, Antônio. Parece que quer justificar o assassinato de uma inocente com base em sua frustração e tristeza. Mas eu lhe digo uma coisa: nada justifica tirar uma vida. Ainda mais você. Você que quase perdeu a mãe. Devia saber como é.

— Não pode estar falando sério.

— Mas estou. E também falo sério sobre outra coisa: eu esperaria isso de qualquer um, menos de você. Eu te procurei como uma louca, eu vasculhei todos os lugares possíveis para chegar aqui e descobrir que você é um assassino. Marcos tinha razão no fim das contas.

— Ah, sim, esqueci-me de perguntar sobre esse pequeno detalhe — afirmou Antônio com sarcasmo, e segurei-me para não arrancar a faca da mesa e passá-la em seu pescoço. — Como foi mesmo que você ficou noiva dele? Que eu me lembre, Ana Carolina, você odiava algumas pessoas, e detestava Marcos em particular. Pode dizer como acabou noiva daquele cara? — gritou enfurecido.

— Sim, eu posso! — gritei em resposta. — Marcos mudou, Antônio. Ele não é mais aquele moleque de antes. Ele também passou por muita coisa na vida, sofreu por anos e se tornou uma pessoa diferente. Ao contrário de você, ele mudou para melhor — falei com desprezo. Apesar de Antônio estar diferente, eu

ainda o conhecia bem o suficiente para saber atingi-lo. — Ele sempre me apoiou e disse que ajudaria a te encontrar.

— Como se eu tivesse pedido que me procurasse... Você veio atrás de mim porque quis. Em momento algum eu lhe pedi isso.

— Ah, então é assim? — Sorri incrédula, sabendo que minha gargalhada devia estar soando como a de uma psicopata. Lembrei-me de outra coisa, que ainda estava atravessada: — Bem, então talvez queira me contar sobre seu filho. — Antônio me olhou como se eu tivesse acabado de apunhalá-lo pelas costas. — Gabriel da Silva Guerra. Quer falar sobre isso? Ou mencioná-lo vai deixar sua vida miserável pior que ela já é?

— Carol... Ele não é meu filho, não de verdade. Eu não o gerei. O pai do garoto não quis registrá-lo, e Danielle era uma enfermeira do abrigo na época em que fiquei lá. Se quiser saber, não era só uma amiga, era alguém com quem eu costumava... Bem, um dia a reencontrei e resolvi ajudar registrando o bebê.

— Você reclama que estou noiva de Marcos, mas parece não se importar muito com o fato de ter transado com outra pessoa. Pode me explicar qual o sentido disso? Por que exatamente te devo satisfações da minha vida pessoal, enquanto o bom samaritano pode sair por aí registrando o filho dos outros?

— Não me deve nada, muito menos satisfações. Faça o que quiser da sua vida, já está grande o suficiente para se cuidar sozinha. Não preciso mais cuidar de você. Vai, volte para a lanchonete, vá explicar para seu noivo que não há nada entre nós.

— Eu...

Eu não sabia o que dizer. Era certo que estava absolutamente furiosa, mas fiquei sem palavras quando ele disse isso. Quando ele negou que ainda houvesse algum laço entre nós. Como podia ser tão frio, insensível? Como, depois de tudo que fiz, para achá-lo, podia renegar toda a história que tivemos juntos?

— Eu vou para a lanchonete. Sim, vou ver meu noivo.

Saí de seu cubículo batendo a porta com toda a força que pude. Antes de voltar à lanchonete, porém, recostei-me na parede fina, tentando ouvir qualquer coisa lá dentro. E ao que parece, ele estava chorando. Baixo e de forma quase inaudível, mas estava. Não era problema, pois eu chorava também. Entrei na lanchonete abrindo a porta bem devagar, olhando para o chão e andando como se houvessem pesos presos a meus tornozelos. Fui até a mesa perto da janela, onde Marcos estava sentado. Senti uma pontada no peito quando ergui os olhos e vi que ele tinha tirado a aliança do dedo anelar e brincava com ela entre os indicadores. Queria voltar no passado e apagar o momento em que beijei aquele babaca, tão infeliz quanto o próprio pai.

Com o que me sobrou de dignidade, sentei na cadeira à sua frente, ainda sem

falar nada. Toquei de leve sua mão, mas ele a retraiu. Peguei num movimento rápido a aliança que ele girava entre os dedos e fiquei a encará-la. “Isso aqui”, disse a mim mesma em pensamento “É uma prova de 18 quilates de que agora você vai ter uma vida toda do lado desse homem. E *ninguém* pode romper isso, Ana Carolina, ninguém...”. Sem olhar em seus olhos, peguei sua mão direita e encaixei a aliança de volta em seu lugar. E assim ele entendeu que minha escolha não havia sido refeita. Eu era sua mulher e ponto. Mesmo que aquele meu diabinho diminuto ficasse me atazanando, dizendo que era tudo uma mentira, e que eu nem amava ele.

— Marcos, eu sei que não mereço, sei que não tenho direito nenhum de te pedir isso, mas... Por favor, me perdoe. Eu não devia ter feito o que fiz, não devia ter te traído dessa forma, em sua frente. Estou me sentindo uma porcaria, me perdoa?

— Ana, meu amor... — Marcos tocou minha bochecha levemente. Segurei sua mão, fechei os olhos e a beijei. — É claro que perdoo você. Não existe a possibilidade de um dia eu não te perdoar. Você não deve mais fazer isso, óbvio, mas... Está perdoada.

Sorri aliviada. Eu o amava demasiadamente, mas tinha um homem num quarto-sala ali do lado, alguém que vivia em meus sonhos e vagava em minhas lembranças, e que agora mais parecia saído de um pesadelo...

— Não sabe como me alegre ouvir isso.

Sáímos daquela lanchonete, descemos o morro, entramos no carro, fomos para a estrada e voltamos para São José do Rio Preto.

Não me despedi de Antônio.

Decisões



Ana Carolina

— Você fez o quê? Como pode ir falar com ele pelas minhas costas? — perguntei a Marcos, duas semanas mais tarde, quando estávamos em minha sala de estar. Estava sentada no sofá e ele de pé a minha frente, com uma expressão impassível no rosto.

— E podia ter sido de outro jeito? Você por acaso teria concordado? Ainda mais você, que é emotiva e volúvel. — Baixei a cabeça, envergonhada. Ele claramente estava usando o incidente na lanchonete para me afetar. — É o que pensei. Sim, eu me encontrei com ele, num bar aqui pela região.

— Não há mais nada para conversar com Antônio. Ele deixou bem claro que não há mais nada entre nós e...

— Por favor, Ana. Não aja como se fosse burra. Ele mentiu, é tão difícil de entender? — Olhei para ele confusa — Ana, ele está sendo caçado por traficantes que podem matá-lo e quem estiver ao seu redor. Ele foi grosso com você e agiu com indiferença apenas para afastá-la, para te manter em segurança. Se descobrirem que você é uma ex dele, matam você. Entende isso?

— Ah... — Eu me senti uma burra. Passei duas semanas remoendo meu ódio e minha mágoa e era tudo fingimento, apenas para me proteger. Sim, é claro, fazia sentido. — Então ele...

— Ainda te ama? Isso é tão claro quanto a luz do dia. Ele te ama, sempre amou e, pelo que me disse antes de ir embora, sempre vai amar. Mas isso não é problema, o que me incomoda é que você o ama da mesma forma. Sei que ama. Ou vai negar?

— Vou — falei resignada. — Vou sim. Tem uma pessoa que eu amo desse jeito, tão especial e sincero, e é você. Então, por favor, pare com esse ciúme sem fundamento e eu paro de ser tão boba assim.



Novembro. Passei a semana toda comendo como louca por mais que soubesse que devia emagrecer, e não engordar. Caber no vestido era uma das prioridades, mas não surtar antes era ainda mais importante. Passei a noite toda em claro, portanto, quando mamãe veio me acordar dizendo “Viva, hoje é o grande dia!”,

eu já estava mais do que acordada. Levantei da cama com o coração aos pulos, pois sabia que no momento em que fosse para a sala, no momento em que saísse do meu quarto, estaria inaugurando o dia mais importante da minha vida: o dia do meu casamento com Marcos.

Abri as cortinas e deixei a luz daquele dia invadir cada pedaço de mim. Respirei fundo ao abrir a janela e tentei me concentrar em todos os sentimentos bons que aquilo me proporcionava. Senti a brisa gostosa me acariciar de leve e saí do quarto azul, que em breve já não seria mais o lugar em que passaria minhas noites. Meus olhos marejaram quando pousaram sobre o lindo vestido branco pendurado pelo cabide na porta do meu guarda-roupa. Os saltos prateados e o véu estavam ao lado dele, em cima de uma mesinha que usava como escrivaninha. Mamãe me abraçou e disse em meu ouvido “estou orgulhosa de você, querida, e eu sei que seu pai também estaria”. Algumas lágrimas escorreram, pois, por mais feliz que eu estivesse, havia um vazio dentro de mim.

Como queria que meu pai estivesse comigo naquele dia, que me levasse ao altar e me entregasse a meu noivo. Mas de alguma forma ele estaria comigo, dentro do meu coração e de minha mãe, e do céu ele veria o momento em que eu me uniria ao meu homem. Desci para a sala e me sentei no sofá. Esse não seria mais meu sofá e essa não seria mais minha casa. O lugar que passaria chamar de lar seria ao lado de Marcos, para sempre.

— Oi, meu amor, bom dia — falei pelo telefone. Eu não aguentaria passar um dia inteiro sem ouvir sua voz. — Estou tão ansiosa... — Nossa, e como estava.

Minha barriga doía só de pensar. Em duas horas sairia para meu dia de noiva, com direito a banhos em hidromassagem, limpeza de pele, unhas, maquiagem, cabelo e tudo o que tinha direito. Mamãe colocou uma musiquinha suave no rádio da sala para me acalmar, mas isso só me fazia lembrar que em poucas horas haveria uma orquestra tocando aquela música para que eu entrasse.

— E você, como está?

— Tentando imaginar se é possível que hoje você esteja mais linda do que sempre está. — Não pude não sorrir ao ouvir isso. Marcos sempre me acalmava, sempre me confortava, sempre me fazia sentir bem com suas palavras. Ele me completava, e era por isso que naquela noite iria me casar com ele. Era a maior certeza do meu coração naquele momento. — Eu te amo, Ana, nós nos vemos à noite.

— Sim, nós nos vemos — despedi-me dele e fui para cozinha, cantarolando a marcha nupcial que tocaria horas mais tarde. Peguei um biscoito numa cesta enfeitada em cima da cozinha e deparei-me com um espetacular café da manhã.

Mamãe tinha feito um verdadeiro banquete para mim. Eu sabia que aquela festa estava fazendo bem a ela. Mamãe ficou tanto tempo sem sair da cama que

meu maior medo era de que morresse de desgosto. Vê-la ali toda agitada, colocando doces e pães na mesa e ligando para alguém a cada cinco minutos para falar sobre algum item da decoração, era reconfortante. Sentamos para comer e nem me incomodei com o fato de ela ter posto um prato, copo e talheres a mais na mesa, um lugar para meu pai, um lugar em memória dele.

Depois de tomar o desjejum, fui para o quarto colocar uma roupa com a qual pudesse ir ao meu dia de spa. Peguei uma blusinha azul e saia branca curta, algo bem confortável, tudo para me sentir mais calma e relaxada possível. Minha prima entrou no meu quarto dando aqueles gritinhos de animação que só ela dava e me abraçou. Ajudou-me a levar o vestido e todo o resto para a sala. Peguei meus óculos de sol e uma echarpe que também usaria para o book. Tínhamos programado uma seção de fotos no spa que entraria para o making off do álbum de casamento. Todos esses mínimos detalhes foram planejados no decorrer dos meses que se seguiram ao pedido formal, que tinha acontecido no ano anterior. Aquele jantar, com nossos pais como público, ele ajoelhado à minha frente... Ficaria sempre em minha memória.

Entrei no carro com Helen, minha prima, e minha mãe foi no banco da frente, enquanto titio dirigia e nos levava para o spa. No meio do caminho atendi várias ligações de felicitações. Meu coração acelerava cada vez que o celular tocava. Não necessariamente por causa da ansiedade, mas porque eu esperava que uma pessoa me ligasse. Eu passei o dia anterior inteiro refletindo se aquela era a escolha certa e decidi que sim, mas ainda assim eu esperava que ele me ligasse e que lutasse por mim. Decidi que o casamento seria feito direto no salão, sem ir numa igreja antes, pois assim era mais prático. O carro ia avançando e os meus pensamentos regrediam.

Eles voltavam para uma noite em que eu tinha 14 anos e deitada na grama do meu terreno eu aceitei outro pedido de casamento. Eu sempre achei que ia me casar com aquele que o fez, que viveríamos felizes para sempre e teríamos lindos filhos juntos. Sempre acreditei que seria sua rainha, mas agora era com outro homem que eu ia me casar. Eu amava Marcos, eu amava demais, mas não conseguia parar de pensar naquele que um dia pedira minha mão. O telefone tocou de novo e, quando atendi, era Marcos, dizendo que estava de saco cheio dessa chatice de passar dois dias sem me ver. Chegamos ao spa e lá o fotógrafo me esperava na porta com minha tia e minha vó. Entrei e começou meu dia de noiva. Fui direto para a banheira de ofurô com pétalas de rosa, que por mais bobo que pareça, é extremamente relaxante. Fiz meus pés, minhas mãos, e alguém escovou meu cabelo com óleo de argan.

Uma profissional fez minha maquiagem, enquanto outra pintava minhas unhas. Quase surtei, pois a tentação de roê-las era grande demais. E o telefone

permaneceu mudo durante todas essas horas, para minha decepção e alívio também. Mamãe ficava se revezando entre chorar e rir de emoção. Coloquei o vestido de noiva e a costureira veio fazer os últimos ajustes. Meu vestido era longo, com gola alta e mangas bufantes que iam até meus cotovelos. A gola era cravejada de pedrinhas brilhantes, e uma fita de cetim em minha cintura modelava o vestido ao meu corpo. A saia também era cravejada pelos brilhos, e os sapatos prateados fechados faziam-me parecer uma boneca. Meu véu de três camadas estava todo jogado para trás.

Um coque alto segurava parte dos meus cabelos, enquanto alguns cachos ficavam caídos sobre minhas costas. A maquiagem era delicada, ressaltando meus olhos e as curvas de meu rosto. Batom bem suave sobre meus lábios rosados e tudo ficou perfeito. O buquê de rosas vermelhas e brancas se encaixava em minha mão e seu perfume se unia ao que passei em mim. Virei-me para os espelhos e tive de conter as lágrimas. Eu estava feliz demais e triste demais. Como queria que papai me visse daquele jeito, como queria que Toni me visse assim... Não sabia em que pensar. A fotógrafa auxiliar disse que era normal ficar nervosa, mas que eu devia pensar em como a noite passaria depressa, então devia aproveitar ao máximo. Concordei com um sorriso e fomos para o lado de fora tirar outras fotos.

Saí do spa tomando cuidado para não estragar a saia e não pisar na enorme cauda. Estava concentrada em não deixar meu véu prender em fiapos de madeira na porta da entrada e levei um susto quando, ao erguer meus olhos, o vi em minha frente. Antônio, parado com os olhos brilhando, numa calça jeans e camiseta branca, olhando-me como quem vê um anjo. Por alguns segundos eu não estava mais num vestido de noiva e não havia mais ninguém à minha volta. Éramos apenas Carol e Toni de novo. E éramos nós ali outra vez, fazendo promessas que o tempo trataria de cumprir. Com muito pesar, forcei-me a retornar à realidade. Eu fizera uma escolha e não a revogaria agora. Fitei-o com firmeza, mas não de forma ríspida, apenas esperando que ele dissesse o que eu já sabia que ia dizer. Em baixo tom de voz perguntou, enquanto andava até mim:

— Vai mesmo fazer isso? Está certa disso, Carol? É o que quer mesmo fazer?
— Antônio segurou minhas mãos e olhou no fundo dos meus olhos. Tocou meu rosto e senti a pele formigar onde ele tocava, como sempre acontecia. — Está tão linda...

Meu estômago sumiu e o coração subiu pela garganta. Ele passou a mão em meus cabelos e apoiei a cabeça em seu peito. Respirei fundo e me afastando disse:

— Eu te amo. Toni, Deus sabe como eu amo você. Eu te amo tanto que machuca. E já estou cansada de sofrer por sua causa. Eu disse sim quando você

pediu minha mão aquela vez e você me deixou. Eu preciso de alguém que fique comigo e nunca me deixe, eu preciso de alguém que não me abandone. E Marcos... Ele me faz sentir segura, ele me faz sentir em paz.

— Mas, Carol, eu...

— Eu sei que sempre que precisar ele vai estar lá para mim e nunca me abandonará. Antônio, por mais que eu te ame, eu fiz uma escolha, e eu escolhi me casar com ele, então sim, é o que quero e o que vou fazer. — Seus olhos me mostravam toda sua dor e sei que os meus mostraram o mesmo, mas não havia mais o que dizer. Eu tinha plena consciência de que aquela seria a última vez que o veria. Antônio estava quase indo embora quando eu gritei:

— Espera! — Ele parou e se virou com a esperança estampada em seu rosto. Corri até ele e o abracei com força. Por mais que não como meu marido, precisava ao menos de sua amizade. — Não me odeie por isso, por favor. Sabe que preciso de você.

— Eu te amo, Ana Carolina. É impossível te odiar, não importa o que você faça, sabe disso. Seja lá qual for a escolha que fizer, vou sempre estar por perto, para você. Então é isso. Adeus — disse beijando minha testa e me abraçando, para depois me soltar.

Então Antônio foi embora. Ele foi embora mesmo. Fui até onde estava minha mãe e a abraçando comecei a soluçar. Que se danasse a maquiagem e os olhos inchados, nada era pior do que aquilo lá dentro, e era dor, a pior dor que eu já tinha sentido em toda minha vida. Eu estava realmente deixando o homem que eu mais amara no mundo ir embora. Sim, amara, mas agora meu coração pertencia à outra pessoa. Parece que foi ontem que eu entrei naquele carro, minutos depois de ver meu primeiro amor partindo. Fui para o bufê em que me casaria com Marcos, sentindo o peso da saudade voltando a aflorar em meu peito. Não me conformava com o que acabara de fazer, por mais que soubesse que era o certo. A verdade é que, mesmo quando abrimos mão de algo em benefício de algo maior, isso sempre é difícil. Quando chegamos, minha mãe se colocou ao meu lado na frente das grandes portas de madeira e disse em meu ouvido:

— Decida agora. Decida, Ana, se vai mesmo fazer isso com você. Porque, se você disser sim, eu estarei do seu lado, e se disser não, também estarei, por mais que não concorde. Faça o que achar melhor.

Isso acabou comigo. A marcha nupcial começou a tocar, as notas vinham até onde estávamos. Anunciavam que minha entrada estava próxima. Meu coração disparou e batia acelerado, enquanto eu respirava sufocadamente, sentindo as palmas das mãos suarem. As portas se abriram e eu caminhei pelo tapete vermelho como se ao fim dele houvesse meu caixão. Os convidados aplaudiam e

lá na frente Marcos sorria radiante, esperando por mim como sempre fizera. A decoração estava absolutamente impecável, com rosas vermelhas presas em buquês com flores em tons de champanhe e branco. Porém, não conseguia sorrir, por mais encantada que estivesse. Marcos logo percebeu. Cheguei ao altar e coloquei-me de frente para ele, que segurou minhas mãos entre as suas. O pastor fez a cerimônia e por fim falou:

— Ana Carolina dos Santos, você aceita Marcos Fonseca como seu legítimo esposo, para amá-lo e respeitá-lo, estar ao seu lado na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe?

— Aceito — falei num sussurro quase inaudível. Sim, era isso. Respirei fundo, ignorando toda a dor e confusão que havia dentro de mim. Era isso, eu agora seria esposa dele, e tudo estaria resolvido. Eu o amava, e isso era tudo. — Sim, eu aceito.

— E você, Marcos Fonseca, aceita Ana Carolina dos Santos como sua legítima esposa, para amá-la e respeitá-la, estar ao seu lado na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe? — Nesse momento Marcos sorria como se estivesse prestes a dizer a coisa mais engraçada do mundo. Mas não foi o caso:

— Não.

Uma exclamação de espanto ressoou por todo o lugar, e fiz o mesmo, olhando-o espantada. Que diabos ele queria dizer com não?

— Não posso aceitar me casar com você, não se você não quiser isso tanto quanto eu quero. Eu te amo, Ana, mas se você não está tão certa disso quanto eu estou, minha resposta é não, eu não aceito.

Marcos então beijou minha bochecha, entregou as alianças para a daminha de honra e deixou o altar, o bufê e me deixou sozinha, olhando-o incrédula.

Antônio

Estava sentado num banco da praça pública perto dos mercados, olhando para as criancinhas que brincavam por ali. O sol ia se pondo e dando lugar à lua que surgia lá em cima, um pedaço branco em meio ao céu alaranjado. Naquele lugar vasto, eu me sentia sozinho, mesmo cercado de várias pessoas, que passeavam por ali de mãos dadas, com seus filhos, ou simplesmente caminhava pensando em suas vidas felizes. Acabou tudo, acabou. Não havia mais ninguém para mim. A mulher que eu mais amei em toda vida não era mais minha e nem nunca voltaria a ser. Aquele anel de prata que uma vez lhe dei perdeu seu significado para sempre, e um de ouro o substituiria, dessa vez na mão esquerda. É o que sempre desejei fazer: colocar uma aliança na mão de Carol e ouvi-la dizer “sim” na frente de nossos amigos, já que parentes estavam em escassez para ambos.

E agora... Esse era só mais um sonho guardado na gaveta. Uma gaveta, aliás, trancada a sete chaves, atirada no fundo de um rio e esquecida para sempre. Respirei fundo, frustrado, e pensei em como teria reagido a isso anos antes. Provavelmente teria um cigarro em minhas mãos. Havia uma árvore enorme e com folhinhas bem verdes próximo de onde eu estava. O vento batia e fazia balançar os galhos levando folhas embora. Fiquei pensando se eu não deveria ir embora também; não havia mais nada de valor para mim naquela cidade. Tinha minha avó, que me acolheu e cuidou de mim. Estava na hora de ir embora.

Com o coração estraçalhado pela milésima vez, peguei um táxi até minha casa. O que mais incomodava era o taxista tentando a todo custo puxar conversa comigo. Em silêncio, encostei minha cabeça no vidro e fui vendo os prédios e as casas passarem, fui vendo tantas pessoas passarem e refleti sobre como a passagem de uma única pessoa pela minha vida podia ter sido tão devastadora. O céu já estava escurecendo e provavelmente choveria em breve. Paguei o motorista e, entrando em meu quarto-sala, deixei-me cair numa das minhas cadeiras e fiquei remoendo aquela conversa que tivemos ao nos reencontrarmos. Afastando essas lembranças, peguei rapidamente minhas coisas, coloquei numa mochila preta e peguei meu dinheiro.

Tranquei a casa e bati na porta da minha vizinha, a viúva cheia de filhos, que conforme cresciam, mais se espremiavam naquela casa. Dei a ela a chave de minha casa e disse que ela acabava de ganhar uma extensão para a própria casa. Ela ria e chorava, meio sem acreditar, mas eu jurei que era verdade. Depois disso, desci o morro pelas escadarias. Peguei outro táxi e, quando o motorista perguntou para onde eu ia, pedi que me levasse até Esperança, a cidade vizinha. Ele ligou o taxímetro, e me deixei levar até o lugar onde eu partiria. Deixaria de uma vez por todas aquela mulher no passado. A chuva enfim começou a cair e me arrependi de não ter pegado um guarda-chuva nem nada assim.

Chegamos ao endereço que indiquei às oito da noite. Toquei a campainha de forma pesarosa, deixando meus dedos repousarem sobre ela e o som ecoar continuamente, num grito angustiado. Vovó abriu a porta e olhou para mim como quem vê um cachorrinho acuado numa noite fria e chuvosa. E era exatamente assim que me sentia. Deixei as malas caírem ao meu lado, ainda na porta, e fiquei em silêncio, fitando o vazio. Vovó me abraçou cuidadosamente e me levou para dentro, outra vez. Sentei-me no sofá, olhando para a parede. Oficialmente, não havia mais nada que valesse a pena para mim. Subi para o quarto onde já dormira antes, levando comigo uns calmantes que tomaria para conseguir dormir. Abri a janela e fiquei observando a cidade. Respirei fundo, tomei o remédio e por fim adormeci.

Marcos

Então era isso. Fui até em casa e peguei minhas roupas no armário apertado, coloquei-as em malas fáceis de ser carregadas e peguei meu carro. Iria para o Rio de Janeiro passar um tempo com meus tios por parte de pai, que não via há anos. Anos foi o quanto esperei por ela. Dei a Ana Carolina alguns minutos para que ela decidisse o que queria fazer. Um segundo foi o suficiente para que ela fraquejasse em sua decisão. Um segundo foi o que bastou para que, após reencontrá-lo, Ana beijasse Antônio e deixasse que os sentimentos antigos voltassem. Ou talvez não tivessem voltado, talvez ainda estivessem ali, esperando para serem acordados.

Olhei pelo espelho retrovisor enquanto estava parado num semáforo e me atentei a uma blusa vermelha sobre o tampão do porta-malas. Estiquei-me para pegá-la e vi que era uma jaqueta de Ana, que ela esquecera em meu carro há dois dias. Aproximei a peça de roupa ao meu rosto e senti seu perfume, aquele que conhecia tão bem. Uma angústia tomou conta de mim e fechei meus olhos com força para tentar conter a tristeza que estava invadindo minha alma. Ah, eu amava aquela mulher, como amava. Ana foi minha primeira em muitos sentidos. Foi a primeira pessoa, além de meus pais, a quem contei sobre meu tio. A primeira pela qual me apaixonei tão perdidamente. A primeira que tive em meus braços... Viver sem ela parecia um tormento maior do que eu poderia suportar.

O semáforo abriu e continuei a dirigir, com a jaqueta sobre meu colo. Cheguei ao aeroporto e fui a um guichê comprar minha passagem. Depois de um bom tempo na fila, finalmente consegui comprar, e meu voo estava marcado para as nove da noite. Com a jaqueta de Ana caída sobre meus ombros, de um modo confortável, sentei-me numa fileira de bancos de espera e cochilei. Não conseguia ficar acordado, pois, se o fizesse, minha mente vagaria direto para mulher vestida de noiva que eu deixara ao lado do pastor, fitando-me com ódio e surpresa. Ela estava tão maravilhosa... Como sempre imaginei que seria. Mas, agora... Eu iria embora.

Uma mulher me cutucou 40 minutos depois dizendo que nosso avião, no qual ela também embarcaria, ia sair em 20 minutos. A voz ressoava pelos megafones, anunciando o que a jovem mulher acabara de me dizer. Esfreguei o rosto veementemente para me manter desperto e respirei fundo, sentindo outra vez aquele cheiro marcante do perfume de Ana. Coloquei a jaqueta dentro de uma de minhas malas e, com o resto das pessoas, dirigi-me ao portão de embarque. Entreguei meu bilhete e passei pelo corredor que me levaria ao avião. Quando cheguei do lado de fora, onde estava a imponente aeronave, constatei com desgosto que estava chovendo. Apenas uma garoa, mas que incomodava os

olhos e molhava minhas roupas. Deixara o terno em casa, no fundo do armário, e coloquei uma roupa simples para viajar. Não contava com a possibilidade de chover.

Formou-se uma fila indiana na frente da porta da aeronave e aos poucos as pessoas iam subindo, entregando suas malas e dirigindo-se a seus assentos. A fila era composta por sessenta pessoas e avançava lentamente, portanto demoraria em chegar a minha vez. Aquela noite em Santa Heloísa, quando a beijei pela primeira vez, na casa (ou ex-casa) de Antônio, passou em flashes por minha cabeça. Eu ansiava por beijá-la desde o dia em que a vi no curso, mas sabia que ela ainda estava desconfiada. Naquela noite, porém, percebi que as coisas haviam mudado, entre nós pelos menos, para melhor. A lua iluminava-a como se fosse um anjo...

Vinte pessoas na minha frente. Ana era uma mulher linda e inteligente, com certeza haveria novas oportunidades para ela, sem contar com a probabilidade de ela ir atrás de Antônio. Eu tinha certeza de que ela o faria. Dez pessoas na minha frente. Ana era tudo para mim, era a única família que eu tinha em São José do Rio Preto, mas agora seria a família de outra pessoa. A garoa caía com insistência. Cinco pessoas na minha frente. Ela não me rejeitara, nem mesmo quando soube sobre... Foi compreensiva e delicada, ajudando-me a vencer minhas dificuldades. Uma pessoa na minha frente e os olhos marejados. Minha vez. O homem ao lado da porta pega minha mala e pergunta de forma casual se está tudo bem. Um passo para entrar, mas paro no meio do caminho quando ouço gritos distantes, dirigidos a mim.

— Marcos! Marcos, pelo amor de Deus, me espera! Espera, espera! Não entre nesse avião ou eu juro que vou atirar esse salto na sua cabeça!

Assustado, virei-me na direção dos gritos. Ao virar, fiquei diante da seguinte cena: Ana Carolina está correndo em minha direção, ainda um pouco distante, com os saltos altos numa das mãos e o buquê de rosas na outra. A linda cauda de renda de seu vestido ia se arrastando pelo asfalto e rasgava conforme ela corria. O véu estava a um passo de cair de sua cabeça, da qual seus cabelos louros já se desprendiam totalmente do coque. Sua maquiagem estava borrada e um dos brincos estava faltando. A chuva fazia com que o vestido se colasse a seu corpo enquanto ela continuava a correr em minha direção e gritar. Ela ria e chorava ao mesmo tempo, parecendo enfurecida e alegre, enquanto chamava meu nome de forma insistente.

Nisso as pessoas atrás de mim na fila passaram na minha frente e, deixando minha mala com o homem na porta, descí as escadas de volta para o chão. Dei um, dois, três passos, e parei com meus braços abertos e os olhos molhados, tanto quanto meu corpo, pela chuva. Ana finalmente chegou até mim e, de uma

vez só, jogou no chão os sapatos e o buquê. Então se lançou sobre mim. Eu a abracei como se ela pudesse escorrer por entre meus braços e ouvi a porta do avião se fechando. A grande aeronave decolava, subindo lentamente e soltando uma rajada de vento que nos atingia. Ana me agarrava com força, segurando ora minhas costas, ora minha camisa. Em vez de me beijar, ela me afastou e socou meu peito:

— Seu... Cretino! Como teve coragem de me abandonar no altar? Qual o seu problema? — E bateu outras duas vezes em mim. Segurei seus pulsos, trazendo-a para meus braços, apertando-a contra mim. — Seu desgraçado, pensei que não daria tempo! Pensei que ia te perder...

Ela chorava enquanto se agarrava a mim.

— Marcos, eu te amo. Amo você. Nunca mais pense em fazer isso comigo. Eu disse que tinha te escolhido. Então pronto! Não vá embora, você... Não, por favor, não me deixe jamais. — Beijeí sua testa e recostei o queixo no topo de sua cabeça. — Eu te amo.

— Eu também te amo. Eu não vou embora, Ana Carolina, não vou nunca.

Afaguei seus cabelos agora já soltos do coque. Ela continuou a chorar aconchegada a mim. E ficamos nós dois ali, parados no aeroporto, logo após a decolagem do avião que me levaria embora. Ficamos colados um ao outro, sobre a chuva que caía insistentemente e nossas lágrimas se uniram, assim como nossos corações e nossos lábios. Eu a beijeí com intensidade, e foi como se aquele momento fosse durar para sempre. Nesse beijo tive a convicção de que eu jamais a deixaria. Ana era minha e eu era dela.

A vida que sempre sonhamos



Ana Carolina

Seis anos se passaram. Subo as escadas tentando não fazer barulho para não acordar ninguém. Abro uma porta e entro no pequeno cômodo, que agora se tornou biblioteca. Acendo um abajur e sento numa poltrona. Sinto-me tão pesada, como se carregasse um saco de areia preso a meu corpo. Mesmo assim, é um peso agradável e que estou feliz de carregar. Recosto-me na confortável poltrona de estofado vermelho e fecho os olhos. Suspiro sorridente. Estico o braço para pegar o álbum de capa preta e letras em dourado, em cima da mesa de madeira. Abro-o e folheio as páginas, onde estou imortalizada num vestido de noiva, beijando o homem da minha vida. As lembranças daquele dia e dos últimos seis anos ainda são vivas em minha alma e nela ficarão até que eu parta.



Nosso casamento não podia ter sido em outra época do ano. A época dos ventos arrastando-se pelo ar e das copas alaranjadas das árvores. A época em que a brisa suave passava anunciando a chegada de uma nova estação e de um novo tempo que começava para nós. Meus cabelos loiros estavam soltos por cima de meus ombros como eu sabia que ele adorava. A maquiagem leve, apenas cobrindo pequenas imperfeições, e o batom cor-de-rosa realçando meus lábios. Uma leve sombra prateada esfumava minhas pálpebras, dando um ar alegre a meu rosto. O vestido era rendado, com mangas longas, ajustando-se ao meu pulso e depois abrindo num babado, que caía graciosamente e se movia conforme eu agitava os braços. Em estilo sereia, vinha colado ao meu corpo até os joelhos, dos quais se abria numa cauda que se arrastava sobre a grama.

No dedo esquerdo estava o lindo anel de noivado que uma vez ele me dera. Meus pés calçavam sandálias prateadas, e dos lóbulos de minhas orelhas pendiam brincos compridos. Eram hastes prateadas com pedras de âmbar pendurados na ponta delas. No centro das pedras, pequenas folhas, assemelhando-se a folhas de outono – estavam como que fossilizadas. Ganhei o adorável par de brincos de minha mãe como presente de casamento. Meu olhar reluzia como diamantes e a felicidade fluía por cada pedaço de mim. Com lírios e margaridas em um ramalhete nas mãos, eu atravessei o arco de madeira repleto

de flores brancas que marcava a entrada da cerimônia, no meio do descampado. As flores pequenas e delicadas se espalhavam também por sobre o tapete vermelho estendido de um arco a outro.

Fui andando sobre o tapete, dessa vez caminhando em direção à minha total felicidade. Não havia mais dúvidas, incertezas ou receios; eu era dele e ele era meu. Passei pelas cadeiras das quais os convidados se levantavam conforme eu passava, sorrindo em aprovação. Eu também sorria, cada vez mais a cada passo que dava em direção ao belo homem que me esperava ao lado do outro arco de madeira. Ali estavam meu noivo e um pastor, ambos com expressões de contentamento. Era o mesmo pastor da outra vez e foi difícil convencê-lo a realizar a cerimônia de novo. Entreguei o buquê à mamãe, que chorava aos soluços e me abraçou com força. Com um sorriso largo, posicionei-me diante de Marcos, que parecia satisfeito com minha aparência. E o padre repetiu a pergunta do outro dia, primeiro a Marcos e dessa vez ele disse:

— Sim, eu aceito. — Antes que Marcos dissesse, todos os parentes presentes na primeira vez ficaram em silêncio, com medo de que a cena se repetisse. Mas depois que ele aceitou, para o alívio de todos e meu também, soltei uma boa risada. Em seguida, a pergunta foi dirigida a mim e respondi:

— Eu o aceito, Marcos Fonseca, como meu legítimo esposo. Só não posso dizer “até que a morte nos separe”, pois acredito que, quando duas pessoas se amam como eu te amo, nem a morte é capaz de separá-las.

Todos soltaram uma exclamação de encantamento com as palavras que eu disse, e os olhos dele brilharam para mim.

Marcos tirou de meu dedo o anel de prata e, com grande emoção, colocou em seu lugar uma aliança de ouro. Então ele olhou em meus olhos e, sob os aplausos e assovios de nossos parentes e amigos, beijou-me apaixonadamente. Naquele momento eu soube que ficar com Marcos tinha sido a melhor escolha que fiz na vida. Casamo-nos no terreno atrás da propriedade dos pais dele, em Santa Heloísa. Os dois insistiram demasiadamente para que a cerimônia fosse realizada lá e tanto eles quanto minha mãe estavam exultantes com o desfecho de nossa complicada história. Começou a festa no terreno, onde uma linda mesa estava montada com flores brancas nas bordas e com o bolo de casamento imponente se destacando ali no meio. As taças e o champanhe nos aguardavam, mas ainda havia muitos convidados a cumprimentar.

— Parabéns, minha nora querida! — disse a mãe de Marcos, abraçando-me com força, quase me erguendo do chão. Apesar de atarracada, era uma mulher forte e seu corpo bem-feito aparentava menos do que tinha. O pai dele também me cumprimentou, apertando minha mão e sorrindo com cumplicidade, desculpando-se silenciosamente pelo exagero de sua mulher, que agora

conversava com o filho.

— Felicidades, minha menina! — desejou minha mãe, enquanto me abraçava, não conseguindo se decidir entre chorar e nos parabenizar. — Sabe que seu pai estaria feliz, não sabe? Ele ficaria orgulhoso da mulher que você se tornou. — Eu a abracei e, contendo o embargo da voz, disse:

— Ele está, mamãe. Em algum lugar lá no céu ele está nos vendo aqui e está muito feliz. — Separando-se de meu abraço, ela se dirigiu a Marcos, falando algo em seu ouvido que o fez rir, mas que ele não me contou o que era. Em seguida vieram tios, primas, amigos.

Eu tentava me concentrar em agradecer a todos, mas meus olhos vagueavam pela multidão de convidados procurando por uma pessoa. Eu o convidei não sabendo ao certo se ele iria ou não. Era bom que fosse, ou o plano que tracei tão cuidadosamente iria pelos ares. Usando minha condição de assistente social, consegui entrar em contato com certa clínica e convencê-los a me dizer onde uma antiga amiga estava morando. Eles me disseram e fui até lá, sendo recebida com lágrimas e euforia. O sorriso não murchou nem um pouco quando disse com quem iria me casar, apesar de ela parecer surpresa. Bem, ela chegaria em alguns minutos e ele tinha que estar lá, tinha de chegar...

Marcos comprou-me um presente de casamento nada modesto: minha casa. Sim, a casa onde nasci e cresci, naquela cidade. Ele recomprou a casa da minha infância, pois soube que os novos donos estavam vendendo. Não pensou duas vezes antes de fechar negócio, tudo sem que eu soubesse. Não posso descrever a gratidão e o amor que senti por Marcos quando ele tirou as mãos da frente dos meus olhos e me mostrou minha casa, ainda tão igual ao que sempre fora. Lá estava meu quarto, lá estava minha sala de estar, onde tantas comemorações foram feitas. Nós nos mudamos para lá pouco depois do fim daquele ano, antes do casamento. Fomos pagando aos poucos e minha mãe resolveu ajudar com uma boa quantia, por mais que recusássemos. Assim sendo, eu quis retribuir, subindo numa cadeira e batendo com uma colherinha numa taça de champanhe para chamar a atenção de todos.

— Eu queria agradecer a todos que estão aqui hoje, de novo! — Todos riram — Vocês devem saber como foi difícil para que esse dia chegasse... Mas ele, enfim, chegou. E neste lugar maravilhoso e com essas pessoas maravilhosas, eu quero agradecer aos céus pelo meu marido, um homem bom, que se mostrou amável, cuidadoso e carinhoso, que sempre está comigo em todos os momentos. Um brinde a meu marido: Marcos! — Vivas e aplausos se ouviram.

Desci da cadeira e fui recebida por um beijo caloroso do homenageado. Ele me abraçou e sussurrou um agradecimento entremeado de beijos. Estava rindo quando senti um toque leve em meu ombro, vindo de trás de mim. Virei-me e

fiquei estática, olhando para Antônio, que sorria ternamente, ainda com a mão sobre meu ombro esquerdo. Hesitante, aproximei-me dele e o abracei, aliviada.

— Belas palavras... — elogiou ele, aparentemente sem saber o que fazer. Abraçou-me e sorriu de um modo mais triste do que feliz. Olhei por cima de seus ombros, ainda o abraçando, e finalmente achei quem queria no meio dos convidados. Lá estava ela, parada, deslocada no meio dos outros, que riam e conversavam. Fiz um sinal mínimo para que ela se aproximasse. A mulher caminhou até onde estávamos timidamente e parou.

— Toni, eu tenho um presente para você. — Ele me olhou confuso — Vire-se. — falei ansiosa. Mesmo sem entender o que quis dizer com isso, ele se virou. Quando o fez, ficou parado como uma rocha, sem nem mesmo piscar. Natália, parada diante do filho, chorava copiosamente, sorrindo para o rapaz à sua frente. Ela abriu os braços de forma acolhedora e, ainda em choque, ele deu dois passos em sua direção e deixou que ela o abraçasse.

Natália segurava-o como se nunca mais fosse se soltar do filho que havia tantos anos não via. Ainda sem se mover, Antônio derramou uma lágrima que correu solitária por seu rosto, caindo sobre o ombro da mãe. Depois mais uma, e outra e mais outra, e, no fim de alguns segundos, ele chorava como uma criança agarrado à mãe. Escondeu o rosto nos cabelos dela, que agora já estava mais baixa do que ele, e sussurrou palavras afetuosas para ela, mas não ouvi o que disse. Todos ficaram em silêncio e se voltaram para os dois, contemplando a cena. Toni fungou algumas vezes e, em meio a soluços, foi capaz de dizer:

— Mãe... Ah, meu Deus, mãe, a senhora...

E voltou a soluçar. Eu nunca o tinha visto chorar daquele jeito, como se sua vida dependesse daquele abraço. Meus olhos resistiam bravamente à vontade de chorar enquanto viam aquela cena. Muitas pessoas deixavam escapar algumas lágrimas de emoção por causa daquele reencontro tão lindo. Segundo minhas contas, já devia fazer mais ou menos nove anos que Antônio não via a mãe. Desde que saiu de casa como me disse. Ele olhou para mim por um segundo e vi toda a gratidão em seus olhos. Marcos abraçou-me por trás e pousou o queixo em meu ombro. Afastou os cabelos de meu pescoço e disse em meu ouvido:

— Você é maravilhosa, Ana Carolina. Surpreende-me mais a cada dia.

Natália segurou o filho pela mão e ambos foram para dentro da casa de meu sogro, onde poderiam conversar sobre tudo o que ocorrera nos anos em que ficaram separados. A música começou a tocar e Marcos me chamou para dançar. As pessoas aplaudiam e elogiavam. Um fotógrafo amigo de minha mãe registrava cada um daqueles doces momentos, eternizando-os de forma que pudessem ser guardados num álbum mais tarde. Dançamos como fizemos algumas outras vezes, mas conscientes de que seria uma dança eterna, uma

dança entre marido e mulher, um amor maior que tudo, que nem morte nem problemas viriam a separar.



Conhecemos nosso filho quando ele tinha cinco anos, numa tarde de inverno. O frio era cortante, como poucos dias costumavam ser. Entramos no carro em silêncio, ansiosos, esperando chegar logo a Osasco. Dirigíamos-nos àquele abrigo, onde estivéramos anos antes, para um trabalho de faculdade. E nosso filho tinha cinco anos, era moreno de olhos acinzentados, mais alto e magro que os outros garotinhos de sua idade. A mãe biológica era usuária de drogas, e do pai não se tinha notícias desde que o menino nasceu. Nosso filho estava no abrigo desde os três anos e não conhecia o amor de uma família. Mas estava prestes a conhecer. No ano que seguiu nosso casamento, Marcos e eu conversamos muitas vezes sobre adoção e decidimos acolher uma criança em nossa família. Era um sonho antigo meu e, se não podíamos tirar todas as crianças daquele lugar, ao menos ajudaríamos uma.

Descemos do carro, deixando-o duas quadras antes do prédio que tão bem conhecíamos. Uma ventania forte nos atingiu. Tocamos a campainha e fomos recebidos por uma funcionária. Marcos parecia tão ansioso quanto eu. Fomos para a primeira sala de recreação, onde um menininho nos aguardava fitando os pés com a cabeça baixa. Troquei olhares com Marcos, que sorriu para mim, encorajando-me, e nos sentamos na frente do menino.

— Olá — falei com o sorriso mais simpático que consegui oferecer. — Qual seu nome menininho? — O garoto ergueu os olhos brevemente e depois os baixou, com as bochechas vermelhas. Ficou revirando a bainha de sua camiseta sem dizer nada. Marcos colocou a mão sobre minha perna, apoiando-me.

— Vítor — respondeu o menino por fim.

Fizemos mais algumas perguntas e ele falava apenas o estritamente necessário. No fim, quando Marcos fez uma piada, ele soltou uma risada, bem baixinho, mas que soou como música para meus ouvidos. Pelo cotovelo Marcos me levou para o corredor e perguntou em voz baixa:

— Acha que vai dar certo? — Seu olhar demonstrava preocupação. Olhei para a sala onde o pequeno Vítor aguardava sentado na cadeira. O bater de pés ritmado denunciava seu nervosismo. Um pequeno gato entrou na sala, passando por nós e indo até o menino. Enroscou-se em suas pernas, ronronando e balançando a cauda. O menino baixou os braços e pegou o animalzinho do chão, aninhando-o em seu colo e acariciando seu pelo, delicadamente. Ele descontraído, enquanto o gato mordiscava seu dedo.

— Vai — falei sorrindo, o gatinho ainda se remexendo no colo de Vítor. — Vai, sim. — abracei Marcos e entramos outra vez, para comunicar ao menino que, a partir daquele momento, ele moraria conosco.

E deu muitíssimo certo. Levamos Vítor do abrigo naquele mesmo dia, e ele ficou encantado quando chegamos à Santa Heloísa. O quarto da frente, onde eu costumava dormir, agora seria dele. Redecoramos o ambiente, usando aqueles antigos moldes de navio que uma vez eu comprara. Quando entrou em seu novo quarto, Vítor começou a chorar. Sussurrando, confidenciou-me que nunca tivera um quarto como aquele. Que em sua antiga família dormia num lugar muito pequeno. Fiquei surpresa que, mesmo tendo saído de casa aos três anos, ele ainda se lembrasse. Aos poucos, Vítor foi se adaptando a nós, e nós a ele. Passava as tardes brincando com os filhos de Isis e Gabriel, que voltaram a trabalhar para nós.

Foi o amor que me moveu a adotar meu filho e fiquei sabendo que foi semelhante sentimento que fez com que Antônio voltasse a estudar e, posteriormente, cursasse a faculdade de assistência social, como sempre pensáramos em fazer. Por telefone, contou-me que estava morando com sua vó e sua mãe, que conhecera uma moça na faculdade com quem estava saindo e que, resumindo, estava feliz. Começou a trabalhar como ajudante no abrigo de Osasco. Quando perguntei sobre os riscos, ele disse que o restante da quadrilha havia sido preso havia um ano, mas que ainda existiam ameaças. Mesmo assim, ele pretendia trabalhar ali para dar àquelas crianças o cuidado que não recebeu quando estivera lá. Quem sabe um dia não se tornaria o diretor da instituição. Fiquei satisfeita em saber que tudo corria bem com Antônio, e ele disse sentir o mesmo. Depois disso, ele não ligou mais.

Mamãe veio morar conosco. Ela ficou com o quarto que construímos no andar de cima, onde antes era o sótão. Todas as coisas que ficavam lá foram doadas para centros de caridade e agora era um vasto aposento, com uma escrivaninha e todos os materiais de artesanato dela. Os pais de Marcos estavam sempre nos visitando agora que éramos vizinhos. Marcos parecia feliz, trabalhando na cidade vizinha e passando bastante tempo com Vítor. Eles brincavam na lateral da casa, perto do canteiro, chutando bola em tardes de domingo, enquanto eu observava da janela da sala de jantar. Associei-me a uma fundação que fora recentemente construída na cidade, que visava à proteção da criança e do adolescente. Lá consegui fazer o que sempre quis: ajudar e proteger aqueles que precisavam.



Coloco o álbum de volta na mesa e suspiro. Sinto a pequena criança se revirar em meu ventre, dando sinais de que ainda está ali. Vítor está maior agora e finalmente vai receber o que sempre me pediu: uma irmãzinha. Esses oito meses de gestação estão me deixando cansada e mais lenta na hora de me locomover, mas a felicidade sobrepuja a dificuldade. Com cuidado, levanto da poltrona e caminho até o quarto que um dia foi de meus pais e que agora pertence a mim e Marcos. Levanto os cobertores e deito silenciosamente ao seu lado. Surpreendo-me quando ele, ainda acordado, repousa a mão sobre minha barriga. Acaricia minha pele suavemente e coloco minha mão sobre a sua para que sinta o chute que nossa menina está dando. Ele ri e me beija. Repouso a cabeça em seu ombro, aninhando-me a ele. Mexendo em meus cabelos, ele murmura:

— Espero que ela seja como a mãe. Que seja delicada e inteligente como você é. E bonita como você também. Que seja saudável e cresça num lar cheio de amor, carinho e respeito. Quero que nossa menina seja feliz, Ana, tanto quanto sou por ter você.

Marcos beija o topo de minha cabeça e fecho meus olhos.

— Ela será.

Adormeço pensando no dia em que a pequena Rebeca Fonseca dos Santos virá ao mundo. Quais serão as surpresas, tristezas e conquistas que a vida guarda para nossa filha? O que espera por ela?

Adormeço e sonho com um futuro feliz.



www.novoseculo.com.br



#Talentos da Literatura Brasileira nas redes sociais



Table of Contents

[Capa](#)
[Folha de Rosto](#)
[Créditos](#)
[Agradecimentos](#)
[Dedicatória](#)
[Prólogo](#)
[A menina do campo](#)
[O garoto da cidade](#)
[Amigos e inimigos](#)
[Festas e frustrações](#)
[Boas-festas](#)
[Conto de fadas](#)
[Feliz Ano-Novo](#)
[Tragédias acontecem](#)
[Saudades](#)
[Nem tudo é o que se espera...](#)
[Companhias más e boas](#)
[Acidentes no caminho](#)
[Um passo de cada vez](#)
[Quem procura acha](#)
[Decisões](#)
[A vida que sempre sonhamos](#)
[Colofão](#)